

ANA CAROLINA DIAS

INCLUI  
DOIS CAPÍTULOS  
INÉDITOS

Os dez  
amores  
de  
Celeste

NÃO SE APAIXONE. NÃO DEZ VEZES.  
NÃO PELOS CARAS ERRADOS.



ANA CAROLINA DIAS

Os dez  
amores  
de  
Cecé

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ana Carolina Dias

## **Os dez amores de Cece**

*Não se apaixone. Não dez vezes. Não pelos  
caras errados.*

2017

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados Ana Carolina Gonçalves Dias (2017)

Publicado de maneira independente por Ana Carolina Dias.

Revisão: Luhana Andreoli

Preparação: Ana Carolina Dias

Capa: Décio Gomes

Diagramação: Bruno Lira

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares e situações são frutos da imaginação deste autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com a realidade ou fatos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Aos meus pais, por acreditarem em mim.  
Eu não conseguiria nada sem vocês.*



## **Playlist**



**Not over you - Gavin DeGraw**  
**Umbrella - Rihanna**  
**Do I wanna know? - Arctic Monkeys**  
**Yellow - Coldplay**  
**Sex on fire - Kings of Leon**  
**You make it real - James Morrison**  
**Wanted - Hunter Hayes**  
**Best thing I never had - Beyoncé**  
**Fire and gold - Bea Miller**  
**I'm yours - Alessia Cara**  
**Fight song - Rachel Platten**  
**Next to you - Chris Brown & Justin Bieber**  
**All of me - John Legend**

Acesse a playlist completa aqui:

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

## **Sumário**

[Número 1:](#)

[Número 2:](#)

[Número 3:](#)

[Número 4:](#)

[Número 5:](#)

[Número 6:](#)

[Número 7:](#)

[Número 8:](#)

[Número 9:](#)

[Número 10:](#)

[Epílogo](#)

[Edward Champoudry](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Dean Sherwood](#)

[Sobre a autora](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS ACHERON

Número 1:  
Matthew Willers



*“Se você me perguntasse como estou indo, eu diria que estou indo bem, eu mentiria dizendo que você não está em minha cabeça.”*

**Not over you – Gavin DeGraw**

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sempre fui metódica. Meus amigos costumavam dizer que eu era previsível, desde o meu cabelo castanho escuro meticulosamente arrumado até as minhas roupas sempre combinando. Acreditei neles durante uma boa fase da vida, porém, chegou um momento que as coisas mudaram de tal forma que nem eu pude mais me reconhecer.

Também fui sempre muito apegada; sempre me contagiei fácil e, mais do que tudo, sempre gostei de mudanças, principalmente quando eu era o motivo de tais transformações.

Matthew Willers foi o primeiro a fazer meu coração bobo tremer. E ele parecia tão inalcançável aos meus dezenove anos, quando o via passar por mim pelos corredores da faculdade e sorrir daquele jeito cativante, mostrando todos os dentes sem perder um pinga do poço de charme. Eu adorava ouvir sua risada gostosa, que atraía a atenção de todos sem nunca parecer exagerada. Também já o tinha acompanhado em uma monitoria, enquanto explicava algo a uma aluna dissimulada que fingia não entender uma matéria simples mesmo em três

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

semanas de aula. Ele estava tão concentrado, como se sua vida dependesse daquilo, que sequer percebeu. Mas Matt sempre foi assim, empenhado, e quando começava algo, ia até o fim, até que as coisas estivessem do seu jeito. Só do seu jeito.

Matt sempre falava comigo e, Deus, vê-lo por pouco tempo que fosse e trocar algumas palavras com ele me fazia tão bem. O som da sua voz parecia perfeito. Seu cabelo escuro curto e sua barba por fazer caíam muito bem no rosto de pele morena. E aqueles olhos cor de mel... Eu adorava como seus olhos sempre transmitiam o que ele queria dizer antes mesmo dos seus lábios começarem a se mexer.

Quando ele descia da moto e tirava os flocos de neve dos ombros, era tão bonito e ao mesmo tempo tão drástico! Eu podia jurar que todos ouviriam meus suspiros caso prestassem só um pouquinho de atenção em mim. Matt era perfeito demais, todo demais, e ao mesmo tempo na medida certa. Tinha uma boa conversa, era cheiroso e todos diziam que sua bunda era maravilhosa (e, sim, era sim).

## PERIGOSAS ACHERON

No entanto, é claro, até a maior perfeição tem o seu defeito. Sempre tentei relevar o lado negativo de Matt, mas era impossível. Ela estava lá. Na minha frente. Todos os dias. E fazia questão de ser notada.

Lilith!

Um metro e setenta e dois, loira, cabelos longos, olhos azuis, magra e vozinha fina. *Péssima* fama pela universidade!

Eu poderia perguntar para cada aluno e todos me diriam algo ruim sobre ela. Ainda assim, ela tinha algo de bom: Matt.

Eles estavam juntos há pouco mais de dois meses quando ela resolveu se mudar para aquele campus. Eu não conseguia entender como alguém tão incrível como ele podia fazer questão de ter ao seu lado alguém como ela, que em momento algum tirava aquela cara de nojo do rosto.

Lilith era bonita (e era horrível admitir isso), mas algo nela parecia forçado. Não me via conversando com ela e não conseguia imaginá-la

PERIGOSAS ACHERON



feliz por alguém. Ela me parecia de outro mundo - ou, talvez, eu só sentisse um pouco de ciúmes.

Mas isso é só um talvez, *claro*.

Tudo começou tendo Srta. Callegari, professora de arte, como mediadora, sobrecarregada demais com as tarefas da faculdade. Como eu era a última na sala terminando minhas anotações, precisei ouvir em detalhes quanto ela estava ficando louca com tantas responsabilidades e que ainda naquele dia precisaria ir até a sala de teatro analisar uma peça, pois os amadores a surpreendiam cada vez mais - *negativamente*.

Em outro caso, eu teria apenas sorrido e ido embora, no entanto, fiquei compadecida pelo tanto de papéis que ela precisaria carregar sozinha e me ofereci para ajudá-la.

Meu plano inicial era apenas deixar os papéis e sair, porém, quando pus meus pés naquele lugar, ele me pareceu muito agradável e convidativo.

Ali havia mais alunos do que o ambiente costumava ver nos dias normais, contudo,  
PERIGOSAS ACHERON

suportava até mesmo o triplo do número das pessoas presentes. Naquela tarde, acontecia uma audição para escolher a melhor *Anastácia* para o papel. Uma fila com cerca de seis meninas esperava ao lado do palco, e uma delas estava tendo o seu momento em cima dele, exagerando dramaticamente em suas falas e gestos.

Eu conhecia muito bem a história de Anastácia, pois o livro já havia me feito companhia muitas vezes. Romances de época eram os meus favoritos, e esse não escapara da lista. Eu sabia também que aquelas meninas em nada tinham captado a essência da personagem. Compreendia que eram amadoras, só não entendia o motivo que as levara até ali, passando tamanha vergonha.

Uma das meninas soltou um *'suspiro profundo'* no momento em que a personagem deveria ver o Príncipe Theo se afastando do seu quarto e se engasgou durante a cena. Escutei uma risada. E, não, não era uma risada qualquer. Era doce e possuía um toque sutil de deboche. Baixa, suave e ao mesmo tempo forte. Eu podia imaginar seus olhos apertados, e quando pensei que sua cabeça se

## PERIGOSAS NACIONAIS

moveria para os dois lados, o vi. Três bancos à minha frente. Camisa preta e cabelo curto. Forcei-me a lembrar e pude até mesmo sentir o cheiro gostoso do seu perfume.

Matt era realmente um ótimo motivo para tanto constrangimento.

Eu sabia que sua faculdade de Geografia em nada o intimava suportar a vergonha que passaria caso uma daquelas garotas fosse escolhida, mas sorri ao ver que ele estava participando daquilo. Anualmente, uma faculdade local ficava encarregada de arrecadar fundos para o orfanato da cidade, e a cada quatro anos não escapávamos.

Já podia imaginá-lo vestido de Príncipe Theo, metido em um terno. Assim que vi Logan do outro lado, em meio a risadas, soube que ele seria o Príncipe Sebastian, irmão do personagem de Matt. Eu realmente deveria saber disso. Aquelas meninas tinham ótimos motivos para tamanho sacrifício.

Assim que mais uma garota desceu do palco, escutei o diretor reclamar sobre como aquilo, a

## PERIGOSAS ACHERON

cada momento, ia de mal a pior. Matt, da plateia, assistiu comigo às outras encenações, rindo vez ou outra, e eu só reparei que era a última menina quando ele se ajeitou na cadeira, muito concentrado, afinal, não havia mais ninguém depois dela. E eu notei, com Matt de costas para mim, como seus ombros subiam e desciam enquanto inspirava e expirava com força. O modo como mexia no cabelo, como abaixava a cabeça para rir e como esticava os braços, fazendo-os parecerem ainda maiores. Notei também que eu estava tremendamente ferrada ao reparar tanto nele.

— *Ó Príncipe Theodor! Deus sabe como dói em mim ter de lhe dizer isto.* — A garota no palco se curvou, logo depois levou a mão à testa. — *Todavia, estou prometida ao Príncipe Sebastian.* — Ela fungou e empurrou alguém invisível com a mão livre.

— Pelo amor de Deus... — protestei baixinho, sem conseguir conter o espanto pela péssima atuação.

Qualquer um que tivesse lido o livro saberia que

## PERIGOSAS NACIONAIS

Anastácia era forte, mas escondia um lado sentimental que se revelava quando estava próxima ao Príncipe Theo.

Matt, de sua cadeira, virou o pescoço em minha direção e sorriu, prendendo uma risada. Eu sorri de volta, sentindo meu rosto esquentar.

Meu comentário foi sutil e baixo, mas por algum motivo a garota do palco ouviu, e só me dei conta disso quando ela cruzou os braços olhando em minha direção com o seu nariz falso em pé e o rosto vermelho de raiva.

— Você vem acompanhar as audições sem ser convidada e ainda quer reclamar da minha atuação? Como se pudesse fazer melhor!

Eu abri a boca para responder Megan, mas acabei por engolir as palavras, morta de vergonha. Estava prestes a me levantar e ir embora quando vi a sombra de Matt à minha frente agir mais rápido do que eu. Ele veio a passos rápidos até mim e só percebi o que estava prestes a acontecer quando me pegou pela mão e me guiou em direção ao palco.

## PERIGOSAS ACHERON

— O que você pensa que está fazendo? —  
Arregalei os olhos engolindo em seco.

— Tenho certeza de que você leu o livro, não se sairá pior do que elas.

Quase protestei, mas, cara, ele sorriu. E foi tão lindo que a única coisa que me passou pela cabeça foi subir no palco e tirar aquela garota que possivelmente faria um papel ridículo ao lado dele. E isso valia muito!

Matt explicou algo aos avaliadores, que me encararam, dando de ombros.

— Próxima! — um deles gritou. A menina no palco saiu bufando e pisando duro.

Matt me encarou da mesa e eu neguei fracamente com a cabeça.

Eu não havia ensaiado *merda* nenhuma para *cacete* nenhum de peça, como aquele filho da mãe podia fazer isso comigo?

— Vem, vai ser moleza. — Ele riu, subindo ao  
PERIGOSAS ACHERON

meu lado no palco. As outras candidatas me encaravam dos fundos com curiosidade, e posso dizer que até mesmo com maldade.

— Não acredito que você fez isso. — Suspirei, escondendo o rosto entre os dedos.

Matt sorriu e pegou uma das minhas mãos, colocando uma mexa do meu cabelo atrás da orelha. Eu sabia qual cena seria. Página 67, capítulo 9. Eu já a havia lido pelo menos umas seis vezes.

— *Podemos dar um jeito nisso. Posso conversar com Sebastian e ele entenderá. Além do mais, eu sou o irmão mais velho, tenho prioridade e pressa em escolher uma esposa.*

Eu sabia como Anastácia se sentia. Ela estava confusa. Amava Theo, no entanto, Sebastian a ameaçara, jurando contar a todos o seu segredo se ela o renegasse. Ele não gostava dela. Theo gostava. E ela se sentia péssima por não poder lhe dizer a verdade.

Nós duas tínhamos muito em comum. Os cabelos igualmente escuros, os olhos castanhos e

PERIGOSAS ACHERON

covinhas acentuadas no rosto de pele clara.

Também estávamos perdidamente apaixonadas e sem saber o que fazer até aquele momento da história.

— *Você não faz ideia de como dói em mim ter de lhe dizer isto.* — Sorri fragilmente passando as costas dos meus dedos pela sua barba rala. — *Deus sabe como dói em mim ter de lhe dizer isto.* — Suspirei fechando os olhos. — *Porém, não posso!* — Eu o afastei de mim. Matt era um bom ator, rapidamente tirou o sorriso do rosto. — *Eu...* — Pigarreei. — *Estou prometida ao príncipe Sebastian.* — Respirei fundo, recuperando a postura. — *E agradeceria se me deixasse em paz.*

E então minha última reação foi arregalar os olhos. Era a primeira vez que eu encenava na frente de alguém, não fazia ideia se havia me saído bem e me sentia completamente envergonhada. Isso também porque as duas linhas seguintes do livro se resumiam a Theo tentando convencê-la, e quando Anastácia se mantinha relutante, ele a beijava e Sebastian aparecia. Por mais que eu quisesse, não



sabia como seria minha reação ao beijar Matt, não daquela forma, de repente, depois de ter imaginado e idealizado tantas vezes.

— Isso foi perfeito! — Reconheci o grito como sendo de um dos diretores. Arregalei os olhos mais uma vez, mas dessa vez de espanto, dando um passo para trás. Matt sorriu e piscou para mim. — Acabamos de encontrar sua Anastácia, Matt — comemorou o diretor. Matt me encarou, passando um braço ao redor da minha cintura.

Essa foi a primeira e única vez que corei com um gesto seu.



Nossas próximas semanas se resumiram a ensaios e encontros para tratarmos de assuntos sobre a peça. E a cada dia eu descobria um pouco mais sobre Matt.

Entendia seus gostos, a preferência por roupas neutras a coloridas, e ele combinava muito bem com blusas sociais pretas e camisas brancas de gola

## PERIGOSAS ACHERON

V. Sabia que adorava doces, mas tinha repulsa a *fast-food*, por mais que sempre me observasse comer os meus sem reclamar e me acompanhasse nas batatas fritas murchas, apenas resmungando sobre elas todas as vezes.

A monotonia que tínhamos juntos era maravilhosa, e viver aquilo todos os dias, por cinco semanas, não ofuscou uma parte sequer da força que aquilo tinha sobre mim e como melhorava o meu dia, me fazendo pensar sobre como seria a próxima vez.

Nossos encontros eram quase sagrados para mim. Todas as terças, quintas e sábados, após as aulas, das duas às cinco da tarde, quando então íamos nos encontrar com o resto do grupo para o ensaio geral.

Claro, o real motivo daquilo era o compromisso com a universidade e não tinha foco algum em nós. Não que fosse muito lógico nos chamar de *nós*. Aqueles não eram encontros pessoais, porém, eu adorava as brechas que ele dava e me agarrava a elas com todas as forças. Gostava de pensar que,

## PERIGOSAS NACIONAIS

para ele, em relação a mim, acontecia o mesmo. Talvez fosse coisa da minha cabeça, mas era maravilhoso pensar que ele também sentia algo por mim. Que também sentia o estômago afundar quando conversávamos, ou que sempre depois dos nossos abraços seu peito ficava apertado, querendo mais daquele toque. Eu gostava de me perguntar se ele pensava em como seria segurar minha mão enquanto andávamos por aí, sem ninguém nos censurar por ele ter uma namorada. Ou se ele sorria quando se lembrava de mim casualmente, e como era esse sorriso...

Eu imaginava cada coisa, cada detalhe me fazia lembrar Matt e eu adorava a sensação, por mais assustadora que fosse. Gostava de receber seus sorrisos e, ainda mais, quando eu o fazia rir e ele me fitava com os olhos brilhando antes de soltar um som gostoso do fundo da garganta e focar novamente no que discutíamos.

Eu gostava de decifrá-lo. De entendê-lo. De revirar lá no fundo e encontrar coisas que pareciam tão improváveis virem dele. Gostava de acalmá-lo, de como me sentia quando apenas afagar o seu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

braço lhe tranquilizava nos momentos em que estava prestes a perder a paciência, e eu me sentia imensamente bem fazendo bem a ele.

Nessa época, imaginar ainda era uma distração, não um martírio.

Em uma quinta-feira *nossa*, ele não chegou sozinho. Lilith estava ao seu lado, dedos entrelaçados aos dele e sorrindo para mim, me puxando para a realidade. E, naquele momento, não cabia imaginação, porque, no mundo real, ele tinha outra pessoa.

— Essa é a Lilith, Cece. Minha namorada. — Matt a apontou com a cabeça, o braço direito ainda ao redor de sua cintura.

Eu sorri, tentando disfarçar minha decepção. Não era como se eu não soubesse desde o início, no entanto, naquela hora, todas as nossas risadas e brincadeiras, todo o nosso tempo juntos, tudo pareceu ter sido soterrado por duas palavras simples: *minha namorada*. Aquele curto lapso de realidade bastou para acabar com todas as minhas

## PERIGOSAS ACHERON

fantasias.

— Oi, Cece! — Ela sorriu me estendendo a mão. Suas unhas estavam lixadas em formato de garras, e eu pensei que qualquer passo em falso seria o suficiente para ela arrancar meus olhos.

Sendo totalmente sincera, ela não parecia nem um pouco ameaçadora. Lilith parecia até... amigável. Juro que tentei encontrar qualquer resquício de falsidade em seu sorriso, mas ela parecia verdadeiramente alegre por estar ali, por ter sido incluída.

*Que ódio!*

Por melhor que disfarçasse, ela estava completamente deslocada no meio de nós. Enquanto conversávamos e falávamos sobre nossos papéis, era notável a forma como queria interagir conosco, porém Matt não media esforços para dizer de forma branda que ela não deveria opinar. Confesso que me senti um pouco mal no primeiro momento, mas logo esse sentimento passou, tão rápido quanto veio.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Que mancada, hein?! — Logan apoiou o braço em um dos meus ombros, rindo, quando parou ao meu lado para observar os outros ensaiando suas falas.

Revirei os olhos sem encará-lo. Conhecia Logan desde muito antes da faculdade, por ser irmão de Victória, minha melhor amiga, e já estava acostumada com seu jeito desinibido e debochado de ser. Nossa amizade de longos anos também havia me ensinado a entender o sentido de suas frases sem que fossem proferidas em detalhes.

— Eu não ligo. — Dei de ombros.

— Não liga de vê-lo destratando Lilith? Só se for... — Ele riu ainda mais.

Bufei, lhe dando um soco na barriga. Eu não precisava que isso fosse dito em voz alta, fazia parecer bem mais verídico.

— Ei, a peça é amanhã! As crianças vão morrer de fome se o ator mais bonito não aparecer. — Logan ergueu o queixo, convencido e irônico.

## PERIGOSAS ACHERON

— E o que diriam se o ator mais bonito aparecesse com um olho roxo? Poderíamos cobrar mais caro por uma foto sua. — Empurrei seu ombro, voltando a prestar atenção no ensaio. Tentei não rir, mas foi bem mais forte que eu.

Matt subiu no palco interpretando o Príncipe Theodor, que conversava com uma das criadas, e minha atenção total nele foi dividida pela voz de Logan me chamando:

— Eu atraí metade das garotas da faculdade para essa peça, você não pode falar assim comigo.

— Na verdade, essa peça não é só sua. E olhando para você e Matt... — Eu me afastei, espremendo os olhos para medi-lo. Logan cruzou os braços sobre o peito, me fazendo precisar apertar os lábios para não cair na gargalhada. — Acho que a sua porcentagem é bem menor do que a dele.

Meu amigo arregalou os olhos, franzindo o cenho antes de bufar e pensar por meio segundo em uma boa resposta.

— Fala sério! Você não diria isso caso eu te

PERIGOSAS ACHERON

pegasse de jeito. Se eu não fosse casado... dava uma de artista só para te dar umas pintadas. — Logan sorriu orgulhoso de sua cantada horrível. Quando me dei conta, já estava curvada sem conseguir conter as lágrimas que se formavam nos cantos dos olhos de tanto rir.

— Já disseram que suas cantadas de pedreiro são péssimas? — Suspirei, me recompondo e secando os olhos com cuidado para não borrar a maquiagem.

— Péssima é você! — Ele bufou, emburrado. Minha crise de riso só aumentou. — O pessoal está querendo ir para um bar amanhã à noite, depois da peça. Você vem? — Logan soltou xingamentos aleatórios no meio da frase, me encarando pelo canto dos olhos.

Eu assenti e, depois de estalar um beijo em sua bochecha, ele se foi, me deixando sozinha encostada no batente da porta com a atenção totalmente voltada para o que acontecia no palco, desde a forma como Matt interpretava o príncipe até a criada que olhava para ele, gaguejando no



meio de cada fala.

E, não, a gagueira não fazia parte da personagem.

Eu sabia que o pessoal a quem Logan se referia eram exclusivamente Miranda, Victória, Adelle, Andrew, Edward e ele próprio, e a saudade que senti de quando ainda tínhamos bastante tempo me atingiu com força.

Eu sentia falta de passar horas incontáveis com meus amigos, a faculdade tentava a todo custo nos afastar, mas permanecíamos firmes e nos encontrávamos pelo menos duas vezes por mês. Claro que alguns de nós éramos mais próximos. Andrew e Logan faziam o mesmo curso, tendo a maior parte das aulas juntos. Victória e eu morávamos no mesmo prédio, portanto estávamos sempre grudadas. Ela e Miranda tinham várias aulas em comum, também eram bem próximas. Miranda e Adelle dividiam um apartamento. Miranda e Andrew estavam se aproximando cada vez mais, devido à ausência de Ed. Ed ainda namorava Miranda, e esse, por ser meu irmão e

dividirmos um apartamento, estava debaixo do mesmo teto que eu todos os dias, por mais que eu não o visse com tanta frequência devido à incompatibilidade dos nossos horários. No fim, até que ainda estávamos bem interligados.

Conhecendo bem as meninas, eu sabia que fariam questão de saber em detalhes como era beijar Matt, e somente após boas doses de bebida eu conseguiria dar os pormenores com riqueza, desde o gosto de sua boca até a forma como sua mão se ajeitava em meu corpo, como sua barba arranhava o meu rosto durante o beijo e, principalmente, como aquilo havia sido para mim.

Não que eu saísse espalhando aos quatro cantos como estava a fim do cara, porém, nos conhecíamos muito bem, e o meu interesse por ele era bastante óbvio: sempre que tocavam em seu nome, meu rosto corava sem eu perceber.

Naquele último dia de ensaio, saí mais tarde para ajudar o pessoal da arrumação. Eu tinha plena consciência dos livros que me esperavam em casa para terminar de serem lidos e resumidos ainda

## PERIGOSAS NACIONAIS

durante aquela semana, mas eu estava muito empolgada com a peça. Era incrível ver cada pequeno detalhe ganhar vida, cada pedaço de tecido virar um lindo vestido, retalhos de papelão transformar-se em um jardim florido ou em uma porta rústica. Envolver-me com tudo aquilo era como uma dessas experiências que ficam marcadas para sempre, e você quer aproveitar cada detalhe para, no futuro, se lembrar das partes boas, de como sua colaboração foi proveitosa, sem a culpa de que poderia ter feito mais.

Quando me dei conta, já passava das dez da noite. E por ser assim tão tarde, me espantei ao ouvir um choro baixinho vindo de uma das divisórias do banheiro feminino. Posso jurar que preferiria que fosse a loira do banheiro, e não Lilith, porque eu sinceramente não soube o que fazer ao vê-la ali, vulnerável e exposta daquela maneira. Quando passou por mim, lavou o rosto e me encarou, dando um sorriso forçado antes de virar as costas e ir embora secando as bochechas.

Eu só fui entender o porquê do choro no dia seguinte, quando não a vi na plateia ao lado de suas

## PERIGOSAS ACHERON

amigas. Matt me disse casualmente “*não estamos mais juntos*” antes de sorrir e estender a mão para que subíssemos os degraus que nos deixariam expostos à plateia. A forma como a frase soou, natural e corriqueira, me fez duvidar se Matt sabia quanto havia magoado Lilith, pela tristeza que vi em seus olhos.

As outras pessoas encenaram seus papéis, e em cima do palco minha sincronia com Matt foi perfeita. Era como se os outros não existissem, e para tornar aquilo tudo ainda mais insigne, também havia o fato de que não tínhamos ensaiado a maior parte dos nossos diálogos. Éramos simultâneos, e eu amava isso.

Nosso beijo foi rápido, entretanto, suficiente para ficar gravado na minha memória para sempre. Sem culpa, sem remorso. Não foi algo muito exposto e, mesmo que tivéssemos pulado essa parte no ensaio, na hora foi perfeito. Suas mãos puxaram minha cintura, me aquecendo mesmo através do grosso vestido longo. As costas dos seus dedos deslizaram pelo meu rosto antes de erguer meu queixo e me fazer olhar em sua direção com toda a

admiração possível. Seus lábios tocaram os meus, sem pressa, sem força, e ao abrir meus olhos, os seus castanhos e brilhantes me olhavam com o mesmo ar infantil e sonhador que eu estava acostumada. Por fim, ganhei um novo sorriso antes de seus olhos descerem para a minha boca mais uma vez e Matt grudar seus lábios nos meus em um novo selinho que não existia na cena do livro. Isso me desconcertou por um momento, porém, fez todas as leituras de *O Amor a Todo Tempo* valerem a pena; mesmo um pouco atônita, soube o que fazer na frente de toda aquela multidão, dei continuidade à cena.

Ao fim, nossa peça mereceu, realmente, o título de show. Arrecadamos mais fundos que nos últimos dois anos, e isso se dava em partes pela fama de Logan e pelas fotos que ele cobrou depois do espetáculo.

Após trocar de roupa, pensei que seria uma boa ideia me despedir de Matt, assim como das outras pessoas que haviam composto a peça. Eu me apeguei a muitas delas durante os ensaios, e ser gentil depois de tudo ter dado certo não me custava

nada.

Tirei a maquiagem extravagante dos olhos e, enquanto passava meu batom, escutei batidas fortes na porta.

— Anda logo, Cecelia! — Era Victória. — Está todo mundo te esperando, só falta você! Se demorar muito, te deixaremos aqui! — gritou ela, me fazendo revirar os olhos.

Victória era sempre assim, doce como ela só.

— Já estou acabando! — gritei de volta.

Eu a escutei bufar dramaticamente.

— Como estava há vinte minutos?

Ignorei.

Quando terminei de aplicar a máscara para os cílios e guardei todas as minhas coisas na bolsa, escutei o som de alguém mexendo na maçaneta da porta, que já estava aberta para abrandar a paciência de Victória, portanto, não duvidei que

fosse ela.

— Eu disse que já estou indo! Vai querer me admirar passando desodorante? — Bufei. Assim que olhei em direção à porta, me assustei ao me deparar com Matthew.

Definitivamente, eu não esperava encontrá-lo.

Ele me encarou e franzi o cenho, mas antes que eu abrisse a boca para dizer qualquer coisa, ele já estava me empurrando, deixando minhas costas contra a parede e com a sua boca quente e convidativa na minha. O espanto passou rápido, e quando notei, já estava o abraçando pelos ombros, aproveitando cada pedacinho daquele momento.

Eu havia esperado tanto que, ali, sem os olhos de centenas de pessoas sobre nós, pude me permitir relaxar e aproveitar a sensação maravilhosa que era tê-lo sem o medo de atrasar a cena de outro aluno.

Eu nunca havia experimentado *aquele* tipo de pernas bambas ou *aquela* vontade irrefreável de sorrir por finalmente constatar que aquele momento era de verdade, e que ele estava ali porque queria

PERIGOSAS ACHERON

tanto quanto eu.

Eu adorava suas mãos, a forma como elas sabiam exatamente onde estar, e quando estar. Adorava o jeito como meus cabelos ficavam tão perfeitos entre seus dedos e como ele me fazia arfar quando me puxava pela cintura contra seu corpo. E também amava seus lábios, essa era uma das muitas partes citáveis e destacáveis na lista de Matt.

— Eu realmente queria fazer isso — Matt sussurrou em meu ouvido enquanto suas mãos passeavam pelas minhas costas, me apertando contra ele o suficiente para me transmitir toda a estabilidade que eu precisava naquele momento. — Terminei com a Lilith. Acho que é indiscutível para todo mundo que eu gosto de você, e quanto nós dois somos bons juntos. — Ele beijou a parte de baixo da minha orelha e eu apertei os olhos, assentindo enquanto firmava as mãos em seus ombros para me manter em pé.

Matthew se afastou somente o suficiente para me olhar nos olhos. Eu esbocei um sorriso, sem conseguir me conter. Ele passou a língua entre



## PERIGOSAS NACIONAIS

lábios antes de suspirar e colocar uma mexa do meu cabelo atrás da orelha, me encarando sério e ao mesmo tempo com atenção, como se venerasse aquele momento e sua riqueza de detalhes. Eu quase podia ver através dos seus olhos as engrenagens na sua cabeça procurando uma forma de me dizer o que estava por vir.

— Matt? — chamei. Ele encarou o chão, soltou um palavrão alto e, após passar as mãos pelo rosto, me olhou. E o seu olhar doeu.

— Eu vou viajar amanhã, Cece. Consegui uma bolsa em Amsterdã e não sei quando volto. — Ele bufou, os olhos presos em mim em expectativa pela minha resposta.

E naquele instante crucial, como no ápice de um filme, frustrantemente eu não soube o que fazer. Eu havia imaginado suas palavras de tantas formas, de tantas maneiras, que quando ele as soltou me pareceu muito bobo ter idealizado de jeitos tão diferentes. Aquele momento havia suprido todas as minhas expectativas.

## PERIGOSAS ACHERON

O que o sucedia também havia destruído tudo, e foi como se algo em mim tivesse sido quebrado.

Ele me fitou por mais um tempo, seus olhos firmes nos meus, e eu forcei um sorriso antes de engolir o bolo na garganta e piscar para que as lágrimas que haviam se formado voltassem para os seus lugares.

— Eu só... — Ele suspirou, as mãos apertando a nuca com força. — Eu não podia ir embora sem que você soubesse disso — falou e deu de ombros, os olhos no chão.

Notei quando fungou e discretamente passou a mão pelo rosto. Foi preciso muito autocontrole para não me desfazer em lágrimas.

Matt me abraçou forte. Aspirei seu cheiro para que pudesse me lembrar dele quando não estivesse ao meu lado, quando eu não precisasse mais chegar cedo à faculdade para observá-lo de longe, quando não o visse pelo corredor do campus entre uma troca de aula, ou mesmo quando não tivesse mais motivos para ir à biblioteca apenas para vê-lo de

longe e escutar sua voz aos sussurros.

Abri a boca muitas vezes para tentar proferir algo, mas eu parecia feita de mármore, e no momento não havia nada a dizer. Nenhuma frase feita ou pensamento para confortar. Eu não precisava de palavras, só precisava tê-lo ao meu lado, enquanto ainda podia.

Eu sabia que Matthew não era meu namorado e que não possuía poder algum sobre ele, mas me senti mal. Eu queria poder mantê-lo em uma caixa guardada comigo, e também queria encontrar algum defeito que o classificasse como o pior cara do universo, no entanto, nenhuma das duas possibilidades era possível, ele não era meu, e eu não conseguia encontrar absolutamente nada que me fizesse gostar menos dele.

Eu suplicava calada por qualquer coisa que amenizasse a dor que sentia por ser tão impotente.

Tentei parecer racional por um tempo e o parabenizei pela chance, mesmo tendo o peito em chamas. Quis ficar feliz por ele. No fundo, eu

estava. Só não conseguia ver isso através da névoa que havia se instalado nos meus sentimentos.

Matt não me quebrou de uma só vez. Não foi como tirar um curativo, aquela dor insuportável que aos poucos vai se tornando esquecida. Ele não me magoou. Matt só foi tão bom em tão pouco tempo que nenhum dos próximos parecia suficiente para mim.

Por um tempo, claro.

Número 2:  
Logan Armstrong



*“Eu te disse que estaria aqui para sempre,  
disse que sempre seria sua amiga e o que eu jurei  
eu vou cumprir até o fim.”*

**Umbrella – Rihanna**

Até os meus quinze anos, todas as amizades que tive foram temporárias. Daquele jeito que você se apegava e divide tudo que julga importante, como um lápis com borracha na ponta, depois da pessoa prometer que não vai usar a parte de cima. Ou uma canetinha nova da coleção mais cara, aquela de ponta fina que seu amigo jura de dedinho que não vai afundar. Depois, por algum motivo, eles vão embora e não passam de simples estranhos que você encontra casualmente na rua e diz “*olá*”, apenas para ser gentil.

É como se tudo de bom que você já viveu ao lado daquela pessoa, todas as vezes que ela cumpriu uma promessa ou dividiu algo com você, não fizesse diferença, assim como a própria pessoa.

Amizades de infância, por mais bobas que pudessem parecer, contaram muito no meu futuro e me deixaram com um medo tremendo de perder mais pessoas para o dia a dia. Leiah era minha melhor amiga no jardim de infância, e eu já havia dormido incontáveis vezes em sua casa. Aurora era a pessoa mais legal do mundo quando eu tinha oito

anos, e nós já havíamos trocado Barbies muitas vezes. Também havia Ragnar, que sempre dividia seus cookies comigo na hora do lanche.

Não foi diferente com nenhum deles. Crescemos e nos afastamos, pouco a pouco. Quando nos demos conta, era tarde demais para qualquer um de nós correr atrás do que tínhamos perdido já há algum tempo.

No meu primeiro ano do ensino médio, eu conheci, o que viemos a chamar depois de duas semanas, *O bonde*. Formávamos um grupo de sete amigos, o número da perfeição. Dávamos as melhores festas da escola e tínhamos uma fama que muitas vezes não merecíamos ter. Éramos um contraste drástico, cada um com suas características e singularidades, tanto que algumas vezes não fazíamos sentido para as outras pessoas, porém, no nosso grupo nos entendíamos sempre muito bem.

Victória era a irritadinha com o coração mais mole entre todas nós e, ironicamente, também era minha melhor amiga. Do grupo, do mundo. Seu jeito forte e decidido muitas vezes afastava as

## PERIGOSAS NACIONAIS

outras pessoas que não a conheciam e a julgavam sem antecedentes, no entanto, eu sabia quão doce e amiga ela podia ser. Tínhamos um elo muito forte e, naquela época, não podia imaginar viver um dia sequer sem sua amizade. Nós nos entendíamos e, como costumávamos dizer, éramos as metades de uma maçã e de uma laranja que haviam se completado. Ela, com seu jeito azedo, e eu, doce. Adorava como sempre podia correr para seu colo sem o risco de ouvir um “*eu te avisei*”, mesmo quando merecia.

Miranda parecia a mais estável de todas, mas era apenas a que melhor sabia disfarçar seus sentimentos. Eu a conhecia o bastante e presenciava o suficiente de sua relação com meu irmão para admirar como conseguia esconder bem a sua tristeza e, algumas vezes, a raiva diante de determinada situação. Até mesmo porque sempre será mais fácil inventar beleza em um mundo caótico do que suportar o sofrimento dia após dia sem ao menos pensar em algo para mudar isso. Ela era carinhosamente apelidada de Alice, pois sempre via encanto nas coisas.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Adelle era a pessoa mais tranquila do grupo, a única que conseguia apaziguar uma briga sem comprar o lado de ninguém. Ela era nossa “psicóloga”, muito importante em um grupo de sete cabeças que pensavam totalmente diferente umas das outras.

E para finalizar as meninas, havia eu, dramática, exagerada e chorona. Mas sabia ouvir. Adorava ouvir, mesmo quando não tinha um conselho ou uma resposta para dar, gostava de mostrar que estava ali e não iria embora. Isso passava segurança aos meus amigos, e eu era a primeira a quem recorriam para conversar nos dias ruins.

Nichollas (ou Nick, mas você não pode chamá-lo assim) era o mais estressado de todos nós. Possessivo, ciumento e brigão. No entanto, eu conseguia enxergar através da capa as suas qualidades, como quando ele resolvia desabafar após uma briga com Victória e expunha seus sentimentos e mágoas. Ele parecia outro, completamente transformado, quando falava dela, e era engraçado ver um homem que não ligava a mínima por levar uns socos, quase chorando ao

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

falar do medo que tinha de perder a namorada. Nick também adquiria pontos, claro, quando se oferecia para quebrar a cara de qualquer idiota que magoasse um dos seus amigos.

Também havia Andrew. Andrew era carinhoso e gentil, ele sabia ouvir e sabia acalmar. De todos os caras do grupo, era o que mais chamava a atenção, não apenas por sua beleza harmoniosa, mas sim, porque ela vinha acompanhada de seu jeito sempre solícito e gentil, coisa rara nos homens. Ele tinha aquela coisa de conseguir conversar com todo mundo, de sempre ter assunto e nunca ser tedioso. Andrew era extraordinário.

Pela metade havia Edward, meu irmão. Não era como se ele estivesse exatamente entre nós, não depois do ensino médio. Não por falta de alerta. Ed sabia que estava se afastando, mas desde o começo ele não fazia parte do grupo propriamente. Ele apenas estava lá, por mim e por sua namorada, pois pedíamos e queríamos que ele estivesse incluído em nosso meio. Entretanto, sendo sincera, minha parte de influência era bem menor do que a dela.

## PERIGOSAS ACHERON

E então, por fim, Logan. Logan era um exagero sem tamanho. Ele sempre foi espaçoso e convencido, mas boa pessoa. Era notado por todo lugar que ia, e quando isso não acontecia, alguém o levava a tal ponto. Claro que sua autoestima eminente e sua falsa modéstia não alteravam absolutamente nada. Quando terminamos o colegial, alguns de nós decidimos seguir caminhos em faculdades diferentes, mas isso não nos afastou. Sempre dávamos um jeitinho de nos encontrarmos, e ao menos uma vez por ano fazíamos uma viagem só nossa, o que dava a sensação de que tínhamos nos visto todos os dias ao longo dos meses.

Nossos assuntos não terminavam, nossas risadas ainda eram idênticas e, mesmo com vinte e tantos anos, parecíamos os adolescentes bêbados do ensino médio que jogavam verdade ou consequência. Nós brigávamos. Às vezes rolava sangue. Outras vezes ficávamos com raiva por um tempo, até a saudade ser mais forte. Porém, no fim, sempre nos entendíamos e nossa relação se tornava ainda melhor do que antes.

Ninguém entendia a nossa bagunça, porém,

## PERIGOSAS NACIONAIS

ninguém mais se encaixava em nosso grupo exclusivo.

Quando Matt foi embora, no começo, as coisas foram como eu esperava. O que tínhamos era basicamente um namoro a distância; todos os dias eu ansiava pelo seu sorriso, pela sua voz... Sempre nos falávamos. Sem exceção.

Ele me contava detalhes da sua vida, o que havia passado e o que estava acontecendo, e, para piorar, só fazia com que eu me apaixonasse ainda mais por ele. Ver a sua empolgação e o seu entusiasmo era tão, tão bom. Ouvir que sentia a minha falta me deixava melancólica e ao mesmo tempo satisfeita pelo resto do dia. O sorriso que ele sempre me mostrava ao conversarmos pelo *MSN Messenger* e a forma como se sentia me atingia tão fundo que eu não tinha coragem de dizer como *eu* me sentia, vendo-o ali, na minha frente, e ao mesmo tempo a tantas milhas longe de mim.

Eu sentia a sua falta, das nossas tardes de conversa, de como as coisas fluíam entre nós e de como nossas cenas eram sutis. Eu sabia que aquilo

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

era de verdade, não somente encenação. Era como se todo o nosso momento fosse baseado naquilo, e me doía pensar que não era verdade porque, no fundo, sabia que era. Não havia forma alguma de ser mentira o que tínhamos.

Matt e eu combinávamos, e era terrível admitir isso para mim mesma quando ele não estava ao meu lado. Era horrível comer as batatas fritas murchas sozinha e sempre terminar chorando porque ele não estava ali para reclamar. Ou devorar alcaçuzes e jujubas sem tê-lo me incomodando para dividir o conteúdo do saquinho. Era péssimo ver cada coisa que me fazia lembrá-lo sem poder lhe contar depois, pessoalmente, sentindo o cheiro da sua colônia e ouvindo a sua voz, sem atraso de sinal.

Quando ele dizia que sentia saudades, meu coração quase parava, e no segundo seguinte, para compensar, chegava a doer no peito de tão forte que batia. Eu gostava da sensação, mas ao mesmo tempo tinha medo. Coragem nunca foi meu forte.

Meu receio se concretizou três meses mais tarde,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quando Matt passou a ficar cada vez mais atarefado com a faculdade nova e o seu projeto, consequentemente sem tempo para mim.

Isso soa tão clichê e tão óbvio. Eu aqui, torcendo para que déssemos certo, quando estava na cara, sendo esfregado debaixo do meu nariz por todas as experiências de casais que não conseguiram manter uma relação à distância, que não teríamos sucesso. Só não conseguia entender, com tantas estatísticas, por que eu insisti em pensar que, *com nós dois*, pudesse ser diferente.

Nossas conversas, que antes viravam minha noite, passaram a se resumir em curtos *logins* apenas para que o visse sorrir para mim e dizer como havia sido o seu dia. Pouco depois, senti sua falta quando ele sumiu por um dia. Depois dois. E então, apareceu, dizendo que não havia tido tempo.

Não demorou para nossas conversas se tornarem mensagens curtas, com Matt me desejando “bom dia” e dizendo que ainda sentia a minha falta.

E então, apenas “*bom dia*”.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

E posteriormente, “*boa noite*”.

E depois, “*sinto sua falta*”.

E logo acabou.

E foi tão previsível. Mas ainda assim doeu.

Matt saiu da minha vida mais ou menos da mesma forma como entrou, de uma hora para a outra. E dessa vez, sim, foi como arrancar um curativo que cobria uma ferida ainda aberta. Machucou, demorou para curar e, o pior de tudo, deixou em mim a primeira cicatriz irreversível.



Seis meses se passaram. Meus amigos e eu decidimos passar férias em Las Vegas. Era uma fase bem ruim para todos nós, cada um vivia uma crise pessoal. A minha se resumia basicamente a Matt. Eu me resumia essencialmente a ele, e o desprazer por não conseguir me desprender era tremendo.

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Matthew não foi exatamente uma pessoa ruim, e talvez fosse esse o motivo maior para não conseguir superá-lo. Ele foi tão bom que nenhum outro parecia o bastante para mim. Todos os caras que conversavam comigo eram caretas demais, atrevidos demais ou idiotas demais. Tinham a barba muito comprida, o braço malhado em excesso, o cérebro trabalhado de menos, o humor forçado, o sorriso exagerado...

Eles não eram um meio termo perfeito como Matt.

Algumas pessoas têm o dom de deixar muitas coisas boas como lembrança. Matt era uma dessas pessoas, e eu não sabia dizer se feliz ou infelizmente, pois não estava sendo nada fácil passar por cima e simplesmente superar.

E então, Logan entra na história.

Logan foi a pessoa mais espontânea que passou pela minha vida. Eu sabia que havia se casado jovem demais e que as coisas andavam bem ruins entre ele e sua esposa, os dois sofriam a primeira

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

crise. Ambos eram muito novos, tinham pensamentos diferentes e, após um tempo, isso finalmente pesou na relação.

Mesmo assim, Logan não deixava de sorrir. Ele tinha uma aura muito gostosa ao seu redor, e apenas algumas horas de conversa com ele me fazia um bem imensurável, mesmo com seu jeito presunçoso e imodesto. Logan sabia mesclar tudo isso muito bem e ser uma companhia agradável. Quando queria.

Ele foi o primeiro a aceitar nossa viagem e também a sugerir o lugar. Queríamos apenas nos esquecer de nossas vidas, deixar algumas coisas para trás por alguns dias, então todos apoiamos Vegas como nosso destino sem pensar duas vezes.

E nós cometemos um erro. Um erro memorável.

Para começar, fomos a um *pub* próximo ao nosso hotel assim que chegamos. Era a primeira vez que íamos àquela cidade e um dos nossos amigos ficou encarregado de escolher um lugar para nos divertirmos à noite.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Só esquecemos que ele nunca teve um gosto muito apurado.

— Alguém me diz por que deixamos Nick escolher primeiro? — Andrew bufou antes de olhar com nojo ao redor. Mais uma vez.

Miranda soltou uma gargalhada alta, ela já estava alterada. Antes que Nick se levantasse para falar alguma coisa, provavelmente um xingamento, Victória o segurou pelo braço fazendo uma careta. Ele se sentou novamente, em silêncio.

— Já que viemos para este lugar horrível, podemos jogar *strip quiz*. Mais leve, claro — Miranda sugeriu em meio a mais um gole da bebida forte que segurava entre os dedos. Estávamos em um canto meio escuro do bar e ninguém nos veria, sem mencionar que havia muitas pessoas por ali fazendo coisas *muito* piores.

Todos nós concordamos, já um pouco alterados depois de algumas doses. Colocamos a culpa nesse detalhe, quando, na verdade, havia sobriedade o suficiente para dizer não, se quiséssemos.

## PERIGOSAS ACHERON

Não quisemos.

Miranda comemorou exageradamente. Eu ouvia sua risada, mas sabia que no fundo aquilo era só para ofuscar a tristeza que sentia pelo trouxa do meu irmão ter preferido ficar em casa adiantando suas aulas a viajar conosco. Ed era o professor estagiário mais novo de uma escola de ensino médio, e estava levando isso a sério demais, agindo como o vovô que o título de sua faculdade de História lhe dava.

Para ser sincera, não era como se ele ainda estivesse entre nós.

As perguntas começaram a rolar e, depois de alguns *shots*, foi impossível contar quem havia tirado qual peça de roupa de quem no jogo e, pior ainda, quem havia ganhado. Éramos um mar de risadas e piadas idiotas. Adolescentes bêbados, patéticos, que se afundavam em álcool para aplacar o caos que havia dentro de si.

O próprio jogo não durou muito. As graças lideraram, entretanto, ainda assim foi o caminho

inicial para Logan e eu.

Nossos quartos foram pessimamente divididos. Devido aos gastos com a faculdade, nossos pais deixaram claro que não nos ajudariam nos custos da viagem, como faziam todos os anos, e que deveríamos nos responsabilizar totalmente quanto a isso. Uma falha tentativa de nos fazer desistir, pois a única coisa que aconteceu foi um enorme rombo em nossas contas bancárias.

Não éramos exagerados, no entanto, gostávamos de nos divertir e tínhamos quem nos custeasse.

Os quartos duplos básicos eram os mais em conta para o nosso orçamento, e como estar em Vegas era o mais importante, não nos importamos com hospedagem luxuosa.

Por fim, Victória queria ficar em um quarto com Nick, mas Logan não queria deixar. Victória estava com raiva e xingando mais do que faria sóbria. Nick estava impaciente, pendurado em meu ombro, mais dormindo do que acordado, já passava das quatro da manhã. Miranda reclamava de sono,

Andrew também. Miranda e Andrew tinham namorados. E Logan ainda era casado. Eu, até aquele momento, era a única que não possuía um papel crucial na discussão do grupo.

Para terminar com o conflito, resolvemos fazer um sorteio idiota, antecipadamente decidindo que dormiríamos em casal, já que estávamos bêbados demais para pensar em uma solução mais prática.

Andrew e Miranda.

Nick e Victória.

Logan e eu.

Eu sei, não foi uma escolha muito boa tendo em vista que Andrew e Miranda estavam se aproximando muito nos últimos tempos. Ou que Nick e Victória eram namorados e dormiriam juntos de qualquer jeito. Logan e eu éramos a única dupla inofensiva.

Ou quase isso.

O problema era que todos estavam cansados

## PERIGOSAS ACHERON

demais para discutir. Deixamos a sorte a cabo dos pequenos papeizinhos dobrados, e como os rapazes não queriam dividir quartos entre si, não existiam motivos para questionar o resultado final.

A primeira coisa que fiz ao empurrar a porta emperrada foi me atirar na cama do jeito que eu estava, com a roupa do corpo, e me fiz acreditar que eu não estava suada ou fedendo a álcool. Minha cabeça pesava e meus olhos ardiam, porém, eu queria me sentir bem e acabei acreditando nisso fortemente.

E a vontade de chorar não estava lá, como nos últimos meses. Eu sorria meio embriagada, mas era uma coisa boa. Não havia conseguido me proporcionar nem isso nos últimos meses.

*Eu realmente me sentia bem.*

— Você acha que tem força para ir até o banheiro? — Logan perguntou enquanto se deitava ao meu lado, me fazendo rir quando o colchão pulou e a cama rangeu. Tentei levantar o dedo para fazer um *joinha*, mas meu corpo estava pesado e eu

não tive energia suficiente. Ele riu ainda mais. — Se sente melhor agora?

— Consideravelmente. — Suspirei, reunindo forças para ficar de barriga para cima. — E você? — Eu o encarei. Logan me fitou e deu de ombros antes de olhar para o teto com um sorriso forçado.

Eu sabia quão importante o seu casamento era para ele, e que dificilmente algumas doses de vodca mudariam isso. Sabia que mesmo tendo se casado jovem e sendo um cara imprevisível, ele era louco por ela e estava arrasado com a separação. Vê-lo por baixo de tudo aquilo, como realmente se sentia apesar dos seus sorrisos ensaiados, doeu bastante em mim.

Logan e Nora se casaram assim que o colegial terminou. Foi um desses romances adolescentes épicos, todos olhavam e diziam que neles havia potencial, que ficavam *lindos juntos*. Meses depois, ela estava grávida. Um ano e meio mais tarde, eles tinham dois lindos filhos gêmeos. Sua vida começou bem cedo, entretanto, era visível quanto ele se sentia satisfeito com o rumo ela havia

tomado. Logan amava Nora, e deixava isso claro em todas as vezes que chegava até nós desesperado por uma ajuda que reerguesse seu relacionamento.

Sua esposa não era muito nossa amiga, e talvez por esse motivo eu possa dizer que, aos meus olhos, era ele quem suportava a maior parte da carga do casamento. Era ele quem sempre tentava aplacar uma briga ou quebrava o clima com uma piada quando as coisas iam ruins.

Logan era assim, e se conosco ele sempre fazia questão de estar bem, eu podia imaginar em como ele tentava abortar uma crise ou uma briga com uma das pessoas que mais amava. Eles haviam escolhido um ao outro, e isso não era coisa para ser jogada fora por uma simples discussão.

É impossível imaginar quão surpreendente foi ver Logan aparecendo com os olhos vermelhos e inchados, dizendo que havia pedido o divórcio. Logan estava péssimo, e nos dar a notícia foi como se um peso tivesse saído de seus ombros. As brigas o consumiram com o tempo, ele se mostrava pior a cada dia. Eu não sabia se ele estava mais



desgastado antes ou depois de pedir os papéis do divórcio.

— Você não acha que tem volta? — perguntei baixinho, abraçando um travesseiro. Quis desesperadamente ajudá-lo a encontrar algo que ainda valesse a pena investir para tentar começar de novo. Logan fungou dando de ombros antes de me fitar com o mesmo olhar melancólico.

— Já demos muitas voltas, Cece. E não fomos tão longe quanto eu esperava.

Mordi os lábios, sem jeito. Procurei na mente algum assunto que pudesse distraí-lo, porém, naquele momento, preferi o silêncio. Poderia ter quebrado o clima lembrando a queda de Nick na poça de cerveja, mas nada parecia suficiente. Logan não precisava sorrir, só precisava de alguém ao seu lado que lhe dissesse não haver problema nenhum em ficar triste por alguns instantes.

Permanecemos calados. Às cinco da manhã, resolvi deixá-lo tomar banho primeiro, para ir logo em seguida, e então tentar dormir.

Logan já estava de olhos fechados e tentei ser cuidadosa para não acordá-lo, porém a cama de casal estava tão mal dividida que foi impossível.

— Eu agradeceria se você dividisse a cama no meio. Você deveria saber alguma coisa sobre divisão, já que está cursando Administração. — Eu o empurrei pelo ombro, imaginando que estivesse dormindo, mas então ele riu sem se mover, me ignorando. — Logan, estou falando sério. Sai daqui. — Entrei debaixo das colchas, me cobrindo até o pescoço e acotovelando-o até ele sair do meu espaço.

Sua tentativa de me ignorar foi falha, e como seu corpo estava leve, provavelmente pelo efeito do álcool, o empurrei com um pouco de força. Muita força, talvez, que o levou ao chão.

Então foi a minha vez de rir.

Minha cabeça estava um pouco melhor devido ao banho, mas eu ainda estava alta e fiquei tonta depois de tanto esforço para gargalhar. Pelo menos, valeu a pena.

— Do que você está rindo, bolota? — perguntou ele, resmungando e voltando para a cama rapidamente. A graça acabou completamente naquela hora.

Já notaram como o álcool pode nos deixar sensíveis?

— Não sou gorda, Logan! — respondi com uma careta, o fitando com meu olhar mais sério e incrédulo. E então foi a sua vez de rir enquanto se ajeitava embaixo do lençol novamente.

— Eu sei que não é. — Ele deu de ombros, subindo os olhos pelo lençol que me cobria até o rosto, o mesmo sorriso travesso nos lábios refletido em seus olhos.

— E desde quando é tão fácil concordar comigo? — debochei, me ajeitando no travesseiro. Apertei os olhos e os lábios com força quando uma remessa de pelos se soltou do colchão, mas não suportei e acabei espirrando algumas vezes. Logan gargalhou ainda mais.

Em nossa próxima viagem, merecíamos um  
PERIGOSAS ACHERON

hotel cinco estrelas, por Deus.

— Desde que você dançou aquela música estranha hoje no bar, com uma garrafa no chão — comentou Logan, ainda entre risadas. Eu o acompanhei, sem saber se zombava de mim mesma ou batia nele por me lembrar daquela cena ridícula e constrangedora.

— Você prometeu que não falaria disso de novo! — bronqueei, tentando soar séria, mas era só me lembrar da cena que eu caía na risada e meus olhos ardiam. — Eu odeio você. — Apertei um travesseiro antes de jogá-lo nele com força.

— Como eu não lembraria? Foi a segunda melhor parte da noite. — Logan resmungou um “*ai*” quando acertei sua cabeça, ainda entre risadas.

— E qual foi a primeira melhor parte da noite? — perguntei, me arrumando no colchão e o encarando com atenção.

— Quando você deixou a porta do banheiro aberta na hora do banho. — Ele sorriu passando a língua pelos lábios. Senti minhas bochechas  
PERIGOSAS ACHERON

corarem.

— Mas... mas eu não... — Engoli em seco, forçando minha mente a se lembrar do trajeto que eu havia feito até o banheiro. E o que fiz depois de entrar nele. Meu rosto esquentou e, enquanto eu não conseguia desfranzir o cenho, pensando em uma boa desculpa ou uma forma de escapar daquela situação, Logan me interrompeu rindo alto, deixando claro que aquilo era uma mentira. — Eu juro que um dia vou odiar você de verdade. — Bati em suas costas com força, soltando o ar que só então notei estar preso.

— Você precisava ver a sua cara. — Ele gargalhou, me fazendo bufar. — Fala sério, Cece, até que não seria nada mau — Logan debochou, me fazendo suspirar de alívio por ter sido uma mentira.

— Boa noite! E coloca uma camisa para dormir, porque definitivamente não estou a fim de ver a sua barriga de homem casado quando acordar de manhã.

— Barriga de homem casado... — resmungou,

cessando a risada no mesmo instante. Eu me cobri até o rosto, prendendo uma risada.

Eu sabia quanto ele era chato com a sua aparência, e a primeira coisa que prometeu a si mesmo e a todos nós no dia do casamento, era que não deixaria a união definhando sua imagem, como acontecia com muitos casais.

Logan estava inscrito em diversas maratonas de corrida previstas para aquele ano e mantinha um cartão fidelidade em lojas de suprimento, mas não exagerava. Ele era bem bonito, para ser sincera. Suas horas de corrida diárias haviam lhe feito muito bem.

— Eu não tenho barriga de homem casado.

Com certeza não.

— Tem sim, gordinho.

— Aham, olha só! Eu deixei de correr essa semana, mas não fez diferença alguma.

Logan parecia uma criança birrenta (levando em  
PERIGOSAS ACHERON

conta o tom de voz infantil que usava) tentando convencer o pai de que, apesar da sua nota na escola não ter sido boa, no próximo semestre ele seria o melhor da turma. Eu o ignorei mordendo a parte de dentro da bochecha para não rir. Pela sua entonação, Logan estava *começando* a ficar com raiva.

— Cecelia, olha!

— Vai dormir, Logan.

— Cecelia! — gritou. Fiz um “*shiu*” por baixo do lençol e, quando pensei que ele havia desistido, senti seu peso em cima de mim, me fazendo soltar um palavrão alto pelo susto.

— Você está louco? — Ri, tentando empurrá-lo, sem forças. — Sai de cima de mim!

— Só quando você disser que eu não sou gordo.

— Nunca, bolotinho! — disse e lhe mostrei a língua. Logan apertou os olhos e, antes que eu tivesse a chance de perguntar o que ele faria comigo, senti minha barriga sendo beliscada com

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

força. — Oh, meu Deus, para! Está apelando já! — gritei, me revirando em uma tentativa falha de empurrá-lo, meus olhos ardendo pelas cócegas.

— Não vai voltar atrás mesmo? — Ele sorriu enquanto segurava o meu braço com uma das mãos, a outra continuando a fazer as malditas cócegas, sem o menor pinga de piedade pelos meus gritos.

— Logan, para. Agora! — gritei mais uma vez em meio às risadas doloridas, os olhos marejados. Eu queria armar um bico do tamanho da tromba de um elefante por ele me provocar daquele jeito, mas não conseguia fazer nada a não ser gritar ou rir.

Aprenda: cócegas, de engraçadas, não têm absolutamente nada. Nadinha. Nunca faça cócegas nos amigos, mesmo que eles estejam rindo. Definitivamente, isso não é um pedido para continuar.

— Você não é gordo. Nunca foi e nunca será. Você é sarado, incrível, blábláblá — soltei, me dando por vencida, o suficiente para ele parar com aquilo de vez.

## PERIGOSAS ACHERON



— Muito bom! — Meu amigo (eu ainda podia chamá-lo assim?) suspirou, se deitando ao meu lado novamente, ofegante.

Ele não tinha motivo algum para estar cansado.

— Ainda seria melhor se você colocasse uma camisa. — Eu lhe mostrei a língua mais uma vez, parando de rir aos poucos.

— Por quê? Com medo de me agarrar à noite? — ele debochou me encarando. Logo sua cabeça recebeu mais um golpe de travesseiro.

Logan possuía um lindo sorriso, que combinava muito bem com seus olhos azuis. Seus dentes da frente tinham uma pequena falha por culpa do siso, mas esse detalhe não era muito notável. Eu sabia pelo nosso tempo de convivência e, claro, porque em um momento da vida soube muitos detalhes sobre ele. Esse defeito passava completamente batido ao analisar o todo.

Sua beleza era bem clichê: olhos claros, pele clara e cabelo loiro médio. Por mais que odiasse admitir, devido a seu ego enorme e sua grande

## PERIGOSAS ACHERON

popularidade entre as mulheres, ele não deixava de ser bonito. Logan e sua irmã, Victória, por serem tão parecidos podiam ser facilmente considerados gêmeos, mesmo ele sendo alguns anos mais velho.

— Você está aí com esse short minúsculo e eu não estou pedindo para trocar. Por motivos óbvios, é claro! — Logan me despertou do curto devaneio. Balancei a cabeça e, quando sua frase fez sentido, suspirei antes de responder.

— Meu short não está curto. — Abracei meu travesseiro antes de soltar um bocejo.

— Claro que está! — Logan riu. — Quando você se mexe, ele sobe. Assim... — Ele tocou a barra do meu short, levantando-o três dedos.

Franzi o cenho, confusa e surpresa pelo seu gesto. E ainda mais pela sua mão ficar por um tempo além do necessário sobre a minha pele.

— Tanto assim? — Ri baixo, tentando não notar que o clima naquele quarto havia mudado completamente.

Drasticamente.

Eu podia arriscar que talvez a culpa fosse do seu tom de voz, que havia baixado um pouco. Ou dos seus olhares. Ou do próprio gesto. Mas eu, com certeza, apostaria que a culpa era de nós dois, por termos notado todo o amontoado presente ao mesmo tempo. Nunca soubemos ser discretos, muito menos lidar com momentos inesperados.

— Às vezes, um pouco mais. — Ele sorriu, seus olhos ainda presos aos meus.

— Ahn, vou me lembrar disso. — Sorri antes de me ajeitar na cama mais uma vez — Amanhã. Boa noite, Logan — disfarcei, sem saber muito bem o que dizer. Antes que eu pegasse a colcha e a puxasse, sua voz soou mais uma vez.

— Ah, não precisa. — Logan se expressou tão baixo que por um pequeno momento pensei que tivesse imaginado aquilo. Quando abri a boca para dizer algo, notei que suas mãos ainda estavam em minhas coxas.

Era tempo demais.

— O que você... — Franzi o cenho, e antes que pudesse completar a frase, senti sua boca em minha bochecha, devagar e sorrateira.

— Não precisamos nos lembrar disso amanhã.  
— Ele sorriu antes de passar os lábios pelo meu maxilar, em direção ao meu pescoço.

Eu sei, você vai me achar uma idiota patética.

Eu sabia que estava sendo uma idiota patética.

Eu sei que estou soando como uma idiota patética.

Mas fui uma idiota patética bem satisfeita naquela noite.

Logan me olhou antes de dar um pequeno sorriso, como se me pedisse permissão para continuar. Minha resposta foi puxá-lo pela nuca em minha direção.

Eu nunca o tinha beijado, e foi como se eu voltasse ao colegial, quando o vi pela primeira vez,

e beijasse o mesmo garoto que me tirava o sono naquela época. Eu não sentia por ele algo parecido ao que sentia por Matt, uma coisa forte e arrasadora, mas era bom, e estar com ele mexia com o meu estômago, e com outras partes também.

Logan apertou minha cintura, e no momento em que fechei os olhos, senti sua boca começando a conhecer o meu pescoço, e suas mãos, minha barriga e coxas. As minhas ainda estavam indecisas entre seus cabelos e sua nuca, por fim, decidi deixá-las explorarem à vontade, sem pressa, afinal, tínhamos a noite toda.

Minha blusa foi parar no chão não lembro exatamente como, talvez fosse culpa da bebida, ou dos beijos que mal deixavam meus olhos abertos, mas ela só podia estar no chão quando senti suas mãos sobre a minha pele. Logan me olhou antes de sorrir, o mesmo sorriso que eu o via dar para as trouxas do primeiro ano, então sugou a pele do meu pescoço e me olhou debochadamente em seguida. Eu puxei seus cabelos agarrando o fio que ainda me permitia alguma sanidade e mordi os lábios, tendo plena consciência de que aquele lugar era precário,

e qualquer som, por mais baixo que fosse, poderia ser ouvido.

O que tivemos não foi algo romântico, carinhoso ou gentil. Eu estava louca, e pela forma como Logan agia, ele também estava. O som dos nossos corpos era algo absurdo, e lembro exatamente de cada detalhe e de cada espaço que tentamos diminuir; onde fora dada cada mordida e cada roxo espalhado pelo meu corpo, assim como me lembro de todos os arranhões que lhe causei.

Logan deixou escapar um pequeno suspiro antes de beijar a parte de trás da minha orelha, em seguida deixou seu peso relaxar sobre mim, apoiando-se nos cotovelos.

— Você toma remédio, não toma? — questionou baixinho, beijando meu pescoço. Assenti fracamente, exausta, e ele suspirou, rolando para o lado. — Ótimo!

— Boa noite, Logan. — Sorri, encarando-o antes de puxar a coberta até o meu pescoço. Senti frio pela primeira vez na noite, e só então notei a

janela aberta. Agradei mentalmente por estarmos no quinto andar e não correr o risco de alguém ter nos visto.

Logan sorriu para mim e senti o colchão se mover enquanto ele provavelmente se preparava para dormir, como eu.

— Boa madrugada, Cece.

— Foi ótima. Obrigada.

A última coisa que escutei antes de fechar os olhos e cair no sono foi sua risada fraca e igualmente exausta.



Minha cabeça estava pesada no dia seguinte, mas me lembro de conseguir levantar da cama e seguir em direção ao banheiro, assim como me lembrava de tudo o que havia acontecido na noite anterior.

Claro, não exatamente tudo, porém, com muita

riqueza de detalhes para uma pessoa bêbada.

Já passava das seis da tarde quando saí do banho, Logan continuava dormindo. Estávamos exaustos, e como não havia nenhuma mensagem me xingando na tela do meu celular, imaginei que o mesmo acontecia aos nossos amigos.

— Eu não acredito. — Arregalei os olhos ao ver meu pescoço com diversas marcas roxas. Suspirei enquanto procurava meu nécessaire, em seguida, passei base em todo o espaço que vi, para disfarçar o contraste da pele não atingida por Logan.

Se naquela época tivessem me ensinado que batom vermelho e base eram ótimos para esconder rastros, eu teria sido bem mais feliz.

A temperatura estava agradável e agradei por isso, vestindo uma blusa de gola mais comportada do que eu merecia. Antes de deixar o quarto, avistei as costas descobertas de Logan e notei vários riscos vermelhos, além de manchas roxas nos ombros, o que me arrancou um sorriso.

Pelo menos eu não seria a única com marcas.  
PERIGOSAS ACHERON



Apaguei as luzes do quarto e saí, tentando fazer o mínimo ruído possível.

*“Miranda, Andrew, Nichollas e eu estamos indo para o restaurante do hotel. Você vem.”*

Era uma mensagem de Victória (quase um pedido, sem o ponto de interrogação), que havia sido enviada há poucos segundos. Aquilo fez a pontada em minha cabeça aumentar ainda mais quando ri.

*“Vocês já estão aí embaixo?”*

*“Aqueles filhos da puta foram sem mim. Ingratos! Estou acabando de me arrumar.”*

Já dentro do elevador, apertei o botão do sétimo andar, me escorando nas paredes para testar se me deixar de me mover fazia a enxaqueca diminuir.

Não deu certo, claro.

Bati na porta de Tori e a encontrei com o cabelo preso e apenas um olho com máscara para os cílios

ao me atender.

— Eles são uns ingratos mesmo, nossa! — comentei, entrando em seu quarto, até bem arrumado para o que eu esperava.

— Por isso nos entendemos. — Ela sorriu, terminando de pintar o outro olho.

Comecei a mexer no seu estojo de maquiagem, pensando por que ela havia levado tudo aquilo e quando usaria, mas antes de perguntar, Tori me encarou, fazendo uma careta.

— O que foi?

— O que é isso aí no seu pescoço? — Ela franziu a testa. Arregalei os olhos mexendo, de uma forma que deveria ser *distraidamente*, em meu cabelo e o joguei para frente depressa.

— Que pescoço? — Encolhi os ombros e pigarreei antes de engolir o nó na garganta. — Não tem nada no meu pescoço. — Bufei, porém sabia que minhas bochechas pálidas, que agora queimavam, já tinham me denunciado.

Em momentos assim eu me odiava por ser tão branca.

— Cecelia! — Tori gritou e eu arregalei os olhos, mordendo os lábios. — Cecelia! Você e o Logan? — Sua voz cresceu ainda mais, os olhos e a boca escancarados. Ela só se conteve quando a mandei calar a boca no mesmo tom de voz.

— O hotel inteiro não precisa saber disso!

— Cece, estou falando sério!

— Eu também estou, Victória!

Ela me encarou perplexa por alguns segundos, ainda com a boca aberta. E então, de repente, caiu na gargalhada. Uma risada forte, incrédula, completamente irônica e surpresa.

— Não acredito que você e o meu irmão fizeram isso. — Ela escondeu a boca com as duas mãos, a cada segundo seu rosto ganhava mais cor.

— Para de rir! — Corei ainda mais, completamente sem jeito. — Não vai acontecer de  
PERIGOSAS ACHERON

novo. — Cocei a nuca. — Nós só bebemos um pouco demais ontem.

— Ah, claro! Aham! — ela gritou com seu melhor tom de desdém. — E há quanto tempo você queria fazer isso? Desde o primeiro dia do primeiro ano do ensino médio? Ou estou sendo boazinha aqui? — Victória debochou, e eu a xinguei, jogando um travesseiro em sua direção.

Isso borrou sua maquiagem e ela precisou recomeçar, me obrigando a esperá-la.

Conseguimos descer apenas cerca de quarenta minutos depois, quando seu rosto estava devidamente maquiado e após ter a sua ajuda para esconder melhor as marcas do meu pescoço. Meu estômago já doía de tanta fome, e assim que chegamos ao andar do restaurante, soubemos que não éramos as únicas naquela situação, pois os outros tinham nos esperado para fazermos nossos pedidos juntos.

Conversávamos sobre o próximo lugar que visitaríamos quando Logan chegou. Ele parecia

## PERIGOSAS NACIONAIS

cabisbaixo e pensei que fosse efeito da ressaca. Eu ainda me sentia bem, porém sabia que em breve todas as lembranças que tentei esquecer na noite passada voltariam, cobrando juro por terem sido deixadas de lado.

Miranda foi a primeira a vê-lo, ela sorriu acenando e o chamando para se sentar conosco. Ele passou os olhos por todos na mesa, e quando chegou em mim, notei que desviou para o lado, como se estivesse sem graça.

Logan veio até nós e todos o cumprimentaram da mesma maneira de sempre. Até que eu lhe disse “oi”. Ele me encarou em silêncio antes de engolir em seco e virar o rosto, me ignorando deliberadamente.

Eu já ouvi pessoas dizerem que ficam sem ar diante de uma situação ou outra, e o que senti poderia ser facilmente comparado a isso. Eu não consegui respirar.

No primeiro momento, *tentei* pensar que havia sido um mal-entendido, que minha voz havia soado

## PERIGOSAS ACHERON

um pouco baixa ou qualquer coisa do tipo, no entanto, quando Logan passou os olhos por Victória, que estava ao meu lado, me encarou depressa e baixou o olhar.

Meu peito doeu e quis abrir a boca para perguntar qual era a droga do motivo para ele me tratar daquele jeito, mas eu estava sem resistência. E achei que aquilo seria tudo, até ele anunciar que interromperia a viagem e voltaria para casa.

*A nossa viagem.*

Ele estava interrompendo a nossa viagem, que havíamos planejado em grupo durante tanto tempo. Por *minha* causa.

Enquanto todo mundo tentava convencê-lo a ficar, eu me levantei, lhe dando as costas e indo embora. Escutei o barulho de cadeira arrastando no chão e alguém gritar: “*qual é o seu problema?*”. Soube imediatamente que era Victória.

Eu o encarei o suficiente para ter a certeza de que ele ainda não me olhava. Até mesmo o chão parecia mais agradável do que eu, já que seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

não saíam dali.

E eu senti tanto, mas tanto ódio. Eu queria confrontá-lo, empurrá-lo, mas senti nojo em tocá-lo novamente, entretanto, apenas me afastei. Victória veio atrás de mim, me chamando.

— Sério... Eu... — Passei a mão pelas bochechas, sentindo os dedos formigarem. — Eu só... só quero ficar sozinha, Tori.

— Eu vou falar com aquele filho da puta, e ele...  
— Sua voz soou baixa. Ela era a única que sabia, pelo menos até aquele momento, porém a cortei ao respirar fundo.

— Eu estou bem, sério. Só quero ficar sozinha. Obrigada. — Sorri, abraçando-a. Victória me apertou forte, quase me dando o suporte que eu precisava para desabar, mas antes que isso acontecesse, fechei as portas do elevador, mordendo minha boca para não chorar.

Eu não queria um relacionamento sério. Não queria que repetíssemos, muito menos que as coisas tivessem chegado àquele nível de ridículo, mas não

PERIGOSAS ACHERON

entendia por que aquilo havia acontecido se nenhum dos dois queria mais nada um com o outro.

Então era assim que terminavam os sexos casuais? Com um mal olhando na cara do outro? Eu era amiga de Logan, não uma estranha qualquer para ser ignorada e tratada daquela forma.

Quando entrei no quarto e vi suas malas já prontas, senti nojo e raiva de mim, me dando conta de que precisava me esconder em outro lugar. Mas quando estava prestes a subir para o quarto de Victória novamente, Logan apareceu na porta e entrou. Ele parecia tão bem mesmo depois de tudo aquilo... Meu ódio só aumentou.

— Então era isso que você queria dizer com “*não precisamos nos lembrar disso amanhã*”? — Funguei para conseguir manter minha voz. Eu me sentia tremer inteira, minhas mãos formigavam e eu estava irada e preparada para bater nele a qualquer momento.

— Cecelia...

— Porque, se for, olha, você podia ter deixado

PERIGOSAS ACHERON



um pouco mais claro. — Engoli em seco, tentando me manter firme. Passei a mão pelo rosto depressa, secando-o rudemente. — Eu nunca teria feito aquilo se soubesse que hoje você ia me ignorar desse jeito. Qual é o seu problema? — Bati em seu peito, empurrando-o com raiva. — Sempre soube que você era um filho da mãe com as garotas no ensino médio, mas isso? — Apertei os lábios, engolindo o nó da garganta mais uma vez. — Me tratar como tratava todas elas? Achei que fôssemos maduros o suficiente para isso não acontecer!

Logan passou a língua pelos lábios antes de suspirar e então encarou o chão, ainda sem me olhar nos olhos.

— Isso... Não é sobre você. — Ele coçou a nuca, bufando, e em seguida apertou o rosto contra as mãos.

Naquele minuto, até cheguei a pensar que ele diria se tratar de um mal-entendido, pensei que ele pediria desculpas. Eu ainda era iludida o bastante para imaginar isso.

Não aconteceu como eu pensara.

— Não é sobre mim? — Forcei uma gargalhada carregada de ironia e mirei todo o quarto, sentindo a influência da noite passada sobre o ambiente me atingir em cheio. — Essa é a sua melhor resposta? Eu achei que você fosse meu amigo. — Funguei e sequei as bochechas com as mãos tremulas, sem chance alguma de continuar firme. — Eu realmente achei que você fosse meu amigo, Logan. — Minha voz soou baixa, quase um sussurro.

Ele me encarou sério por alguns segundos antes de suspirar e se afastar, pegando a mala no chão e saindo do quarto, não me dando uma resposta sequer.

Eu sabia que o meu choro era de raiva, tristeza, solidão e impotência. Foi uma das piores sensações da minha vida saber que tantas emoções estavam transbordando ao mesmo tempo.

Eu me senti vazia de mim mesma. E a sensação foi horrível.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Número 3:  
Andrew Archer



*“Eu quero saber? Se esse sentimento é  
recíproco. Triste te ver partir, eu meio que  
esperava que você ficasse.”*

**Do I wanna know? – Arctic Monkeys**

Andrew, aos seus dezessete anos, quando perdeu as espinhas e a barriga de *fast-food*, se tornou o cara perfeito para qualquer garota.

Eu e o resto do nosso grupo, que o acompanhávamos desde muito antes, sabíamos que essas características *desnecessárias*, ao sumirem, não alterariam em nada seu comportamento. Ele continuava o mesmo cara incrível, apenas com o acréscimo da aparência de um modelo europeu misturada ao cabelo cor de mel puxado para o loiro, aos olhos verdes e ao notável charme. Ele também adquirira uma autoconfiança que antes não existia, e era bom ver como aprendera a gostar de si mesmo e se tornara autossuficiente.

Desde o princípio, era visível o modo como Andrew olhava para Miranda. E como Miranda olhava para Edward. E como Edward olhava para Miranda.

E como Andrew sobrava nessa história.

Também era nítido que ele tentava superá-la e, claro, impressioná-la. Andy já tivera pelo menos

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

seis namoradas nesse meio tempo, porém, seus relacionamentos não duravam mais do que poucos meses. As respostas eram sempre as mesmas: “*Não éramos compatíveis*”. “*Não daria certo*”. “*Não estávamos indo bem*”.

Andrew não queria ser compatível com ninguém, ele não queria que desse certo e encontrava motivos para os dois não irem bem. Simplesmente não queria alavancar um relacionamento com alguém que quisesse pela metade, pois Miranda já ocupava muito dos seus pensamentos. Por esse motivo, nunca dava certo.

Nunca deu certo.

Miranda e Edward faziam o tipo casal clichê que vemos em filmes. Estavam juntos desde o ensino fundamental. Apesar de todas as diferenças, acabaram gostando um do outro durante um trabalho em dupla. Poucas semanas depois, eram namorados oficiais, com fitinhas nos dedos representando alianças de compromisso.

Os dois se entendiam bem e pareciam felizes,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

não desgrudavam um do outro. Até o início da faculdade, quando as coisas começaram a ficar complicadas. Distanciavam-se cada vez mais, contudo, permaneciam juntos. Eles tentavam.

Era evidente que os dois ainda se amavam quando, casualmente, Ed corria até mim, desesperado atrás de uma ideia para agradar a namorada. Ou quando era a vez dela, me pedindo para ser mediadora de um jantar ou algo especial que faria para os dois. Eles queriam ficar juntos, mesmo com as dificuldades, ainda que minha amiga insistisse um pouco mais do que meu irmão. Ninguém podia negar o que existia entre eles, era palpável até mesmo para quem não os conhecia.

Durante a viagem para Las Vegas, Andrew e Miranda pareciam mais unidos do que nunca. Ela parecia até melhor consigo mesma, e ele parecia radiante por poder lhe proporcionar isso.

Até que aquele caos de viagem acabou, e ao voltamos para a nossa rotina, quase tudo continuou como o esperado.

## PERIGOSAS ACHERON

Para começar, Logan e eu não nos falávamos, e quando estávamos em grupo, conversávamos apenas o essencial.

Óbvio!

Miranda e Edward ainda estavam juntos.

Previsível.

Eu não tinha conversado abertamente com Miranda sobre isso, mas sabia que ela e Andrew não estavam em um bom momento. Ele ainda não havia desabafado comigo, porém, a cada dia era mais evidente, já que ele fazia questão de deixar bem explícito a que ponto andava a *relação-não-relação* deles.

Por mais que não admitisse, eu o conhecia suficiente para saber que, no fundo, Andy torcia para que as coisas conspirassem a seu favor após a viagem, depois de tanto esforço para mostrar à Miranda como ela podia ser boa sem seu namorado ausente.

Eu não sei se Miranda lhe prometeu algo,  
PERIGOSAS ACHERON



entretanto, Andrew não pareceu nem um pouco satisfeito vendo-a ao lado do meu irmão, de mãos dadas, poucos dias depois. E a amizade forte que os dois mantinham parecia ir de mal a pior, isso era completamente visível em nossos encontros, cada vez mais raros devido ao péssimo clima entre alguns de nós.

Foi nesse período em que Andrew e eu nos aproximamos.

Pois é.

Eu sou realmente ótima em estragar minhas amizades.

Nós dois estávamos magoados, e senti que poderia me erguer novamente se tivesse alguém ao meu lado. O que foi péssimo. Eu deveria tentar fazer isso sozinha, e não me apoiando na tristeza dos outros, vendo como alguém podia sofrer tanto ou até mais do que eu.

Matt havia ido embora e eu não sabia quando voltaria, ou mesmo *se* voltaria. Também não sabia como me sentiria caso ele aparecesse novamente,

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

na verdade. Não nos comunicávamos há semanas, e eu ainda odiava parte de mim por sentir falta do que tínhamos, mesmo após ele ter me esquecido tão facilmente.

Com Andrew não foi algo premeditado, sendo totalmente sincera. No início, só decidimos que podíamos ser boa companhia um para o outro, e nossas conversas começaram a durar a noite inteira, sem que eu me cansasse.

Nós nos aproximamos de repente. De uma hora para a outra, eu já contava com ele para me defender das piadas maldosas do restante do grupo. Havíamos criado um toque só nosso e nos entendíamos por olhares. O mural do meu quarto possuía centenas de momentos com ele. Eu lhe ligava às quatro da manhã sem medo de incomodar. Ele me confiava os seus casacos cheirosos e eu, os meus chocolates, mas não sem antes ele me garantir não comê-los na minha ausência, mesmo que sempre comesse.

Eu tinha muita confiança nele.

## PERIGOSAS ACHERON

Meu riso era frouxo ao seu lado, e estar ali, próxima daquela maneira, era tão fácil e tão bom! Não havia cobrança ou pressão, éramos apenas duas pessoas se conhecendo e aproveitando momentos juntos. Ele era a minha dupla na montanha russa, tirava fotos estúpidas comigo e depois me ameaçava dizendo que mostraria as piores para todo mundo; era com ele que eu contava quando as coisas ficavam ruins e era para ele que eu corria quando me sentia mal; ou quando eu queria somente dividir uma boa notícia, ou um abraço. Eu sabia que Andy estaria lá para mim, assim como ele também sabia que eu estaria lá para ele.

E estive.

Até infelizmente não darmos mais certo.

— Como você e a Miranda estão? — perguntei, tentando soar casual, enquanto dava uma mordida na casquinha do meu sorvete de baunilha.

Andrew me encarou e fingi não notar seu olhar, para deixá-lo mais à vontade, focando na estampa

de flor do meu vestido e andando ao seu lado.

— Miranda e eu? — Andy manteve seu tom de voz, também casual.

— Vocês estão bem? — Eu o espiei antes de voltar ao meu sorvete.

— Sempre estivemos bem, Cecelia. — Ele riu fraco e eu bufei, parando no mesmo instante para olhá-lo.

— Sério, Andrew? — perguntei, cruzando os braços e lhe lançando o meu olhar mais severo. Andy suspirou coçando a nuca.

— Nós nos entendemos, Cece. Conversamos vez ou outra, mas eu sinto que já é o suficiente. Não dá para só viver em função dela e esquecer de mim, insistir tanto assim já está parecendo algo psicótico — murmurou, forçando um sorriso. Sua dedicação em me convencer de que estava tudo bem me fez sentir ainda mais triste.

— Você ainda gosta dela, não gosta? Lá no fundo? — Torci o nariz, curiosa pela resposta.

Andy suspirou e deu mais uma abocanhada no sorvete, pensando bem no que me diria.

— Eu realmente acho que gosto menos do que antes — respondeu, mantendo os olhos firmes em seus sapatos, que chutavam o chão. — Muito menos. Não é como se eu tivesse brechas para chegar até ela. E amar por brechas não é bem o que eu quero. — Ele me encarou, um pequeno sorriso no rosto.

Eu sorri de volta, apertando sua mão na minha e descansando a cabeça em seu ombro antes de continuar andando ao seu lado.

Eu podia ter uma mera noção do tamanho de seu sentimento por ela e sabia como doía ter que desapegar disso quando nenhuma circunstância colaborava.

— E quanto a você e Logan? — Ele me empurrou de leve com o braço, rindo antes de passá-lo por sobre o meu ombro.

— Eca! Estamos falando de amor e você toca no nome do Logan? O que isso tem a ver? — Fiz cara  
PERIGOSAS ACHERON

de nojo, debochando.

Andrew me ouvira várias noites chorar copiosamente enquanto eu lamentava por nossa amizade ter sido abalada tão desnecessariamente, e ainda insistia em dizer que eu sentia alguma coisa por Logan?

Convenhamos, eu não sentia.

Não.

Eca!

— Conversamos ontem. — Dei de ombros com um revirar de olhos. — Ele me pediu desculpas. Pelo menos admitiu que foi um filho da mãe e que agiu errado. As coisas ainda estão um pouco estranhas entre nós, mas vão melhorar... Em breve.

Eu sentia falta da amizade de Logan, passar tanto tempo sem trocar uma palavra direta com ele não era nem de longe bom, por mais chato que ele fosse. Mesmo ainda triste pelo que havia acontecido, isso não mudava o fato de que o tinha como alguém muito importante para mim.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Andrew sorriu junto comigo, me olhando, e soube que aquele sorriso dizia quão feliz estava por mim.

Eu não costumava notar muito os caras que passavam tanto tempo comigo, mas naquela tarde, acabei por reparar no sorriso de Andrew, como era espontâneo, forte e doce ao mesmo tempo. Combinava absolutamente bem com ele.

— Acho que podemos escolher Baker Beach — ele comentou, e notei como seus lábios, ainda em um sorriso, se moviam, me desnorteando por um segundo.

— Hum? — Eu o encarei nos olhos, para não perder o foco.

— Baker Beach. Para o luau.

— Ah! O luau. — Eu me lembrei, fazendo uma careta. Eu tinha um aniversário no mesmo dia, mas como a maioria havia escolhido a mesma data, Cristal teria que me perdoar. — Prefiro Marshall's Beach.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Baker Beach é mais bonita — ele resmungou, revirando os olhos teatralmente e me fazendo rir.

— Marshall's Beach tem a areia mais limpa.

— Fala sério, todas são praias!

— Eu sei, e como você é um ótimo amigo, me deixará sugerir a eles apenas Marshall's Beach. — Sorri amarelo piscando os olhos.

Andrew me encarou em silêncio por alguns segundos, então riu.

— Você é péssima tentando ser fofa — ele debochou, e eu escancarei a boca, exagerando falsamente na minha surpresa pelas suas palavras.

— Sou uma ótima fofa! Não tenho culpa se você não tem bom gosto. — Empurrei seus ombros, tentando não sorrir pela forma como seus olhos ficavam apertados quando ele gargalhava com tanto gosto. Era tão bonito.

— Você pode continuar treinando — insistiu na  
PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

ironia, e lhe mostrei a língua, mais parecendo uma careta pela forma como eu tentava controlar a risada.

Já havíamos mudado o rumo da conversa, e então discutíamos sobre quem estava certo quanto a mim. Seus argumentos eram convincentes, porém, a todo tempo ele caía em contradição, e era maravilhoso ouvir seus elogios sinceros e espontâneos. Seus olhos deixavam claro que aquilo havia sido dito sem que ele percebesse, o que fazia parecer ainda mais bonito do que era.

Próximo ao fim da ponte, no parque, havia naquela tarde um senhor que carregava um cesto repleto de flores e tentava vendê-las. Seu rosto era coberto por cicatrizes, mas as rosas que ele levava no cesto eram lindas demais para que todos o ignorassem, como faziam ao passar por ele.

Eu senti meu peito apertar de compaixão e notei Andrew seguir meu olhar. Ele então me puxou pela mão, seus dedos entrelaçados aos meus, e andamos apressadamente até onde o senhor estava.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu para nós, de início meio confuso por ver duas pessoas se aproximando sem esforço, mas logo sua feição se transformou em completa satisfação.

— Quero todas as rosas. — Andrew tirou a carteira do bolso e eu arregalei os olhos, assim como o florista. Apertei o braço de Andy o olhando perplexa, e ele sorriu para mim antes de estender uma nota de cinquenta dólares.

— Sua namorada gosta tanto assim de rosas vermelhas? — O senhor sorriu largo, guardando o dinheiro antes de juntar todos os botões cuidadosamente com um laço de fita vermelho vivo.

Senti o rosto esquentar, e enquanto pensava em algo para desfazer o mal-entendido, o escutei sussurrar para Andrew, como se lhe confessasse um segredo. — Mulheres gostam de homens cavalheiros, isso é raro nos dias de hoje. Ela nunca te trocará se você continuar sendo um. Estou casado com minha esposa há mais de trinta anos, e todos os dias deixo uma rosa ao seu lado antes que

ela acorde. Nunca tivemos uma briga sequer.

Cocei a nuca mordendo a parte interna da bochecha, como se isso fosse conter o rubor em meu rosto. Quando finalmente formulei uma frase que fizesse sentido, dizendo como o seu gesto era lindo, mas que Andy e eu não éramos um casal, o senhor lhe estendeu os botões de rosas já prontos. Então Andrew se agachou galanteadoramente na minha frente e me estendeu as flores.

Primeiro eu ri, sem saber como reagir. Depois, ri de nervoso. Então, minha última reação foi cobrir o rosto com as mãos, completamente acanhada, ainda rindo. Olhei por entre os dedos e notei os olhos de todos ao redor em cima de nós. Quis chorar, tanto de emoção quanto de vergonha.

— Eu acho melhor você aceitar logo, as pessoas estão começando a cochichar — Andy sussurrou para mim, e senti meu sorriso ganhar mais vida. Fiz uma reverência, entrando no jogo, e peguei as flores, sentindo o cheiro bom que elas emanavam.

Andrew abraçou minha cintura antes de dizer

## PERIGOSAS NACIONAIS

em meu ouvido como aquilo havia sido vergonhoso, além de rir ao meu lado dos tapas que vimos homens recebendo de suas esposas e namoradas. Tentei não sorrir tão abertamente, mas sabia que, naquele momento, com o encanto que eu o olhava, qualquer um diria que éramos um casal. Um casal muito bonito, diga-se de passagem.

Eu gostava disso, desses pequenos detalhes, me faziam sentir grande. Sempre fui fã de carinho e sorrisos espontâneos. Andrew trazia exatamente tudo isso, e com gostinho de liberdade. Eu gostava da maneira como ele me surpreendia e ao mesmo tempo nunca perdia sua essência doce e única.



Andrew me deixou na porta do hall. Enquanto eu subia para o meu apartamento, encarei as rosas, rindo com apreço ao me lembrar da tarde que tivemos no parque.

Como ele tinha o dom de fazer coisas tão simples me arrancarem sorrisos tão escancarados?

## PERIGOSAS ACHERON

Eu não conseguia deixar de sentir o aroma inebriante das flores, parecia um imã para o meu nariz. Assim que as portas do elevador se abriram, saí ainda distraída.

Procurei as chaves em minha bolsa pelo corredor e, enquanto me enrolava com os ramos e a alça, escutei uma risada vinda logo detrás de mim. E eu já ouvira aquela risada tantas, mas tantas vezes, que foi impossível confundi-la.

Ela estava presente quando conversávamos durante tardes inteiras; quando eu lhe contava uma das minhas piadas idiotas e quando errávamos uma cena boba.

Meu coração parou por meio segundo, e, ao me virar, arregalei os olhos, só confirmando o que já tinha certeza. Eu reconheceria o som daquela risada pelo resto da minha vida.

— Matt! — Engasguei, conseguindo forçar minha voz a sair apenas pouco mais alta do que um sussurro.

Matthew sorriu, o mesmo sorriso que eu ainda  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

guardava na mente, forte e infantil. Sua barba também estava como eu me lembrava. Eu realmente amava sua barba. Notei seus braços mais largos, como de costume cobertos por uma blusa branca. Sua pele estava um pouco mais clara devido à constante falta de sol, porém ainda podia ver a tez morena contrastando com seus olhos verdes, lhe dando o charme que eu tanto amava.

Eu abri a boca tentando dizer alguma coisa, mas antes de conseguir formular algo suficientemente bom, depois de tanto tempo sentindo a sua falta, seus braços estavam ao meu redor em um abraço apertado e quente. E sentir seu cheiro bem ali, colado a mim, ao meu alcance, revirou lá no fundo os sentimentos que estavam escondidos.

Matt me abraçou tão forte que toda a angústia que senti quando ele partira desapareceu. Não doía mais. Não existia mais a mágoa por ele ter se afastado tão bruscamente. Todas as noites em claro chorando sua ausência se perderam. Eu apenas o queria próximo, tão próximo que, quando me dei conta, já estava agarrada ao seu pescoço, quase me fundindo a ele.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria desesperadamente recordar seu cheiro, seu toque, sua pele, e me acalmar tendo a certeza de que ainda me lembrava desses detalhes tão cruciais sobre ele.

Há tempos eu não parava para analisar quanto sentia a sua falta. E me dar conta disso, para ser absolutamente sincera, foi mil vezes mais assustador do que o vazio que ele deixou. *Senti falta de não me repreender por ser tão imbecil tentando esquecê-lo um pouco mais a cada dia, me dando conta de que isso só me prendia ao passado e, conseqüentemente, a ele.*

Matt beijou meus cabelos passando as mãos suavemente pelas minhas costas, me devolvendo devagar toda a tranquilidade perdida desde que havia me deixado no aeroporto e entrado em um avião rumo a milhas de distância de mim.

— Você está chorando? — Ele se espantou, sua voz baixa e serena. Matthew se afastou para olhar meu rosto e notei que estava mesmo chorando quando suas mãos gentilmente passaram pelas minhas bochechas, secando-as.

## PERIGOSAS ACHERON

Assenti, afundando novamente o rosto em seu peito. Eu queria aquele abraço acolhedor e quente há tanto tempo. Queria aquele encaixe perfeito que tínhamos, aquele ritmo instável e singular batendo dentro de mim. Eu sentia muita falta de tudo isso, e, tendo-o ali, ao meu alcance, me questioneei como pude pensar que as coisas estavam boas sem ele.

Sei que agi de maneira péssima. Admito que quando Matt voltou, eu poderia tê-lo mandado embora e seguido de onde estava até poucos minutos antes. Entrar em meu apartamento e mandar uma mensagem para Victória, dizendo como a tarde com Andrew havia sido adorável. Deveria ter dito que as coisas estavam ótimas sem ele, porque me fiz acreditar, lá no fundo, que realmente estava tudo bem.

Eu tinha Andrew. Ou estava começando a ter.

No entanto, quando Matthew veio se esgueirando de volta para mim sem dificuldade alguma, com aquele sorriso, aquele jeito só seu, me lembrei de que sentia falta de tudo que o envolvia. Sentia falta do tom da sua voz, das suas mãos se



## PERIGOSAS NACIONAIS

encaixando com perfeição nas minhas, de como o toque da sua barba por fazer era boa em meu pescoço...

Eu poderia fazer uma lista, e seria infinitamente maior do que a vontade que eu tinha em acreditar que tudo estava bem sem sua presença. Nunca fui boa em escolher entre razão e emoção. Meu cérebro parecia microscópico em vista do meu coração, que sempre arrumava uma forma de encaixar as coisas e criar planos mirabolantes para que elas funcionassem bem.

As coisas entre nós aconteceram rápidas demais em nossa segunda tentativa, havíamos passado tanto tempo separados que, após uma semana, já estávamos namorando. *Aquele* tipo de namoro, com direito a mãos dadas, sorrisos bobos, status trocados nas redes sociais e declarações melosas.

Começo de namoro, uma boa desculpa para criar apelidos bobos e defini-los como carinhosos.

Por mais idiota que *Lindinho* e *Coraçãozinho* fossem.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Que desonra...

Eu amava o cara que me fazia bem a qualquer momento, eu estando feliz ou não. Eu amava o cara que me arrancava suspiros sem que eu notasse, que me levava para patinar no gelo e que cantava músicas infantis e bobas de um jeito errado apenas para divertir as crianças ao redor.

Eu amava esse homem. Como ele me despertava com café da manhã na cama e seu jeito de beijar minhas costas até eu estar realmente acordada. Como ele decorava cada detalhe sobre mim e sempre me surpreendia, lembrando-se deles quando eu menos esperava.

Eu amava Matt, incondicionalmente, e sabia disso como tinha a certeza de ter dez dedos nas mãos. Compreendia, também, que mesmo sendo a primeira vez que vivia tal sentimento, era puro e verdadeiro, não apenas mais uma história para a lista de amores que ainda teria ao longo da vida. O que eu tinha com Matt era especial, único, e ninguém nunca o substituiria em meu coração.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu sabia quão forte o amava, só não sabia quanto esse sentimento podia extrair de mim.

— Sobre o que era o seu projeto em Amsterdã?  
— eu me lembro de ter perguntado em uma tarde. Matt me olhou confuso e então deu de ombros, jogando na boca as pipocas que tinha na mão.

— Sobre um modelo de energia. Na Holanda, o padrão é a eólica, e meu projeto procurava formas de reduzir gastos com o uso da energia eólica marítima. — Matt sorriu e vi quando sua boca abriu e fechou, prestes a dar mais detalhes técnicos que eu certamente não entenderia.

— Deveria ser bem interessante. — Sorri me aninhando em seu corpo. Matt me encarou com as sobrancelhas franzidas e riu quando tentei imitar sua careta, me dando um selinho antes de se ajeitar no sofá comigo em seus braços.

— Sim, era sim. Você sabia que em Schiedam os moinhos antigos têm uma aura tão romântica e nostálgica que ainda estão de pé? Eles disfarçaram até mesmo uma nova turbina eólica de moinho.

— Então lá é literalmente possível misturar amor e trabalho? — brinquei, e Matt soltou uma risada antes de beijar o topo da minha cabeça com carinho.

— Eu não ligaria de misturar amor e trabalho com você. Não ligaria nem mesmo de ter os dois ao mesmo tempo. Ou fazer os dois ao mesmo tempo. — Deu de ombros, como se a ideia realmente tivesse passado pela sua cabeça. Não consegui conter a gargalhada e o fraco tapa em seu braço.

— Como funcionavam as coisas por lá? — Encostei a cabeça em seu peito e senti seu coração acelerar, me arrancando mais um sorriso.

Eu amava ouvir suas batidas, elas sempre me arrancavam um sorriso bobo, já que todas as vezes que o abraçava sentia seu peito acelerar e perder o ritmo contínuo. Era fantástico saber que eu lhe causava aquilo.

Matt começou a contar com detalhes sobre seu projeto, me encarando vez ou outra e então divagando, sorrindo, gesticulando, tentando me

mostrar ao menos um pouco de como era.

Daquela vez, tentei me convencer de que estava tudo bem sobre o fato de ele continuar ali comigo, porque, para mim, dentro de mim, realmente estava.

Até que fui abrindo meus olhos, pouco a pouco, deixando a máscara de egoísmo cair e vendo como eu estava sendo individualista, quando ele próprio fazia tanto por mim.

— Pizza de calabresa com cheddar? — Matthew se sentou à cama, ao meu lado, e suspirei ao abrir a tampa, sorrindo com o cheiro gostoso que preencheu o ambiente.

— Minha pizza de calabresa com cheddar, por favor — brinquei, pegando o máximo de calabresas que pude e colocando-as na boca.

Matt gargalhou, servindo uma fatia em um prato e logo depois em outro. Enquanto ele procurava algum filme na tevê, enchi nossos copos com refrigerante. Ao notar sua atenção ainda voltada a encontrar um bom canal, tentei ser discreta e roubei

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

algumas calabresas do seu prato, mas o vi me espiando pelo canto do olho, me fazendo gargalhar.

— Eu não deixei você roubar minhas calabresas, senhorita Cecelia!

Sorri prendendo o lábio inferior involuntariamente entre os dentes e coloquei todos os pedacinhos na boca.

Ele apertou os olhos, me encarando por um longo tempo antes de pegar o meu pedaço de pizza e morder. Soltei um pequeno grito e, sem conseguir me controlar, dei um tapa forte em seu braço, soltando alguns xingamentos baixos.

Eu adorava brincadeiras, porém, o que estava em jogo era pizza, e uma das poucas partes que ainda tinha cheddar. Enquanto Matthew ria, acabou engasgando.

Aquilo resultou em longos minutos de risadas e dois copos de refrigerante seguidos para que a situação melhorasse. Quando ele se recompôs, ajeitou as costas na parede e suspirou, secando os olhos vermelhos.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você precisa experimentar a pizza do bar perto de onde eu morava, em Amsterdã. O lugar é estranho, mas eles servem pizza com porção de calabresa todas as quintas-feiras. É maravilhoso, eu costumava ir lá sempre que conseguia uma folga. — Ele sorriu, e tentei disfarçar quanto aquilo havia me atingido em cheio.

Eu não me importava com as lembranças que ele tinha em outro lugar que eu não estava. O que doía era saber que eu continuava sendo egoísta com ele, e tentava enganar a mim mesma dizendo que era apenas coisa da minha cabeça.

Matt notou meu olhar e vi quando suas sobrancelhas se juntaram por uma fração de segundos, suavizando em seguida. Ele deu risada e logo sua boca cheia de óleo estava em meu rosto, me fazendo gargalhar enquanto tentava afastá-lo de mim.

Aquilo foi só mais um pouquinho que me mostrou o suficiente. Matthew não podia ficar comigo, não enquanto sua vida passava e ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

deixava seus sonhos lhe escaparem em virtude de uma paixão que sequer tínhamos ideia como seria dali a algum tempo.

Eu sabia que aquilo era só por mim. Matt interrompera seus planos em outro país apenas para ficar comigo, e isso me enchia o peito, mas não era justo. Por diversas vezes ele deixava escapar quanto sentia falta do que havia deixado na Holanda; como aquilo acrescentaria em seu futuro; como havia se dedicado para conquistar a bolsa de estudos. E ouvi-lo falar com tanto entusiasmo, mesmo quando essa não era a intenção, me fez aceitar que ele precisava partir.

E, com o coração na mão, decidi deixá-lo.

De novo.

Se ele havia desistido de tanto por amor, eu também me sentia na obrigação de fazer o mesmo.

Qual era o nosso problema para sempre acharmos uma forma de dar certo e, ainda assim, não ser o jeito certo?

## PERIGOSAS ACHERON



Matt reclamou. Ele quase chorou. Questionou e disse que estava ali porque sabia o que estava fazendo.

Ele não sabia. E ficou por minha conta pôr um ponto final daquela vez.

Matt era perfeito e não me canso de repetir isso. Éramos perfeitos. O nosso único erro foi nos encontrarmos no momento inadequado.

E então ele foi embora. De novo. Para longe de mim. E a pior parte foi vê-lo partir sem olhar para trás, sem checar se eu ainda estava bem, depois de ouvir tanta coisa.

Precisei engolir o bolo que se formou em minha garganta quando escutei suas palavras frias dizendo que não havia valido a pena ter lutado por mim, porque eu estava desistindo de nós dois da forma mais fácil possível.

E ouvir aquilo, sem ter como me defender, feriu muito.

Tentei explicar, até perceber que ele não

## PERIGOSAS ACHERON

entenderia. Quando aceitei que não o veria novamente, que ele não voltaria em um melhor momento, que absolutamente não tínhamos mais nenhuma chance, eu desmonteí.

*Eu me concentrei no pouco que fomos e no muito que poderíamos ter sido. Pior que a saudade é o irritante e doloroso “e se”. E se tivéssemos tido mais tempo? E se tivéssemos tentado só um pouco mais? E se fossem outras pessoas em nossos lugares, será que elas teriam feito dar certo?*

Daquela vez, meu choro foi diferente. Doía, mas no fundo eu sentia uma pontada de orgulho próprio por ter feito algo por nós dois, mesmo com todas as controvérsias, pois fazia sentido para mim.

E mais uma vez Andrew foi meu refúgio. Ele me ouviu por horas e me entendeu quando eu já não conseguia dizer mais nada, engasgada pelos soluços. Ele me compreendia sem julgamentos e sem repreensões. Ele sabia como era amar alguém que não podia ser seu no momento.

Depois de tudo, em algum momento, comecei a

## PERIGOSAS NACIONAIS

vê-lo com outros olhos. De meu melhor amigo, Andrew passou a ser minha primeira opção. Eu ficava ansiosa para saber o que ele diria, se aprovaria, o que sentiria e como seria.

O foco passou a ser ele, e em uma tarde de inverno, tive a certeza de que estava apaixonada quando Andy me beijou, quando gostei de senti-lo próximo a mim, quando gostei do sorriso que recebi após o nosso beijo e, mais ainda, quando ele tirou o pedaço de algodão doce azul do canto da minha boca, me fazendo rir e levando com esse gesto sutil todo o peso do clima que se instalara entre nós por poucos segundos.

Sempre odiei altura e, na verdade, foi bem irônico que um momento tão bonito tenha ocorrido justamente no topo de um dos brinquedos mais altos do parque. A partir daquele dia, passei a ver rodas gigantes com melhores olhos.

Andrew era uma boa pessoa e eu sempre gostei de ter boas pessoas ao meu lado. Gostava de gastar/ganhar meu tempo com ele.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu podia anotar na minha lista de *Momentos para gostar do Andrew*, se tivesse essa lista, muitos instantes. Sempre preferi momentos a motivos.

Tínhamos a vez em que fomos acampar. Como ele me abraçou o tempo inteiro no meio da floresta fria, até que eu não estivesse mais tremendo nem com os lábios roxos. Ele me fez sorrir mesmo à baixa temperatura, dizendo amavelmente que ainda havia um lado positivo: os três sacos de *marshmallows* cheios para assarmos, e eu podia comer todos os seus.

Também podia anotar o *Valentine's day*, quando centenas de mini corações caíram do meu armário em cima de mim, me pregando um susto. No fundo havia um bilhete com suas iniciais e palavras bonitas que eu sabia serem dele. Aquele bilhete e os vários corações ficaram em uma caixa especial, guardados por muito tempo junto com tudo que era dele. Até eu queimar. E não foi fácil fazer isso, pois cada mínimo detalhe abria uma brecha para um momento grande e importante para mim.

Andrew ficava ao meu lado também quando as

## PERIGOSAS NACIONAIS

coisas não eram apenas flores. Como quando eu discutia com Edward e ele me dizia coisas horríveis, que eu sabia que viria se desculpar logo no dia seguinte. Ainda assim, isso não tornava suas palavras menos duras. Andy ficava comigo, me ouvindo contar com detalhes tudo o que meu irmão dissera, e mexia nos meus cabelos até que eu finalmente estivesse dormindo depois de tanto chorar. No outro dia, se ainda não estivesse completamente recuperada (e na maioria das vezes não estava), eu ganhava sorvete e o direito de escolher um filme para assistirmos a tarde inteira.

E, principalmente, não podia deixar de fora todas as vezes em que íamos a um jogo do time de futebol na faculdade. Andy sempre aceitava ficar ao meu lado, me aturando xingar os jogadores e apertando sua mão de nervoso sempre que perdíamos um ponto. Ele estava lá, com o rosto pintado de azul e amarelo, boné do time, mão enorme de borracha, apito e camisa personalizada, aceitando passar toda aquela vergonha comigo. Eu sempre me empolgava nos jogos e meus outros amigos fugiam de mim, mas ele estava lá. Ele sempre estava lá. Pronto e solícito para me ouvir

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

gritar e, mais ainda, me forçar a tomar o nojento chá de orégano com mel e limão até que minha voz voltasse ao normal no dia seguinte.

E eu poderia citar muitas outras vezes, como o luau em que dançamos até às cinco da manhã.

Ou quando fui o correio elegante em uma das nossas festas e ele me fez ler para mim mesma uma carta fofa e ao mesmo tempo constrangedora.

Ou o dia em que me deu a Margareth, minha Pug, vestida em uma fantasia de girafa apenas para me agradar diante do meu pedido de uma girafa de verdade.

Ou quando fomos à Casa da Bruxa no Halloween e lhe dei um susto tão grande que o fez cair, quebrando o braço. E, enquanto eu chorava de soluçar no hospital, o ouvia rir e dizer que eu havia feito aquele ser o Halloween com mais histórias de toda a sua vida.

Tivemos muitos momentos. Muitas risadas. E é horrível como *tantas* coisas boas podem ser destruídas com apenas *um* algo ruim.

## PERIGOSAS ACHERON

Fomos assim por muito tempo e nos tratávamos dessa maneira, com todo esse carinho. Até a minha viagem de férias para Paris, quando precisei ir sozinha e deixar meus amigos por alguns meses.

Nós nos despedimos. Teve beijo, abraço, carinho, sorrisos, brincadeiras e “*se cuida*”. Estávamos bem.

Porém, logo depois eu voltei.

E ele estava em um relacionamento sério com a ex-namorada do meu irmão. Miranda.

Andrew e Miranda.

O primeiro estágio foi a incredulidade. No começo, preferi não acreditar. Assim era bem mais fácil.

O segundo estágio foi a dor me atingindo. Eu me senti substituível, descartável.

E aí veio o terceiro estágio: mais um amor que se transformou em desamor. Acredite em mim,  
PERIGOSAS ACHERON

desamar é o pior estagio de qualquer coração partido.

Tudo bem, não tínhamos nada firmado. Porém, Andrew era meu amigo e imaginei que pudesse confiar em mim, assim como confiei em falar com ele sobre minha viagem todos os dias. Ele, absolutamente, não tocou no nome de Miranda em nenhum desses dias. Isso sem contar que os meus (os nossos) outros amigos também estavam envolvidos. Se era difícil ouvir deles, quão difícil seria para mim apenas *não* ouvir?

Eu sempre soube dos sentimentos de Andrew por Miranda, mas algo em mim queria acreditar que podíamos dar certo em algum momento. Não me prendi aos seus relacionamentos passados e em como ele sempre arrumava uma forma de estragar as coisas.

Algo em mim queria acreditar que eu ainda podia ser para alguém mais do que só uma noite, ou a garota que feria os sentimentos do primeiro amor por deixá-lo livre. Eu queria alguém que não precisasse viajar para longe de mim, alguém que



não me ignorasse no dia seguinte. Alguém que pudesse fazer ser fácil.

Só isso. Parecia tão simples na minha mente.

Queria acreditar que ele podia gostar de mim, porque eu mesma sentia por ele mais do que admitia. Ter noção de que eu havia servido como *step* era mais humilhação do que eu já havia sofrido todas as outras vezes.

Aquele foi meu desenlace com o grupo. Eu me distanciei sem o menor receio e explicação. Não queria proximidade com eles. Não no momento. Não enquanto via todos apoiando Andrew e Miranda e eu era deixada de lado, quase como se não tivesse importância. Como se eu fosse a errada, sendo que nem mesmo sabia o motivo.

Recuamos uns dos outros, e doeu ver os meus amigos se tornando estranhos de corredor, do jeito que sempre temi que acontecesse. Eles não fizeram muito para mudar isso, o que, mais uma vez, contribuiu para o sentimento de substituição.

Ed e eu formamos um grupo só nosso, mas não

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tinha a menor graça, porque, sinceramente, meu irmão não tinha a menor graça. De qualquer forma, ele foi a melhor parte. Como Edward não era tão próximo do grupo, ser arrancado dali não fez tanta diferença para ele como fez para mim.

Ele não tinha a amizade de Victória, a amizade forte que confiava tudo. Ele não havia sido traído por ela. Ed não conhecia Nick tão bem como eu. Nick não me mandou sequer uma mensagem avisando para eu estar preparada quando voltasse. Ed não confiava cegamente em Andrew, e esse não o havia desestruturado.

Ed só estava triste pelo que havia acontecido com Miranda, já que também havia sido uma surpresa para ele. Meu irmão tentava a todo custo me animar, até chegou a se atrasar para uma de suas aulas depois de uma noite de bebedeira comigo, mas só com ele não tinha a graça com a qual eu estava acostumada. Apenas gostei de ser mimada e ver como ele ainda se importava com sua irmã mais nova, depois de não demonstrar afeto daquela maneira por tanto tempo.

## PERIGOSAS ACHERON

Estava na hora da troca de aulas quando me sentei na arquibancada do ginásio, abrindo um livro para tentar ler mais uma parte. Eu vi o grupo de longe em uma mesa do campus e eles pareciam diferentes, calados e quase melancólicos. Éramos o grupo mais barulhento da faculdade, e agora estávamos em silêncio, cada um com o seu silêncio.

— Acho que eles sentem sua falta. — Eu me sobressaltei ao ouvir alguém falar comigo. Olhei para o lado depressa.

Lilith acenou sem jeito, antes de se acomodar em um dos muitos espaços vagos próximos a mim.

— Escutei Miranda falando que queria conversar contigo, mas tem medo de como você pode reagir — disse em voz baixa, como se me revelasse um segredo.

Encarei minhas unhas, passando a ponta dos dedos pelos lábios, sem saber bem o que responder.

— Eu realmente não sei se quero que ela venha falar comigo. Não agora. Deus, isso soa tão ensino fundamental... — Ri sem humor, sentindo os olhos

PERIGOSAS ACHERON

arderem.

— Como você vai saber se não tentar? — Lilith se aproximou, se ajeitando bem ao meu lado. Eu a encarei, engolindo o bolo na garganta que me sufocava. — Se só pensar nas coisas ruins que aconteceram, nunca vai conseguir se lembrar de tudo de bom que eles já fizeram por você. — Ela sorriu, contida e sincera.

Juro que tentei não admitir, mas sabia que ela estava absolutamente certa. Entretanto, eu ainda estava com raiva e tinha o direito de não querer aceitar suas palavras.

— Eu realmente não acho que seja uma boa ideia.

— Cecelia, olhe para mim. — Ela me empurrou gentilmente com um ombro. Eu me virei só o suficiente para lhe dar atenção. — Vamos me usar como exemplo. Imagina se eu tivesse pensado só que o meu ex-namorado terminou comigo por sua causa? Eu nunca teria vindo falar com você! — Ela riu, tão fácil que eu corei sem jeito.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Matt e eu não fizemos nada... enquanto ele estava com você, Lilith. Eu juro — tentei argumentar, torcendo para que aquela frase fizesse para ela tanto sentido quanto fazia para mim. Ela soltou um muxoxo franzindo o nariz.

— Viu? Você acabou de me dar mais um motivo para gostar de você. — Ela deu de ombros, e eu sorri sem poder me conter, pensando em como sua teoria fazia sentido.

Prática e simples. Quaisquer outros adjetivos não a descreveriam melhor.

Foi desse jeito que Lilith, a ex-namorada do meu ex-namorado, se tornou minha amiga. E foi desse jeito também que ela nunca mais deixou de ser, um dia sequer.

Para minha total sorte.

## PERIGOSAS ACHERON

Número 4:  
Ethan Dufour



*“Olhe para as estrelas, olhe como elas brilham  
para você.”*

**Yellow – Coldplay**

Ethan Scoot Dufour foi um caso longo, no entanto, simples de ser contado. Ele apareceu na minha vida quando as coisas não estavam muito agradáveis, mas ao menos me deu algo bom. Ethan não ficou depois que a bomba explodiu, me poupando o constrangimento de deixá-lo ver a forma como me feriu.

Depois que Lilith e eu nos aproximamos, conheci um novo grupo de companhia composto por oito meninas para chamar de amigas.

Emma era a estranha do cabelo colorido que tinha preguiça de pensar, a maioria de suas primeiras respostas eram “*Ãh?*”.

Esther era a que possuía as ideias mais criativas, porém sempre dramatizava as coisas.

Clarisse resolvia tudo com um “*manda ir se foder*” e, por mais que seu rosto fosse sereno, ela sabia dar uns bons socos.

Elisa, a irmã mais nova de Clarisse, nunca entendia piadas de duplo sentido. Lizz queria

PERIGOSAS ACHERON

mostrar que podia ser adulta quanto a muitos dos nossos assuntos, mas sua falta de malícia não lhe permitia isso nem de longe.

Catherine era quem sabia ouvir. Ela teve um papel crucial sobre esse desamor.

Allison podia ser considerada a mais doce entre nós, quase literalmente. Além do seu jeito terno, as delícias que preparava na cozinha pareciam misturar-se ao seu aroma. Alli cheirava a *cupcake* de amora e tomava isso como um elogio e tanto.

Também havia Julie. Ela me assustou no início com seu jeito rude, e levou um tempo para que me aceitasse no grupo, mas quando o fez, ao perceber que eu não a magoaria, passamos até mesmo a trocar elogios e risadas. Ela possuía um pequeno problema de confiança, um trauma ou algo assim.

E, claro, tinha Lilith, que a cada dia se mostrava melhor do que eu podia imaginar.

Era um grupo animado, porém diferente do que havia me acostumado por tantos anos. Eu gostava do “*bom dia!*” exagerado e sorridente de Emma

PERIGOSAS ACHERON



quando chegava à faculdade, mas também sentia falta do mau humor rotineiro de Victória. Gostava dos abraços que recebia da melosa Esther, no entanto, sentia uma saudade doída do ritual que Nick e eu tínhamos toda manhã. Mergulhar *marshmallow* no chocolate quente havia perdido completamente a graça.

De qualquer forma, tê-las comigo me fazia bem, eu gostava das minhas novas amigas e de como elas me tratavam, além de apreciá-las por terem acolhido com tanto carinho uma estranha com quem antes trocavam apenas algumas poucas palavras nas trocas de aulas. E foi no meio dessa agradável amizade que conheci Ethan. Um meio bem exato, na verdade, um meio chamado Catherine.

Ethan era o irmão gêmeo de Catherine, e eram notáveis algumas semelhanças entre eles, assim como também ficavam visíveis as diferenças. Os dois dividiam o mesmo tom de olhos cor de mel e os mesmos cabelos escuros. Os de Catherine chegavam até sua cintura, mas os de Ethan não cobriam parte alguma do seu rosto.

Os dois tinham vinte e quatro anos, porém ele, por vezes, poderia se passar por alguém com quase trinta. Isso não queria dizer que Ethan parecia velho, que a profissão desgastara sua aparência e nem nada do tipo. Ele só tinha um sorriso, uma barba (muito linda, por sinal) e vestia roupas tão alinhadas que todo o aglomerado lhe dava um ar maduro e elegante que poucos em sua idade possuíam.

Ambos também compartilhavam o mesmo ar gentil, essa era a característica marcante dos Dufour, que podia ser vista de longe.

Ethan era piloto de avião e passava a maior parte do tempo na França, local de sua base aérea, por isso seu sotaque era bem diferente, tanto da irmã quanto de qualquer outro cara que eu já tivesse conhecido. Ele tinha um charme exclusivo, e seu sorriso de lado sempre me fazia suspirar quando vinha acompanhado de sua risada e de seus olhos atentos em mim.

Catherine era sonhadora, carinhosa e atenciosa. Em todos os casos tentava entender o assunto para

então ajudar da melhor maneira possível com seus conselhos. Ela foi a maior surpresa dentre todas as minhas novas amizades. Claro que eu amava as que tinha antes, porém, quando Catherine e eu começamos a conviver, vi quanto tínhamos em comum e quanto ela fizera falta na minha vida até então.

Logo não nos desgradamos, daquele jeito exagerado mesmo, com direito a noites de cinema e tardes de sorvete. Eu nunca tivera alguém assim, que aceitasse e dividisse comigo o meu lado cor-de-rosa, e Catherine era exatamente esse tipo de amizade.

E então, em uma dessas noites “*adolescentoscas*”, o conheci.

Ethan tinha o mesmo jeito cativante da irmã, e foi vestida em meu pijama de corações e calçando minha pantufa de ursos que o vi pela primeira vez. Meu cabelo estava imundo. Minhas unhas descascando. Minha boca suja de sorvete de chocolate. Resumindo, minhas condições eram deploráveis. Entretanto, o jeito que ele olhou para

## PERIGOSAS NACIONAIS

mim, tão fixo e profundo antes de dizer qualquer palavra, fez com que eu me sentisse a mulher mais linda do mundo.

Tenha cuidado ao confiar no olhar de alguém. Olhares não dizem nada, como as pessoas costumam pensar. E, se dizem, pode se tratar de uma ótima mentira.

— Você podia ter me avisado que voltaria hoje!  
— Catherine gritou assim que apareceu no corredor que ligava a sala à cozinha e correu em direção a ele, empolgada, pulando em seu colo.

Eu me senti um pouco intrometida no meio dos dois e sugeri que era melhor eu ir embora, afinal, sabia que Ethan vivia viajando, pelo tanto que minha amiga falava, e acreditava que preferia relaxar sossegado quando estivesse em casa.

Mas ele respondeu, com um sorriso sincero no rosto, que seria melhor se eu ficasse. Catherine me fitou desconfiada. Pelo olhar que me lançou, e conhecendo-a como conhecia, sabia que quando estivéssemos sozinhas, ouviria suas gracinhas sobre

## PERIGOSAS ACHERON

nós dois.

Ethan passou a noite nos fazendo companhia, o que achei gentil de sua parte, pois ele provavelmente estava cansado para lidar com duas garotas em uma noite de meninas.

Naquela noite, Catherine, *magicamente*, decidiu dormir cedo, me deixando “a sós” com Ethan enquanto descansava com a cabeça no meu colo, sorrindo durante todo o tempo.

Eu não sabia se sentia raiva por ela ter armado aquilo para mim ou se a agradecia, afinal, Ethan era fantástico. Nossas conversas fluíam, ele tinha assunto para mais de horas, isso sem falar no seu charme. Nossas risadas eram baixas devido ao horário e por estarmos em um apartamento, porém eu sentia lá no fundo uma fagulha se acendendo depois de tanto lutar para apagá-la. Estar com ele era como uma descarga elétrica de vida nas borboletas coloridas esquecidas em meu estômago.

As coisas com Ethan não foram imediatas. Meu encanto por ele e sua personalidade, sim. Nossa

## PERIGOSAS NACIONAIS

relação, com certeza não. Demoramos quase um ano, para ser bem específica, e eu tive bastante tempo para me acostumar com ele.

É espantoso como o tempo pode passar tão rápido e as coisas continuarem na mesma. Minha amizade com o antigo grupo ainda era estranha. Na verdade, não havia amizade alguma, mas já trocávamos algumas palavras vez ou outra. Exceto Miranda e Andrew. Com eles ainda era a mesma situação, o mesmo andar desconfortável quando nos víamos, o não saber onde deixar as mãos ou para que ponto olhar.

O que Ethan e eu tínhamos não era bem específico. Entre nós não havia rótulos, sempre odiei rótulos, possuem informações e delimitam demais. Nunca tínhamos falado sobre o assunto abertamente, mas tudo levava a crer que era, sim, uma relação.

Nosso tratado de ficantes exclusivos. Nossos jantares sempre que ele estava em terra firme. Os olhares mortais que lançava aos caras que me encaravam quando saíamos. Seu ciúme. Datas

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

especiais comemoradas juntas. Chocolates e flores. Surpresas. A chave do seu apartamento no aparador da minha sala. Seu cavalheirismo em sempre me abrir as portas e nunca me deixar pagar as contas. A forma como agíamos, estando juntos sempre que possível e lamentando quando não podíamos.

Eu cursava o terceiro ano de Literatura quando Ethan e eu soubemos que o que tínhamos era basicamente um namoro, e tive certeza que tê-lo comigo me fazia bem no meu aniversário de vinte e dois anos.

Clarisse me tirou de casa pela manhã e passamos o dia inteiro no shopping, conversando e aproveitando promoções e novas coleções. Além disso, fomos ao salão, comemos e enchemos nosso refil de refrigerante tanto quanto pudemos. Eu adorei nosso encontro, entretanto, senti falta das outras meninas, que nunca negavam uma ida ao shopping. Claire foi uma boa distração, mas sendo meu aniversário, eu sabia que tudo aquilo não passava de desculpa para uma festa surpresa.

Mas, claro, não estragaria seus esquemas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Às seis horas da tarde, quando reclamei estar cansada, ela assentiu e correu para o banheiro, me deixando com as batatinhas fritas especiais na mesa. Tentei não rir, mas sua falta de sutileza e discrição denunciavam tudo o tempo todo.

O caminho que deveria levar até o meu apartamento, na verdade, seguiu rumo à casa de Catherine. E quando perguntei o motivo, Clarisse respondeu que precisava entregar uma encomenda para Cath. Eu concordei, claro, tentando soar casual.

Subimos os andares pelo elevador e, ali mesmo, minha amiga arrumou meu cabelo e ajeitou meu vestido, me arrancando risadas. Quando chegamos ao apartamento de Catherine, sorri ao ver todas as meninas pulando dos seus esconderijos soltando balões e jogando confetes e serpentinas em cima de mim, o que me fez rir e xingá-las quando quase engoli alguns corações de papel.

Eu me lembro de ter coçado os olhos, ainda entre risadas, enquanto tirava um mini pedaço da bochecha, e quando olhei para os rostos que

## PERIGOSAS ACHERON



estavam ali, me surpreendi ao ver Ethan um pouco atrás de Catherine, segurando uma caixa branca nas mãos e com um pequeno sorriso de lado emoldurando seu rosto.

Arregalei os olhos soltando um pequeno grito e corri em sua direção, me jogando em seus braços. Eu não o via há quase dois meses, e sentir seu abraço aplacou a saudade de tanto tempo. Meu novo círculo de amizades era incrível, e eu não podia deixar de pensar na minha sorte por tê-los.

Minhas amigas cantaram *Parabéns a você* logo depois de colocarem um chapéu colorido extravagante na minha cabeça, e aquele foi o bolo mais gostoso que comi em toda a vida. Chocolate com nozes. Eles realmente conheciam meus gostos e me senti completamente satisfeita por termos isso em tão pouco tempo.

Presentes, bolo e bolas depois, as pessoas foram se dispersando aos poucos. Já passava das duas da manhã quando Claire acenou para mim e me abraçou antes de também ir embora. Agradei dizendo que ela havia sido imensamente discreta, e

eu nunca vou saber se a risada que recebi significava que ela tinha acreditado em mim ou se estava sendo irônica.

Muito provavelmente ela estava sendo irônica.

Catherine disse que poderia arrumar tudo aquilo no dia seguinte, e avisei que voltaria para ajudá-la. Ethan informou que me levaria para casa e eu assenti, exausta, acomodada em seus braços no sofá. Ela nos deixou sozinhos e, suspirando, tomei coragem para me levantar. Ethan me impediu, se ele fizesse aquilo mais uma vez, eu dormiria no estofado sem me importar.

— Ainda não entreguei seu presente. — Ele acariciou minha bochecha e eu torci o nariz, sorrindo em seguida. Olhei para a caixinha ao seu lado e ele anuiu, rindo enquanto a pegava e a estendia em minha direção. — Feliz vinte e dois anos, Cecelia. — Ethan beijou minha testa e em seguida deixou um selinho em meus lábios, me arrancando mais um sorriso.

Desfiz o laço de fita cor-de-rosa com cuidado e,

assim que tirei a tampa, arregalei os olhos ao ver um iPod prata entre fios de seda dentro da caixa. Ele deu risada e tirou o aparelho junto com um fone de ouvido branco. O ligou e notei uma foto espontânea nossa tirada por Esther em uma das nossas idas ao zoológico.

Ethan ajeitou um lado dos meus cabelos atrás da orelha e colocou um fone de ouvido em mim e outro em si mesmo. Sorri quando *Why can't I*, da Liz Phair, abriu a lista.

— Quer dançar comigo? — Ele me estendeu o braço com um pequeno sorriso preso em seus lábios. Dei risada, sentindo os olhos marejarem antes de morder o interior da bochecha e assentir sem a menor condição de negar.

Ethan abraçou minha cintura e pendurei meus braços em seus ombros, fechando os olhos e guardando na memória aquele momento como se estivesse assistindo a cena, e não vivendo-a. Pisei em seu pé uma vez e me desculpei, rindo. E então pisei de novo. Meus olhos queimavam de tanto sono, mas aquele momento estava sendo tão

mágico que eu não queria pôr um fim.

Ethan me puxou até que eu estivesse com os dois pés sobre os seus, e eu ri baixinho, ajeitando a cabeça em seu ombro e sendo guiada por ele em nossa dança única e suave.

Logo Hanson tocando *Save me* preencheu nossos ouvidos e eu comentei sobre como adorava a letra daquela música. Por mais melancólica e desesperadora que fosse, ela sempre me preenchia pela forma como mostrava quanto uma pessoa podia amar outra. Além de a melodia ser gostosa e envolvente, claro.

Quando *It's gonna be me* começou a tocar, Ethan suspirou me abraçando mais forte e forçando um sorriso, que me fez rir. Eu sabia quanto detestava 'N Sync, mas ele sabia quanto eu adorava. *Bye bye bye* também estava na *playlist*, e o ouvi reclamar mais uma vez sobre o repertório, mas me senti completamente boba ao saber que ele havia a montado com base nos meus gostos. Nossas conversas realmente haviam sido válidas.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que *Oops!... I did it again* da Britney Spears começou a soar, eu vi sua boca aberta para reclamar de novo, porém, diante do meu olhar, ele se calou sem pensar duas vezes. Ethan não seria louco de falar mal da Britney na minha frente.

A última a tocar, foi *Yellow*, do Coldplay. Ethan sussurrou trechos bem baixinho em meu ouvido, aquela canção combinava muito com nós dois. Enquanto sentia o ritmo e a força que a melodia ganhava em suas palavras, me peguei pensando em como eu era sortuda por tê-lo.

Às vezes ficávamos em silêncio, apenas curtindo a companhia um do outro. Em outras ocasiões, comentávamos sobre músicas, a vida, sonhos e coisas aleatórias.

Eu não poderia escolher apenas um momento favorito entre todos.

Nossa relação evoluiu aos poucos devido às suas viagens, o que eu compreendia, mesmo que sentisse falta de alguém mais presente. Ainda assim, estar com ele era bom, era como se todo o tempo que

## PERIGOSAS ACHERON

passávamos afastados servisse para aumentar o nosso... carinho.

Ethan me tratava bem. Era gentil, carinhoso e atencioso. Sempre reparava em minhas roupas novas e não poupava elogios, desde como o meu cabelo estava lindo naquele dia até a forma como eu sorria diante de uma situação. Ele era fantástico.

Mas não era amor. Eu conhecia o amor, e o que sentia por ele era forte, mas não era amor.

Amor não se descreve com exatidão, ele só é sentido e entendido por quem o vive. Por mais triste e irônico que fosse, eu podia descrever meu sentimento por Ethan. Conseguia descrever com detalhes como me sentia em cada momento ao seu lado e como era quando ele me tocava ou me beijava.

Ele parecia perfeito. E foi perfeito para mim, sendo honesta. Ele me pôs no alto quando eu já estava em estado negativo comigo mesma. Ele me fez sorrir quando eu achava que isso nunca mais aconteceria com qualquer outro homem. Ele me

## PERIGOSAS NACIONAIS

deu boas lembranças, sorrisos largos e incríveis fetiches de sexo no avião.

Porém, um dia ele também se deu conta de que éramos bons juntos, mas talvez fosse melhor estarmos separados.

E, por fim, acabou. Terminamos sem ao menos começarmos exatamente.

Eu confesso que não fiquei magoada, apenas senti falta do que já estava habituada. Dos mimos, do carinho, das noites vendo tevê abraçada a ele e sentindo seu cheiro para me lembrar quando ele não estivesse comigo, de ter alguém para me cobrir de madrugada ou mexer nos meus cabelos. Margareth, minha Pug, adorava sua companhia, e muitas vezes ficava no cantinho do sofá, cabisbaixa, esperando ele tocar a campainha. Eu senti saudades das suas massagens. Deus, como as massagens dele eram boas!

O que me magoou, de verdade, foi saber que Ethan também estava em outro relacionamento havia um tempo, e que Adelaine, uma comissária

## PERIGOSAS ACHERON

francesa, estava em uma gravidez adiantada.

Ele sabia disso. E escondeu de mim. Mentiu para mim.

Eu, mais uma vez, não era suficiente.

Catherine pareceu mais abalada e surpresa com a notícia do que eu, para ser honesta. Isso se dava, em parte, pela mentira do irmão, mas também por ele ter escondido algo tão sério quanto um bebê. Eu vi em seus olhos decepção, mil e uma formas de tentar se desculpar pelo que Ethan fizera e, principalmente, deixar claro que ela não tinha a mínima ideia de toda essa história envolvendo outra pessoa.

Como se tivesse passado pela minha cabeça culpá-la. Sempre soube que Ethan vivia boa parte de sua vida na França, e lá mantinha uma rotina, afinal, era de lá que partia em suas viagens. Minha amiga não podia monitorar seus passos, muito menos saber com quem ele se relacionava em outro continente.

Eu sabia que não era amor, mas pensava que

# PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

havia respeito.

Não havia nada. Apenas uma trouxa à sua espera em terra firme na América.

Sejamos sinceros, nunca houve nada. E ainda assim eu insistia.

# PERIGOSAS ACHERON

Número 5:  
Dean Sherwood



*“Se não é para sempre, se é só esta noite,  
continua sendo a melhor, a melhor, a melhor.”*

**Sex on fire – Kings of Leon**

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan foi o último passo que dei enquanto ainda confiava em mim mesma.

Dean foi o primeiro passo que dei de olhos vendados. O completo oposto de qualquer cara que já tivesse conhecido.

E foi um passo em falso.

Eu não sabia onde estava me metendo, porém, não ligava a mínima. Matt estava longe. Minha amiga namorava meu melhor amigo e nenhum dos dois falava comigo. Ethan mentira para mim e agora acompanhava uma noiva barriguda e ciumenta em outro país.

Eu acreditava que não havia mais nada de bom em mim, mas queria que alguém aparecesse e extraísse de mim o que nem eu mesma pensava mais ser possível, ao passo que não queria esperar que houvesse algo de bom, porque admitir isso seria aceitar que eu ainda tinha um lado fraco. E esse lado sempre sofria. Permitti-lo que doesse mais uma vez era completo masoquismo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Até que em um momento crítico, de supetão, quando meus olhos doíam de tanto chorar, logo após uma noite de tequila com minhas amigas, eu decidi que mudaria. Já bastava de sofrer todas as noites pelo que não havia dado certo.

As meninas comemoraram comigo minha volta por cima, principalmente Catherine, que depois de tudo ainda carregava certa culpa pelo que o irmão fizera.

Eu não a culpava nem a julgava, não havia como ela saber, assim como também não era culpa sua que Ethan fosse um mentiroso babaca. A ligação de irmãos gêmeos com eles não existia, pois gêmeo algum que se preze esconderia um bebê da irmã louca por crianças, ou somente *da irmã*.

Ela havia nos apresentado e, querendo ou não, era a pessoa mais próxima de nós dois. Catherine me contara diversas vezes os pontos positivos do irmão, destacando e frisando com maestria cada um deles.

Ele nos enganou direitinho e conseguiu estragar

## PERIGOSAS ACHERON

todos os adjetivos que havia ganhado um dia.

Catherine nunca magoaria alguém daquela forma, e eu via em seus olhos e em suas tentativas de me alegrar quão triste estava por ter que passar por aquilo tudo apenas como expectadora, sem poder fazer nada para que eu me sentisse melhor.

Naquela noite de sexta, enquanto aceitava que logo as coisas mudariam, comemorei comigo mesma. E depois, chorei. Chorei por ter permitido que todos os caras cavassem a minha cova, e chorei por ter me deixado cair nela.

Na manhã seguinte, coloquei meu plano de reconstrução em prática. Mudei o cabelo, repicando o comprido castanho liso sem graça em diversas camadas e o iluminando com mechas loiras. Gostei do resultado final, principalmente de como estava super diferente do que era antes.

Meu guarda-roupa foi renovado com minhas economias e distribui em caixas para doação todos os meus vestidos que, como diziam, davam o *ar de princesa* que tanto combinava comigo. Eu me

despedi de todos sem a menor cerimônia.

Minhas unhas, antes sempre pintadas em tons cor-de-rosa ou branco, passaram para tons vermelhos ou vinho. Eu me transformei no total inverso de mim mesma, e muito além da aparência, mas no andar, no falar e até mesmo no sentir. De alguma forma, eu me sentia completamente diferente. Eu me sentia bem.

Minhas amigas me ajudaram tanto quanto puderam. Todas as terças e sextas-feiras íamos para *pubs* e boates, isso, é claro, sem contar quando éramos convidadas para festas particulares. Não me lembro de uma só noite que tenha saído sozinha, assim como não fazia a menor questão de me lembrar deles no dia seguinte.

Marc. Brandon. James. Sebastian. Nathan.

Além de outros. Muitos outros.

Minha única regra era não ficar a noite toda, eu sempre saía no meio da madrugada ou enquanto o cara estava no banho, mas *nunca* ficava. Isso não era empecilho para nenhum deles. Para mim, era

PERIGOSAS ACHERON

perfeito. Eu não tinha tempo nem vontade de me apegar a ninguém, e o revezamento ajudava estupidamente nisso.

Meu *pub* favorito ficava no centro de Los Angeles, e conseqüentemente era o que eu mais visitava, já que iluminação, música e, claro, bebida, eram as melhores.

Terças e sextas. Já estava acostumada aos rostos que circulavam por ali e pensei comigo mesma que aquela noite não seria proveitosa quando me sentei em frente ao balcão, exausta de tanto dançar. Pouco depois, o barman me entregou uma dose de uma bebida vermelha. Estava para dizer que aquele pedido não era meu quando ele indicou o homem na outra ponta, que me encarava com um copo na mão.

E, merda.

Aquele era Dean. Meu passo em falso.

Desde que o vi pela primeira vez, soube que ele era diferente dos homens que eu estava acostumada. Talvez fosse o jeito que me olhava, ou

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

a nuvem invisível que o envolvia, mas ele era diferente.

De qualquer forma, não havia problema algum, afinal, eu mesma estava adepta a mudanças, mais uma podia ser bem interessante.

Eu me aproximei após sorver um pouco do conteúdo do copo que foi entregue a mim pelas mãos do homem atrás da bancada. A primeira lição que aprendi nas minhas noites com as meninas foi que bebidas pagas só valiam se fossem entregues pelas mãos do barman.

Poucos passos e vi o pequeno e contido sorriso em seu rosto. Fui descobrir seu nome logo depois, e era irritante, porque eu adorava dizê-lo. Cecelia também soava muito bem na sua voz.

Dean se levantou e notei quão mais alto que eu ele era. Nada muito exagerado. Sua aparência não era formidável, porém, passava longe do comum. Seu queixo quadrado lhe dava um ar sério e forte que combinava muito bem com sua barba escura e perfeita. Eu realmente tinha sorte com a barba dos

## PERIGOSAS ACHERON



homens que conhecia, só não tinha sorte com os próprios homens.

Seus olhos pareciam completamente escuros, mas quando um ligeiro feixe de luz passou por seu rosto, notei que eram cor de mel. Ele aparentava ter saído do trabalho e passado por lá para algumas bebidas, ao menos era isso o que sua calça escura e a blusa social com as mangas dobradas até o meio do braço davam a entender. Sua pele era clara e tudo nele era um amontoado atraente, novo e, principalmente, misterioso.

— Recebeu minha bebida, Loira? — perguntou forçando um pouco a voz devido ao barulho. Quando me olhou, notei sua língua passar pelos lábios discretamente antes de me encarar de cima a baixo. Franzi o cenho prendendo um sorriso.

— Já chega em mim com intimidade? Eu conheço você? — Eu o olhei de lado. Dean apenas deu de ombros.

— Posso te chamar como chamo todas as outras.  
— Ele bebeu um pouco da sua bebida, me olhando

nos olhos em seguida com um sorriso condescendente no rosto.

Precisei de bastante autocontrole para continuar de pé, admito. Mordi os lábios e apertei meus olhos, não deixando de notar seu tom presunçoso.

— Eu não disse que não gostei, relaxa — esclareci, levantando as mãos em sinal de paz.

— Bom. — Ele virou o copo quase vazio antes de descansá-lo na bancada e me fitar mais uma vez, com o mesmo pequeno sorriso no rosto. — Não acha que esse lugar está um porre? — Dean comentou, e eu ri, olhando ao redor.

Aquele lugar estava perfeito, no entanto, sabia que podia ficar muito melhor.

— Completamente. O que você sugere? — Eu me apoiei sobre um dos braços na bancada, o encarando com atenção. O sorriso em seu rosto poderia ter me assustado, se não tivesse me excitado.

— Pode escolher.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai em frente. — Ri baixinho antes de sorver outro gole da minha bebida. — Você deu a ideia. Tem algo em mente? — Deixei meu copo vazio de lado.

Dean sorriu e, sem precisar de um convite mais claro, passou um braço ao redor da minha cintura beijando a parte abaixo da minha orelha.

— Sim, mas não é... apropriado. — Sua voz rouca me roubou um sorriso no canto dos lábios, enquanto me encolhia e sua boca conhecia pela primeira vez meu pescoço.

— Hum... E o que seria? — Espremi os olhos ao sentir seus dentes passarem pelo lóbulo da minha orelha, me arrepiando.

— Quer mesmo saber, Loira? — Dean se afastou apenas o suficiente para que eu o encarasse. Assenti, apoiando minhas mãos em seus ombros, o olhar tão fixo no seu quanto o dele no meu. Ele sorriu mais uma vez para mim, intercalando entre meus olhos e minha boca. — Estava pensando que seria bom fazer com você algumas... atividades que

## PERIGOSAS ACHERON

exigem certo esforço físico e nenhuma peça de roupa. — Suas mãos seguiram caminho pelas minhas costas e ele me encarou.

Eu me orgulhei por ter escolhido um vestido de costas decotadas e ter sentido seu toque quente. Ele era muito bom.

— Me parece bem interessante — comentei com um dar de ombros, tentando (e conseguindo) parecer bem menos empolgada do que realmente estava. — Na sua casa ou na minha?

Ele riu antes de me encarar, um sorriso largo e quase predatório em minha direção.

— E quem disse que precisa ser dentro de casa?

Um resquício da antiga Cece voltou e arregalei os olhos, disfarçando o mais depressa possível. Agradei a luz baixa.

— O primeiro lugar que você pensar. É para lá que vamos.

O primeiro lugar que me veio à mente envolvia  
PERIGOSAS ACHERON

água, muita água. Fiquei receosa de dizer, mas o sorriso que recebi foi o estopim necessário para empurrar com força qualquer sentimento de vergonha ou receio.

— Uma piscina, talvez.

— Tenho um clube que fica próximo daqui. — Ele me estendeu a mão e eu mordi os lábios, ponderando sobre aceitá-la ou não. Algo me dizia que aquilo era uma péssima ideia.

Entretanto, eu estava começando a me acostumar com péssimas ideias, e Dean me parecia uma *ótima* péssima ideia naquele momento.

Aceitei tão rápido quanto o “sim” veio à minha boca, e o segui para fora do *pub* antes que perdesse a coragem.

Tudo bem, eu estava um pouco insegura.

Na verdade, apavorada. Completamente apavorada.

Já tivera outros encontros nesse meio tempo e

## PERIGOSAS ACHERON

podia até mesmo jurar que estava acostumada, mas algo naquela noite transcorria diferente. A posição de Dean, sua autoconfiança. Eu gostava daquilo, por mais que não estivesse habituada, era uma sensação gostosa que mesclava em mim curiosidade com um leve traço de temor.

Nosso toque não era nada carinhoso ou íntimo, e nossos dedos não estavam entrelaçados, como de praxe. A ponta dos seus dedos não passeava pela minha pele como é descrito a maioria das vezes nos romances. Era algo superficial. Completamente raso e aparente.

Eu o segui, lado a lado. Não conhecia o local que ele mencionara, mas parecia que a cada passo ficava ainda mais distante.

— É muito longe daqui? — Mordi os lábios, encarando-o. Mil e uma coisas passaram pela minha cabeça, mas engoli minhas teorias e continuei o acompanhando.

— Não, duas ruas para cima. — Dean me fitou e riu antes de seguir em frente com um olhar

debochado. — Você não precisa ficar nervosa.

— Quem disse que estou nervosa? — Revirei os olhos enquanto meus lábios ainda estavam concentrados em morder qualquer parte interna da boca e das bochechas.

— Talvez os seus lábios mordidos tenham me mostrado isso — ele sussurrou em meu ouvido, e senti meu rosto esquentar. Não queria parecer ridícula na frente dele depois de tanto esforço para mostrar que não estava espantada com sua proposta.

Assim que levantei o olhar, vi um letreiro em letras garrafais e brilhantes anunciando o clube, supondo que fosse aquele.

— Isso não quer dizer muita coisa, na verdade. Quando o vi, você não me parecia desse jeito. — Soltei os lábios dos meus dentes, focando nisso.

Nada de morder a boca. Certo.

— Que jeito?

— Você me pareceu mais... Hum... — Cocei a nuca pensando em alguma palavra. Existia um antônimo para definir um cara que te chamava para transar no primeiro lugar que viesse à mente? — Devagar.

— Devagar? — Ele riu alto, com gosto, e eu acenei sem graça para o porteiro assim que ultrapassamos os limites do portão. — Sou apenas discreto. — Dean sorriu, um sorriso espontâneo e marcante que eu ainda não tinha visto em nenhum outro cara.

Não que eu pretendesse prestar muita atenção, mas Dean era completamente notável. Sempre.

A piscina do clube ficava na parte de trás, no subsolo. Pegamos um elevador e, no instante em que as portas se fecharam, notei um pequeno fio solto no meu vestido, bufando comigo mesma. Eu havia comprado aquele modelo há pouco mais de duas semanas, e era de uma coleção nova.

Se não estivesse tão concentrada em algo idiota, teria notado o olhar que ele me deu e não seria pega



## PERIGOSAS NACIONAIS

de surpresa ao sentir minhas costas contra a parede do elevador e sua mão em meu rosto antes de iniciar um beijo quase desesperado.

Dean beijava (me desculpe a expressão) *bem pra cacete*. Ele tinha gosto de menta e sabia a força exata a aplicar em meu cabelo quando o puxava. Usava a língua de forma extraordinária, e não era diferente com os dentes. Suas mãos sabiam onde estar e como estar. Eram maravilhosas e ficavam bem em qualquer parte do meu corpo, parecia uma maldição. Tudo nele era excitante e quente. Era terrível e, ao mesmo tempo, magnífico.

Ele tinha um cheiro bom, forte e inebriante, e adorei senti-lo enquanto beijava seu pescoço e mordiscava-o. Sempre fui fã de mordidas, e sua pele era macia, perfeita para esse fim.

Afastei-me apenas o suficiente para ver a pequena marquinha vermelha. Sorri, sugando o local exato em seguida. Escutei seu rosnado contra a minha pele e no instante seguinte minhas pernas estavam envoltas em sua cintura. Ele me encarou com um sorriso maldoso antes de colar a boca na

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

minha e sorrir ao me beijar. Seus olhos brilhavam de uma forma tão maliciosa que me parecia impossível alguém como ele me deixar sair viva daquela situação.

Era fantástico.

Minhas costas estavam apoiadas na borda da piscina, e graças a ela consegui me manter. Minhas unhas raspavam o azulejo e eu jurava que poderia quebrá-las enquanto sentia a sua devoção pelo meu corpo, sua barba arranhando a parte entre meu queixo e meu pescoço. Meu corpo instintivamente seguiu em sua direção, ansiando por mais enquanto suas mãos pressionavam minha nuca e sua boca estava presa à minha.

Ele se afastou o suficiente para me olhar, meus cabelos presos entre seus dedos enquanto mordiscava meu pescoço e eu era obrigada a escutar os seus gemidos roucos contra a minha pele. Dean me encarou e engoli em seco quando ele olhou algo atrás de mim e riu acenando. Podia jurar que minhas bochechas estavam mais quentes que fogo, tanto que ficaram dormentes.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas que... — Minha voz soou baixa e senti meus olhos se arregalarem cada vez mais. Ele sorriu e me puxou pela nuca, selando seus lábios nos meus. Notei quando, discretamente, sua mão se moveu no ar e os passos de quem quer que fosse mudaram de direção.

— Relaxa, Loira. — Ele deu de ombros, prendendo uma risada, e então me encarou. — Melhor?

— Considerando que ele não viu tudo... — Prendi os lábios entre os dentes, escondendo meu rosto em seu pescoço. — Acha que mais alguém vai aparecer por aqui? Não dá para fazer muitas coisas em baixo d'água. — Passei a língua entre os lábios, esperando que ele entendesse.

Dean fitou meu rosto, parando seus olhos nos meus, em seguida baixando-os para minha boca e, por fim, sorriu.

— Acho que agora não. — Ele me encarou mais uma vez, os olhos atentos em mim, e deslizou um dedo sobre meu lábio inferior, afastando-o do

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

superior alguns centímetros enquanto, com os outros, dedilhava a extensão do meu maxilar. — Não quer ir para o meu apartamento? — Apertou meu quadril com considerável força, os lábios sugando minha pele ao lado do queixo.

— Achei que tivesse dito que não precisávamos de uma casa — comentei, tentando mascarar a ironia no meu tom.

Não consegui, sempre fui péssima em disfarçar.

— Não preciso, mas, se quiser — soltou em mais um som sôfrego. Eu sorri e assenti.

— E você aguenta chegar até lá? — debochei, orgulhosa de mim mesma.

— Linda, eu aguento qualquer coisa. — Ele sorriu, beijando minha testa antes de sair da água comigo logo atrás.

Senti aquele gesto simples e bobo me atingir, mas balancei a cabeça para afastar o *dejà vu*. Conhecia aquilo, e nunca acabava bem.

## PERIGOSAS ACHERON

Dean me entregou um roupão tomando outro para si. Depois de nos vestirmos, pegou minha mão, andando ao meu lado até a saída do clube.

— Vamos ter que encarar aquela pessoa que nos viu na piscina? Porque, se vamos, vou colocar o roupão ao contrário e esconder meu rosto com essa touca. — Suspirei e ouvi sua risada forte e alta quando entramos no elevador.

— Ele é o porteiro. Quer tempo para virar o roupão? — Dean me encarou debochadamente, e escondi o rosto nas mãos, sentindo-o esquentar mais uma vez.

— Deus...

Dean riu ainda mais com meu gesto.

— Relaxa, Loira. — Ele me olhou com um sorriso leve no rosto e passou os braços ao meu redor em um abraço. — Relaxa.

Senti o elevador subindo enquanto ainda me mantinha em seus braços, e logo as portas estavam abertas para que saíssemos. Ele se afastou e pegou

PERIGOSAS ACHERON

minha mão, acenando com a cabeça para o porteiro, enquanto eu permanecia com a minha baixa. Quando já estávamos um pouquinho longe, virei para trás e vi o homem rindo, o que me fez puxar sua mão para que nos distanciássemos mais depressa. Isso só arrancou mais gargalhadas de Dean.

— Nunca fiquei tão sem graça em toda a minha vida — admiti em um sussurro.

— Por quê? Não deveria, ele não a viu nua — ele comentou enquanto buscava as chaves no bolso do roupão, e destravou o carro a poucos metros de distância.

— Imagina se tivesse visto? Ainda bem que não venho nesse clube! — Suspirei, notando seu empenho em tentar não rir de mim.

Dean tocou a porta e elas se abriram pelo reconhecimento digital. Sua frase “*tenho um clube que fica próximo daqui*” fez total sentido naquele instante.

Eu o encarei e abri a boca, mordendo a parte

PERIGOSAS ACHERON

interna da bochecha para disfarçar o espanto enquanto entrava no lado do carona. Pelo reconhecimento de voz, Dean ligou o carro e começou a dirigir rumo ao seu apartamento.

— Você é bem fofa, apesar de tentar não ser. — Eu me lembro ter feito careta, soltando uma falsa risada.

— Eu não sou fofa! Não me chama assim. — Encarei meus dedos sentindo o estômago embolar pela primeira vez na noite.

— Sim, você é! Impossível não ver isso. — Ele sorriu. Eu sabia que não havia feito por mal, mas minhas bochechas esquentaram de nervoso.

Eu me lembrei de poucos anos atrás, na tarde do parque, quando queria convencer Andrew de que eu tinha razão.

*“Você é péssima tentando ser fofa.”*

Depois de tudo, a Cecelia daquela época sentiria vergonha ao ser comparada com a atual. Aquela Cecelia, ingênua e sonhadora, não merecia isso.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sou fofa, Dean. Não mais. Entendeu? —  
Minha voz soou firme enquanto eu o encarava. —  
Não me chame assim de novo.

Ele me olhou sério, o cenho franzido, e tirou os olhos da estrada por meio segundo.

— O que aconteceu?

Cocei a nuca enquanto prendia meus lábios entre os dentes e soltava um suspiro. Havia alguma forma menos dramática de dizer o que era tão simples? Soaria depressivo demais depois de tanto tempo me controlando para que isso não acontecesse.

— Quebraram a Cece fofa. Várias vezes. —  
Engoli o nó na garganta enquanto dava de ombros, sentindo o rosto corar. De alguma forma, eu queria que aquilo soasse bem menos doloroso do que na verdade era. — Acredite, se está vendo alguma coisa fofa em mim, é só o resto, o que sobrou. Estou tentando tirar tudo, mas ainda é meio complicado me desfazer totalmente de quem eu fui por tanto tempo. — Entortei os lábios e novamente

## PERIGOSAS ACHERON



respirei o mais fundo possível, empurrando as lágrimas para o lugar delas.

— Tenho certeza de que não seria tão adorável como é se perdesse toda a sua essência. Isso ainda restou em você, e é ótimo. Eu gosto. — Ele sorriu, e eu podia jurar que vi uma lembrança rondando seu olhar, mas logo ele voltou sua atenção ao volante.

Naquele instantezinho, eu sorri comigo mesma, um sorriso que não me permitia havia muito tempo. Todos os caras que saíram comigo não eram bons o suficiente para que eu tirasse a máscara que me mantinha forte o tempo inteiro, e Dean fizera isso sem que eu sequer notasse.

Ele entrou em um prédio e estacionou em uma das vagas, me encarando. Quando saiu do carro, deu a volta e abriu a porta para mim. E antes que eu desse um passo, meu corpo estava entre ele e a porta, meu rosto em suas mãos e meu lábio inferior entre seus dentes, prontos para iniciar mais um beijo lento. Suas mãos tinham pressa e habilidade para lidar com meu roupão e, mais precisamente,

minha pele escondida por debaixo dele.

Escutei o barulho de passos um pouco adiante, mas meu coração batia tão rápido que podia muito bem ter sido coisa da minha cabeça.

— Ainda bem que é tarde... para as pessoas saírem com o carro — comentei, deixando de lado o sentimento e fechando os olhos, extasiada. Suas mãos ganharam vida descendo ao meu quadril e ele beijou meu pescoço, mordiscando-o novamente.

— Só... fica quieta e relaxa, Loira — soprou contra os meus lábios e prendeu o inferior entre seus dentes, apertando mais seu corpo contra o meu.

Meu quadril foi de encontro ao seu automaticamente e suspirei, abrindo os olhos devagar até encontrarem foco novamente enquanto eu sentia o conhecido arrepio causado pelos seus dedos em meus cabelos. Assim que se afastou, ajeitei meu roupão e o segui com minhas pernas bambas em direção ao elevador.

— Não te dei o direito de me mandar ficar

PERIGOSAS ACHERON

quieta. — Encarei-o de queixo erguido, um pequeno sorriso no rosto.

— Conquistei esse direito no instante em que você obedeceu. — Ele riu, passando os braços pela minha cintura e ajeitando meu roupão.

— Ah, eu te obedeci? Quando? — Franzi as sobrancelhas, irredutível.

— Quando ficou quieta. — Riu baixo, beijando meus cabelos.

— Eu não te obedeci, na verdade, você trapaceou. — Revirei os olhos, vendo-o apertar o trigésimo quinto andar do elevador. Dean me encarou, as sobrancelhas franzidas, então passou a mão pelos meus fios de cabelo embolados, tentando não rir enquanto eu fazia o mesmo. Aquilo respondia tudo.

— Claro. Trapaceei.

Sem mais argumentos.

Passados alguns minutos, chegamos ao seu  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

andar. Literalmente, seu andar. Havia apenas um apartamento, e assim que entramos, dois cachorros gigantes vieram em nossa direção, me fazendo arregalar os olhos e recuar dois passos.

— Não mordem, pode vir. — Dean empurrou a porta, me puxando para dentro e a fechando em seguida.

— Tem certeza? — Vi um deles me encarar enquanto o outro andava até Dean. Torci os dedos dos pés de nervoso. — Eu estou acostumada com a minha Pug.

— Minhas Pitt Bulls são mais inofensivas do que a sua anã. — Ele riu e foi derrubado por uma delas logo em seguida.

— Não chama a minha Margareth de anã! — bronqueei, me encolhendo quando a menor delas me cheirou.

— Lilo. — Apontou para a que estava aos meus pés, tentando afastar o rosto do cachorro que insistia em babá-lo, me fazendo rir. — Essa é Mali.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ela não vai mesmo me morder? — Olhei desconfiada para aquele animal enorme.

— Ela tem dois meses! Não seja fresca — ele debochou, se levantando e indo até a geladeira na cozinha.

A cachorra sentou no chão aos meus pés, com a cabeça tombada e olhando na minha direção. Apertei os olhos a encarando e ela virou a cabeça de lado, como se me analisasse, me fazendo rir baixinho.

— E aí? — Eu me agachei e passei a mão no pelo de sua cabeça, fechando os olhos com um pouco de receio. Escutei a risada de Dean no cômodo adjacente, sabia que ele estava achando graça da cena.

— Oh, cuidado! — ele exclamou em completa ironia quando Lilo começou a me lambe. — Ela vai arrancar sua mão com uma lambida de ácido — debochou, me encarando ainda entre risadas.

— Minha Margareth tem um quarto do tamanho dela. — Vi a cachorrinha virar a barriga para cima

PERIGOSAS ACHERON

com a língua de fora e ri, passando a mão por seu corpo estendido. — Mas a Lilo é tão mansinha para esse tamanho todo. — Afinei a voz, como se falasse com um bebê, e ela pareceu gostar pela forma como se esfregou no chão com meu carinho.

— Como eu disse. São extremamente dóceis. — Ele se aproximou com um copo de água na mão. — Mali é treinada, mas a Lilo... Estou trabalhando nisso. — Dean riu baixo. Eu o acompanhei enquanto a cachorrinha se deleitava exageradamente com meus cafunés. — Quer tomar um banho?

— A Lilo é um amor. Gostei. — Apertei suas bochechas e recebi uma lambida em meus dedos. — Que doce! Acho que vou te trocar por ela — brinquei, encarando-o.

— Bom, ela é fêmea. — Ele se escorou na parede, me olhando com um sorriso, e eu não consegui conter o riso alto.

— Você costuma dar carinho a ela? Está tão carente. — Mexi atrás de suas orelhas e ela se

retorceu no chão, parecia bem satisfeita.

— Elas dormem comigo.

— Sério? — Olhei a cachorrinha com um olhar torto e a mesma virou a cabeça, quase como se entendesse que havia sido desmascarada. — Então isso é só manha mesmo. — Mexi em sua barriga, me levantando em seguida e dando uma olhada no apartamento. — Você mora aqui há muito tempo? É um apartamento bem bonito — comentei ao passar os olhos ao redor.

— Na verdade, tem pouco tempo. Mas, de qualquer jeito, não fico muito aqui.

— E por que não? — Notei que meu tom havia sido curioso demais. As sobrancelhas de Dean quase se juntaram e tratei de consertar minha intromissão, afinal, ele não me devia resposta alguma. — Aqui é perfeito — completei, e ele deu de ombros.

— Viajo muito a trabalho e tenho diversos apartamentos como esse em outros países. — Ele me puxou pela mão, andando meio apressado

PERIGOSAS ACHERON

comigo ao seu lado por um corredor. Eu comentaria mais alguma coisa, só não o fiz por falta de chance.

Assim que paramos em frente à porta do banheiro, suas mãos circularam minha cintura e sua boca percorreu meu pescoço. Ele se abaixou apenas o suficiente para me pegar em seu colo, me segurando pelo quadril e empurrando a porta com o pé para entrarmos. Minhas mãos ficaram encarregadas de tentar desvencilhar o tecido do roupão de seus ombros, e aproveitei para puxar levemente seus cabelos em resposta ao arrepio que sentia quando sua boca era arrastada pela minha pele.

Eu não me reconheci quando ouvi um grito sair de mim e minhas pernas se apertaram ao seu redor, aquele nunca estivera entre os meus modos de agir. As sensações que experimentava com Dean, eu também nunca havia conhecido.

Meus dedos se retorceram enquanto puxava seus cabelos com meus olhos fortemente fechados.

— Eu vou dormir por uma semana depois disso



## PERIGOSAS NACIONAIS

— disse em meio a um suspiro e deixei o pescoço à mostra, arfando.

— Já está cansada? — perguntou baixinho, a VOZ rouca.

— Não tecnicamente. — Suspirei, arranhando sua nuca e seus ombros expostos.

— Mas ficará. — Ele me encarou, os olhos sedentos.

E eu realmente me cansei. Muitas outras vezes naquela noite em seu apartamento.



— Obrigada. — Terminei de me secar, me enrolando na toalha logo em seguida. — Hum... Tenho que ir embora e acabei de lembrar que minhas roupas ficaram no clube.

— Claro, pode pegar algumas minhas. — Ele sorriu, passando por mim em direção à cama.

## PERIGOSAS ACHERON

Segui até o seu armário sem pressa e escolhi uma camiseta e uma calça de moletom.

— Te devolvo depois. — Eu me vesti, sorrindo enquanto tirava o cabelo preso na gola da camiseta. — Acho que é hora de ir.

— Quer mesmo ir? — Dean arqueou as sobrancelhas, me encarando da cama. Abri a boca para dizer alguma coisa e mordi os lábios, suspirando.

Qual era a merda do meu problema para encará-lo daquele jeito, como se quisesse que ele insistisse para eu ficar?

Eu não queria. Eu nunca queria.

— Na verdade, não faço ideia. — Bufei. — Eu nunca fíco, mas são cinco horas da manhã e mal consigo manter os olhos abertos. — Eu me sentei na ponta do colchão, esfregando meu rosto com a manga da sua camiseta que ficava enorme em mim. — Na verdade, também... eu nunca cheguei nessa parte. Não sei o que vem agora. — Apontei para ele, para mim, e depois para a cama.

Dean me encarou, e vi seus olhos brilharem enquanto tentava não rir.

Ele queria *rir de mim*?

— Bem... — Ele suspirou e se engasgou com uma risada, se sentando para me olhar melhor. — Estamos cansados, agora nós dormimos. — Sorriu, colocando uma mexa do meu cabelo atrás da orelha.

— E é uma boa ideia? — perguntei franzindo o nariz.

— Vem logo, Loira! — Dean finalmente riu sem censura, abraçando minha cintura e me puxando em sua direção, beijando sutilmente meu pescoço.

Soltei mais um suspiro, mas aproveitei para me aninhar em seus braços. Estava exausta e a pior parte já havia sido feita, não havia problemas em ficar só mais um pouco.

Só um pouquinho.

— Eu tinha prometido para mim mesma que nunca deixaria chegar nessa parte — resmunguei baixinho. — Eu sou péssima. — Revirei os olhos em meio a um bocejo, puxando parte do lençol para mim. Ele riu mais uma vez, e talvez eu reclamasse mais uma vez se não estivesse tão cansada.

— Fofa. — Beijou meus cabelos e me abraçou com os braços e as pernas.

— Para de me chamar de fofa. — Minha voz soou como um sussurro.

— Nunca.

Abri os olhos apenas o suficiente para vê-lo sorrir e, enquanto o sentia acariciar meus braços, dormi.

E foi *tão* bom.



Quando acordei no dia seguinte, Dean estava no banheiro. Escutei o barulho da água correndo e

## PERIGOSAS NACIONAIS

notei suas costas descobertas, mesmo com meus olhos embaçados. E, agora que não havia uma gota de álcool no meu sangue, eu tive certeza absoluta.

Dean era (desculpe mais uma vez a expressão) *gostoso pra caralho*.

Ele me encarou da porta e sorriu, vindo até mim e beijando minha testa.

— Bom dia, fofa. — Prendeu uma risada e revirei os olhos, coçando-os em seguida.

Ele ainda se lembrava disso?

— Estou tentando não ser fofa, sabia? Você podia me ajudar a acreditar que estou fazendo isso certo.

— Desculpe, mas não está. E eu gosto disso.

— Gosta de me ver falhando drasticamente?

Ele se sentou ao meu lado na cama, ainda entre risadas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Bastante.

Bufei cobrindo o rosto com o lençol e o ouvindo rir ainda mais. Dean puxou o lençol e me deu um selinho antes de se levantar e dizer que ia para a cozinha.

Desisti de ficar ali, por mais que aquela cama fosse a melhor que já estivera em toda a minha vida, e me levantei, indo até o banheiro. Tomei um banho rápido seguido de uma boa escovada nos dentes e saí para procurá-lo. Não me lembrava do caminho feito durante a noite, mas logo o encontrei na cozinha, de costas para o balcão e completamente relaxado.

— Pizza ou comida japonesa? — Ele me olhou com o telefone entre o pescoço e a orelha. Fiz cara de nojo ao me lembrar de sushi e molho wasabi.

— Pizza, por favor. De calabresa com cheddar.

Enquanto o ouvia terminar o pedido, dei uma olhada no relógio e arregalei os olhos ao notar que já passava das oito da noite. Eu dormira mais de meio dia.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que desligou o telefone, ele me olhou novamente, o sorriso de lado notório preso em seus lábios.

— Então, quer dizer que cansei você? — Dean seguiu meu olhar, debochado, e eu dei de ombros.

— Um pouco, talvez. — Tentei soar natural e ouvi mais uma vez sua risada com gosto.

— Só um pouco? Isso não é lá muito comovente. — Dean me puxou até que eu estivesse sobre o balcão da cozinha e dei risada, sentindo suas mãos em minhas coxas enquanto ele demorava os lábios em minha testa mais uma vez.

Eu o encarei e franzi o cenho. Ele era um contraste tão drástico que havia me confundido muitas vezes em nossos poucos momentos juntos. Enquanto era insinuante, também era observador; ao mesmo tempo que podia me fazer dormir por mais de doze horas, também me encarava daquele jeito e beijava minha testa. Ele quase me fazia acreditar que eu era realmente especial.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você é bem estranho — disse baixinho, minhas mãos apoiadas em seus ombros.

— E por que você acha isso? — Ele beijou meu pescoço, mordiscando-o e trazendo calafrios da ponta dos meus pés até a pele que sua boca encostava.

— Eu só acho. — Dei de ombros guardando o restante do pensamento para mim. — Seus empregados não vão aparecer por aqui de surpresa, vão? — Olhei ao redor. — Seria um caos.

— Estão dispensados. Tem tanto medo assim de que nos vejam? — Ele sorriu e abri a boca, mas antes que eu respondesse, sua voz continuou. — Onde está a “*eu não sou fofa*”? — Tentou me imitar. E eu tentei não rir com o comentário. Falhamos.

— Seria constrangedor, só isso. — Revirei os olhos teatralmente. Ele assentiu, pouco convencido, me puxando pela cintura até que eu estivesse novamente em seu colo.

Enquanto ele andava, mantive minha atenção

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

nos seus lábios em meu queixo e maxilar. Meus olhos passearam pelo local e me dei conta de que estávamos em um cômodo claro contendo apenas uma cama rasteira.

Eu arregalei os olhos, notando de repente que tudo naquele ambiente era de vidro, e fui obrigada a afastar meu rosto do dele para ver toda a cidade abaixo de nós iluminada pelas luzes noturnas. Não senti medo, porque a cena era incrível demais para dar espaço a esse sentimento. E também, claro, porque não soltei os ombros de Dean um segundo sequer.

Aquela era uma das vistas mais bonitas que eu já tinha visto.

— Gostou? — ele sussurrou em meu ouvido, e me virei para encará-lo, assentindo sem ter o que dizer.

Eu *sempre* tinha o que dizer.

Dean riu e beijou a parte de trás da minha orelha, descendo sua boca pelo meu pescoço.

## PERIGOSAS ACHERON

— Vamos ouvir quando a pizza chegar? — perguntei baixinho, desviando os olhos para as vias lá embaixo mais uma vez.

— O porteiro trás para nós. — Sua voz saiu rouca.

— Você descansou bastante? — questionei baixinho em meio a uma risada.

— Muito — Dean respondeu no mesmo tom grave e suas mãos desceram a manga da minha camiseta, distribuindo beijos e mordidas pelo meu ombro direito.

Eu teria muita *alergia* para disfarçar no dia seguinte com batom vermelho e base.

Meus olhos se fecharam e eu arfei, apertando seus cabelos em minhas mãos e descendo os dedos pelas suas costas, aproveitando seu toque. Ele sorriu e segurou meu rosto com uma das mãos, roçando sua boca na minha.

— Você tem mãos muito nervosas. — Sua voz soou baixa, quase um pensamento, e sorri

PERIGOSAS ACHERON

entortando os lábios pela sensação gostosa dos arrepios que ele me provocava.

— Sua boca também é bem nervosinha, e eu não comentei nada sobre isso. — Mordi seu lábio inferior, sugando-o em seguida.

— Mas eu posso dar um jeito nessas mãos. — Ele piscou para mim e logo a camiseta que eu vestia estava entre seus dedos.

Sua boca passeou pelo meu pescoço, alcançando mais algumas partes da minha pele. Eu arfei reunindo voz para perguntar qual jeito ele tinha em mente.

Dean deitou meu corpo abaixo do seu com um sorriso e, segurando meus braços, prendeu-os acima da minha cabeça. Com cuidado, mas forte. Amarrou-os com a blusa, sorrindo mais uma vez ao encarar meus olhos. Sua boca encontrou a minha e sem pressa ele me beijou, mordendo meus lábios mais uma vez enquanto seus dedos passeavam pela lateral do meu corpo.

— Não sei se gosto de estar presa. — Minha voz

PERIGOSAS ACHERON

saiu em um sussurro e ofeguei com seu toque. Aquilo era ao mesmo tempo assustador e excitante. E também era novo, como tudo que vinha de Dean.

— Apenas fique quieta por um instante, Cecelia.  
— Sua voz saiu rouca contra o meu colo e senti sua língua sobre minha pele.

— Eu te bateria por me mandar calar a boca... Se a situação fosse diferente. — Arfei, jogando a cabeça para trás ao sentir seu toque.

Eu o conhecia pouco, mas se havia algo extremamente notável nesse tempo, era sua incrível personalidade insondável e sua boca sensacional. Ela servia para muitos fins. Para distribuir aquele sorriso lindo que só ele tinha e para me fazer delirar.

Mas também servia para humilhar. E fazia isso magnificamente bem.

Dean se afastou e, no instante em que abri os olhos, notei seus braços sobre os meus, desatando o nó das minhas mãos. Eu estava prestes a reclamar que não tinha pedido para ele fazer aquilo, quando

PERIGOSAS ACHERON

sua voz soou. Firme e forte.

— É sério isso? Não pode apenas ficar quieta e ter uma ótima transa? Tem que ficar falando e argumentando sobre tudo, Cecelia? Estou aqui tentando te foder e você não para de reclamar só porque te amarrei e pedi que ficasse quieta para eu te fazer gritar de prazer. — Ele me encarou sério e eu me encolhi, engolindo em seco. — Eu te prendi porque quero proporcionar a você sensações novas, mas, se não quer, tudo bem, te solto e podemos fazer um papai e mamãe por alguns minutos até eu gozar e você não, porque pra mim tanto faz, já que você é gostosa pra caralho. É isso que prefere? — Ele sorriu sem humor, me olhando nos olhos. — Tem que ser regular na cama também?

Você pode até pensar que é uma estratégia de fuga, mas, acredite em mim, eu tinha uma resposta na ponta da língua. E essa resposta consistia em um chute certo bem no meio de suas pernas, porém, no momento, eu não tive reação.

Meus olhos arderam e odiei parecer tão fraca na frente daquele estúpido. Queria gritar e esbravejar,

mas a única reação que tive foi ficar estagnada, sentindo meus olhos marejarem enquanto o encarava com seu olhar duro ainda em mim.

Aquele foi o pior momento da minha vida, e lidar com momentos ruins nunca foi bem meu forte.

— Ótimo. Espero que tenha sorte em encontrar outra para fazer... Isso — cuspi as palavras com nojo, me levantando e vestindo a camiseta sem me importar que estivesse do avesso. — Babaca misógino.

Dean me encarou novamente, as sobrancelhas franzidas, e quando notei sua boca aberta para falar qualquer coisa, me levantei empurrando-o depressa. Sua mão segurou meu braço e eu o mordi, ouvindo seu xingamento com a minha atitude infantil e impensada.

Por sorte, já havia decorado ao menos o básico do apartamento e não foi difícil sair dele. Meus olhos estavam embaçados, e a cada passo que eu dava, meu peito apertava, afundando mais e mais.

Eu não sabia o que pensar. Não tinha o que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pensar. Na verdade, foi como se eu estivesse no modo automático. Já estivera naquela situação outras vezes, sempre acontecia quando eu estava nervosa ou com medo. No dia seguinte, não me lembraria das minhas emoções, apenas das ações.

Por um lado, isso era bom. Por outro, aquela era a primeira vez que eu sofria tamanha humilhação. Eu não sabia se meu bobo modo automático seria suficiente para apagar partes daquele momento.

Enquanto seguia até o elevador, escutei barulho de vidro estilhaçando no chão, me fazendo encolher ainda mais ao mesmo tempo que eu torcia para que um daqueles cacos rasgasse sua mão e perfurasse até o osso.

Qual era a droga do problema dele?

Entrei no elevador em estado de choque e apertei o botão do andar do térreo. Quando cheguei ao hall, suspirei. A temperatura ali estava baixíssima para a camiseta fina que eu usava.

Deus, aquilo não podia ficar pior.

## PERIGOSAS ACHERON

Olhei para os dois lados, tentando me lembrar onde ficava o ponto de táxi, mas meus olhos embaçados não me permitiam ter foco suficiente.

— Cecelia! — Eu o escutei gritar e apertei os olhos, cerrando o maxilar ainda sem me virar para olhá-lo. — Se quer mesmo ir embora, precisará de dinheiro. — Eu me movi para encará-lo, a boca no chão. Ele não faria isso.

*Não. Ele. Não. Faria. Isso.*

— De quanto você precisa? — Dean abriu a carteira, mostrando notas de cem dólares.

Senti vontade de vomitar.

— Você... — Engasguei, rindo comigo mesma. — Você é louco. — Minha garganta fechou e eu arfei procurando por ar, mas ele parecia pesado no momento.

Passei as mãos pelas bochechas, sentindo-as úmidas. Eu não sentia mais frio, meu corpo estava quente como nunca antes. Minhas mãos pareciam dormentes, e se não fosse o pouco autocontrole que

PERIGOSAS ACHERON



ainda restava em mim, desataria a chorar ali mesmo, na calçada. — Guarda para a próxima puta que passar por você. Pague a mais como cortesia. — Sorri irônica, forçando minha voz, não para sair fria e forte, mas apenas para sair.

— Qual é a porra do seu problema? Como vai embora, se não tem dinheiro? Estou tentando te ajudar! — ele gritou, o maxilar cerrado, e eu teria sentido medo mais uma vez se não estivesse tão longe de mim mesma no momento.

— Nossa, como você é gentil! Muito obrigada. — Ri, ainda em tom de ironia, lhe estendendo meu belo e trêmulo dedo do meio antes de me afastar.

— Cecelia! — ele gritou, bufando. Sorte (ou não) estarmos em Los Angeles, pois, para variar, quase ninguém prestou atenção quando ele me colocou sobre seus ombros e voltou comigo para dentro do prédio.

Naquele momento, vi quanto machismo é empoderado no dia a dia. Ninguém moveu uma palha para ajudar a garota gritando nos ombros de

um homem com o dobro do seu tamanho que não a deixava ir embora, afinal, aos olhos de todos, uma mulher aos prantos vestida em poucas roupas com um cara apenas de bermuda provavelmente significava uma briga de casal, e não que eu estava realmente com medo.

Dean só me pôs no chão quando estávamos novamente dentro do elevador, parando-o no meio do caminho.

— Acha que vou te deixar andar por aí sozinha, sem dinheiro e por um bairro que não conhece?

— Uau! E você se importa desse jeito com todas as prostitutas que traz para casa? — Ri debochada, empurrando-o assim que me colocou no chão. Não que tenha surtido algum efeito, ele mal saiu do lugar. — Talvez você realmente seja melhor do que pensei. — Zombei usando todo o meu estoque de sarcasmo.

— Você é uma prostituta, Cecelia? — Ele me encarou sério, os olhos fixos nos meus.

Descobri naquele momento que vergonha e

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

raiva andam juntos, lado a lado. E o nojo também. Ele podia ser a chave de união perfeita para esses dois sentimentos.

— Olha, eu realmente não sei mais — debochei, fungando antes de passar a mão pelo nariz. — Depois de tudo o que ouvi, estou começando a achar que sou uma péssima aspirante. — Ri mais uma vez, negando com a cabeça enquanto encarava o chão, mais lágrimas chegando. — Sério, eu... eu só quero ir embora. Já tive o suficiente, Dean. — Dei de ombros, olhando para as paredes daquele cubículo enquanto engolia o choro mais uma vez.

— Não chora, Cecelia. — Ele me encarou e vi aquele pavor habitual dos homens em nunca saberem o que fazer ao se depararem com uma mulher em prantos. Ele se aproximou receoso e passou a mão pelo meu rosto. Retribuí com um belo e certo tapa e o fiz retirá-la de mim. — Não posso deixar você ir embora assim.

Respirei fundo, passando as mãos pelo rosto uma última vez antes de me empertigar, o queixo erguido e o nariz em pé.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou bem. Vou ficar bem e, sinceramente, não dou a mínima para o que você acha. — Sorri apertando novamente um dos botões no painel do elevador.

Dean me encarou, mas não disse uma palavra sequer. Assim que o elevador parou, o olhei e notei seu rosto vermelho, provavelmente de raiva. — Passar bem. — Acenei, saindo do mesmo ambiente que ele e finalmente conseguindo respirar aliviada.

Era assim que uma prostituta agia como forma de agradecimento pela hospitalidade após uma noite de trabalho?

Enquanto seguia para casa no primeiro táxi que parou para mim, eu chorei. Chorei de soluçar. De me balançar e gemer. Agradei pelo motorista não perguntar o que estava acontecendo. Aquela provavelmente não era a primeira garota desiludida que ele levava em seu carro. Assim como não era a primeira vez que eu me decepçionava com um homem.

No entanto, aquela foi a primeira vez que senti

## PERIGOSAS NACIONAIS

nojo de mim mesma. E era uma sensação horrível para acrescentar à minha lista de desamor próprio.

## PERIGOSAS ACHERON

Número 6:  
Christian Callahan



*“Quando a minha cabeça está forte, mas o meu coração está fraco, estou cheio de arrogância e de incertezas, mas não consigo achar as palavras, você ensina o meu coração a falar.”*

**You make it real – James Morrison**

Algumas pessoas saem de nossas vidas por suas próprias escolhas. A maior parte vai embora aos poucos, sem se dar conta. Outras, porém, chegam sem ser convidadas, se acomodam em nossa bagunça e, às vezes, ficam.

Esse foi o caso de Christian.

Ele apareceu quando eu menos imaginava e permaneceu por tempo suficiente, até mesmo depois do nosso término. Christian me conquistou rapidamente, prova de quanto ele era especial.

Eu já ouvira diversas vezes, por diversas bocas, em diversos momentos da vida, sobre as mais variadas peças que o destino pode nos pregar. E pensei que já tivesse vivido toda a minha cota de experiências.

Certamente, eu não estava nem na metade do que o maldito ainda tinha preparado para mim quando o número 6 surgiu.

Não que amar Christian tenha sido ruim, não. A melhor parte foi ele ter demorado um pouco a  
PERIGOSAS ACHERON

chegar depois de Dean, no entanto, se eu tivesse conhecido o número 6 um pouco antes, talvez tivéssemos tido mais tempo juntos.

Nenhum outro homem apareceu entre Dean e Christian, e como meus relacionamentos nunca davam certo, eu não sabia dizer se seu atraso era sorte ou puro azar.

Muitas coisas já haviam acontecido em minha vida para que eu conseguisse enxergar o amor com clareza. Dean me quebrara. De uma só vez. Sem piedade. E a forma como me sentia, incomparável a qualquer outro momento, era terrível. Não consegui encontrar escapatória, afinal, havia gasto todas as minhas fichas na *nova eu*. Não restara mais nenhuma rota de fuga de mim mesma.

Quando as coisas estremeceram, tive pessoas que aturassem o meu lado exageradamente triste e me deixassem compartilhá-lo com elas. Eu não gostava de dividir sentimentos negativos, nunca gostei, porém, naquele momento, era como se não coubessem mais em mim. Não havia nada, disfarce, máscara ou maquiagem, capaz de esconder quão



magoada eu estava.

Escolhi poucas pessoas para compartilhar o meu momento. Catherine foi minha primeira opção, porém, outras três me surpreenderam demasiadamente.

Uma dessas surpresas foi Lilith. Eu me lembrava de claramente tê-la julgado como incapaz de dividir emoções, mas depois de tudo o que passei, pude colocá-la no patamar de amiga para todas as horas, com muita satisfação.

Eu me senti sortuda por tê-la ao meu lado. Sempre ouvi que não se troca amizade por homem algum, mas o nosso caso era completamente diferente. Não éramos amigas antes, e nos tornamos justamente por causa de um homem em comum. Tinha como isso ser mais bizarro?

Lilith me ouviu. Abraçou meu lado depressivo e enjoado sem reclamar. Ela me escutou por horas enquanto eu engasgava e contava, com o rosto em chamas, o que havia acontecido. Lilith soube de todos os detalhes, até mesmo os mais sórdidos, e

não me julgou por isso. Ela apenas disse o que eu precisava ouvir, e seu acalanto foi o suficiente para me abrandar por todos os dias em que me senti mal.

Minha segunda surpresa foi como um presente me ofertado pela segunda vez. Um presente que só me dei conta de como era importante para mim quando estava ao meu lado novamente. Algumas pessoas são assim, só percebemos que não podemos viver sem quando as temos de volta. Esse presente era Miranda.

Foi ela quem deu o primeiro passo. Sentou-se à minha frente na cafeteria da faculdade e me encarou em silêncio, para logo depois desatar a falar. Tudo de uma vez. Como se sentia, como achava que eu me sentia e como, mesmo depois de alguns anos, tudo aquilo ainda era ruim. Despejou tudo sem uma única pausa.

Eu conhecia Miranda o suficiente para saber que ela sempre mantinha os olhos na outra pessoa durante uma conversa, e nunca se permitia chorar na frente de quem quer que fosse. Entretanto, enquanto me dizia tudo o que estava engasgado,

pontuando sem ao menos respirar sobre a importância da nossa amizade, seus olhos marejaram. Ela fungou e terminou seu discurso olhando para os dedos: *“Eu sinto muito, Cece. E também sinto a sua falta. Muito”*.

Meu peito se encheu naquele instante, então chorei sem vergonha alguma. Nós nos abraçamos e pedimos desculpas uma à outra. Resolvemos começar de novo.

Porém, é claro, eu recomecei com ela, não com Andrew.

Ele havia morrido para mim. Sem mais.

Miranda voltou no momento certo e me fez rir com seus conselhos nada sutis, como dicas de tortura para matar o número 5, e me apoiou entre risadas sinceras quando lhe contei que quase acertei Dean bem no meio das pernas, repetindo a todo o momento que ele era um babaca e eu não era absolutamente nada do que ele dissera.

Nossa amizade não recomeçou como eu esperava. Era boa, mas não era como antes, porém,  
PERIGOSAS ACHERON

poucos meses depois entendi. Aquela foi só uma etapa para nos aproximarmos ainda mais. E essa aproximação foi melhor do que eu podia imaginar.

Minha terceira surpresa atendia por Louane. Melhor, Lou. Ou *Louca*. Todos possuíam o mesmo sentido, de qualquer forma. Ela foi um presente certo que caiu de paraquedas enquanto eu me recuperava. Lou era a minha amiga de vinte e cinco anos que carregava um bebê na barriga e tinha um sorriso enorme e debochado no rosto a maior parte do tempo.

E nessa história ela tem um papel essencial.

Louane não apareceu na minha vida por conta própria. Na verdade, Dan a empurrou para mim e eu a aceitei com um abraço apertado.

Daniel fazia dupla comigo nas aulas da Srta. Dillenburg, e isso significava que quatro vezes por semana ele se sentava ao meu lado e mais conversávamos do que prestávamos atenção na matéria mais fácil da grade.

Eu o ouvia falar todos os dias sobre Lou, mas

## PERIGOSAS ACHERON

nunca a tinha visto. Um dia, o peguei rindo enquanto olhava para a tela de seu celular, e quando perguntei o motivo da risada, ele me mostrou as mensagens de texto que havia acabado de trocar com ela.

*“Está em aula? ♥”*

*“Sim, sim. E está tudo bem. Tenho um relatório em dupla para entregar daqui a pouco.”*

*“E quem vai ser sua dupla? ♥”*

*“Cece.”*

*“Cece... Zona de perigo ou não?”*

*“NÃO! Não é KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK.”*

Eu poderia ter sentido meu ego despedaçado com sua última resposta, mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. Daniel foi o amor de outra pessoa que me provou, naquele momento, que isso ainda era possível. E esse amor se tornou palpável quando a conheci, estufando a barriga não muito aparente com um sorriso largo no rosto. Ao

PERIGOSAS ACHERON

observar os dois juntos e a forma como se tratavam, com tanto carinho e admiração, não pude deixar de sorrir pela sorte que tiveram de encontrar, ainda tão jovens, algo puro e lindo como o sentimento que compartilhavam.

E então Lou e eu nos tornamos inseparáveis, de um jeito absurdo e intenso. Tão forte que fui sua primeira escolha para acompanhá-la no ultrassom da *Izzie Bolinho* quando Daniel avisou que não poderia ir.

E é por aí que o número 6 dá as caras pela primeira vez.

Era o primeiro ultrassom do quinto mês de Lou.

Às três da tarde, estávamos no consultório da doutora Flynn.

Às quatro da tarde, ainda esperávamos pela doutora Flynn.

Quase cinco horas da tarde e ainda aguardando no sofá da recepção. Foi quando me levantei para perguntar onde estava a obstetra, afinal, era o meu

## PERIGOSAS ACHERON

ouvido sendo alugado todo aquele tempo pela minha amiga *reclamona* dizendo a cada cinco minutos que estava com fome e precisava desesperadamente de sorvete de kiwi.

— Eu sinto muito! Acabei de falar com a Dra. Flynn e ela está presa em um engarrafamento um pouco distante daqui. Deve atrasar, no mínimo, mais uma hora e meia — a secretária respondeu sem jeito. Abri a boca, e no meio do meu palavrão, ela me interrompeu. — O Dr. Callahan está de plantão hoje, pode atendê-las, se quiser.

Eu pretendia perguntar para Louane o que ela achava, mas Lou se antecipou na resposta.

— Claro que quero! Essa clínica fica a duas horas da minha casa e eu já estou nessa droga de sofá esperando faz um tempão! — Ela bufou, esticando o corpo com a barriga saliente.

A secretária assentiu e logo pegou o telefone.

— O Dr. Callahan já vai atendê-las. — Sorri agradecida, mas minha amiga lhe empinou o nariz.

Às vezes, Lou era uma grávida bem abusada.

Eu a distraía listando sabores de sorvete que poderíamos tomar assim que saíssemos dali quando um vulto vestindo um jaleco impecavelmente branco passou por nós. A única coisa que tive tempo de notar foram suas costas largas, então ele entrou na sala com a placa “*Dra. Flynn*” em letras cursivas douradas pendendo no alto da porta.

Louane e eu nos encaramos e rimos baixinho. Ele não parecia nada feio pelo pouco que vimos, e com o muito que estava por vir, certamente seria esplêndido. Ainda tínhamos vinte e tantos anos, mas nossas almas, quando juntas, nos faziam agir como adolescentes de treze em diversas situações.

Minutos depois, Louane foi chamada e eu a acompanhei, afinal, era a primeira vez que teria a chance de ver a bebê carinhosamente apelidada de *Bolinho*.

Vou descrever esse momento com muita riqueza de detalhes:

Assim que passamos pela porta, Dr. Callahan

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

estava à mesa com alguns papéis em mãos, de costas para nós. No momento em que a fechamos, ele pareceu notar que havia mais alguém ali. E como em um filme de comédia romântica, daqueles totalmente clichês e previsíveis, ele, bem devagar, checkou as horas. No instante seguinte, se virou e então levantou os olhos para nos encarar.

Eu juro, por mais idiota que essa frase possa soar, que nunca, em nenhum dia da minha vida, vi olhos mais claros que os seus.

Dr. Callahan possuía uma beleza quase impossível de descrever. Seus olhos eram de um tom azul límpido e atraente. Ele possuía covinhas nas bochechas e um sorriso de lado que, por Deus, era lindo demais! Sua pele parecia muito macia e ele não tinha qualquer resquício de olheiras, caso raro para um médico.

Louane certamente poderia engravidar mais vezes.

Ele nos encarou e sorriu, parando seus olhos na barriga da minha amiga e em mim logo depois. Lou

## PERIGOSAS ACHERON

estava com minha mão fortemente apertada na sua e um sorriso largo e nervoso. Daniel me dissera que ela sempre ficava nervosa antes de consultas, porque em uma dessas descobrira que seu bebê, antes de Izzie, não tinha mais vida.

Dr. Callahan indicou a porta em um canto da sala para ela trocar de roupa. Eu a acompanhei.

— Ele é um gato! — Lou mexeu os lábios, a boca se formando em um perfeito círculo surpreso. Ri baixinho, assentindo com toda a certeza que tinha.

Assim que saiu do vestiário, seguiu até a cadeira de exames e eu me sentei ao seu lado, olhando para a tela do monitor ainda estável. Lou se deitou um pouco receosa e me encarou com olhos arregalados, respirando fundo repetidas vezes.

— Tudo bem, relaxa. — Arrumei seus cabelos que começavam a grudar na testa suada. Ela apertou minha mão com força e eu sabia que, enquanto não escutasse o coraçãozinho de Izzie batendo, não se acalmaria.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem. — Dr. Callahan também tentou tranquilizá-la. Minha amiga manteve um sorriso passivo no rosto enquanto ele passava um gel gosmento em sua barriga.

Lou suspirou algumas vezes e o aperto em minha mão passou de extremamente forte para suave no instante em que o batimento do coraçãozinho de Izzie preencheu o consultório. Ela respirou aliviada e fechou os olhos, apenas sentindo a sensação delicada e intensa que o som trazia ao ambiente.

Eu sorri, imaginando como aquilo deveria ser para ela. Tanto amor dentro de si crescendo a cada dia um pouco mais. A sensação sempre passava pela minha cabeça.

Enquanto o doutor checava se estava tudo bem com a bebê, eu a conheci pelo visor. Vi suas mãozinhas, seus olhinhos preguiçosos e os pezinhos que chutavam a barriga da mamãe. Se já a amava daquele jeito, podia prever quanto a mimaria quando a tivesse nos braços.

## PERIGOSAS ACHERON

Ao limpar a barriga de Louane, enquanto o exame era impresso, ele nos encarou com atenção e simpatia.

— É o primeiro bebê? — perguntou, parecendo realmente curioso.

— Na verdade, eu perdi meu primeiro bebê. — Lou deu de ombros, tentando esconder um pequeno sorriso triste. — Por isso tanto medo pela Bolinho.

— *Bolinho*? Vocês batizaram a bebê de *Bolinho*? — Ele pareceu incrédulo, e eu ri acompanhando os dois.

— Era para ser só um nome provisório, enquanto não sabíamos o sexo — Lou explicou. Eu gostava de Bolinho.

— E você deixou que chamassem sua filha de Bolinho por todo esse tempo? — Ele me encarou entre risadas e eu torci o nariz, como um “pois é”. Até que suas palavras fizeram sentido e arregalei os olhos, franzindo o cenho.

— Minha o quê? — Senti o rosto esquentar, me

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

engasgando com as palavras.

Ele então encarou Louane, que me olhava pelo canto do olho também parecendo confusa.

Até que ela riu. Alto, escandalosamente e com vontade.

— Isso é sério? — ela quase (muito quase) gritou. — Você podia usar um truque mais fácil para saber se ela é solteira! — Lou gargalhou, e senti meu rosto esquentar ainda mais, como nunca achei possível.

— Louane! — eu a repreendi com o pouco de voz que restara.

— Cece, eu estou grávida, não cega. Sei muito bem quando um homem está interessado em uma mulher. — Ela fitou o médico, que escrevia algo em seu bloco de receitas, o rosto incrivelmente vermelho.

Só eu não havia reparado nisso? Devia estar perdendo o jeito com os homens, não era possível...

## PERIGOSAS ACHERON

Ele riu completamente sem jeito. Lou o encarou, depois a mim.

— Não somos um casal. — Apontou de mim para ela e vice-versa algumas vezes seguidas. — Eu sou casada. Com um homem. E minha amiga aqui também gosta de homens. Ela gosta bastante. Não é? — Lou mordeu a língua para mim, um sorriso convencido no rosto.

Fui afundando no banquinho cobrindo o rosto com as mãos sem dizer uma palavra sequer, não cabia mais vergonha em mim.

— Você pode chamá-la para sair. Mas tem que pagar a conta, ou então nem chame — ela disse séria, e ouvi quando o médico riu alto, ainda mexendo no bloco de receitas.

— Louane, pelo amor de Deus... — Cobri a boca com a mão, olhando-a de olhos arregalados.

Não dava para acreditar que ela estava fazendo aquilo comigo.

O Dr. Callahan se levantou da cadeira ao

## PERIGOSAS ACHERON

terminar suas anotações e seguiu até Louane, ajudando-a a se recompor. Lou correu até o vestiário com um sorriso travesso no rosto e lá se trancou por um bom tempo.

Eu continuei no meu lugar, calada e quieta, enquanto escutava espasmos de uma risada baixa vindo dele.

Eu só queria ir embora e tapar a boca daquela garota com a droga de um sorvete de kiwi.

— Então... Você já saiu com caras que não pagaram a conta? — ele perguntou. Levantei a cabeça e dei de cara com seus olhos claros e irônicos atentos em mim.

— Sério... Você não tem que dar ouvidos ao que Louane diz — comecei sem jeito, torcendo o nariz de nervoso. — Ela é louca e, não sei se há relação, mas parece que a gravidez está afetando um pouco mais essa parte dela.

O médico riu e não pude deixar de notar os traços do seu rosto, mesmo que não fosse minha intenção. O jeito como seu maxilar quadrado era

# PERIGOSAS ACHERON

diferente dos que eu estava acostumada a ver por aí; os cabelos castanhos e ondulados que cobriam uma parte pequena da testa. Ele tinha uma beleza única, isso era inegável.

— Quer dizer que se eu te chamasse para sair a resposta seria não? Ah, e se vai tentar usar a desculpa da aliança, acho melhor pensar em outra coisa. Sua amiga já disse que você é solteira. — Ele sorriu de lado, apoiando os braços na mesa relaxadamente.

Olhei para o solitário em minha mão direita e bufei. Vinha usando aquela desculpa enorme e prateada no meu dedo anelar por todos aqueles meses na intenção de afastar os caras, apenas porque não queria pensar em uma desculpa para dizer que não estava a fim, e também porque não queria ser rude. E, agora, aquele médico estava ali, na minha frente, eu não tinha escapatória.

Suspirei e o encarei de queixo erguido. Eu não era uma pessoa insegura e não havia me tornado uma depois de tudo. Eu só não estava disposta.



No entanto, me peguei pensando em uma desculpa para o que estava prestes a fazer.

Que mal havia em sair com um cara que certamente não estava em busca de nada sério? Não era como se eu também estivesse. Não mais. Não naquele momento.

— Bom... Talvez você devesse me convidar para saber a resposta. — Sorri, dando de ombros. Ele fitou meu rosto minuciosamente e notei seus olhos descerem para a minha boca, alargando levemente meu sorriso.

— E vou gostar? — Ele encarou meus olhos, passando a língua quase discretamente pelos lábios. — Da resposta. Claro.

Ri, notando como seus lábios também haviam subido em um sorriso.

— Se você apreciar comida italiana e pagar a conta do jantar... provavelmente vai gostar de sair comigo.

— Acho que nos entenderemos muito bem. —  
PERIGOSAS ACHERON

Ele sorriu, um sorriso ladino e cativante.

Christian me entregou um cartão e rabisquei no verso de outro meu contato. Quase como se estivesse ouvindo nossa conversa (o que eu não duvidava), Lou saiu no exato momento em que terminamos, e carregava um sorriso bobo no rosto. Acenei para ele e a acompanhei até a porta. Antes de abri-la, no entanto, Lou fez minha cara rachar mais uma vez.

— Não se esqueça de oferecer a sobremesa. E não exagera no vinho, você não quer deixá-la bêbada, não é mesmo?!

Belisquei sua bunda com força, ouvindo-a gritar sem pudor, e a guiei para fora do consultório.

Não preciso dizer que, naquela tarde, fui caçoada como nunca na vida.

E Lou foi xingada dos piores nomes possíveis, como nunca antes em sua vida.



Na mesma noite, salvei seu número em meu celular apenas como *Christian*, e não *Dr. Callahan*.

Também procurei por ele na internet. Em seu perfil online, a foto principal não dizia que ele era médico. Christian mais parecia um cara que havia terminado a faculdade e trabalhava para pagar suas bagunças. Seu sorriso era desleixado e ele aparentava muito bom-humor para um obstetra. Provavelmente fazia o que gostava e o cansaço havia se tornado só mais um detalhe entre tantos outros de sua profissão.

Sua mensagem chegou dois dias depois, quando eu estava quase dormindo. Levei um susto ao ver o coração verde na tela e meu peito acelerou no mesmo instante. Não fui capaz de respondê-lo imediatamente.

Fui péssima em tê-lo ignorado, eu sei.

No dia seguinte, enquanto analisava sua única mensagem, aceitei que estava com medo, mas mais medo ainda eu sentia do meu desespero ao ler seu nome na tela. Christian não havia evitado me

procurar, e eu não sabia se isso era algo bom ou ruim.

Eu estava confusa, frustrada e magoada por tudo o que havia passado, então procurei entender meus problemas tomando como base duas pessoas que também haviam passado por situações complicadas quanto a seus amores.

Edward e Lilith foram as minhas vítimas.

Meu irmão foi a primeira escolha. Em um fim de tarde, quando já havia corrigido todas as provas de seus alunos, lhe estendi uma caixa de rosquinhas. Ele franziu o cenho, confuso, e quando me acomodei ao seu lado, sem lhe dar qualquer chance de escapar, perguntei o que queria saber.

— Como você se sente em relação à Miranda?

Edward me olhou obscuro, como se não tivesse entendido a pergunta, e logo em seguida franziu o cenho, se dando conta de que eu realmente havia perguntado aquilo.

Durante todo aquele tempo de fossa, o foco  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

estava apenas em mim. Eu sabia que ele e Miranda tiveram algo forte por muito tempo, no entanto, meu irmão parecia relutante em desabafar, o que fazia me sobrar mais atenção. O problema era que ele também sofria.

Pouco mais de dois anos depois do que havia acontecido entre Miranda, Ed, Andrew e eu, as coisas já tomavam seu rumo.

Miranda e o Incitável-Desonra-Babaca continuavam juntos.

Eu sofria pelos meus amores malsucedidos.

Edward tentava se dar uma chance e parecia muito satisfeito ao falar de Emily, mesmo não tendo me apresentado a ela. Porém, eu ainda queria saber como ele se sentia em relação à sua ex.

Eu precisava saber se algum dia a sensação de não ser suficiente passaria. Se algum dia não teria medo de arriscar novamente, porque, sendo totalmente sincera, eu estava apavorada com a ideia de ter o coração partido.

## PERIGOSAS ACHERON

De novo.

— Por que está me perguntando isso? — Ele se ajeitou no sofá, mordendo uma rosquinha. Torci os lábios com medo do que lhe diria.

Outra coisa que também me incomodava era o fato de *querer* me dar mais uma chance. Eu sabia que as outras pessoas me achariam idiota. Não que eu não fosse, porque eu era. Completamente idiota quando se tratava de amor. Mas a pior parte era não me envergonhar disso.

— Só... Queria saber como você se sente — tentei soar o mais casual possível. Meus olhos marejaram, mas esfreguei o nariz e engoli o bolo na garganta antes que as lágrimas despontassem.

Se Ed percebeu, não deixou transparecer.

— Quer saber sobre a Emily? — Ele me olhou de esguelha e dei de ombros, me ajeitando no encosto do sofá ao seu lado.

— Basicamente... quero saber como você... superou. — Forcei um sorriso, mas meus lábios  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

trêmulos não ajudaram. Sem me dar conta, já estava em lágrimas.

Ed soltou uma risada antes de me abraçar e afagar meus cabelos, permitindo que eu chorasse à vontade.

— Está com medo de que esse vazio não passe?  
— perguntou baixinho, com cuidado, e eu assenti receosa de que ao dizer qualquer coisa não conseguisse nunca mais parar de chorar. Ed me puxou até que estivesse deitada em seu peito e continuou mexendo em meus cabelos enquanto eu fungava e tentava me forçar a parar de chorar. Não estava funcionando. — Quando Miranda terminou comigo, me senti péssimo. Tínhamos muitas memórias juntos, e me desfazer de todas elas não foi fácil... Você sabe, é muito mais fácil construir uma história do que se desprender de cada momento arruinado. Foi um choque, tanto para você quanto para mim. — Ed continuou, sem parar o carinho. — Eu sei que no seu caso é mais difícil, você é a princesinha, e uma princesa nunca termina o seu conto sozinha.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu dei risada, ainda entre o choro. Sequei a bochecha com cuidado e logo estava em seu peito novamente. Ele não reclamou nem mesmo quando manchei sua camisa favorita com máscara para cílios. Meus olhos estavam grudados e melados. Eu odiava máscara para cílios, porém, como acrescentava o ar superior que eu tanto queria passar, aderi na tentativa de me acostumar.

— Eu quis quebrar a cara daquele babaca. Por você e pela Miranda. Sei que tive minha parcela de culpa quanto ao que aconteceu entre nós dois, mas você não merecia estar no meio. Talvez tenha que me desculpar com você quanto a isso. — Sua voz baixou de tom. Dei de ombros apertando o abraço em sua cintura. — De qualquer forma, ele e o babaca do Ethan mereciam perder alguns dentes. Mas me contento em só vê-los se ferrando com suas escolhas.

Andrew e Miranda tinham uma história, sim, mas Miranda sempre me contava a forma como o namorado era ciumento, e eu, claro, não perdia a chance de contar ao meu irmão.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Andrew havia mudado completamente e não era mais o cara gentil e charmoso que havíamos conhecido. Ele havia se transformado em uma pessoa completamente insegura e ranzinza com as pessoas ao seu redor, descontando sua raiva em qualquer um que atravessasse seu caminho. Isso o havia afastado um pouco dos amigos do grupo, e também o impedido de conquistar novas companhias.

Eu me sentia mal por Miranda, porém, ela sempre foi assim: quando gostava de alguém, insistia até o último minuto. Foi assim com Edward, e com Andrew não seria diferente.

Ethan estava em outro continente e eu sempre recebia ameaças de sua, agora, esposa, que usava fundamentos incabíveis e incoerentes. Não só comigo, mas com toda mulher que tivesse tido qualquer tipo de contato com ele antes da relação dos dois. Ele estava sofrendo o suficiente também.

Edward só não sabia sobre Logan e Dean. E o meu fim terrível com Matt. Eu não precisava adicioná-los à lista para ele.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— E quando você descobriu que não doía mais?  
— Funguei, passando a mão pelo nariz. Ed ficou em silêncio por um tempo antes de respirar fundo e me responder.

— Talvez um dia eu descubra... Por enquanto, está sendo suportável e não incomoda tanto quanto antes. — Ed deu um sorriso fraco para mim. — Emily é incrível. Ela me faz querer ser uma pessoa melhor e até estou saindo aos finais de semana e deixando o trabalho para depois! — Ele pareceu orgulhoso de si mesmo, e acabei dando risada. — O fato é: eu amei Miranda. O que tivemos foi algo importante e marcante para mim, e sei que para ela também. Talvez se desencontrar foi preciso para que pudéssemos encontrar algo melhor em nós mesmos. Emily faz isso comigo e, no fundo, espero que Andrew também seja assim para ela.

Ed me passou confiança. Ele era incrível e nunca me abandonaria, por mais que brigássemos. Eu podia confiar nele e sabia que sempre o teria comigo.

Então, com meu irmão ultrapassado e vovô,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

descobri que dar mais uma chance não deveria nunca ser taxado como idiotice quando ainda se espera algo de bom após tanto caos. Esperança nunca foi sinônimo de estupidez.

Na mesma madrugada, liguei para Lilith e disse a ela que dormiria em seu apartamento no dia seguinte.

Cheguei às oito horas da noite, a tempo de me despedir de Mason, seu *quase* novo namorado do mês.

Lilith me puxou para dentro e logo atacou a sacola de doces que eu havia levado.

— E aí, o que você quer? — Ela se sentou no tapete e eu dei risada, me acomodando ao seu lado com as costas apoiadas no sofá.

— Como você sabe que eu quero alguma coisa?

Lilith me encarou antes de revirar os olhos e amassar um alcaçuz, colocando tudo na boca de uma vez.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me ligou às três da manhã chorando e perguntando se podia dormir aqui hoje. É claro que você quer alguma coisa. Pode começar a falar.

Pensei em me preparar com um bloquinho e caneta para anotar o que ela diria e estudar depois, mas acabei desistindo. Preferi por me levantar e pegar em sua geladeira duas garrafas de cerveja. Precisaríamos daquilo.

Ela pareceu confusa ao me ver estender a garrafa já aberta em sua direção e riu ao pegar uma. Respirei fundo e me sentei novamente ao seu lado, bebendo alguns goles.

— Como você superou o Matthew?

Lilith engasgou com a cerveja e, quando seus olhos não estavam mais ardendo pelo susto, eles se arregalaram em minha direção.

— O que você me perguntou?

Naquele instante, ela pareceu a mesma Lilith ameaçadora de outros tempos.

## PERIGOSAS ACHERON

— Como superou o Matt? — Mordi os lábios, sem jeito. Sabia que ela havia entendido da primeira vez, o que fazia minha repetição ser ainda mais idiota.

Lilith respirou fundo antes de coçar a nuca e suspirar algumas vezes.

— Pega mais cerveja na geladeira, por favor...

Depois de duas garrafas, ela me deu detalhes de como se sentia. Já estava alta o suficiente para não se lembrar de muita coisa no dia seguinte, mas me notifiquei de dois em dois minutos de que estava tudo bem com nossa conversa, eu não havia estragado nossa amizade tocando naquele assunto.

Lilith contou que, antes de Matt, tudo o que sentia por outros caras era apenas fogo de palha. A sua fama pelo campus não passava de achismo. Eu acreditei nela.

Matt foi o primeiro por quem realmente se interessou. Ela me contou com muitos detalhes momentos que tiveram juntos, as palavras que trocaram, os carinhos, e eu teria ficado enciumada e

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

com raiva se não estivesse bêbada, porém, naquele momento, apenas ri e soltei alguns “awn”.

Depois dele, depois de tudo se dissolver, ela parecia não ver um futuro com ninguém, até que decidiu arriscar.

Com todo mundo.

Na ocasião, Lilith não se importou em fazer jus ao título de vadia sem precedentes que lhe deram, estava se lixando. Minha amiga trabalhava, estava prestes a se formar em Arquitetura e aproveitava a vida muito bem. Se sentia feliz com uma paixão a cada mês, sempre dando novas chances e procurando alguém que lhe fizesse querer ser boa o suficiente para o outro, porque, para si própria, ela já era.

Passada a dor de cabeça e a ressaca, resolvi responder à mensagem de Christian. Sem receio. Não havia problema em tentar mais uma vez. Christian não havia partido meu coração, e conhecê-lo não traria os péssimos momentos com Logan, Andrew ou qualquer outro de volta. Ele

## PERIGOSAS ACHERON

merecia uma chance.

*Eu merecia mais uma chance.*

Foi quando começamos a conversar. Todos os dias, um pouco por dia, o suficiente para que eu esperasse mais da próxima vez que ele estivesse livre e pudéssemos nos falar.

Ao contrário do que pensava sobre ele, Christian era, sim, uma pessoa ocupada. Tanto que nosso primeiro encontro só aconteceu uma semana depois, quando conseguiu uma folga. Tempo o bastante para eu me acalmar e querer vê-lo sem desculpas.

Em uma de nossas conversas, ele me contou que a maior parte das fotos em seu perfil era do tempo da formatura, poucos meses atrás, e que ainda estava se acostumando à vida de médico formado. Christian era mais velho do que eu, mas do jeito que falava, fazia parecer que tinha uns quinze anos a mais, e não apenas cinco.

Em uma quarta-feira à noite, nós saímos. Comida italiana, como o combinado. Vinho seco.  
PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Para a sobremesa, tiramisu com conhaque.

Eu admito, gostei do nosso encontro, por mais relutante que estivesse à ideia no começo. Gostei da forma como tínhamos assunto, o jeito que ríamos e olhávamos ao redor, debochando de outras pessoas. Como nos entendíamos por olhares. Gostei de poder ser eu mesma ao seu lado, sem carão para parecer autossuficiente ou me medir para não parecer frágil demais.

Eu gostei de todos os momentos, desde quando foi me buscar na porta do meu apartamento até o instante em que o convidei para entrar depois do nosso jantar. Christian sorriu, um sorriso convencido, e definitivamente lindo, antes de fechar a porta atrás de si e me empurrar contra a parede, devorando meus lábios e meu pescoço.

Naquela noite, dormimos juntos. E foi ótimo.

Na manhã seguinte, quando acordei, não o encontrei ao meu lado. Isso me fez sorrir fraco comigo mesma. Não era como se eu esperasse algo mais dele. E, sei que vai soar depressivo, mas não

# PERIGOSAS ACHERON



era como se esperasse algo mais de qualquer outro cara.

Logo após esfregar os olhos com força, assim que rolei na cama, notei um pequeno bilhete grudado no travesseiro. E esse pequeno pedaço de papel mudou todo o meu pensamento.

*“Sinto muito por não poder ficar até você acordar. Fui chamado para uma emergência e, provavelmente, não estarei mais livre hoje. Você pode abraçar o travesseiro, fiz questão de deixar meu cheiro bem forte nele.”*

Isso me fez rir. Cocei os olhos novamente, os desembaçando antes de voltar a ler.

*“Não me xingue por isso e nem me ache convencido. Só imaginei que você fosse gostar, afinal, quase arrancou meu pescoço dos ombros com suas mordidas ontem. Você comentou que eu cheirava bem.”*

Tapei o rosto com as mãos, rindo, enquanto sentia as bochechas corarem. Por sorte, estava sozinha e tinha tempo para ponderar se culparia o PERIGOSAS ACHERON

vinho ou não.

*“Gostei de você, Cecelia. Podemos marcar de nos vermos novamente. Se quiser, estou livre amanhã, às cinco da tarde. O que acha de um café? Gosto do meu com canela, e você?”*

*Alguém me disse ontem que é muito deselegante ignorar uma pergunta. No entanto, como sou cavalheiro, posso te salvar dessa questão. Mas só se me mostrar que não fomos apenas uma noite. Pode me dizer isso? Tenha um bom dia.”*

E, para terminar, havia um sol desenhado entre nuvens. Não sei exatamente em que ponto meus olhos marejaram, mas ao fim do bilhete, já havia deixado algumas lágrimas caírem. Eu sentia falta de saber que alguém se importava comigo, mesmo que fosse de uma forma boba, um simples bilhete como aquele.

Qual era o meu problema por sempre fazer questão de me meter com alguém quando eu *não* queria?

Christian e eu marcamos de nos encontrarmos  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

novamente. E de novo. E mais uma vez. E sempre que ele tinha uma folga. Quando ele não tinha, eu o visitava no consultório. E quando raramente lhe sobrava um tempinho, me encontrava na faculdade para um café.

Era uma rotina difícil, mas tinha seus pontos positivos. Nossos momentos juntos eram gostosos, marcantes e eu adorava como sempre dávamos um jeito em vez de inventar uma desculpa.

Só que não duramos muito.

E a culpa não foi minha, tampouco do meu jeito de problematizar as coisas e arrumar um motivo para interromper a relação antes que me magoasse.

Christian ainda se acostumava à rotina maçante do hospital quando o conheci, e poucos meses depois já estava habituado a ela. Justamente por estar em começo de carreira, eu notava o esforço que fazia para me encaixar entre seus horários corridos. Isso fazia com que eu me sentisse maravilhosa. Realmente faz bem ver alguém lutando por você.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Só que não dava. Não dava para vê-lo abrindo mão das poucas horas de sono que tinha para ficar comigo, me ouvindo ou assistindo a um filme quando precisava estudar para uma prova da especialização.

Então, mais uma vez, o fim ficou por minha conta.

Tive que deixá-lo ir.

Eu, a garota que sempre atraía algum cara nos seus momentos de drama, fiquei responsável por colocar um ponto final ao nosso quase começo que me fazia tão bem. Por esse motivo, ficamos apenas na amizade. Afinal, o que tivemos desde o começo era isso, amizade. E continuar ao seu lado mesmo depois de não estarmos mais juntos me fez ver que nem tudo que tem um fim, necessariamente, precisa ser algo ruim.

Às vezes, o fim é apenas uma porta pequena para um recomeço ainda maior.

Ou um desamor ainda melhor.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Número 7:  
Tristan Harlow



*“Qualquer um pode dizer que você é linda e  
você escuta isso o tempo todo, eu sei. Mas sua  
beleza é melhor que a  
maquiagem, e eu quero mostrar a você o que eu  
vi esta noite.”*

**Wanted – Hunter Hayes**

Depois de Christian, diferente de como aconteceu com todos os outros desamores, eu não entrei em profunda depressão. Não chorei rios, mares ou oceanos. Eu não me tranquei em casa por dias, não pensei em nenhum plano para me isolar do mundo ou em uma teoria para nunca mais me magoar.

Eu só segui em frente.

E quando a percepção de que eu finalmente conseguira fazer isso, sem receio e sem remorso, caiu sobre mim, não poderia me sentir mais feliz.

Christian continuava ocupado, mas quando lhe sobrava tempo, ainda nos encontrávamos para conversar. Eu gostava de saber sobre sua vida corrida, sobre o seu trabalho e sobre acompanhantes de mulheres grávidas que suspiravam por ele durante as consultas. Eu havia sido uma delas, diga-se de passagem, mas Christian andava se esquivando de relacionamentos, portanto, essa parte da conversa nunca fluía.

Fazia-me bem passar um tempo com ele, sem compromisso e sem expectativas. Apenas como

## PERIGOSAS ACHERON

bons amigos, porque foi exatamente isso o que nos tornamos. Christian me ouvia reclamar por horas quanto a faculdade estava me cansando e sempre me lembrava de que, caso não conseguisse um bom emprego na área, estava contratada para ser sua *secretária gostosa* no futuro, quando tivesse seu próprio consultório.

Eu sentia falta de uma amizade assim, que me deixasse expressar o que estava sentindo sem me repreender e me medir demais. Desde Andrew e Logan, ninguém nunca mais ocupara esse espaço, e era como se ele estivesse sendo preenchido de outra forma com Christian. Ninguém conquistaria o lugar que eles haviam deixado, no entanto, tentar encaixar outra pessoa nesse posto era o mais próximo que eu conseguiria, e o resultado estava sendo bem satisfatório. Até aquele momento, Christian estava sendo o mais perfeito que eu havia encontrado.

Porém, no último ano da faculdade, eu conheci o número 7. O número da perfeição. Tristan foi diferente de Christian, Logan, Andrew ou qualquer outro cara que eu já tivesse me apaixonado. Ele não



## PERIGOSAS NACIONAIS

foi apenas isso. Foi algo mais forte, maior.

Posso afirmar com toda a certeza do mundo que esse foi o meu desamor favorito. Simplesmente porque, mesmo depois do fim, ele continuou sendo amor. Não havia o que não amar em Tristan, e ter uma pessoa dessas ao seu lado a todo o momento é a melhor coisa da vida.

Tristan Harlow, assim como eu, era da gestão de formatura. Eu havia estudado naquela faculdade por anos. Ali havia vivido histórias incríveis e conhecido pessoas que levaria para sempre comigo.

Naquele lugar, eu havia feito amizade com as meninas e me tornado companheira de tequila de Clarisse, sempre que nos reuníamos para xingar os homens. Foi ali que conheci Catherine, a doce e gentil Catherine. Como consequência, Ethan. E também Emma, Esther e Elisa, que sempre tinham um conselho na ponta da língua ou os braços estendidos para me receber. Allison, que havia me feito engordar três quilos desde que a conhecera, com seus doces maravilhosos. Julie, que sempre encontrava os melhores argumentos para me

## PERIGOSAS ACHERON

defender. E Lilith, claro. Ela dispensava comentários.

Na cafeteria daquela universidade, eu também havia conhecido Miranda mais uma vez, e nos tornamos amigas inseparáveis, uma amizade bem mais forte do que antes. Fomos bem mais sucedidas em nossa segunda tentativa.

Eu também havia conhecido Matt por lá, meu primeiro amor e desamor, que me ensinou como podemos agir quando amamos alguém, a ponto de dar ao outro a chance de seguir seu sonho, mesmo que isso signifique se afastar.

Matt foi o cara que me mostrou como eu podia ter um sorriso diferente quando estava com alguém que gostava muito. Ele me fez perceber que eu podia passar horas olhando e escutando sem que eu notasse se havia piscado ou até mesmo respirado, tamanha era a minha atenção. Ele me mostrou como amar, passo a passo. E como isso podia ser bom, mesmo causando dor. Existe algo mais incrível? Amar alguém sem medo, mesmo sabendo das consequências devastadoras que esse

sentimento pode ter?

Naquele mesmo lugar, também havia ganhado de presente Daniel e Louane. Eles me fizeram ver que, mesmo quando tudo parece ruim, alguém em algum lugar sempre estará bem, e isso é mais do que suficiente para não desistir de procurar a felicidade e continuar tentando pelo tempo que for preciso.

Minha última surpresa daquela universidade foi Tristan. Ele foi um verdadeiro presente de conclusão de curso.

Depois de tantas memórias naquele lugar, disse a mim mesma que no último momento queria fazer parte, assim, acabei me inscrevendo no comitê de formatura. Eu queria participar e garantir, não só para mim, mas para todos que também levariam tantas recordações consigo, de que tudo seria formidável.

Merecíamos uma boa despedida, afinal de contas. Como boa sagitariana, eu gostava de momentos memoráveis, e podia lidar com uma

formatura e fazê-la inesquecível para todos os formandos.

Depois que Louane teve a bebê, minha companheira de shopping não tinha mais tempo para mim. Nossos raros encontros geralmente se davam quando eu ia à sua casa com sorvete e jujubas para satisfazê-la escondida de Dan. Sua atenção estava dividida entre mamadeiras e fraldas sujas, e sempre que saíamos, era para que ela escolhesse algum *lingerie* especial para a noite.

Sinceramente, sair para ver *lingeries* com uma mulher praticamente casada, enquanto eu estava solteira e na seca, não era meu passatempo favorito.

De qualquer forma, quando minha amiga não estava mais comigo o tempo todo, quase que por milagre outra pessoa apareceu para amenizar um pouco a saudade que eu sentia dos nossos momentos. Essa pessoa esteve na minha faculdade o tempo inteiro, em outro prédio, cursando Moda. Era estranha, usava roupas chamativas, falava alto e não possuía filtro. Hillary.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Não preciso dizer quanto tudo isso fazia dela uma pessoa maravilhosa.

Eu nunca a tinha notado, no entanto, quando dividimos nossas tarefas de organização do baile de formatura, ela foi minha dupla na busca por materiais perfeitos (e baratos) para a despedida. Hillary era incrível, tinha uma conversa incrível e era dona de uma personalidade igualmente incrível. Sem contar seu guarda-roupa, que eu fazia questão de observar e usufruir sempre que possível.

Isso era muito mais que incrível.

Ela e eu andamos por Los Angeles inteira em busca dos melhores preços para passarmos a Tristan e sua dupla, Edgar. O segundo passo, estipular a quantidade e quanto poderíamos gastar, ficaria por conta deles.

Na terça-feira à tarde, como combinado, nos encontramos no pátio do campus. As poucas bolsas que estavam comigo eram pesadas e fui obrigada a escutar Hill reclamar sobre como estava atrasada para o salão de beleza. Ela apenas deixou as suas

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

sacolas no chão, acenou para Tristan com um sorriso e correu em direção ao seu carro.

— A reunião ainda nem começou, volta aqui! — gritei.

Éramos uma dupla e precisávamos ter responsabilidade. Seria péssimo levar o nome de nós duas sozinha.

— Você se vira sem mim. Tenho manicure marcada para daqui a dez minutos! — Ela sorriu para mim, acenando enquanto fechava a porta do carro.

Olhei para Tristan, pasma e irritada, e ele apenas riu da minha feição. Queria parecer ameaçadora, mas, com toda a certeza do universo, estava mais para emburrada.

— Já tive aula de cálculo com ela. Sempre foi assim — comentou ele, com um dar de ombros. Quando minhas narinas inflaram de raiva, involuntariamente, ele riu alto e pelo nariz, me arrancando uma gargalhada.

## PERIGOSAS ACHERON

E foi ali, naquele momentinho, quando esticou a mão e se apresentou, que Tristan Harlow entrou na minha vida para se tornar, pouco tempo depois, o meu desamor número 7.

No primeiro momento, conversamos apenas o básico. O que esperávamos da formatura, o que tínhamos em mente etc. Enquanto contava suas ideias, eu me empolgava, porque eram exatamente as que eu havia imaginado. Os detalhes das minhas propostas foram sendo melhorados com a sua ajuda, e com ele não foi diferente. Era como se *precisássemos* estar juntos.

Conversamos por longos minutos, até que, Edgar, quem o ajudaria, chegou. Tentei dizer o que tínhamos resolvido até então, afinal, um momento como aquele não podia passar batido. Mas Edgar era rude demais e perdi a empolgação. Tudo o que fez foi assentir com um sorriso visivelmente forçado. Não me prolonguei, deixando claro minha insatisfação, e só abri a boca novamente quando todo o restante do comitê estava presente.

Por fim, ficou decidido que seríamos divididos

em trios para os próximos passos da organização. Alguns ficariam encarregados da iluminação, outros da decoração, entre diversas particularidades.

Separaram-me de Hillary, que não estava presente e não poderia questionar a decisão. Tristan, Edgar e eu formamos um novo grupo.

Quis morrer por pensar em dividir minhas ideias com Edgar, e tinha motivos para isso, mesmo em tão pouco tempo.

A confirmação veio dias depois, quando marcamos a primeira reunião e só Tristan e eu aparecemos. Meu novo amigo também não parecia nada satisfeito com isso, mas logo prometemos que a decoração daquele lugar seria a melhor que aquela faculdade já tivera. Senti muita firmeza em suas palavras.

Durante quatro meses, nos vimos todos os dias. Às vezes, até mais do que o necessário. E era bom.

Em uma semana, enquanto três encontros eram sobre a formatura, os outros quatro eram para jogar PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

conversa fora em minha casa, geralmente com uma pizza e um engradado de cerveja. Ele quase bateu o recorde dos homens que dormiram lá e foram embora na manhã seguinte.

Não me leve a mal, Tristan era um gato. Por onde íamos, as mulheres o encaravam, e ele nunca sabia muito bem como agir. Acho que ele não sabia ser bonito e charmoso, entretanto, sua simpatia e gentileza lhe contavam muitos pontos extras e chamavam ainda mais a atenção. Seus olhos claros, seus fios escuros e sua roupa sempre bem posta arrematavam o pacote.

Apesar de ele ser perfeito, naquele justo momento eu só queria paz. E era incrível encontrar exatamente isso nele em completo excesso.

— Tem uma garota no meu pé — ele comentou casualmente em uma noite de sexta, logo após termos encomendado todos os doces artesanais da festa.

— Ela é da faculdade? — Estiquei o pé, colocando-o em seu rosto, e isso era um pedido

## PERIGOSAS ACHERON

silencioso para que fizesse massagem. Ele entendeu. Tristan sempre entendia.

Depois de tanto tempo nos vendo todos os dias, nossa amizade cresceu a ponto de eu não ter mais vergonha quando ele chegava em minha casa e eu estava com meu pijama furado, ou de me levantar e fuçar sua geladeira em busca de alguma coisa para comer.

— Não é, não. Não sei o que fiz de tão ruim para conhecê-la. — Ele suspirou balançando a cabeça como se estivesse com nojo, o que me fez rir. — Não ria de mim, Cecelia! Ela quase implorou para eu *comê-la*. — Ele disse baixinho a palavra “proibida”, o que me arrancou ainda mais risadas.

Tristan era tão doce que qualquer palavra “feia” conseguia soar diferente vindo dele.

— Ela fez isso mesmo? — Eu me sentei no sofá, curiosa e empolgada.

Eu não a conhecia, porém, já estava louca para ouvir toda a história e rir na sua cara quando a encontrasse pessoalmente. Eu adorava piadas

## PERIGOSAS ACHERON

internas.

— Sim, ela fez. — Ele coçou a nuca — Ontem fui a uma festa...

— Aquela que você não me chamou — eu o cortei, balançando as mãos perto do seu rosto enquanto ouvia sua risada — continue.

— Sim, essa. E não sei como ela me encontrou lá e se pendurou em mim. — Ele bufou. — Estragou minha noite. Eu tentei ser gentil e disfarçar, mas ela continuou em cima. E quando ficava quieto para ver se ela se mancava que eu não estava a fim, a garota desatava a falar e ficava perguntando o tempo inteiro “*Está me escutando?*”. Como dar um fora em alguém sem ser indelicado? — Ele suspirou, me arrancando mais uma gargalhada.

— E o que você fez? — Mordi mais um pedaço da pizza, olhando-o com expectativa.

— Eu tentei ir embora, e você *acredita* que ela perguntou se dava para ir comigo? — Sua voz ficou estridente e logo em seguida ele pigarreou para PERIGOSAS ACHERON

voltar ao tom normal, me arrancando mais risadas. — Tentei dizer, mais uma vez sendo gentil, que era melhor não. Ela me encarou, deu dois passinhos para trás e ficou passando as mãos pelo corpo, até que soltou: “*até parece que eu não sou gostosa*”. — Ele imitou uma voz afeminada e eu não tinha mais lágrimas, de tanto que eu chorava de rir. — Aí eu falei: “*bluf, nem é tudo isso!*”.

Peguei uma almofada para esconder o rosto enquanto tentava disfarçar minha careta pelas gargalhadas. Não conseguia respirar, minha barriga doía como nunca antes. Eu amava isso.

— Ela tentou me convencer de que estava bêbada. Como se eu fosse pegar uma garota. Bêbada, Cece! Até parece.

— E aí ela foi embora, não é? — Abracei a almofada, fungando enquanto secava os olhos. Tristan soltou um muxoxo debochado, me fazendo rir de novo.

— Eu tentei despistá-la, fui à cozinha pegar uma bebida e, antes de sair, lá estava ela, sorrindo

daquele jeito meio psicótico. — Tristan riu. — Ficou dizendo que gostava de estar em primeiro lugar e, se a deixavam em segundo, ela fazia o mesmo. Mas, cara, eu estava correndo dela a noite toda! — Ele arregalou os olhos, como se fosse óbvio. — O que mais ela queria? Uma placa na minha testa dizendo que eu não estava a fim? — Meu amigo bufou, me arrancando uma risada pelo nariz e quase me fazendo engasgar. — Então eu disse que, na verdade, tratava todas iguais, que ela não era diferente, e apenas boas meninas recebiam uma atenção especial.

— E com boas meninas, você quis dizer exclusivamente sua linda amiga Cecelia, claro. — Sorri convencida e ele assentiu (claro que ele assentiu), voltando a massagear o meu pé. — Sério que ela queria o mesmo tratamento que eu? *Bleeeergh!* — Fingi vomitar e ele concordou mais uma vez, me imitando.

— Aí, ela veio com um papo de que era uma menina má e que isso podia ser bom. Ela ficava tentando fazer uma voz sexy o tempo inteiro. Eu estava me esforçando tanto para não rir. — Ele

gargalhou e eu o acompanhei, estendendo uma cerveja em sua direção. Tristan bebeu um gole depressa, certamente para se sentir mais à vontade quando me desse o restante dos detalhes. — Eu disse que ela ainda estava em teste, e ela veio cheia de ironia, pedindo desculpas por não ser boa o suficiente. Então falei que nenhuma garota era suficiente, não até o momento. E você sabe o que ela fez? — Ele deixou a garrafa de lado e se ajeitou no sofá, me encarando com os olhos brilhando.

— Não! O quê? — Eu me ajeitei ao seu lado, mordendo os lábios com ansiedade. Sabia que viria algo divertido.

— Ela me olhou bem fundo dos olhos. — Tristan me encarou com os olhos verdes ainda carregados de deboche, e eu sabia que os meus, castanhos, estavam iguais. — E disse as seguintes palavras... — Pigarreou. — *“Querido, não estou te propondo namoro ou pedindo algum tipo de relacionamento. Quero apenas atenção no sexo. Mais nada”*.

— Não! — gritei, a boca escancarada de

surpresa. — Depois de tudo, ela ainda disse isso? — Arregalei os olhos e ele assentiu, tomando mais um gole da bebida. — Você podia ter lhe oferecido um pinto de plástico para curar essa carência, e mantê-la bem longe do seu. Vai que contamina... — Tristan engasgou, quase cuspiendo a cerveja, e eu ri dando um tapa em sua perna por quase sujar o meu sofá branco.

Eu sentia muita, muita falta de uma amizade assim, que me permitisse dizer tudo o que queria, sem filtro, sem medo e sem repreensão. Amava minhas amigas, no entanto, sempre me senti mais à vontade com pessoas do sexo masculino. Eles geralmente tinham as melhores histórias, e com eles sempre era mais fácil de conviver.

— Eu disse que já estava tarde e precisava ir, mas a ideia do pinto de plástico é muito boa. — Ele riu ainda mais alto. — Ela disse que eu só a estava enrolando, que poderia fodê-la em qualquer canto, que teríamos prazer e blábláblá.

Não consegui esboçar mais do que uma careta, sentindo pena e vergonha alheia. Alguém nesse

ponto não merecia de mim nada mais do que isso.

— E aí ela me agarrou!

— Ela te agarrou? — Arregalei os olhos mais uma vez, espantada.

— Agarrou! Mas, por sorte, meu celular tocou e fui obrigado a atender. — Ele deu um sorriso bobo. Quem quer que fosse naquela chamada, deveria ser especial. — E então, quando desliguei, ela disse que podíamos continuar, mas respondi que tinha broxado — Tristan contou naturalmente, e eu cobri a boca, soltando um grito enquanto me jogava no sofá.

Essa gargalhada durou mais de dois minutos, e deve ter sido a mais longa e forte de toda a minha vida.

— E aí ela foi embora? — Eu me recuperei respirando devagar, para tentar me acalmar.

— Hum, quem me dera! — Tristan suspirou, me fazendo apertar os olhos na tentativa de parar de chorar. — Quando ela viu que não conseguiria

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

nada, começou a me ofender. Eu juro, Cece, se soubesse que aquela festa seria tão ruim, tinha vindo para cá. E ainda traria sorvete.

— Uau, obrigada por me tratar como sua ótima segunda opção! Me tocou muito. — Peguei uma almofada e bati em suas costas, fazendo-o rir.

— Ela disse que sou um pé no saco. — Ele pegou a almofada e a ajeitou em meu colo, deitando a cabeça ali em seguida. — Eu! Porque fui eu quem implorou a noite inteira para alguém me comer, claro. — Revirou os olhos. — Ela ficou dizendo: “*você não tem bilau*”. — Tristan disse a palavra como uma criança de dois anos, me fazendo prender o riso. — E então ficou repetindo bem alto: “*você broxou*”. — Ele me olhou, o olhar mais insatisfeito do mundo. — Aí eu disse que foi ela que fez o meu bilau abaixar.

— Eu quero morrer sua amiga! — gritei, mais uma vez entre risadas altas e escancaradas. Tristan já estava acostumado, e a única coisa que fez foi dar de ombros, também rindo. — Te juro amizade eterna se você continuar me contando essas coisas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ah, você vai. Contanto que não me implore para comer você ou eu descubra que implorou isso a qualquer outro cara. Aí serei obrigado a cortar relações. — Ele olhou de baixo, me arrancando mais uma gargalhada.

— Nem que você pedisse! Nossa amizade vai durar para sempre. — Dei um tapa fraco em sua testa, ainda rindo.

— A história ainda não acabou, quer mais detalhes?

— Está brincando, não é? — Eu me ajeitei no sofá, mexendo em seu cabelo enquanto esperava o desfecho.

— Então ela foi embora. Saiu batendo o pé, empurrando todo mundo e desapareceu, o que me fez dar graças. Eu fui embora também, porque estava apavorado com a ideia de encontrar com ela de novo, ou uma garota ainda pior. Quando cheguei em casa, adivinha quem tinha me mandado uma mensagem?

— Como ela conseguiu seu número? — Eu me

PERIGOSAS ACHERON

espantei, e ele deu de ombros.

— Sei lá. Só sei que ela começou a falar que eu não tinha uma desculpa melhor para não querê-la, por isso disse que ela tinha me broxado. Ela chegou a me mandar uma foto de biquíni com a legenda “*como isso pode ter feito você broxar?*”. Quem manda foto sexy para um cara que mal conhece?

— Que louca! — comentei baixinho.

— Louca é pouco. E quando eu ficava sem responder, para ver se ela se mancava, ela ficava me mandando vários pontos de interrogação. Aí eu respondia com *emoji* e ela dizia: “*não dá para conversar com você mandando essas carinhas*”, mas, cara...

— Estava óbvio que você não queria conversar!  
— eu o cortei.

— Exatamente! — ele respondeu ao mesmo tempo, na mesma altura e na mesma empolgação, me fazendo rir ainda mais. — Aí eu disse que a foto nem era tão bonita assim, para ver se isso bastava, mas ela teve a cara de pau de me mandar  
PERIGOSAS ACHERON

nunca mais falar com ela. Porém, continuou me mandando mensagens. — Ele balançou a cabeça em negação, rindo. — Então ela partiu para a apelação, disse que eu estava destruindo o seu ego e blábláblá. Que aquilo doía e que eu tinha acabado com a vida dela. — Revirou os olhos. — Depois começou a falar que todos a achavam chata e tudo mais. Aí eu disse que ela nem era tão chata.

— Tão chata? Mentiroso! — gritei, batendo com uma almofada em seu rosto enquanto ele também gargalhava.

— Calada! Tive que ser *gentilzinho*. — Mordi a almofada mais uma vez, tentando conter meu escândalo.

— Você é a melhor pessoa do mundo! — Eu o abracei, mordendo sua bochecha ainda entre risadas.

Sinceramente, eu devia ter acertado na loteria para conseguir um amigo como ele.

Tristan então disse que, a partir daquele ponto, o drama da garota ficava forte e humilhante demais

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

para ser contado, e mesmo quando insisti, ele não deu mais detalhes. Entretanto, o que eu sabia já era suficiente.

Foi desse jeito espontâneo que logo nossa amizade se tornou forte e inabalável. Em pouquíssimo tempo, Tristan já sabia de toda a minha vida, as partes boas e ruins. Já sabia sobre todos os meus desamores e comentou por longas horas sobre cada um deles, me fazendo encontrar algo de bom neles que eu mesma não havia notado.

Depois de conhecer todos por mim, Tristan me mostrou que possuíam sua singularidade, que eu tentara negar, e que todos de alguma forma me fizeram bem, por mais que eu também tentasse a todo custo me opor a isso.

Matt havia me ensinado a ser altruísta.

Logan havia me mostrado que eu podia ser forte o bastante.

Andrew me ensinou que eu precisava aprender em quem confiar, porque, sinceramente, ele foi um dos piores.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan me ensinou que eu não merecia e nem precisava ter alguém pela metade.

Dean, bom, ainda estávamos tentando encontrar a parte boa em Dean.

Christian havia me mostrado que o amor não precisa acabar quando chega ao fim.

Tristan também me escutou xingar cada um deles e não saiu do meu lado um minuto sequer enquanto não teve certeza de que eu estava realmente bem.

As coisas iam tão bem entre nós que houve um momento de eu chegar à faculdade e correr para pular em seu colo, resmungando estar cansada, e ele me carregar de um lado para o outro sem reclamar. Algumas vezes eu torcia para que um dia par da semana acabasse logo e o ímpar chegasse, pois nosso acordo era nos encontrarmos em todos os dias ímpares do mês, sem exceções. Também já havia acontecido de eu, uma apaixonada por doces, abrir o último pedaço de chocolate na sua frente e dividir com ele.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu. Dividindo comida. Não que tivesse alma de taurina, no entanto, chocolate era minha coisa favorita do mundo. Depois de pizza de calabresa com cheddar. E de ser amiga de Tristan.

Ele esteve comigo o tempo inteiro. Ajudando-me a decorar cada detalhe para o baile, me carregando em suas costas quando a escada estava ocupada, me ajudando a decidir qual cor ficava melhor em determinado lugar... Nós nos entendíamos tão bem e tínhamos um pensamento tão parecido que era engraçado.

E foi assim até o dia do baile.

Depois também, claro. Acho que já ficou bem nítido que eu não o deixaria ir embora.

Um dia antes da festa, ele ligou perguntando se eu tinha companhia. Eu gastara tanto tempo pensando em tudo, para que ficasse perfeito, que encontrar um par para o baile se tornou um detalhe desnecessário. Eu só queria ir, dançar e curtir com meus amigos.

## PERIGOSAS ACHERON

Quando respondi que não, sua resposta foi “*agora tem*”.

E realmente tive.

— Você vai mesmo ao baile com Tristan? — Ed se sentou no sofá em meu quarto enquanto eu colocava os brincos. Assenti, esparramando minhas joias pela cama em busca da gargantilha de ouro branco.

— Vou, por quê?

— Achei que me chamaria para ir com você. — Ed deu de ombros no instante que o olhei.

Franzi o cenho e me aproximei, estendendo a gargantilha em sua direção para que ele a colocasse em meu pescoço.

— Você quer ir comigo ou quer uma desculpa para ver Miranda? — alfinetei. Ed bufou, beliscando meu pescoço com o fecho do cordão. Soltei um resmungo baixo. — Ei!

— Você está linda. — Ele sorriu ao me olhar e

PERIGOSAS ACHERON



eu revirei os olhos debochadamente pela sua tentativa de desviar o assunto.

— Você pode ir à festa! É meu irmão, eu te convidei.

Ed mordeu os lábios e deu de ombros, negando.

— Acho que prefiro ficar em casa.

O que ele preferia era não arriscar ver sua ex com o atual namorado, mas não o forçaria a me dizer isso.

Miranda se formaria no mesmo semestre que eu. Se ela e Andrew estivessem em um bom momento, ele a acompanharia. Se ele estivesse no meio de uma de suas crises, ela iria sozinha e sorriria para todo mundo, bebendo todos os copos alcoólicos que colocassem na sua frente fingindo estar bem, quando, na verdade, estava arrasada.

Ed não foi ao baile, preferiu ficar em casa com seus livros e suas aulas. Ele também não convidou Emily para fazer nada, mesmo quando eu disse que poderia dormir na casa de alguma amiga.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia, por mais que ele gostasse da nova namorada, que aquele momento seria dedicado para um de seus devaneios. Ele e Miranda tiveram um longo relacionamento, aquela era mais uma etapa na lista de conclusões de sua ex que ele não faria parte.

Às seis horas da tarde, Tristan estava na minha porta com sua calça jeans e uma blusa social preta. Um perfume forte e gostoso me envolvia e ele tinha uma rosa na mão estendida em minha direção, me fazendo rir enquanto eu era coberta de elogios.

Tristan era completamente amável, porém, se tinha algo de mais incrível nele, era a forma como sempre me fazia sentir bem, mesmo nos piores momentos. Nos bons, então, eu não podia encontrar nada para comparar.

Seu jeito leve sempre quebrava qualquer clima ruim, suas piadas péssimas sempre me acalentavam, seus elogios sempre pareciam mais bonitos que os de qualquer outra pessoa, e seu sorriso em minha direção me deixava alta de orgulho. Não havia como não querer estar perto

## PERIGOSAS ACHERON

dele.

Seguimos até o ginásio da universidade em seu carro. Chegamos vinte minutos após a festa começar.

Estava tudo tão lindo quanto tínhamos decorado e, no fundo, me senti orgulhosa. A pista de dança brilhava com os tons exatos que tínhamos escolhido, as faixas penduradas estavam meticulosamente espalhadas pelo salão, o palco no lugar certo, o bar com as bebidas escolhidas e a mesa de doces estava completamente linda e chamativa. Todos dançavam animados com as músicas agitadas que havíamos pedido.

Ah, me deu até vontade de chorar ao pensar que eram minhas últimas horas naquele lugar, que havia sido minha segunda casa por tantos anos.

— Não, sem chorar! Você está muito bonita para ficar toda borrada. E não vou andar com você parecendo um panda. — Tristan deu um soco fraco em meu ombro e eu ri, assentindo enquanto limpava cuidadosamente em volta dos olhos para

## PERIGOSAS NACIONAIS

não borrar minha maquiagem preta esfumada.

Ele me estendeu a mão e eu a peguei, andando ao seu lado pelo ginásio e admirando cada detalhe.

Como imaginei, pouco depois de chegarmos já não havia mais casal nenhum. Fiquei com minhas amigas de turma quase todo o tempo.

Dancei músicas que nunca imaginei ter no meu repertório. Bebi drinks desconhecidos e novos, alguns bons e outros ruins. Beije pessoas que nunca mais veria. Tirei fotos em mais de mil tipos de aparelhos. Era a minha formatura e eu merecia tudo aquilo e muito mais. Eu era oficialmente formada em Literatura. Havia conquistado aquilo com muito suor e tinha todo o direito do mundo naquela noite.

Durante a madrugada, vi Tristan novamente e sorri, acenando para ele enquanto cantava bem alto e dançava sem me importar de parecer boba. Era uma sensação tão gostosa saber que, depois de tanto esforço, tanto tempo, aquela era a minha despedida para um começo ainda maior.

## PERIGOSAS ACHERON

A música terminou e logo começou a tocar uma lenta, que não consegui identificar, levando os alunos a reclamarem da mudança drástica.

— Acho um absurdo eu não ter dançado uma música sequer com a minha acompanhante. — Tristan fez uma reverência. Ele acenou agradecido para o DJ, que retribuiu, me fazendo rir.

Eu já estava alta, mas como sempre me policiava em relação à bebida, sabia que não passaria nenhuma vergonha. Não mais do que já estava acostumada sóbria.

— Podíamos ter dançado *A thousand milles!* Não precisava ter pedido ao DJ uma música tão lenta. — Eu lhe mostrei a língua, sorrindo ao pegar sua mão.

Tristan começou a cantar “*Making my way downtown*” e abraçou minha cintura, me arrancando uma gargalhada enquanto apoiava as mãos em suas costas e descansava a cabeça em seu ombro.

Pela primeira vez naquela noite, senti sono, mas  
PERIGOSAS ACHERON

sabia que bastavam uma ou duas latas de energético para espantá-lo. Eu não podia dormir quando ainda havia o restante da festa para aproveitar.

— Está gostando do seu baile? — ele perguntou depois de um tempo, e eu assenti, olhando ao redor pelos seus ombros com um sorriso bobo no rosto.

— Não tenho ideia de como ele poderia estar melhor. — Sorri baixinho, soltando um suspiro. — E você?

— Acho que ele poderia estar melhor, sim. — Ele me encarou e deu de ombros. Entortei os lábios, compreensiva.

— Bom, pelo menos meu ex não está aqui. Você pode ficar feliz comigo por esse motivo — tentei. Tristan riu forçado, assentindo.

Eu notei em seus olhos uma fagulha de algo que nunca tinha visto antes, e isso apertou meu peito. Tristan era incrível demais para ser magoado. — O que acha de apostarmos quem come mais mini *cupcakes* em menos tempo? — sugeri o mesmo que ele, quando chorei dizendo que naquele dia

PERIGOSAS ACHERON

completavam três anos sem uma única notícia de Matt.

Tristan sorriu e seus olhos marejaram, me fazendo sentir o aperto mais forte.

— Eu acho uma ótima ideia. — Ele se afastou segurando minha mão e em seguida a beijou, me acompanhando para fora da pista.

— Quer me dizer o que está acontecendo? — Enchi um copo com mini *cupcakes*, lhe entreguei e peguei outro para mim.

— Aqui? — Ele apontou ao redor, dando de ombros.

— Bom... — Coloquei dois minis *cupcakes* na boca e os mastiguei depressa, ouvindo sua risada. — Você pode esperar até depois, se quiser. Mas acho que o que você quer está nesse baile e, se não me contar, eu não vou poder te ajudar a correr atrás.

Tristan me encarou e suas bochechas coraram violentamente. Por fim, engoliu em seco, atento ao

# PERIGOSAS ACHERON

copo em suas mãos.

— Então você sabe?

— Que você gosta do Edgar? E que ele gosta de você? E que ele está com ciúmes de mim? E que você está triste porque achou que organizar esse evento era um jeito de ficarem mais próximos, até ele abrir mão? — Revirei os olhos e bufei debochadamente, arrancando uma risada fraca de Tristan. — Sim, eu sei. E sei também que sou muito egoísta para parar de falar com você por conta de ciúmes bobos e incabíveis.

Tristan sorriu e, mesmo com a luz baixa, vi suas bochechas ganharem um tom mais forte de vermelho.

— E isso não muda nada? — Ele olhou ao redor, quase que com medo, e notei seus olhos brilharem pelas lágrimas. Eu apenas ri fraco.

— Deveria mudar alguma coisa? Contanto que você continue me dando detalhes de todas as garotas “não suficientes”, acho que jurei amizade eterna, e eu não quebro meus acordos. — Mordi os  
PERIGOSAS ACHERON



lábios, prendendo um sorriso.

Tristan sorriu, respirando aliviado.

— Descobriu isso quando contei sobre a Sarah?

— Argh, claro que não! Até eu, se fosse homem, não iria querê-la. — Fiz cara de nojo e ele riu alto, parecendo mais relaxado. — Sabe... — Olhei o salão e encontrei Edgar no canto direito conversando com um grupo de garotas. Vez ou outra, seus olhos varriam o ginásio e paravam em Tristan. Só alguém muito cego não notaria isso. — Acho que elas não o deixam tão à vontade quanto eu deixo você. Talvez devesse ir até lá falar com ele e salvá-lo. — Sorri, empurrando-o com o ombro e o olhando de lado.

Tristan me encarou por um tempo antes de voltar os olhos para os seus sapatos, pensando no que me dizer.

— Eu ainda estou com raiva, Cece. Edgar disse que essa formatura seria um bom começo, e já faz quase seis meses que ele mal fala comigo. — Bufou e pegou uma bebida de um garçom que

PERIGOSAS ACHERON

passava, sorvendo quase tudo em um só gole.

— Vai ver esse tempo era coisa do destino para eu te ajudar. Talvez tudo o que passou comigo tenha servido para alguma coisa. Porque, convenhamos, eu, sim, sou gostosa e está na cara que você não sente atração física alguma por mim — debochei, e ele riu, terminando a taça.

— Eu não sei... E se não for exatamente isso? — Ele encarou o copo vazio em suas mãos, mexendo-o nos dedos. — Você sabe... E se eu estiver confundindo as coisas para mim mesmo? — Tristan me encarou, os olhos arregalados e marejados. Era quase como se estivesse dependendo do que eu diria para continuar com aquela ideia, ou não. — Quero dizer... Nós éramos apenas amigos.

— E se você for lá falar com ele, quer dizer que não serão mais amigos? — Sorri.

Deixei o copo que estava em minha mão sobre a mesa e segurei suas bochechas nas minhas palmas, vendo seus olhos ainda mais vermelhos. A força que ele fazia para as lágrimas não caírem deixava-

## PERIGOSAS NACIONAIS

os muito pior. — Você saberá o que é certo e o que tem que ser feito quando estiver com a pessoa certa. Sempre sabemos essas coisas. Às vezes, a pessoa exata não dura muito tempo, mas a sensação que ela nos traz é tão gostosa. Você deveria tentar. — Dei de ombros com um pequeno sorriso, esperando que aquilo fosse o que ele precisava ouvir. — Se não der certo, eu juro que vou te ouvir por horas. Coração partido nunca matou ninguém. Olha só pra mim! — Eu me afastei e revirei os olhos, em partes para compor a cena, mas em outras para que as lágrimas continuassem presas e não caíssem. Enquanto minhas mãos estavam apoiadas na cintura, mexi os quadris, fazendo Tristan rir enquanto secava disfarçadamente os olhos.

— Eu já disse que você é demais? — Ele me encarou e fungou antes de beijar minha testa, me arrancando um sorriso.

— Sei disso. E como sou demais, isso só me permite andar com pessoas do mesmo nível. Sem medo, sem receio. — Apontei com a cabeça na direção de Edgar.

## PERIGOSAS ACHERON

Tristan olhou por cima dos seus ombros e então me encarou com um sorriso decidido no rosto.

— Vai lá! Eu até paro de comer *cupcakes* para você achar que ganhou. — Pisquei, recebendo seu abraço forte e gostoso antes de ele se afastar de mim com o maior e mais bonito sorriso daquela noite.

Eu nunca me cansava daquele abraço, muito menos daquele sorriso lindo.

Convenhamos, não havia forma alguma de Tristan ser um desamor ruim. Ele só mereceu entrar nessa história porque foi um amor diferente. Um amor que marcou e durou a vida inteira.

Em outras palavras, Tristan se tornou um desamor por ser incrível demais para eu me dar ao luxo de me apaixonar por ele.

Número 8:  
Allaric Saint Clair



*“Houve um tempo que pensei que você fazia tudo certo. Sem mentiras, sem erros. Garoto, eu deveria estar fora de mim.”*

**Best thing I never had – Beyoncé**

Quando a faculdade terminou, acreditei que aquele era um novo começo e não o fim de tudo.

Coloquei na minha história um ponto final bem redondo, evitando que ele se transformasse em uma vírgula. Quando parei para analisar, notei que não havia nada de ruim para carregar dali em diante, pois tudo, absolutamente tudo, era um detalhe a mais em minha história. Momentos. Parágrafos que eu sempre faria questão de me lembrar.

Até as melhores histórias têm seus pontos pouco empolgantes.

Eu não sabia o que esperar do fim do meu curso. Tinha em mente que era hora de me dedicar à pós-graduação, mas depois de tantos anos com a mesma rotina todos os dias, era impossível não pensar em como seria dali para frente.

Era impossível não pensar se eu encontraria um bom emprego, se as amizades permaneceriam, se ainda nos falaríamos como antes ou se eu conseguiria sobreviver à nova rotina. O fim sempre vem repleto de “se” quando sabemos que há um

## PERIGOSAS ACHERON

novo começo pela frente.

Assim que tudo terminou, a colação de grau e o baile, e tomei consciência de que as coisas mudariam a partir daquele momento, tive muito medo. Medo de todos os anos de faculdade terem sido em vão e eu ficar, como muitos, com um diploma debaixo do braço e sem um emprego. Medo de perder meus amigos mais uma vez e medo de todas as amizades construídas serem passageiras, como grande parte das outras.

Pouco tempo depois, vi que meu medo era completamente dispensável. Tristan continuava ao meu lado, estando todos os dias de números ímpares em minha casa. Eu ainda possuía minhas amigas e minhas companheiras de tequila, e nossos momentos eram como sempre foram, com o pequeno diferencial do trabalho que nos impedia de estarmos juntas a todo instante, mas nada que tornasse o clima constrangedor em nossos encontros. Essa era a melhor coisa que poderia acontecer.

Dez meses após o fim da faculdade, eu já estava

## PERIGOSAS NACIONAIS

engajada na minha pós-graduação e precisava desesperadamente de um emprego. Eu distribuía meu currículo sem muitos acréscimos, afinal, nunca havia trabalhado. E sempre que o recebiam, diziam a mesma frase ensaiada: “*aguarde contato*”.

Meus currículos iam para os mais variados lugares. Empresas de redação, revisão, tradução, jornais, revistas, escolas etc. Era incrível como uma matéria tão *simples* e pouco engrandecida podia abranger áreas tão vastas, tão importantes, e isso só me deixava ainda mais ansiosa para saber em qual delas eu teria sorte pela primeira vez. Qualquer que fosse me encheria de orgulho.

A resposta veio em um telefonema, após oito tentativas, de uma editora de livros onde Tristan trabalhava a pouco mais de dois meses.

A secretária no outro lado da linha até riu ao notar quão empolgada eu havia ficado com aquela notícia. No dia seguinte, no horário marcado, estava presente para a minha entrevista.

Calça jeans, camisa social e sapatilhas.

## PERIGOSAS ACHERON



Profissional e competente. Sorriso contido no rosto e olhar fixo. Não sabia se quem me entrevistaria sabia ler um rosto com uma máscara bem posta, mas, de qualquer forma, não foi preciso muito esforço.

Meu entrevistador era Allaric; *All*, como ironicamente foi por um tempo para mim, ou mais conhecido como número 8. E se havia uma coisa que ele fazia bem, era manter o clima ameno e espontâneo. Isso, é claro, deveria ser para contrastar com a pessoa totalmente sem caráter e forçada que escondia debaixo da pose de bom moço.

No primeiro momento, todo o nervosismo veio à tona. Mas quando ele sorriu e disse que eu deveria ficar calma, realmente fiquei.

Fácil. Allaric sempre conseguia levar o peso e o nervosismo de um momento. Era confiante e seguro, e isso era contagiante.

Nossa entrevista se deu mais como uma conversa. Ele perguntou o que eu esperava do meu

primeiro emprego e me deu a oportunidade de ser sincera. Perguntou sobre a faculdade, a pós-graduação e minha vida até ali. Eu sempre o respondia de forma informal e despreocupada. Não era uma entrevista, na verdade. Era a primeira chance de nos aproximarmos.

Assim que acabou, Allaric sorriu para mim, um daqueles sorrisos largos e claros que combinam perfeitamente com ternos escuros e olhos azuis. Ele informou que eu começaria em uma semana, tempo apenas de passar pelo exame médico e ser admitida.

A semana inteira foi de correria, e também de festa, enquanto eu pulava no sofá e dizia que havia sido aceita. Tristan me ajudou na empolgação, afinal, quem havia dado o empurrão que eu precisava para aquele emprego fora ele.

Na manhã de segunda-feira, depois de tudo resolvido, era o meu primeiro dia e eu não poderia estar mais ansiosa. Vesti uma camisa social azul-clara, calça jeans, sapatilhas escuras e, no horário combinado, Tristan estava à minha porta.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu chefe vai gamar em você se for trabalhar gostosa assim todos os dias. — Ele beijou minha testa e eu ri, pegando minha bolsa e agarrando seu braço enquanto seguia até o carro.

— Se ele for igualmente gostoso, não vejo problema algum — debochei, entrando no lado do carona.

— Me perdoe, querida, mas ele é mais gostoso do que você. Nada pessoal. — Tristan riu e eu abri a boca, fingindo estar ofendida, mas não me contive e caí na gargalhada.

Assim que chegamos à recepção, peguei meu novo crachá e oficialmente me senti parte da editora. No elevador, meu amigo ajeitou meus cabelos nos ombros e apertou minhas bochechas para deixá-las coradas, o que me fez resmungar.

— Pareça profissional. E não ria de tudo o que seu chefe disser. Às vezes, ele é bem sem graça, e sabe disso. — Tristan revirou os olhos. Eu ri mais uma vez, misturando o nervoso à felicidade, e respirei fundo, soltando o ar devagar para tentar me

## PERIGOSAS ACHERON

acalmar.

— Eu nem sei se terei muito contato com ele, Tristan. Isso será fácil.

— Boa sorte! — Ele sorriu me olhando com orgulho. Eu o abracei com força antes de deixá-lo seguir para o setor administrativo.

Continuei no elevador, subindo mais alguns andares. Assim que as portas se abriram, segui em frente, procurando pela secretária que haviam me dito.

Layla não era Kelsey, a moça simpática e gentil que me dera a boa notícia outro dia. Essa era irônica e forçada, tanto que, quando me apresentei, a primeira coisa que fez ao olhar para mim foi bufar (bufar para mim!), antes de se levantar e dizer que eu deveria segui-la.

Eu a acompanhei, pouco satisfeita, e então seguimos até uma sala de tons claros e móveis de mogno. Layla me mandou esperar do lado de fora e entrou, saindo dois segundos depois com a mesma cara amarrada. Ela abriu a porta e, quando entrei, a

PERIGOSAS ACHERON

fechou atrás de mim com força, me fazendo pular de susto.

Antes que eu terminasse a série de palavrões, outra porta se abriu e um cheiro incrível invadiu o ar. Avistei Allaric vestido impecavelmente com um terno escuro e um sorriso no rosto vindo em minha direção.

— Esses palavrões são pela decoração da sua nova sala? Não gostou? — Ele riu baixo, e eu abri a boca para dizer que não era nada do que ele estava pensando.

Varri os quatro cantos daquele lugar espantoso e minha boca se abriu ainda mais quando finalmente entendi sua frase.

— Isso... é sério? Eu achei que... — Engoli em seco, os olhos ainda arregalados. — Achei que a vaga era para revisor.

— Esse era o plano inicial, mas tive um problema com minha assistente, e como você precisava de um emprego... — Ele me encarou dando de ombros, o sorriso ainda contido em seu

PERIGOSAS ACHERON

rosto. — É suficiente para você?

— Se é suficiente para mim? — debochei, olhando mais uma vez ao redor, maravilhada. — Parece incrível para mim! — Sorri abertamente.

Eu já podia imaginar como decoraria cada pedacinho daquela sala. Onde colocaria minhas fotos, grudaria meus inseparáveis *post-its* coloridos e em que espaço deixaria meu caderno de histórias. Quando o olhei para agradecer, notei seus olhos fixos em mim, o que me fez sorrir com as bochechas coradas. — Obrigada! Espero que *eu* seja suficiente — agradei, o sorriso empolgado ainda em meu rosto.

— Eu sei que será.

Eu me acomodei na nova sala logo em meu primeiro dia. Havia uma lista de nomes e empresas que eu ficaria encarregada de aceitar ou recusar sempre que lhe telefonassem. Além disso, também era minha função separar os exemplares mais e menos vendidos, organizar os livros por ordem de influência, importância e gênero, procurar novos

## PERIGOSAS NACIONAIS

contatos e cobrar prazos dos autores na data específica de cada um.

Pareceu-me incrível no começo. E realmente era.

Passada a timidez, poucas semanas mais tarde, vez ou outra Allaric saía de sua sala para ver como eu estava indo. Às vezes, parava, puxava uma cadeira ao meu lado e conversávamos por horas, até que o telefone tocasse e ele voltasse mais uma vez para dentro de sua sala, me deixando só com a lembrança do seu perfume marcante.

No primeiro mês, tentei agradá-lo. Não era minha função, mas se tornou praxe eu descer todas as tardes, pegar um café e um bolinho na recepção e deixá-los em sua mesa. Logo descobri que seu café favorito era adoçado com mel e, a partir de então, ele começou a me esperar todas as tardes. All sempre me perguntava quem dissera para fazer aquilo, e eu sempre me esquivava do assunto. Não diria que era uma tentativa de cativá-lo e, coincidentemente, havia dado certo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

No segundo mês, as coisas fluíam ainda melhor entre nós. Não havia mais pompa e muito menos receio de dizer algo errado. Nós nos tornamos amigos, e isso fazia com que todo o dia passado naquela sala fosse bom e eu esperasse ansiosa pelo próximo. Era como se estivéssemos trancados em um mundinho paralelo onde ninguém pudesse nos alcançar. De certa forma, era realmente isso, pois, por ordens dele, ninguém entrava naquelas salas sem ser convidado ou anunciado.

Ao fim do terceiro mês, eu já sabia as pessoas que ele queria ou não atender. Quais desculpas dar a umas e o que dizer a outras.

No quarto mês, quando voltou de uma viagem ao Caribe, encontrei uma pequena estrela do mar de pelúcia em cima da minha mesa junto a um cartão postal de Bonaire.

No início do quinto mês, tive mais uma das muitas surpresas. Quando cheguei à minha sala e abri a gaveta para pegar minhas coisas, notei uma caixa redonda envolta por um laço amarelo absurdamente mal feito. Havia um *post-it*, também

## PERIGOSAS ACHERON



amarelo, grudado ao vidro da mesa. De tanto ler aquela letra, soube imediatamente de quem era.

*“Feliz cinco meses de editora. Espero que não repare o embrulho, não pude pedir a ajuda de minha assistente.*

*Allaric SC.”*

Desfiz o laço entre risadas, encontrando cinco bombons brancos e, apenas pelo cheiro, soube que eram trufados com framboesa e amora. Não consegui conter o sorriso. Eu duvidava que aquilo fosse só uma coincidência.

Levantei-me com a caixinha e o laço pendendo em mãos e caminhei até a sua porta, empurrando-a devagar logo depois de bater. Allaric estava no telefone, mas ao notar que eu havia entrado, se despediu de quem quer que fosse e então se voltou a mim.

— Acho que recebeu o meu presente. — Sorriu olhando para a caixa em minhas mãos.

— Alguém te contou sobre o meu favoritismo

PERIGOSAS ACHERON

por bombons e frutas vermelhas? Juntos? — perguntei, sem conseguir conter a curiosidade. Peguei um bombom, mordendo-o e saboreando-o enquanto tentava não sorrir. Estendi a caixa em sua direção e ele também escolheu um, cheirando antes de levar à boca.

— Na verdade, não. Mas como você foi a única pessoa que pensou em adoçar meu café com mel, imaginei que deveria ter um gosto bem peculiar para doces — Allaric comentou casualmente, e eu arregalei os olhos sentindo o rosto esquentar.

— Você disse que era o seu favorito...

— E é, mas ninguém nunca tinha feito isso para mim. Antes de você, claro.

Pronto. Eu havia sido descoberta.

Allaric sorriu ao ver minha cara de espanto, me fazendo corar ainda mais. Apesar da circunstância, eu só conseguia pensar quão bonito ele era quando sorria daquele jeito.

Aquele dia foi apenas mais um dos muitos em  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que me encantei por ele.

No sexto mês, eu o acompanhei a um almoço de negócios pela primeira vez. Minha presença era completamente dispensável, entretanto, meu ego inflou quando notei que só estava ali, ao seu lado, porque ele se importava em saber minha opinião quanto aos seus negócios.

No sétimo mês, quando saiu para comer alguma coisa, sutilmente perguntou se eu gostaria de acompanhá-lo. E quando eu respondi que havia muito para fazer ainda, sua resposta foi sucinta: *“sou seu chefe e quero tratar de negócios com você fora daqui”*. E depois de rirmos, tentei argumentar que não era necessário, mas logo tomávamos *Frappuccino* em um bistrô próximo dali, conversando assuntos que em nada tinham a ver com a editora.

No oitavo mês, eu estava acostumada a ter chocolates em minha mesa, além de outros presentes. No entanto, quando cheguei e vi uma caixa enorme de bombons suíços, estranhei e soube que ele pediria alguma coisa.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Na primeira vez, recebi uma margarida e seu pedido foi que eu o acompanhasse em uma reunião. Passadas algumas semanas, um par de brincos e seu desejo era que eu o acompanhasse em outra reunião, dessa vez depois do horário de expediente. Na terceira vez, meu presente foi um café com cookies e um *post-it*, me pedindo que terminasse o relatório para ele até o fim do dia. Uma caixa grande de chocolates suíços deveria significar um pedido extremamente relevante.

Assim que me ajeitei em minha mesa, sua porta se abriu e senti seu perfume amadeirado preencher o ar junto a sua voz. Precisei fechar os olhos discretamente para que não me inebriasse com seu cheiro maravilhoso.

— Recebeu o chocolate, não é? — Ele puxou a cadeira à minha frente e se sentou com um suspiro, apoiando os braços relaxadamente na mesa.

Allaric aparentava ser tão sério a maior parte do tempo que vê-lo fazer coisas simples ainda era estranho de presenciar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Sim. E, sendo honesta, estou com medo do que você vai me pedir — comentei enquanto ligava o computador. Ele riu coçando a nuca e eu encarei o visor antes de fazer *login*. — Pode falar, Allaric. — Ri, vendo seu olhar receoso sobre mim. — Trabalho para você, esqueceu?

— Me ligaram ontem à noite, disseram que enviariam novos nomes e livros de autores internacionais para serem avaliados. Eles precisam de vinte nomes.

— Isso é bom, não? Eu posso fazer rápido. Você me passa a lista e em uma semana termino, até menos, dependendo do número. — Sorri acessando a internet. Respirei fundo e apertei os olhos com raiva pela demora que seria até que todos os programas fossem abertos naquela lentidão.

Eu odiava a internet algumas vezes.

— O problema é que eles querem isso para amanhã... — Ele coçou a nuca novamente, os lábios torcidos, e eu o encarei por cima da tela.

— Ah. Entendi... — Olhei os bombons mais  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma vez e arregalei os olhos ao ver quantos havia na caixa. — Quantos nomes? E quantos livros em média por autor? — Fiz uma careta, me preparando para o choque.

— Quarenta e dois autores. Cada um com cinco livros, em média — ele disse baixo, e eu fui incapaz de conter a surpresa.

— Em uma noite? — indaguei, horrorizada. All assentiu e eu fechei os olhos com força, me preparando para o terror que seria em algumas horas.

Cada autor demorava em média trinta minutos para ser analisado. Primeiro era levado em conta o seu perfil, e então sua influência, os números vendidos, gênero alcançado e, por fim, os livros. Geralmente, quando o nome era conhecido e influente, todos os títulos eram aceitos, até mesmo porque perder um bom artista era um caos completo. Porém, com novos autores a situação era diferente, e eu sabia que os quarenta e tantos nomes eram em sua maioria desconhecidos que começavam do zero e buscavam uma chance.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tive vontade de chorar ao pensar que passaria toda a madrugada lendo fichas e passando a Allaric os perfis mais aptos. Outra opção era sortear, mas isso era uma falta de consideração sem tamanho, tanto com os autores quanto com a empresa que escolhia a dedo, literalmente, em quem investir.

— As pastas estão na minha casa. Podemos ir para lá e pedir pizza, se isso te fizer sentir melhor.  
— Ele sorriu, buscando melhorar a situação, e eu ri sem jeito, tentando acompanhá-lo enquanto disfarçava minha surpresa. Nosso relacionamento chefe/assistente não havia nos permitido passar uma noite inteira juntos ainda.

Uma noite inteira com ele.

Eu aceitei, pois era impossível terminarmos aquilo de outra forma no prazo estipulado. Allaric pareceu aliviado e voltou para a sua sala, me deixando a mil em minha cadeira.

No horário do café, mandei uma mensagem para Tristan dizendo que precisava conversar, exagerando dramaticamente nos *emojis*

## PERIGOSAS ACHERON

desesperados.

Encontrei meu amigo no hall com os olhos arregalados de desespero e checando o horário no celular. Quando me viu, correu em minha direção, nervoso.

— Você está bem? O que aconteceu? — Ele segurou meus braços me analisando quase como se procurasse algum pedaço faltando em mim.

Tristan e seu lado super protetor eram um exagero sem tamanho, às vezes.

No bistrô próximo da editora, finalmente abri a boca para dizer o motivo pelo qual o chamara para conversar. Tristan parecia eufórico com o que eualaria antes mesmo que eu começasse.

Isso não foi nada perto de quando lhe contei que passaria uma noite inteira no apartamento de Allaric. A parte *a trabalho* parecia apenas um detalhe, pois ele não levou em conta.

— Você vai dormir com ele? — Tristan arregalou os olhos, a boca escancarada de surpresa.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não disse que vou dormir com ele! Disse que *vou* para o apartamento dele.

— À noite!

— Mas eu não vou dormir! Vamos a trabalho.

Meu amigo não parecia muito confiante em minha resposta, o que me fez revirar os olhos. Minha certeza veio minutos depois, quando ele se prontificou em me ajudar a encontrar um *lingerie* perfeito.

Meu *Frappuccino* quase errou o caminho e foi para o nariz.

— Mas que porra! Eu não vou dormir com ele!  
— Minha voz saiu um tom mais alto e corei quando notei alguns olhares em mim. Eu devia ter soado péssima, pois estávamos em Los Angeles e ninguém ligava a mínima para o que acontecia com as pessoas ao redor.

— Certo, certo! Então, por que está tão nervosa?  
— Ele me encarou com os braços cruzados e eu suspirei.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque... Porque... — Engasguei, acompanhando seu olhar imutável sobre mim. Não tinha uma resposta coerente para aquilo. — Porque não tem como não estar nervosa! Ele é todo... — Balancei os braços à minha frente, como se isso fosse alguma resposta. — Todo intrigante... E eu vou passar uma noite inteira no apartamento dele. Ninguém daquela empresa jamais esteve no apartamento dele! Na verdade, ninguém sabe nada sobre ele, e isso é meio estranho. Mas não quer dizer que vou dormir com ele!

— E por que não? Allaric é bonito, cheiroso, tem uma situação boa, é dono de si mesmo...

— Tristan, ele é meu chefe! — eu disse baixinho. — Imagina o caos que isso seria? — continuei em um sussurro. Ele deu de ombros, assentindo e pensando alguns segundos.

— Eu acho que ele sente alguma coisa por você. — Meu amigo bebeu um pouco do seu suco, me olhando por cima do canudinho.

Tentei mascarar o que senti de verdade ao ouvir

## PERIGOSAS ACHERON

aquilo. Posso até mesmo dizer que tive sucesso em esconder um sorriso.

— Você é meu amigo. Está imaginando coisas porque gosta de mim.

— Na verdade, não. Estou sendo sincero! De todas as secretárias que estiveram com ele no tempo que trabalho lá, nenhuma nunca ganhou uma lembrancinha sequer ou ficou por mais de um mês no posto. Ele te dá presentes para ajudá-lo no que é o seu dever! Acho que isso é só uma desculpa para se aproximar e agradar você — ele comentou, mexendo em seu suco com o canudo.

Entortei os lábios, sentindo os cantos de minha boca subirem ao ponderar suas palavras, mas balancei a cabeça para afastar o pensamento. Não precisava de mais uma coisa em mente.

Tristan saiu do bistrô ao meu lado e, de volta à editora, contei quantos minutos faltavam até que finalmente fosse a hora de ir embora. Cada instante me deixava mais nervosa, e eu me sentia completamente ridícula por isso. Allaric vez ou

## PERIGOSAS NACIONAIS

outra aparecia em minha sala, como de costume, e conversávamos um pouco até que ele voltasse ao seu serviço e eu continuasse com o meu dia.

Às seis da tarde, desliguei meu computador, como sempre fazia nesse horário. Dez minutos depois, minhas coisas estavam prontas, e em seguida ele saiu pela porta me fazendo respirar fundo e dizer mais uma vez para mim mesma que não havia nada de mais naquela situação.

Eu o segui, lado a lado, até o seu carro. Percebi como aquilo estava sendo natural para ele, e logo também se tornou para mim. Ouvimos música durante o caminho, conversamos sobre o nosso dia e comentamos sobre o trabalho que nos esperava.

Seu apartamento ficava a pouco mais de vinte minutos da empresa e notei como aquele lugar combinava com ele quando chegamos. Tanto a fachada do prédio quanto a recepção tinham tons rústicos e amadeirados. Allaric pegou duas caixas grandes com o porteiro, que eu sabia serem as fichas, e o ajudei a carregar uma enquanto seguia até o elevador.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Seu apartamento ficava em uma cobertura, o interior também era decorado em tons escuros e fortes. Assim que deixamos as caixas no chão, a campainha tocou e ele saiu para atender a porta, voltando logo em seguida com duas pizzas.

— Jura? Achei que estava brincando sobre essa parte da proposta. — Ri, ajudando-o a deixar as pizzas sobre a mesa de centro da sala. Assim que retirei a tampa de uma delas, respirei o delicioso cheiro de calabresa com cheddar.

— Pizza de calabresa com cheddar também é a minha favorita. Temos isso em comum. — Ele piscou para mim antes de virar as costas e ir até a cozinha. Sorri sozinha, balançando a cabeça para afastar mais uma vez os pensamentos que rondavam minha mente.

— Seu apartamento é muito bonito. Você mora aqui há muito tempo? — perguntei, curiosa, passando os olhos pelo lugar.

— Faz um ano e meio que deixei São Francisco e vim para cá. Minhas visitas agora são bem raras.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ele voltou para a sala com duas latas de energético nas mãos.

— Não gostava de lá? — Coloquei as caixas com as fichas próximas à mesa e me sentei sobre uma almofada no chão, relaxando as costas no sofá enquanto pegava a lata azul de sua mão.

— Minha vida lá era pouco atraente. — Ele deu de ombros e eu assenti, pegando a primeira ficha para analisar. Não parecia muito do seu agrado aquele assunto e senti que era hora de começar o trabalho.

O primeiro nome era Abigail Fox, e seu gênero de livros era o terror. Abigail era um nome novo e isso estava destacado em vermelho no seu perfil. Seu registro dizia que alcançara muitos fãs na internet e suas histórias estavam em primeiro lugar nos sites de busca online. O público alcançado era tanto o feminino quanto o masculino, de adolescentes a adultos. Sua lista contava com sete livros, sendo duas duologias.

Destaquei seus três volumes únicos como aptos,

deixando um enorme círculo verde no início da página. As séries eu marquei em azul, significando que estava na lista de espera já com alguma garantia, então não precisaria analisá-los mais tarde se as coisas dessem certo com seu contrato. Abigail era uma boa autora e suas histórias fugiam do clichê.

Allaric pegou o primeiro nome, avaliou e concordou. Usando o notebook começou sua parte, que consistia em preencher toda a ficha online da autora e selecioná-la como aceita.

Tentamos agilizar o processo, pizzas o tempo inteiro e energéticos sempre à mão, porém não conseguimos adiantar mais do que dez minutos para cada um. Alguns artistas eram tão clichês que, quando chegava ao fim de sua lista, me xingava por ter gasto o tempo que não tinha sobrando.

— Olhe só esse! É o décimo segundo que pego que escreve história sobre melhores amigos. — Suspirei, terminando de ler o que faltava. Allaric riu e deixou seu notebook, se sentando ao meu lado.

— Vai me dizer que nunca leu uma história onde a mocinha se apaixona pelo melhor amigo? — Ele esticou o pescoço para ler a sinopse na minha mão, e tentei não inspirar seu cheiro gostoso próximo ao meu nariz. — Mocinha e prima, ainda por cima. — Riu ainda mais e eu bufei, apertando os olhos com meus dedos para conseguir mantê-los abertos.

— É clichê demais! Mas não tanto quanto o valentão e a *nerd* da escola. — Fingi chorar. Eu já havia pegado mais de vinte títulos como aquele só naquela noite. Allaric deu uma gargalhada forte e eu bati em seu braço com o papel, tentando não rir. — Não tem a menor graça!

— Tem, sim! — Ele esticou o braço e pegou uma ficha da pilha de rejeitados. — Rubi é uma garota simples do interior do Texas que se muda para Ohio, confusa e inquieta com tantas mudanças. — Leu em uma voz forçada, o que me fez espremer os olhos mais uma vez de desgosto. — Na nova cidade, ela conhece Kyle, o filho do prefeito e jogador do time de basquete da sua nova escola. — Ele pigarreou e, antes que continuasse a melhor



parte, eu o interrompi.

— Aí ela se apaixona por ele e ele tem vergonha dela, mas também gosta dela. Então fica confuso, a magoa e blábláblá. — Bufei. — Eu até entendo essas autoras, elas querem fazer histórias para adolescentes, mas poxa, histórias assim já têm tantas! Sei que algumas delas escrevem bem demais e isso é um diferencial, mas de obras repetidas e clichês o mundo já está cheio.

— Bom, acho que elas escrevem histórias desse tipo porque sabem que essa realidade é melhor do que a que muitos adolescentes vivem. E, geralmente, são eles que mais procuram por livros assim. — Ele deu de ombros e eu assenti.

— Eu até entendo. Mas começar uma carreira em cima de uma história como a de todo mundo não é lá muito instigante. Qual a graça em ser só mais uma no meio de tantos? — Devolvi a autora Wendy para a pasta. Sua escrita era bem elaborada, no entanto, ela não passaria. Não com aquela história como pontapé, não enquanto eu selecionasse os nomes.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você leva isso muito a sério, não é? — Allaric me encarou, ajeitando os braços sobre a mesa. Franzi o cenho, confusa. — Isso de levar histórias às pessoas...

— Além de ser o meu trabalho, o mínimo que posso fazer é dar um bom escape às pessoas. É muita pressão escolher boas histórias! Muitos usam os livros como um jeito de viver a realidade de forma que doa menos, eles merecem um mundo paralelo de qualidade. — Sorri, tentando fazer com que aquilo não soasse muito ensaiado, porque não era. Era apenas o modo como eu via o meu trabalho.

Nunca fui fã de clichês, por mais que o tema *coração partido* lidere a lista de histórias desde os primórdios.

Peguei mais uma ficha para ler e Allaric pigarreou, se levantando e voltando para seu notebook.

Horas depois, faltavam apenas quatro nomes e tentei não olhar para o relógio, mas sabia que já se

## PERIGOSAS ACHERON

passava das seis da manhã. Suspirei, esfregando com força os olhos para tentar me manter lúcida.

— Muito cansada? — Ele me entregou uma nova lata de energético e eu assenti, tomando-a.

— Não sei. Meus olhos estão cansados e eu também, mas não estou exatamente com sono — comentei em meio a uma risada, sem saber se o pensamento fazia muito sentido. Allaric me acompanhou. Meu pulso estava dolorido de tanto tempo em uma mesma posição, assim como meu pescoço. Peguei mais uma ficha para ler, mas Allaric a tirou de mim, me puxando para que eu me sentasse no sofá ao seu lado. — Falta pouco. Vamos terminar logo. — Bocejei, exausta. Eu não sentia sono, queria apenas descansar o corpo, porém, ficar naquele sofá macio por mais de dois minutos seria suficiente para não conseguir me levantar depois.

— Obrigado por estar aqui. — Ele sorriu grato. Assenti, sentindo o rosto esquentar por parecer tão tola em sua frente.

O que eu poderia dizer? “*É o meu trabalho*” seria idiota demais quando eu estava adorando passar a noite em sua companhia, por mais cansativo que fosse.

Allaric me encarou e então desceu os olhos para o braço que estava em sua perna, ajeitando o outro no sofá acima do meu ombro. — Cecelia?

— Hum? — Eu o encarei, me dando conta de que ele estava ao meu lado próximo demais. Eu podia ver as pequenas sardas em seu nariz, até aquele momento desconhecidas por mim, e seus olhos claros brilhavam de ansiedade.

— Você não gosta de histórias clichês, certo? — Passou a língua entre os lábios após um tempo em silêncio. Franzi o cenho sem entender. — O que diria sobre a história de um chefe que se apaixona pela secretária? — Ele me olhou e vi quando seu queixo tremeu, me fazendo engolir em seco.

Tentei abrir a boca para falar qualquer coisa, mas, de repente, eu não tinha voz e meus olhos estavam arregalados como nunca nas últimas horas.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Allaric me olhava com expectativa, e eu sentia dentro de mim que alguma coisa estava crescendo e afluando, mesmo depois de tanto esforço para esconder. Não sabia se eu estava sorrindo do lado de fora, mas por dentro eu estava radiante.

— Eu acho... — Pigarreei, tirando o tom estridente pelo nervoso da minha voz. — Acho que poderia ser uma história legal. — Dei de ombros, tentando soar casual.

Allaric sorriu, um sorriso tão bonito e sincero. Sim! Ali, naquele momento, sei que ele foi sincero. E antes que eu me desse conta, ele me beijou. Talvez tivesse sido num piscar de olhos, já que, naquele momento, tudo estava mais lento.

E foi deleitável. Seu beijo tinha muito em comum com seu cheiro. Era inebriante. Maravilhoso. E gostei da sensação de seus braços ao meu redor e sua boca na minha.

Só notei como sentia falta de ter alguém, me causando tais sensações, quando as tive novamente. E foi um balde de água fria em toda a minha falsa

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

teoria de que nunca mais sentiria algo forte por alguém.

A partir daquele momento, passamos a ser um casal. No entanto, se havia algo que eu gostava em nós dois, era a forma como tratávamos isso. Não havia um anel em nosso dedo que mostrasse nosso status para todo mundo. Não havia estereótipo para nós. Éramos duas pessoas juntas e felizes com o que havíamos escolhido. Nós sabíamos do nosso relacionamento e isso era suficiente.

Como disse, eu nunca gostei de clichês, mas a partir do primeiro beijo, nos tornamos exatamente isso. Encontros fugidos dos outros funcionários. Beijos na escada e no elevador. Olhares furtivos durante as reuniões. Mensagens cheias de palavras de saudade sempre que ele estava em uma viagem e, principalmente, nos fins de semana, quando ficava todo o tempo longe de mim. Sem contar o sexo no escritório e quando eu precisava trabalhar todo o restante do dia sem calcinha porque ele as rasgava.

Essa era uma das melhores partes.

## PERIGOSAS ACHERON

Tristan dizia todo o tempo que eu precisava ir com calma, mas em nada me ajudava com seu ânimo depositado em nós dois. Era como:

*“Porra, mas vocês já transaram? E foi bom?”.*

Ou *“Não se entrega tanto assim, tão rápido. Espera! Ele te disse mesmo isso, com essas palavras? Meu Deus!”.*

E, o pior: *“Você não deveria já viajar com ele. Para Paris? Ele te chamou para ir à Paris e você ainda está pensando se vai?”.*

Minha ajuda não era das melhores, porém, contar coisas a ele me fazia bem.

Em abril, eu completei três anos na empresa e, pouco depois, vinte e oito meses com Allaric. Dois anos e quatro meses ao seu lado, tempo suficiente para ter uma cópia da chave do seu apartamento, dirigir seu carro e as mordomias serem iguais para ambos os lados.

Tempo para que todos da empresa soubessem que algo acontecia entre nós. Tempo para me

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

permitir conhecer novos detalhes sobre ele a cada dia e sempre me apaixonar um pouco mais. Tempo para decorar cada risada sua e colecionar mil fotos em minha parede, todas de diferentes ângulos e momentos, capturadas pela minha *Polaroid*. Tempo para a minha Pug gostar mais dele do que de mim, e tempo para eu começar a amá-lo. Amar de verdade, depois de tanto tempo sem ter certeza dos meus sentimentos pelos caras que passaram pela minha vida.

Eu amei Allaric. Intensamente. Por muito tempo.

Nossa relação não foi algo passageiro, nós tivemos um lindo conto que durou bastante. Eu me apaixonei por cada parágrafo, cada linha de nós dois, eu amei cada capítulo que criamos juntos.

Após Matthew, tive certeza que todos os desamores eram paixões, e não amor. No entanto, ao vê-lo todos os dias e ser forçada a criar uma bela rotina com All, eu me permiti. Sem desconfiança, sem temor. Eu me lancei com tudo.

## PERIGOSAS ACHERON



Dois dias depois, Allaric bateu na minha porta às quatro da manhã. Meu despertador só tocaria às sete horas, por esse motivo levei um susto ao girar a maçaneta e encontrá-lo tão empolgado à minha frente.

— O que você está fazendo aqui? — Bufeí, coçando os olhos ardidos, exausta, enquanto deixava a porta aberta para que ele entrasse.

Depois de todos esses anos ele ainda tinha coragem de desafiar o meu mau humor matinal?

— Vamos sair! — Sorriu ansioso, me olhando com expectativa. Encarei meu pijama e dei risada, me acomodando no sofá relaxadamente.

— Preciso acordar em três horas para ir trabalhar. São quatro da manhã. Você está louco?

— Dei folga para todos. — Ele se sentou ao meu lado, beijando minha bochecha com carinho. — Eles vão ver o e-mail ao acordar. Agora, levanta e vá se arrumar. Não matei um tio meu à toa.

Ri com o comentário, sem conseguir manter  
PERIGOSAS ACHERON

meu mau humor, soltando um novo bocejo.

— Já é o segundo tio seu que morre esse semestre.

— Minha família é bem grande — ele zombou, e eu sorri, entrelaçando meus dedos nos seus. — Vamos fazer uma viagem hoje.

— Vamos, é? — perguntei, fazendo carinho em sua mão. All seguiu meu olhar logo antes de me fitar nos olhos e assentiu.

— Vamos para a minha casa no lago.

Eu o olhei desconfiada e seu sorriso cresceu. Ele se levantou, me puxando pela mão, e soltei um muxoxo, reclamando. Sua boca tocou minha testa e logo meu pescoço. Enquanto seus braços me apertavam em um abraço, eu cedi, sorrindo sem pudor com tanto carinho.

— Se arruma — pediu em um sussurro e beijou o canto da minha boca antes de se afastar.

Segui até o quarto, a contragosto, e arrumei uma  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pequena bolsa com roupas para um fim de semana. Já estivera na casa do lago algumas vezes. A última, poucos meses antes. Havia sido lá que ouvira pela primeira vez “*eu te amo*” de sua boca. Seria uma ótima maneira de comemorar mais um mês.

Depois de vestida, coloquei a bolsa em um braço e segui, já acordada, de volta à sala. O abracei com força, ficando na ponta dos pés para lhe dar um selinho longo enquanto suas mãos apertavam minha cintura e eu sorria entre o beijo.

— Juro que um dia me acostumo com sua bipolaridade pela manhã — zombou. Dei um fraco tapa em seu braço entre uma risada e segui até a cozinha, pegando uma fruta para logo em seguida trancar a porta e sair ao seu lado do meu apartamento.

Por mais que adorasse dormir, eu amava sair em viagens pela madrugada. Gostava de como o dia parecia produtivo, como gastava cada segundinho aproveitando, mesmo que fosse dentro de um carro sem fazer absolutamente nada.

## PERIGOSAS ACHERON

Quando pusemos os pés do lado de fora, me encolhi com a brisa que soprou, mas inspirei o ar fresco com o máximo de força que pude.

Meu dia havia começado muito bem.

O percurso até sua casa durava pouco mais de quatro horas, e uma hora após minha soneca, eu estava finalmente acordada, de verdade.

Conversamos sobre a empresa para começar. Sobre os lançamentos do mês, os livros novos. Logo em seguida, de repente, estávamos falando sobre um show que aconteceria em duas semanas e eu queria ir. Dez minutos mais tarde, minhas pernas estavam acomodadas no painel do carro ao lado do carona e eu havia escolhido uma boa estação de rádio para ouvirmos. Eu ria alto, engasgando com suas piadas péssimas, e ele fazia careta sempre que tocávamos em algum assunto “proibido”, como nossa aposta semanal que ele perdera. A da última semana, era sobre a desculpa que daria a um investidor. Disse que não funcionaria e ele não acreditou em mim, porém eu estava certa. Ele me devia massagens nos pés e uma travessa de mousse

de chocolate, ao mesmo tempo.

Sua expressão só me arrancava mais risadas.

Pouco antes das seis da manhã, Allaric virou uma curva, seguindo por um caminho novo.

— Rota nova? — Olhei pela janela a rua gramada que se estendia ao nosso lado.

— Quero te mostrar uma coisa que descobri há algum tempo. — Ele sorriu antes de voltar a fitar a estrada que se seguia à frente. Assenti, torcendo os lábios, curiosa, e continuei a admirar a paisagem, mais linda do que já era pelo céu que começava a clarear devido ao horário.

Allaric subiu uma área íngreme e, assim que chegamos ao topo de um morro, saltou do carro e veio em minha direção, no lado do carona.

— Gostaria de ver o sol nascer comigo? — Abriu a porta para mim, o sorriso ainda em seu rosto.

Nem se eu não quisesse seria capaz de negar.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Agarrei seus dedos com força, eu ainda detestava altura. All segurou minha mão entre a sua e me pegou pela cintura, me colocando sob o capô da sua caminhonete e logo se sentando ao meu lado.

— Isso parece programa de adolescente — brinquei, sorrindo enquanto apoiava a cabeça em seu ombro.

— Podemos fingir que temos dezessete anos hoje. Ninguém precisa saber que você é quase quarentona.

— Ei! — gritei, batendo em seu braço com força.

Allaric gargalhou e nem mesmo as poucas marcas de expressão que começavam a surgir em seu rosto conseguiam deixá-lo menos bonito.

— Gosto de fingir que tenho dezoito anos a menos. — Ele passou um braço por sobre meus ombros e beijou a lateral da minha cabeça. — Em partes.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ignora a parte que aos dezessete era um *nerdzinho* sem vida social e sem uma namorada gostosa como hoje em dia? — zombei, mordendo sua bochecha. Ele assentiu, também entre uma risada.

— Isso também. Eu não tinha dinheiro e não era tão bonito como sou hoje.

— Aposto que era mais modesto — brinquei, entrelaçando minha mão na sua.

— Você não gostaria de mim naquela época. — Ele fez uma careta.

— Provavelmente não. Naquele tempo eu era apaixonadinha por uma pessoa. — Franzi o nariz ao me lembrar.

— Alguns dos seus exs? — Ele revirou os olhos ironicamente e eu ri, negando.

Logan não era exatamente um ex.

— Um desamor antigo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Allaric me encarou com o cenho franzido e logo em seguida suas sobrancelhas subiram.

— Você apelidou seus ex-namorados?

— É... — Cocei a nuca prendendo uma risada.  
— A maior parte é muito frustrante para chamar de amor ou ex. Por isso prefiro desamores. Eles me desencantaram mesmo, de qualquer forma. Acho que esse é um ótimo apelido.

All ainda estava boquiaberto.

— Espero não ser um desamor um dia.

Ele foi pior.

— Se continuarmos assim, acho que teremos sucesso e poderei criar outro apelido para você — brinquei, empurrando-o com o ombro.

— Algo como *namorado esplêndido e perfeito*?  
— disse ele, pouco modesto.

— Prefiro *desonra convencido*. — Ri alto.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Allaric me soltou no mesmo instante e o olhar que me lançou foi impagável.

— Desonra será eu te jogar daqui de cima! — Ele saltou do carro e, enquanto ria, me colocou sobre um dos ombros.

Gritei alto, desesperada, tentando não rir. All caminhou até a beirada do morro e, comigo ainda em seus ombros, fez graça, enquanto eu não sabia se socava suas costas ou não, com medo de isso desequilibrá-lo.

Quando sua crise infantil passou e ele finalmente me colocou sentada sobre o capô novamente, ainda ríamos e o abracei com força. Primeiramente, para que meu coração se acalmasse depois do susto. Em segundo lugar, porque eu amava o seu cheiro e o seu abraço. Era quente, tranquilizante e funcionava melhor do que qualquer remédio para tristeza ou medo. Tê-lo, mesmo sem precisar sentir qualquer um desses sentimentos negativos, era ainda melhor.

Enquanto víamos o sol despontar à nossa frente,

## PERIGOSAS ACHERON

sorri comigo mesma, me permitindo um suspiro fascinado.

Dentre tantas coisas que eu amava nele, uma das principais era como fazia minha alma parecer jovem e livre ao seu lado. Era como se todas as antigas decepções fossem apenas borrões. Ele fazia muito apenas sendo quem era, e conseguia tirar de mim muito amor com muito pouco esforço.

— Eu amo você. — Allaric beijou minha bochecha com ternura pouco antes de seus lábios chegarem a minha testa e se demorarem por ali. O abracei pelos ombros, sem conseguir conter o sorriso.

— Eu também amo você. Um pouco menos, mas só quando me irrita — brinquei. All sorriu apertando minha cintura com seus braços, repleto de cuidado, e eu apoiei o queixo em seu ombro, admirando a vista.

Depois disso, por um tempo, não falamos muito. Quando o sol já estava alto, minha cabeça ainda estava apoiada em seu ombro e minhas mãos

## PERIGOSAS NACIONAIS

entrelaçadas as suas. Foi uma das cenas mais bonitas que imaginei em minha mente.

— Trouxe chocolate. — Ele beijou meus cabelos e notei um pequeno tremor em sua voz. Eu o conhecia tempo suficiente para saber quando ficava nervoso, por mais que tentasse disfarçar.

— Meio amargo? — Sorri, soltando suas mãos enquanto me levantava e descia do seu carro com cuidado.

— Tem uma sacola vermelha na gaveta debaixo do banco.

Caminhei até a porta do motorista e, assim que achei a sacola, voltei para o seu lado, subindo sem dificuldade.

— Pega uma barra para mim? — Allaric se ajeitou, apoiando os braços no capô.

Desfiz o laço da sacola e, ao abrir, arregalei os olhos, por muito pouco não a deixando cair no chão.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

All sorriu abertamente enquanto meus olhos continuavam esbugalhados. Ele desceu do capô, parando em pé à minha frente.

— O que é isso? — Forcei minha voz a sair, sem coragem de olhar mais uma vez dentro da sacola.

— Acho que toda caixinha de veludo preta quer dizer a mesma coisa. — Ele riu baixinho.

Puxei o ar, sem reação. All tirou o embrulho de dentro e me entregou. Peguei com mãos tremulas de nervoso, e ao abrir a caixa, vi o que já esperava ali dentro. Ter a certeza do que aquilo significava me assustou ainda mais.

Meus olhos marejaram e foi impossível não cobrir a boca. Um anel de ouro estava preso ao meio e soltei um gritinho, sentindo as primeiras lágrimas escorrerem pelo rosto.

— É sério? Mesmo? — Eu o olhei, engolindo o bolo na garganta para conseguir falar, sem conter as lágrimas e o sorriso largo que estampava meu rosto.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele concordou antes de secar minhas bochechas e, entre risadas, colocou meu cabelo atrás da orelha. Tirou o embrulho dos meus dedos e pegou a joia em sua mão.

— Cecelia Champoudry, aceita ser minha noiva?

Eu nunca havia ido tão longe, até então. E não sabia qual era a melhor maneira de aceitar.

*“Sim”?* *“Claro”?* *“Com certeza”?* *“É obvio”?*

Em todos os livros que li, quando as mulheres eram pedidas em casamento, parecia tão fácil. Os autores descreviam algo como *“não tive reação”* e sempre achei isso muito superficial. No entanto, naquele momento, enquanto ele me olhava com o sol batendo em seu rosto e clareando seus olhos, enquanto sua mão estava apoiada em minha coxa e seu olhar fixo em mim esperando uma resposta, eu não soube o que fazer.

Meu coração apertou, como se tivesse parado de bater, e logo em seguida martelou com força em meu peito, tanto que eu podia ouvi-lo em meus

PERIGOSAS ACHERON

ouvidos. Minhas mãos suaram.

Em minha cabeça, eu podia ver e me lembrar de cada momento bom vivido ao seu lado. A tarde em que fomos ao parque e, depois do piquenique, ele encheu meus dedos dos pés com pequenas flores; as vezes que saíamos para jantar, pedíamos sobremesas diferentes e eu sempre acabava trocando nossos pedidos e ele nunca reclamava; quando fomos ao casamento de uma funcionária e o vi olhar para mim com devoção, dizendo que um dia seríamos nós dois vivendo aquilo.

As expectativas que algum dia eu tive quanto a um pedido de casamento pareceram idiotas perto daquele momento. Eu queria abraçá-lo, para sempre. Filmar aquilo e, todos os dias ao acordar, assistir para saber que ele ainda me amava.

Allaric me amava.

Minhas risadas se misturavam com o choro e eu não sabia se olhava para ele e decorava cada mínimo detalhe na mente, ou se escondia o rosto para poder chorar sem parecer feia naquele instante

incrível.

Allaric deu risada da minha reação e me abraçou com carinho.

— Claro que aceito ser sua noiva — eu disse baixinho. Foi o mais alto que consegui. Allaric entendeu e isso era tudo o que importava. Eu sorri, me afastando apenas o bastante para olhá-lo.

All pareceu aliviado com minha resposta e pegou minha mão, beijando-a antes de colocar a joia em meu dedo anelar.

Quando olhei o anel, soltei um novo suspiro. Allaric segurou meu rosto em suas mãos e, me olhando nos olhos, sussurrou incontáveis vezes quanto me amava, enchendo meus lábios de selinhos.

Aquele foi o melhor motivo que já tive para acordar às quatro da manhã.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Faltava pouco menos de uma semana para completarmos três anos juntos quando Allaric precisou viajar à Nova York para negócios e eu fiquei em seu apartamento. Adorava o meu, no entanto, ele me convencera a ficar com a promessa de que, se ainda estivesse ali quando voltasse, eu teria uma surpresa.

Ele havia jogado muito baixo incluindo curiosidade no meio de uma proposta.

Quando tentei me levantar pela manhã, senti minha vista escurecer. Fiquei confusa entre assimilar o que estava acontecendo com o meu estômago e correr até o banheiro. Nesse meio tempo, acabei por vomitar no meio do caminho, sem conseguir me segurar, precisando respirar fundo algumas vezes até que minha visão voltasse ao normal.

Eu não podia morrer aos vinte e oito anos de idade, quando me sentia linda, confiante e amada. Seria o cúmulo.

Minha mão estava fria e senti meu coração

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

acelerar de medo por estar sozinha e sem ninguém para me ajudar.

Lavei a boca com creme dental diversas vezes, até que o cheiro azedo sumisse. Depois de passar um pano úmido no local sujo, tomei um banho demorado.

Quando já estava vestida, me acomodei no sofá abraçando um travesseiro fofo e liguei para Hillary, que atendeu no primeiro toque. Disse a ela que não estava me sentindo bem e sua resposta foi: *“eu estou a duas cidades de distância! Tudo bem, vou ligar para o Tristan”*. E menos de quinze minutos meu amigo estava na porta do apartamento, me encarando cheio de preocupação. Podia imaginar quão pálida eu estava.

— Você comeu alguma coisa hoje? — Ele segurou meu rosto, me analisando com cuidado. Senti a cabeça doer novamente ao negar. Sentei-me no sofá ajeitando os cabelos na almofada em seu colo. Tristan aceitou de bom grado o convite para começar o cafuné.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acordei assim. — Dei de ombros, omitindo a parte que aqueles enjoos matinais estavam cada vez mais frequentes.

Tristan parou o cafuné e olhei para ele, vendo seus olhos confusos em mim, mas não dissemos nada.

Na hora do almoço, meu amigo fez algo leve para eu comer, e antes das duas da tarde, a campainha tocou. Era Hillary. Ela me sorriu um sorriso largo e me estendeu uma sacola transparente. Quando notei os dois testes de gravidez ali dentro, arregalei os olhos e a joguei em sua direção.

— Tristan, ela não quer pegar! — Hillary gritou e olhei para ele, boquiaberta.

— Foi você que deu a ideia dessa loucura? — Abri a boca, pasma, e Tristan deu de ombros, se aproximando devagar.

— Se você estiver mesmo grávida, não vai ter diferença fazer o teste ou não.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu não estou grávida! Qual o problema de vocês? — Senti uma nova tontura e respirei fundo, apertando os olhos.

— Cece, por favor. — Ele me encarou, seus olhos sérios.

Hillary parou logo atrás dele e ajeitou a cabeça em um dos seus ombros, estendendo o saquinho em minha direção.

Suspirei e encarei a bolsa mais uma vez, por fim, negando.

— Não vou fazer isso — eu disse baixinho, sentindo meus olhos arderem pelo nervosismo. Tristan também suspirou e se afastou de Hillary, me abraçando forte.

— Está tudo bem, Cece. — Beijou minha testa, ainda acariciando meu rosto quando se afastou. — Não tem o que temer. É só um teste. Está tudo bem. — Ele sorriu fraco, transmitindo a certeza que eu precisava.

Retribuiu com excelência o bem que eu havia

## PERIGOSAS ACHERON

lhe feito no nosso baile de formatura.

Soltei um suspiro antes de pegar as duas caixinhas, seguindo sozinha até o banheiro.

Depois de seguir o passo a passo do rótulo, deixei os dois exames sobre a pia e me sentei no vaso, sem querer olhar.

Durante aqueles cinco minutos, minha mente fez mil e um questionamentos. Como contar a Allaric, caso desse positivo? Como ele reagiria? Como seria a vida dali em diante com aquele presente inesperado?

O alarme do meu celular tocou e, ao pegá-lo para interrompê-lo com minhas mãos completamente trêmulas, notei uma mensagem nova de All:

*“Queria que você estivesse aqui comigo”.*

Fechei os olhos com força, sentindo a primeira lágrima vir. Estávamos nos acostumando muito bem com nossa rotina e um bebê mudaria tudo, absolutamente tudo.

Depois de me recompor, peguei os dois testes depressa, antes que perdesse a coragem. Quando saí do banheiro, encontrei Tristan tentando se esquivar das investidas de Hillary. Mesmo em meio a todo o caos, isso me arrancou uma risada.

Ela sabia de suas *preferências*, mas desde que o conhecera isso nunca foi empecilho para que não desse em cima dele. Descaradamente.

E não era brincadeira.

Tristan correu até mim, parecendo grato por eu ter voltado. Teria dito a frase ensaiada: “*Hillary, Tristan namora o Edgar e eles se amam, você não pode atrapalhar isso!*”, mas acho que meu amigo me perdoou aquela vez devido ao meu estado emocional crítico.

Entreguei-lhe os dois testes, suados pelos poucos minutos entre os meus dedos nervosos. Ao deixá-los sobre suas mãos, eu não sabia mais se queria ou não ver o resultado.

— E aí? — Hillary se levantou também, cheia de expectativas.

— Deu azul. — Ele olhou o primeiro. — E dois riscos — disse sobre o segundo.

Hill pegou a primeira caixinha e notei suas sobrancelhas franzindo, atentas, logo em seguida se erguendo. E quando viu a caixa seguinte, seus olhos se arregalaram ainda mais.

— O que é? — Engoli em seco esperando a resposta. Hillary entortou o nariz e olhou para Tristan.

— Se esses dois testes estiverem certos, você vai ter um bebê. — Ela mordeu os lábios e encolheu os ombros ao dar a notícia.

Eu soltei o ar preso, sentindo a leva de lágrimas chegar com tudo. Apertei o nariz para tentar conter o choro, mas antes que me desse conta, eu soluçava alto sentada na ponta do sofá.

— Cece, não chora... — Tristan me abraçou. Em seguida Hill, ao mesmo tempo. Eles me mantiveram naquele abraço até que eu me acalmasse.

## PERIGOSAS NACIONAIS

O que durou a tarde inteira. E a noite também.

Na manhã seguinte, quando acordei, os dois continuavam ao meu lado. Hillary estava abraçada à minha perna, de cabeça para baixo, e Tristan à minha barriga, me dando a sensação de proteção completa.

Levantei-me e preparei o café da manhã, tentando não me sentir enjoada com o cheiro de bacon frito. Os dois logo se levantaram. Hillary me abraçou forte e Tristan fez o mesmo, me enchendo de beijos.

— Acho que você podia ter ido dormir no quarto e nos deixado na sala. Ele se tornaria hétero rapidinho. — Ela piscou para ele antes de parar ao meu lado e me abraçar.

Eu ri baixinho, ainda fungando, enquanto ela colocava os ovos mexidos em um prato. Tristan me encarou e eu dei de ombros, entrando na brincadeira. Hillary sabia como aliviar o clima e agradei internamente por usar seus dons naquele momento, em que eu não sabia o que pensar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Claro. Ximbica de ouro. — Ele revirou os olhos, e por muito pouco não cuspi meu iogurte no meio da risada.

Hillary lhe mostrou a língua, jogando uma torrada em sua direção. Ele desviou e começou a rir.

— Me protege! — ele me pediu, mas antes que eu pudesse fazer algo, Hill gargalhou e apertou sua bunda, o fazendo pular em minha direção.

Isso me fez rir absurdamente pela manhã, apesar de tudo.

Eu amava Hillary e o seu jeito de sempre levar as coisas na brincadeira. Hill já tinha trinta anos, mas sua alma permanecia mais jovem do que a de muitos nessa idade, isso sem levar em conta seu vestuário repleto de estilo e sua alta posição em um escritório de moda *Boho* que atendia a muitos famosos.

Também achava incrível como nossa TPM ocorria na mesma época e isso nunca atrapalhou nossa amizade em nenhum momento, tudo graças a PERIGOSAS ACHERON



ela.

Eu tinha milhões de motivos para amá-la e admirá-la.

Quando terminamos o café, não havia o que ser feito. E antes que o clima pesasse novamente, minha amiga teve uma ideia.

Bem idiota, na verdade. Mas instigante. Tudo o que vinha de Hill, por mais besta que fosse, ganhava credibilidade quando ela dizia.

— O que acham de irmos para São Francisco? Tipo, agora? Como mochileiros? Podemos voltar ainda hoje. — Ela olhou para o relógio, e quando viu que eram apenas oito da manhã, se empolgou ainda mais.

— São Francisco fica a seis horas de Los Angeles. — Fiz uma careta, pouco empolgada.

— E daí? — Ela sorriu, batendo palminhas enquanto pulava pela minha cozinha. — Minha família é toda de lá. Podemos passar uma noite na casa deles e voltarmos amanhã se estivermos muito PERIGOSAS ACHERON

cansados. Lá tem cada loja tão linda de bebê.

Tristan arregalou os olhos e soltou um muxoxo, jogando um morango em sua direção e atingindo certamente sua testa.

— Não me joga isso! Sei que sou gostosa, mas ainda não estão fazendo *Morango com Hillary ao Leite*. — Ela comeu a fruta enquanto revirava os olhos. — Cece, você dizer que não quer um bebê não muda o fato de ter um aí dentro. E, se bem te conheço, você não vai fazer nada para que ele saia antes do tempo.

Neguei veemente, sem sequer cogitar a ideia. Eu só precisava de tempo para amadurecer o pensamento de que logo seria mãe.

— Ótimo! Então acho que está na hora de começar a aceitar. — Ela sorriu para mim, e eu suspirei antes de assentir.

Tristan tentou argumentar dizendo que eu deveria ter o meu tempo para assimilar tudo, porém, neguei. Teria muito tempo para pensar nos nove meses seguintes, enquanto minha barriga

PERIGOSAS ACHERON

crescesse.

Partimos em viagem logo depois. Coloquei uma pequena muda de roupas em minha mochila e passamos na casa de Tristan para que ele fizesse o mesmo. Hillary seguiu com a roupa do corpo, porque o que ela mais possuía na vida eram roupas, e na casa de sua família não era diferente.

O caminho até São Francisco foi divertido. Era uma cidade nova para mim e adorei a sensação de pôr em prática um plano mal elaborado. Sabia que em breve teria mais responsabilidades e queria aproveitar o tempo que me restava sendo dona apenas de mim mesma, mesmo que isso significasse parar o carro a cada meia hora para que eu vomitasse. Na quinta vez, desisti de aproveitar o percurso e tomei um remédio para dormir e não atrasar mais a viagem. Tristan com certeza não perderia a chance de me contar como e quantas vezes minha amiga dera em cima dele enquanto eu dormia.

Quando acordei, finalmente tínhamos chegado ao nosso destino. Estávamos na Golden Gate e

forcei meus olhos a se abrirem para acompanharem aquela linda imagem. Mesmo sendo a primeira vez, já estava adorando o pouco que via.

— Primeiro vamos ao *Shopping Westfield*. Lá é maravilhoso! E então vamos ao *L'Aviateur*, é o melhor bistrô daqui! Eu não acredito que estou na minha cidade com os meus dois melhores amigos! — Hillary sorriu empolgada, largando a mão do volante por meio segundo até Tristan gritar e ela voltar a dirigir decentemente.

— Temos que conhecer esses lugares hoje? — Tentei acompanhá-la no entusiasmo, mas acabei fracassando ao fazer uma careta. — Minha cabeça está doendo e eu preciso muito comer alguma coisa, como arroz e bife, além de fazer xixi em um banheiro onde eu possa me sentar no vaso. — Suspirei fazendo bico.

— Podemos ir para a casa da sua família? — Tristan sugeriu e Hill assentiu, o sorriso ainda no rosto.

— Podemos descansar hoje e aproveitar

amanhã, se preferirem.

Concordei rapidamente.

Era fim de ano, e como minhas tarefas estavam adiantadas e Allaric em viagem, não precisariam muito de mim na empresa. Tristan e Hillary estavam de férias, e isso nos dava todo o tempo do mundo.

Paramos em um restaurante para almoçar. Depois de um prato de arroz com bife e batatas fritas, refrigerante à vontade e uma caixinha de *Hot Philadelphia* com molho wasabi, que sempre odiei com todas as minhas forças, continuamos nosso caminho.

Quando chegamos à casa de sua família, descobrimos que seus pais tinham viajado e apenas sua irmã estava por lá. Eu não conhecia seus familiares, mas se todos fossem como as duas, aquela casa deveria ser uma festa todo dia.

Cassy correu e nos abraçou tão forte que pensei conhecê-la há anos. Ela fez com que nos sentíssemos em casa e logo em seguida nos levou

PERIGOSAS ACHERON

até os quartos de hóspedes, dizendo qual seria de quem.

Eu aproveitei para tomar um banho e me refrescar depois da longa viagem, além de dizer adeus ao cheirinho nojento, resultado do enjoo.

Vesti uma roupa leve e me deitei na cama relaxadamente, ligando o ventilador em cima de mim. Quando ajeitei a cabeça no estofado macio, olhei para minha barriga sem relevo algum. Parecia mentira que aquilo pudesse ser real.

— Você vai deixar minha barriga gigante em menos de um ano e ainda assim vou amar você, mais ou menos como funciona com pizza. Isso é tão assustador. — Torci o nariz, rindo baixinho enquanto passava a mão por cima da minha camiseta branca.

Eu não sabia o que esperar e sentia medo, mas tentei não focar nisso, porque sabia que daria tudo certo. As coisas sempre davam certo, mesmo depois de muitas voltas. — Acho que seu pai vai ficar doido quando souber de você. — Mordi os

lábios pensando em como lhe contaria. Imaginei seu apartamento cheio de mordedores e brinquedos espalhados e a imagem me fez sorrir. — E se você for uma mocinha, sei que ele vai ser mais ciumento com você do que já é comigo. Então, se prepare. — Olhei para minha barriga, como se realmente falasse com alguém, e acabei rindo sozinha entre um bocejo.

Quando fechei os olhos, abracei um travesseiro e tentei deixar o grãozinho dentro de mim tão confortável quanto eu estava ali fora.

Ao acordar novamente, já estava escuro, porém eu ainda sentia sono. Vi a porta do quarto aberta, e quando olhei para o lado, encontrei uma sacola de *fast-food*. Assim que acabei de coçar os olhos e me sentar na cama, Tristan acendeu a luz.

— Hillary queria que comêssemos uma comida estranha daqui, mas eu dei um jeito de encontrar um *delivery* — ele sussurrou, e dei risada, agarrando a sacola e só então notando que estava faminta.

Peguei meu celular para checar as horas e vi que já passava das dez, o que me fez arregalar os olhos surpresa. Pensei em mandar uma mensagem para Allaric, mas desisti. Eu ligaria para ele no dia seguinte. Estava morrendo de fome naquele momento.

Deixei o hambúrguer e a batata frita sobre a cama e peguei primeiro os palitinhos de frango, comendo com o molho que viera. Aquilo parecia mais gostoso do que nunca. Quando acabei o meu, também devorei alguns de Tristan, até que passasse para a outra parte do meu lanche.

— Você vai ser assim os nove meses inteiros?  
— Ele riu enquanto terminava o seu hambúrguer e eu colocava ketchup na língua.

— Você vai cuidar de mim durante os nove meses? — Mordi um pedaço do hambúrguer, dividindo minha atenção entre o lanche e meu amigo.

— Só pelos nove meses? Poxa, achei que me deixaria cuidar da pentelha também depois que ela



nascesse.

Eu ri, sentindo um sorriso bobo vir ao rosto.

— Pode ser um pentelho.

— Aposto um laço de cabelo cor-de-rosa que é uma menina. — Tristan piscou e eu ri ainda mais, fazendo-o me acompanhar.

— Obrigada por cuidar de mim. — Senti os olhos marejarem ao me lembrar de todo o zelo que tivera comigo até ali.

Ele sorriu e beijou minha testa antes de terminar de comer o seu lanche.

— Eu que agradeço... por não deixar a Hillary me atacar.

— Ela não vai, não enquanto eu estiver por perto. — Pisquei para ele, confiante, recebendo um novo sorriso seu.

Quando terminamos nossos lanches, me levantei só para escovar os dentes e voltei para a cama

novamente, esperando que aquele sono todo fosse suficiente para me manter acordada no dia seguinte.

Às dez da manhã, Hillary entrou no quarto, empolgada, e me tirou da cama dando um beijinho em minha barriga. Depois de passado o susto, ri com gosto por ter tanto amor logo pela manhã.

Levantei, tomei um banho, me vesti e, às onze horas, estávamos todos prontos para conhecermos o cobiçado shopping que ela tanto elogiava.

Eu estava morrendo de fome, e como era a única grávida do trio, tinha prioridade total. O primeiro lugar que passamos foi na praça de alimentação, onde devorei um hambúrguer inteiro e as comidinhas mexicanas de Hillary e Tristan.

Burritos nunca tiveram um gosto tão incrível.

Quando terminamos de comer, decidimos andar pelo shopping. Hillary me empurrou para as três primeiras lojas de bebê que encontramos, e mesmo tentando argumentar que não sabíamos sequer o sexo ainda, fez questão de comprar um laço de cada cor.

— Pode ser um menino. — Dei risada ao olhar para as sacolas em minhas mãos.

— Então vamos comprar sapatinhos de menino!  
— Ela deu pulinhos, entusiasmada, e eu falhei em prender um sorriso, tentando não demonstrar quão empolgada aquela situação estava me deixando.

A loja seguinte em que entramos era especializada em bebês masculinos, e me deixei babar em cada macacãozinho e sapatinho infantil.

— Isso tem um cheiro tão gostoso. — Levei o par de sapatos de ursinho ao nariz e sorri, sentindo o aroma puro que aquilo tinha.

Também notei os preços e vi que precisaria deixar de lado muitas das minhas prioridades para que meu bebê tivesse tudo do melhor.

Por que, convenhamos, como poderia escolher entre o sapatinho de urso, o de sapo ou o de girafa? Era impossível!

Minha única escolha foi comprar todos eles.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Logo que saímos da loja, continuei com o par de ursinhos nas mãos, sem conseguir me distanciar deles e do seu cheirinho. Pensei em como meu bebê teria aquele cheiro gostoso e sorri. Passado o medo e o nervosismo, era impossível não sorrir sempre que pensava nele.

Hillary encontrou um quiosque de sorvetes mais à frente e pulou dizendo que compraria para nós duas. Eu lhe pedi coco com morango.

Tristan também pediu para que ela lhe comprasse um, mas Hill negou, exagerando dramaticamente ao argumentar que ninguém ligava para ela e sempre tinha que fazer tudo sozinha. Antes que terminasse o discurso, ele se levantou depressa e a seguiu bufando, me deixando com minhas risadas enquanto eu me sentava em um dos bancos.

Tirei o celular da bolsa e, com o coração na mão, disquei o número de Allaric. Eu lhe diria sobre a viagem, mas omitiria o restante da história até que estivesse frente a frente com ele.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que apertei o disar, notei uma garotinha loira atrás do vaso de plantas ao lado do banco e franzi o cenho, confusa, até reparar que ela estava chorando. Ajeitei as bolsas nos braços e me aproximei dela, preocupada. Ela devia ter pouco mais de seis anos de idade.

— Oi, mocinha — eu disse baixinho e me agachei à sua frente. Ela arregalou os olhos, olhando assustada para mim. Esperei que respondesse, mas ela continuou em silêncio. — Você está bem?

— Mamãe disse que não posso falar com estranhos. — Encolheu os ombros e me encarou com os olhos vermelhos ainda arregalados. Ajeitei as bolsas pesadas no chão com seus lindos olhinhos azuis presos em mim.

— Bom, o meu nome é Cecelia. Agora não sou mais uma estranha. — Sorri, torcendo para dar certo. Ela fungou, secando as bochechas.

— Eu sou a Hayden. — Encarou suas mãozinhas que ficavam o tempo inteiro enrolando

## PERIGOSAS ACHERON

um dedo no outro.

— Oi, Hayden. Posso te ajudar a ficar feliz? —  
Tirei o cabelo do seu rosto que havia grudado devido ao choro.

— Eu perdi minha mamãe e meu papai. E o meu balão do Pooh. Ele fugiu e eu corri atrás dele, mas não consegui pegar e agora estou com muito medo.  
— Ela fungou de novo e seus olhinhos se encheram de água.

Olhei para cima das folhas e vi uma pequena linha presa entre elas, o balão flutuando logo acima. Levantei-me e me estiquei para apanhá-lo, depois segurei o bracinho da menina gentilmente, amarrando a linha do balão em seu pulso sem apertar.

— Pronto! Agora ele não vai mais fugir de você.  
— Sorri, e seus olhos seguiram a cordinha de seu pulso até mim, empolgados, antes que ela também sorrisse. — Quer ajuda para encontrar o papai e a mamãe?

Hayden assentiu, confiando em mim de uma  
PERIGOSAS ACHERON

hora para outra. Sequei suas bochechas e segurei em sua mão, andando devagar ao seu lado.

— Quando você avistar o seu pai ou a sua mãe, me avisa, mas não solta minha mão, certo? — Ela concordou, secando mais uma vez o rostinho corado.

Acenei para Hillary apontando a menina ao meu lado e ela assentiu, mordendo um pedaço grande do sorvete. Antes que continuasse na procura com a garotinha, notei os olhos confusos de Hillary, e quando estava prestes a voltar a andar, havia um casal abaixado apertando com força a menininha, que havia me soltado.

Eu sabia que não era mais necessário ficar ali, mas permaneceria apenas tempo suficiente para me despedir da garotinha e dizer para sua mãe que estava tudo bem. Podia imaginar o que ela sentia enquanto chorava agarrada à menina, o medo de perder a filha.

Virei-me em direção à Hillary para dizer que já iria, quando reparei seus olhos arregalados e seu

rosto pálido. Quando voltei o olhar para o casal à minha frente, entendi o motivo.

Não era apenas um casal. Era uma mulher e Allaric.

O meu Allaric.

No momento que o vi, não entendi. O primeiro pensamento, por mais absurdo e idiota que fosse, foi de que ele tinha um irmão gêmeo incrivelmente parecido.

Um irmão com os cabelos no mesmo tom. Os olhos igualmente azuis. A barba exatamente igual. Os traços muito semelhantes.

Que havia deixado Los Angeles, como ele.

Só que essa teoria perdeu toda a força quando ele pareceu igualmente confuso. All arregalou os olhos apertando os lábios, e durante os cinco segundos que o olhei, foi como se todo o meu corpo tivesse parado de funcionar. Eu não respirei e podia até mesmo duvidar de que meu coração bateu nesse meio tempo.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Reparei o momento em que Allaric engoliu em seco e olhou para a mulher e a criança que ainda choravam. Eu pensava que conhecia seus momentos de ansiedade e nervosismo, mas estava completamente enganada.

Quando meus olhos foram para suas mãos, que estalavam os dedos, vi algo que nunca havia estado ali antes. Uma aliança de ouro amarelo, grossa, em seu dedo anelar esquerdo. Assim que notou para onde eu olhava, ele não tentou esconder. Apenas suspirou, mais uma vez.

Eu tive vontade de vomitar.

Só me dei conta de que ainda segurava o sapatinho de bebê quando eles caíram. Eu não tive forças para chorar. Não tive disposição para bater nele ou até mesmo correr em direção aos meus amigos para que me acolhessem.

Enquanto eu olhava para a mulher mexendo nos cabelos da menina e perguntando se ela estava bem, me senti mal por ter feito isso a ela, mesmo sem saber.

## PERIGOSAS ACHERON

Quando Ethan me trocou por Adelaine, eu havia me sentido péssima. Naquela época, fui traída. Ali, naquele momento, eu era exatamente igual à Adelaine. Eu havia traído alguém.

— All — sussurrei, sem me dar conta de que as palavras estavam saindo. Finalmente meus olhos marejaram e meu corpo reagiu de alguma forma.

Também senti o peso que aquela simples palavra, aquele apelido bobo que eu sempre fizera questão de usar, teve. Tentei abrir a boca para dizer mais alguma coisa, porém, eu não tinha voz.

Senti minha cabeça girar e, antes de tudo ficar escuro, dei um passo para trás, me livrando do perfume inebriante do qual estava acostumada há tanto tempo. Aquilo deixava absolutamente claro que era ele.

Eu queria perguntar por que ele estava ali, e não em Nova York como havia me dito, mas a resposta era muito clara. Depois, quis perguntar qual era a droga do seu problema por deixar sua esposa e sua filha em São Francisco para viver outra vida em

Los Angeles. E, o pior, qual era a merda que passava na cabeça dele para escolher justamente a mim para carregar essa culpa horrível.

— Tia, você deixou cair. — Hayden me estendeu o par de sapatos de ursinhos e eu funguei, engolindo as lágrimas. Peguei os dois pedacinhos de pelúcia de sua mão e aquilo foi um lembrete de que eu precisava ir embora.

— Obrigada, Princesa. — Sorri fraco, apertando os sapatinhos em minhas mãos.

Naquele instante, os olhos de Allaric se arregalaram ainda mais em minha direção. Dei-lhe as costas depressa, dizendo para mim mesma que precisava sair dali. Logo.

— Muito obrigada. De verdade. — Escutei a voz da mãe da menina antes que ela fungasse.

Eu queria dizer tanta coisa e tudo ficou engasgado.

Primeiro eu quis gritar que era para ela se afastar dele. Que Allaric era meu noivo e nós

## PERIGOSAS ACHERON

teríamos um bebê, que eu possuía a chave do seu apartamento e morávamos praticamente juntos. Em seguida eu quis bradar bem alto que eu o conhecia muito mais que ela. Que era comigo que ele passava quase a semana inteira. Era a mim que ele enchia de presentes. Era para mim que ele sorria sempre ao acordar e fazia o café da manhã.

No entanto, a única resposta que consegui esboçar foi um sorriso forçado e contido antes de andar em direção aos meus amigos, que me encaravam igualmente sem reação.

— Me tirem daqui — pedi em um sussurro, e vi os olhos de Hillary marejarem. Isso foi o estopim para que eu finalmente cedesse e chorasse baixinho.

Por raiva, tristeza e vergonha.

Allaric não me seguiu e agradei a todas as divindades por ele não ter visto o estado deplorável que me deixou. Mas o odiei ainda mais do que achei possível por ter me deixado ir como se eu não significasse nada, como se todo o tempo que

passamos juntos não houvesse sido nada para ele.

Quando entrei no carro de Hillary, chorei. Chorei tanto quanto possível. Tristan se sentou ao meu lado e sua camisa azul ficou encharcada. Meu peito começou a doer e eu não tinha mais fôlego, mas ainda havia tanta lágrima em mim que não me contive.

E quando ia dizer que queria ir embora e sair daquele lugar, senti a primeira físgada na barriga.

Engoli em seco e arregalei os olhos na direção de Tristan. Tentei lhe dizer como aquilo estava doendo, mas era um tipo de câimbra tão forte no meu ventre que eu só consegui chorar ainda mais, de dor. Ele me abraçou e gritou para que Hillary me levasse ao hospital, porém meus olhos se fecharam antes mesmo que ela ligasse o carro.

Quando acordei, estava em um quarto claro com Tristan ao meu lado direito e Hillary ao meu lado esquerdo, ambos com os olhos marejados. Eles não precisaram dizer nada para que eu soubesse o que tinha acontecido.

# PERIGOSAS NACIONAIS

Achei que não houvesse mais o que chorar, mas quando me deparei com o olhar dos dois, desmontei como nunca antes, por qualquer outro motivo, por nenhum outro homem.

Allaric foi o desamor que mais me trouxe histórias, contando as boas e as ruins.

Mas All também foi o único que as arrancou de mim de uma só vez, sem pena alguma. Ele levou tudo.

Tudo que para mim significava *tudo* naquele momento.

# PERIGOSAS ACHERON

Número 9:  
Ian Wasen



*“Tem uma beleza por trás de todas as lágrimas  
que você chorou. Às vezes, é apenas difícil de  
perceber.”*

**Fire and gold – Bea Miller**

## PERIGOSAS NACIONAIS

É previsível dizer que depois de Allaric eu não quis me envolver com mais ninguém e também é verdade que tive esse momento. Eu não tentei parecer forte, autossuficiente ou inabalável. Só queria chorar agarrada aos sapatinhos que havia comprado enquanto me recuperava e aceitava; os pezinhos que estariam ali não existiriam mais após nove meses de espera.

Hillary e Tristan me ajudaram no que puderam, mas eu sabia que eles nada podiam fazer além de me escutar e acalantar todas as vezes que eu tinha minhas crises de choro por tudo ter desabado tão de repente. Minha recuperação dependia apenas de mim.

Então, após dois meses sem ver a luz do sol um dia sequer, decidi que era hora de recomeçar e voltar a seguir minha vida. Eu precisava de um novo emprego, uma vida de pé novamente.

Meu histórico na empresa era bom e isso me ajudou a contar pontos. Tristan pegou minhas coisas e meu contrato, resolvendo tudo por mim.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele também apareceu com um olho roxo e eu sabia que tinha algo a ver com Allaric. Posso ter sido egoísta, mas não perguntei nada sobre o ocorrido, apenas cuidei do machucado. Porque é isso o que os amigos fazem. Eles não procuram motivos nem classificam sua dor. Eles apenas ajudam. O tempo todo.

Uma semana mais tarde, eu estava distribuindo currículos, apavorada por não conseguir uma entrevista. Passou pela minha cabeça que aquela falta de sorte pudesse ter a ver com Allaric, eu sabia quão influente ele era nesse meio e cogitei a possibilidade de ter manchado meu nome pelas editoras.

Nunca mais o vi nem ouvi falar seu nome. Ele não me procurou. Não me ligou ou tentou se explicar. Eu agradecia internamente por não ter de ver a sua cara novamente, mas meu ego também estava despedaçado pelo mesmo motivo.

Minha teoria se provou errada quando, um dia, depois de algumas tentativas, um jornal me chamou.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Parecia que eu estava prestes a conseguir o meu primeiro emprego, por tanta empolgação e nervosismo. Preenchi a vaga após vinte minutos de entrevista e, pela primeira vez em meses, sorri de verdade, orgulhosa de mim mesma.

Tristan e Hillary comemoram comigo. Ainda não tínhamos clima para uma festa, então fizemos nossa comemoração na chocolataria do bairro, com direito a milk-shake e rosquinhas, sem restrições.

Eu me sentia consideravelmente bem vendo as coisas voltando ao normal aos poucos. Hillary e Tristan continuavam com as briguinhas bobas. Minha amiga continuava com sua insistência nele e ele continuava se esquivando. Isso me fazia ver que tudo continuava seguindo em frente e eu precisava fazer o mesmo.

Também comemorei com Miranda e, naquele momento, ela foi uma escolha muito difícil.

Miranda estava grávida do seu primeiro filho com Andrew. Pode parecer masoquismo, no entanto, prefiro ver como altruísmo. Quis ajudá-la e

## PERIGOSAS ACHERON

estar ao seu lado o tempo inteiro. Eu não teria mais um bebê, mas isso não me impedia de aproveitar a barriga da minha amiga, que estava nervosa e empolgada com as mudanças que teria em sua vida.

Meses depois, Charlotte usou todos os lacinhos coloridos que eu havia comprado. Ficavam muito bem nela.

Eu foquei no trabalho. Por muito tempo. Recebi em uma semana mais elogios do que podia contar. Em dois meses, minha primeira promoção. Em seis meses, eu não era mais assistente, mas sim, redatora. Um ano e meio depois, eu era a revisora-chefe do jornal.

E um ano e meio depois, eu tinha trinta anos. De repente, rápido demais.

Era assustador e ao mesmo tempo glorioso me dar conta de que eu havia passado por tanta coisa e ainda estava de pé.

Dizem que a vida começa aos trinta. A minha havia começado muito antes e eu sabia disso. Antes de cada desamor, de cada paixão. Ela começou no PERIGOSAS ACHERON

exato momento em que disse a mim mesma que conseguiria viver e fazer dar certo, sem desistir.

Isso eu fiz muito bem.

Não havia como definir meus trinta anos para sempre. Poderia dizer que as coisas estavam tomando rumo, mas, como bem me conhecia, tudo mudaria em um curto prazo de tempo.

Claro, eu não estava errada.

Durante um ano, não tive qualquer tipo de relacionamento que não fosse com meu emprego. E até certo ponto isso era bom. Eu me privava de certos pensamentos e certas dores, porém não amenizava o aperto no peito sempre que via minhas amigas com suas famílias e sabia que eu não teria o mesmo.

Minha vida se resumia em caminhada pela manhã todas as terças, quartas e sextas-feiras, café com *muffin* e jornal. Almoço e jornal. Qualquer comida enlatada e jornal.

Não era muito empolgante.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia quão humilhante era admitir que não acreditava mais no amor ou em qualquer outro sentimento semelhante, mas também sabia quão estúpido seria dar mais uma chance depois de tudo o que já havia passado.

Porém, mesmo que dissesse a mim mesma, todos os dias, que estava satisfeita com o rumo que minha vida havia tomado, sabia em cada palavra que era mentira quando precisava engolir o nó na garganta para não chorar. Eu sentia falta do frio na barriga, dos sorrisos escondidos e disfarçados para não precisar dar explicações. Sentia falta de me parecer com a Cece de tantos anos antes, por mais estúpida e ingênua que ela fosse na época.

Não era saudade de ter alguém do lado, mas de *sentir* alguma coisa boa. *Qualquer* coisa.

Era uma terça-feira, um dia comum da semana, sem expectativas ou qualquer ideia de que ela seria diferente, quando o número 9 apareceu.

Uma das coisas que eu gostava no meu novo emprego era o fato de que ninguém me julgava

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quando eu, por algum motivo, cometia um deslize.

O daquele dia foi o meu atraso. Eu havia passado a noite analisando inúmeros papéis e acabei dormindo uma hora a mais. Não havia sido necessariamente uma escolha, o meu cansaço só ignorou o despertador.

Depois de pegar meu café na chocolataria, segui para o jornal o mais rápido que pude. Eu sabia que ainda precisava pegar algumas amostras no meio do caminho, e isso me fez acelerar.

E, para completar, o tanque do carro estava quase vazio.

Bufei irritada comigo mesma, esfreguei os olhos antes de fazer uma curva a caminho do posto e soltei uma série de palavrões quando notei a fila gigante de espera.

Mandeí mensagem para minha secretária avisando do ocorrido, minutos depois era minha vez de abastecer. Enchi o tanque e peguei a curva para fazer o retorno.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Até alguém bater na minha lateral traseira.

A primeira coisa que senti foi um tremendo susto, e ao puxar o freio de mão com força, me impedi de ser jogada no meio do tráfego. Minha cabeça bateu no volante e precisei de alguns segundos para a minha visão voltar ao normal e eu me xingar por ter esquecido o cinto de segurança.

Minha cabeça latejava e eu sabia que havia um corte na minha testa pela forma como ardia. Porém, isso não me impediu de sair do carro com toda a raiva que eu tinha acumulada em mim.

— Qual é a porra do seu problema? — gritei assim que desci, correndo para olhar o estrago feito em meu *Porsche*.

Meu farol traseiro direito estava completamente destruído e toda a lateral estava amassada. Eu havia passado de *atrasada* para *um dia perdido*.

Bupei notando as pessoas que se amontoavam ao redor, e pela primeira vez me preocupei em averiguar o estado do motorista do outro carro.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, a preocupação sumiu assim que ele saltou do carro com toda a prepotência que alguém poderia ter e em um estado físico melhor do que o meu.

— Talvez se você... — ele tentou falar, mas o cortei.

— Ah, claro! Você amassou a porra da traseira do meu carro e ainda quer me culpar? Isso é sério? — gritei apontando o estrago. Ele coçou a nuca e, mais do que nervoso, parecia irritado com a situação. Ah, então ele estava *irritado*? — Você quase me matou! — gritei novamente.

— Seu carro estava torto no meio da faixa. Bem para cá. — Ele indicou o lugar amassado. — Tem sorte por eu não te culpar pelo meu prejuízo. — Sorriu ladino.

— Claro! Que sorte a minha. Ter um filho da puta como você para quase me matar e estragar a porra do meu dia que mal começou. — Sorri irônica. — Isso sem falar, é claro, no seu carro que sofreu um enorme estrago. — Bufei, vendo só um

## PERIGOSAS ACHERON



amassado na parte da frente do carro do desgraçado.

Ele sorriu de volta, ainda mais debochado.

Eu quis quebrar todo o capô daquele carro com a cabeça dele.

— Eu acho que seu dia já estava suficientemente ruim sem a minha ajuda, pelo que posso ver. — Ele continuou com o sorriso debochado no rosto. — Teve uma noite ruim? Ou uma semana? — zombou, tirando o celular do bolso antes de discar um número. Continuei por alguns segundos com meu queixo caído.

Aquele cara havia estragado meu dia, meu carro, estragaria meu ego também?

Suspirei, soltando mais uma série de palavrões enquanto seguia até meu carro e pegava o celular, ligando para a seguradora.

Eu poderia ir embora e resolver aquilo depois, mas a porta do passageiro não estava fechando e o farol estava destruído. Definitivamente, eu não

PERIGOSAS ACHERON

precisava de uma multa para arrematar o meu dia.

Quando finalmente me sentei no banco para esperar, sem ter mais o que fazer, senti minha cabeça doer de verdade no momento em que o sangue esfriou.

Mandeí mais uma mensagem para minha secretária, avisando que alguém deveria pegar as amostras porque eu havia me envolvido em um acidente de trânsito. Queria ter dito que minha cabeça doía horrores e que estava pensando em passar no hospital, mas sabia que Lily não dava a mínima para o que acontecia fora do jornal.

Quando a seguradora chegou, expliquei tudo o que havia acontecido e eles levaram meu carro.

Meu carro novo. De duas semanas.

Suspirei frustrada e me sentei no banco do posto novamente. Pensei em ligar para um dos meus amigos, mas sabia que estavam em horário de trabalho. E quando pensei em chamar um táxi, vi um terno preto vestindo um prepotente irritante parar na minha frente.

Ele apertou os lábios, parecia pouco satisfeito, eu só não sabia se com a situação ou comigo.

— Acha que precisa ir para o hospital? — Ele me encarou, e eu respondi com um revirar de olhos, ignorando seus lindos olhos.

Certo, não ignorei completamente. Por Deus, eu estava furiosa, não cega.

Sim, seus olhos claros eram lindos e se adequavam muito bem aos cabelos escuros, a barba perfeita e o terno impecável.

Mas isso não importa. Eu ainda estava com raiva.

— Não te interessa — ralhei emburrada e voltei minha atenção para o celular. Ele gargalhou, me obrigando a apertar os olhos mais uma vez.

Eu estava a ponto de bater nele e não ligava se a culpa recaísse na minha falta de sexo.

— Na verdade, me interessa, sim. Você está

PERIGOSAS ACHERON

machucada por um acidente que causei.

— Olha só, alguém admitiu a culpa. — Sorri, fechando os olhos em seguida pela dor.

Desde quando sorrir também doía tanto?

— Vem, vou te levar para o hospital — ele me chamou, indicando seu carro. Eu neguei novamente. — Podemos conversar sobre o prejuízo que dei no caminho. Sei que ainda vou ver você, por isso não precisa ficar me evitando. — Ele me encarou sério, e voltei a fitar meu telefone, fingindo ignorá-lo. Ele apenas riu. — Não sei onde você tirou sua carteira, mas sou obrigado a prestar socorro caso esteja em melhores condições que a vítima.

— Caso você não tenha aprendido, se eu morrer no seu carro, vou te gerar uma dor de cabeça tremenda — rebati. Ele riu alto, com gosto, antes de me encarar mais uma vez.

— Sei que seria um martírio muito grande para mim se você morresse. — Ele riu baixinho, pigarreando antes de voltar à sua posição de antes, PERIGOSAS ACHERON

sério e centrado, pouco a pouco.

Quando o encarei e dei um suspiro como resposta, seu sorriso cresceu. Ele estava certo e eu realmente não tinha para onde correr.

Durante o percurso, descobri que seu nome era Ian e, apesar do sorriso irônico todo o tempo, ele era bem irritadinho.

O que não mudava o fato de ser uma boa pessoa. E isso ficou claro quando podia ter apenas me deixado no hospital, mas fez questão de ficar o tempo inteiro ao meu lado para se certificar de que eu realmente estava bem. E quando passou na farmácia e pagou pelos medicamentos, mesmo eu insistindo que poderia cuidar daquilo. Ou quando me deixou na porta de casa, onde Tristan me esperava desesperado e exaltado após Lily ter lhe telefonado para contar o que havia acontecido.

Ian também ganhou pontos quando, no dia seguinte, fui acordada por um Tristan empolgado segurando um enorme buquê de flores na minha cama, já que passara a noite comigo e havia

cuidado de mim.

— Olha só o que a margarida ganhou. — Ele pulou na cama, me fazendo acordar com o susto. Tristan estava balançando as flores no meu rosto e acabei espirrando várias vezes, o que o fez reclamar dizendo que eu não sabia ser agradada.

Claro, porque estava acostumada a ter pólen debaixo do meu nariz todos os dias logo pela manhã.

Enquanto ele dizia quão bonitas eram as flores, cocei os olhos e encontrei um pequeno bilhete em meio às rosas brancas.

*“Sinto muito ter sido rude ontem. A seguradora ainda não marcou nenhuma reunião, mas espero que aceite meu convite para se encontrar comigo, assim posso me desculpar pessoalmente.*

*Ian W.”*

— Ele te chamou para sair? — Tristan pegou o bilhete da minha mão antes que eu conseguisse ler a parte traseira com as informações do convite e

PERIGOSAS ACHERON

arregalou os olhos, me encarando em seguida. — Meu Deus! Ele te chamou para um almoço! Temos uma hora! — Levantou-se, puxando minha colcha.

— Tristan... — Suspirei. Meu amigo tinha o péssimo hábito de se empolgar demais com coisas que não diziam respeito a ele. — Tristan, meu amor. Eu não vou sair com ele.

Meu amigo parou e franziu o cenho, sem entender. Leu o bilhete mais uma vez e então olhou para mim, ainda parecendo confuso.

— Mas ele te chamou para sair, não chamou?

Assenti, deitando novamente na cama. Diminuí a temperatura do ar para gelar ainda mais o quarto e me enrolei debaixo das cobertas com entusiasmo.

Tristan parecia não entender e eu sabia que não era nem um pouco forçado.

— Mas... Eu não entendi. — Coçou a nuca lendo o bilhete mais uma vez, e eu acabei rindo.

— Eu não vou sair com ele porque eu não  
PERIGOSAS ACHERON

quero.

— Oi? — Tristan arregalou os olhos, parecendo finalmente entender o que eu queria dizer. — Você está louca? Por que não vai sair com ele? É o cara que te trouxe ontem em casa, não é?

Concordei mais uma vez. E quando achei que seus olhos já estavam suficientemente arregalados, ele os escancarou.

— Cecelia!

— O que foi?

— Ele é bonito!

— E daí? — Bufei com um dar de ombros e me acomodei de barriga para baixo.

Até ele me dar um tapa forte na bunda.

As pessoas do meio de Tristan tinham um sério problema com bundas.

— Já falei para parar de fazer isso! — rosnei



# PERIGOSAS NACIONAIS

com raiva.

— Por que não vai sair com ele?

— Porque não quero!

— Ah, tá bom! E desde quando você não gosta de sair com caras bonitos, que usam terno e são cheirosos? — Ele me encarou sério, esperando realmente por uma resposta.

— Desde quando eu saio com um cara? — Revirei os olhos, engolindo um suspiro irritado.

Tristan bufou e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas parou no meio do pensamento, me encarando surpreso.

— Você está com medo!

Eu o quê?

— Eu o quê? Ei, ei, ei, não falei...

Tarde demais.

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está com medo de sair com ele! — Meu amigo me cortou, jogando um travesseiro no meu rosto e me fazendo calar.

Às vezes duvidava que ele tivesse realmente a mesma idade que eu.

— Não estou com medo, Tristan, pelo amor de...

Como se eu tivesse tido chance de continuar a falar.

— Você não sai com um cara há mais de um ano! Cece, tem mais de um ano que você não transa, como eu não me liguei nisso?

— Tristan! — gritei, sentindo o rosto esquentar e grunhi jogando o travesseiro em sua direção.

— Eu sou um péssimo amigo — ele disse baixinho, e eu sabia que estava conversando consigo mesmo, como fazia vez ou outra.

— Você é mesmo!

— Você precisa transar!

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tristan! — gritei de novo, dessa vez mais alto. Respirei fundo trazendo a cor normal ao meu rosto e suspirei. — Eu não preciso transar. Nós sequer estávamos falando sobre isso!

— Na verdade, estávamos sim! Você está com medo de sair com ele porque não lembra mais como é ter um encontro. — Ele me encarou. — E está com medo de acontecer alguma coisa e você não estar preparada. Cece, você está se depilando? — Seus olhos cresceram diante da possibilidade nojenta e eu suspirei, escondendo meu rosto nas mãos.

Quando o olhei, seus olhos ainda estavam grudados em mim, esperando uma resposta. Tristan possuía o péssimo hábito de olhar as pessoas nos olhos sempre que esperava as convencer de que estava certo. Quando ele tinha mesmo razão e resolvia fazer isso comigo, eu não tinha para onde correr.

Como naquele momento.

— Não estou com medo — tentei mais uma vez,

## PERIGOSAS ACHERON

logo depois de encarar minha almofada no colo. Tristan bufou, e quando o olhei novamente, ele sorriu debochado. — E é claro que eu estou me depilando. Que nojo!

— Certo. Você não está com medo. Então, por que não quer ir se encontrar com ele? — Sentou-se ao meu lado tranquilamente, e eu dei de ombros.

— Ele bateu no meu carro. Não gosto dele.

— Mas ele...

— Eu sei! É lindo, usa terno e é cheiroso — eu o cortei, aceitando que aqueles eram adjetivos suficientes para dar uma chance e aceitar sair com o cara. — Mas ele quase me matou!

— E está tentando se desculpar por isso.

Torci o nariz, tentando pensar em uma desculpa rápida para me esquivar, mas Tristan continuou me encarando e eu bufei, o xingando baixinho.

— Para de ficar me olhando assim! Não estou com medo, só não sei se quero ir. Já tem muito PERIGOSAS ACHERON

tempo que não saio com um cara e minha vida está ótima assim. Não estou a fim de encontros. É só isso!

— Cece, isso não é uma intimação de namoro.  
— Ele riu, se levantando e indo até o meu closet.  
— Ele só está tentando ser gentil. — Tristan jogou em cima de mim uma calça jeans escura e em seguida começou a vasculhar a sessão de blusas. — E espero que você também seja.

— Tristan...

— Anda. — Ele saltou até as janelas e abriu as cortinas, sorrindo alegre e dando “*Bom dia!*” para o sol. Quase chorei quando a luz preencheu o quarto.

Completa, inteira e absolutamente relutante, me levantei, tomei um banho e vesti a roupa que ele escolhera. Não dizia “*oi, recebi seu convite e resolvi me vestir adequadamente para parecer que estou a fim*”, mas também passava longe de ser algo relaxado.

Após meses fazendo o mesmo percurso do  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho para o meu apartamento, sem nenhuma distração, realmente me senti linda quando notei que estava pronta para o meu primeiro encontro depois de tanto tempo.

No horário combinado, eu estava no restaurante descrito no cartão. Quando perguntei na recepção, me informaram que Ian estava à minha espera na mesa quatro e segui até ele, dizendo a mim mesma que não era nada de mais.

E ele estava mesmo ali. Igualmente bonito, cheiroso e usando um terno escuro. E também tinha o mesmo sorriso bonito no rosto bonito.

Eu queria sair correndo, mas meus pés tinham criado raízes no chão e eu sabia que não havia para onde ir.

Tristan estava do lado de fora e me mataria se me visse fugindo.

Ian puxou a cadeira para que eu me sentasse e a primeira coisa a perguntar foi sobre o bilhete. Tentei ser breve e disse que sim, havia recebido.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Imaginei que depois disso ficaríamos sem assunto e o clima se tornaria pesado, no entanto, ele tinha uma forma diferente de olhar, como se não fosse suficiente ver apenas superficialmente, e algo nisso não me intimidou. Para ser sincera, isso bastou para me passar toda a confiança que precisava.

Eu sabia que ele era excêntrico, e mesmo depois de tanto tempo sem manter contato com um cara, eu ainda mantinha minha curiosidade, e Ian era um poço de mistério. Cada vez que me olhava eu podia ver em seus olhos aquela vontade de conhecer mais a fundo, e eu sabia que não estava muito diferente.

Não podia ter escolhido alguém melhor para bater na traseira do meu carro. E, principalmente, me devolver a autoestima que achava ter perdido há tempos.

Eu não tinha mais dezenove anos. Não era mais uma garotinha indefesa que desviava o olhar sempre que um homem a encarava. Eu era uma mulher de trinta anos de idade que adorava atenção e se sentir desejada.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto nosso almoço não chegava, trocávamos olhares discretos, e eu procurei algum indício de aliança em seu dedo. Também tentei notar como ele me encarava, se era algo como apenas curiosidade ou aquele interesse viciante que eu via nos olhos de Allaric e só depois do que houve soube explicar. Eu sabia que era a primeira opção.

Quando não desse certo, ele ao menos não seria xingado como meu ex mais recente.

Naquela tarde, conversei com ele e me lembrei de como era bom ter alguém disposto a ouvir cada detalhe novo de uma pessoa diferente. Sabia que aquilo não era exatamente o começo de nada, no entanto, foi bom pensar dessa forma.

Eu não me magoaria, pois depois de tantos desamores, havia aprendido a colocar uma barreira de proteção ao meu redor.

Ian também me falou sobre sua vida. Descobri que ele trabalhava em um escritório no centro da cidade e estava morando ali há pouco mais de três

## PERIGOSAS ACHERON



anos. Ele também ouviu sobre mim, nada como “*eu estava grávida do meu ex que era casado*” ou “*me apaixonei pelos meus dois melhores amigos quando era mais nova*”.

Isso não era conversa para um primeiro encontro. Óbvio.

No fim do dia, admiti para mim mesma que, sim, era um encontro. E que havia gostado. Principalmente, eu havia gostado muito.

Na semana seguinte, a seguradora marcou um almoço com nós dois, e no horário estávamos lá. Eu sabia que advogados tinham medo de reuniões com pessoas envolvidas em acidentes de trânsito e notei o espanto do segurador ao ver que estávamos nos dando bem.

Na verdade, em uma semana já tínhamos trocado mensagens de texto que em nada diziam respeito ao acidente e nos encontramos vezes suficiente para resolver isso.

Quando o almoço e toda a burocracia chegaram ao fim, continuamos no restaurante para conversar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Havia dois dias que não nos víamos e mensagens de texto já não bastavam para quem se encontrava todos os dias.

Depois do almoço, emendamos um café, e mais tarde jantamos na ala reservada. Ian me acompanhou até minha casa, pela primeira vez depois do acidente.

E entrou.

Agradei aos céus por ter mantido minha rotina de depilação, apesar de tudo.

Pensei em mandar uma mensagem para Tristan dizendo que ele estava certo. Por mais tentada que estivesse a afastar o pensamento para longe, sabia que ele estava certo.

Eu precisava mesmo, desesperadamente, loucamente e irrefreavelmente transar.

Seria horrível admitir isso a ele, então pensei que podia dizer em forma de mensagem.

No outro dia. Quando dormisse o suficiente.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Na manhã seguinte, ao acordar, Ian não estava ao meu lado, porém suas coisas continuavam no quarto. Eu ainda estava exausta, mas já passava das dez da manhã e decidi levantar, mesmo estando de férias.

Ele estava na cozinha e eu parei no batente da porta, tendo uma visão privilegiada das suas costas largas cobertas por uma camisa branca e da sua bunda em uma cueca box.

Ele era gostoso. E isso não era a voz da minha abstinência falando.

Ian escutou o movimento na cozinha e se virou, sorrindo ao me notar ali. Eu me aproximei e beijei sua bochecha antes de me sentar à mesa e pegar uma porção de frutas.

— Dormiu bem? — Ele sorriu convencido. Assenti rapidamente, olhando-o antes de colocar um morango na boca.

— Muito bem, obrigada — brinquei. Ian deu risada.

## PERIGOSAS ACHERON

— Depois de ontem à noite acho que minha primeira teoria sobre você estava certa — ironizou, com os olhos debochados sobre mim. Eu ri, jogando um pão em sua direção e acertando a parede. Isso arrancou mais gargalhadas suas.

— Eu não estava carente de sexo, idiota.

— Não, claro que não. — Revirou os olhos, fingindo deboche. Mostrei-lhe a língua e, quando ia me preparar para responder, ele segurou meu rosto entre as mãos, iniciando um beijo.

Eu ainda estava zonzinha pela manhã, mas isso não me impediu de arranhar sua nuca enquanto acompanhava-o.

Logo eu estava de pé. E então sua mão estava em minha coxa trazendo minha perna até o redor de sua cintura. E não mais que alguns segundos depois, estava com o bumbum apoiado na minha bancada enquanto seu quadril fazia pressão contra o meu corpo e eu arfava, apertando minhas pernas ao seu redor com mais força.

Ian apertou minha nuca com a mesma  
PERIGOSAS ACHERON

intensidade da noite passada e eu sorri, puxando seu lábio inferior entre meus dentes. Suas mãos passaram para dentro da minha camiseta e seus lábios baixaram para o meu ouvido.

Eu já havia aprendido a gostar das suas mãos, mas sua boca conseguia ser incrivelmente melhor em todas as partes do meu corpo.

Senti a pele do meu pescoço sendo sugada e arfei, notando quando interrompeu o fluxo de beijos para sorrir. Podia imaginar como era esse sorriso, o mesmo que vira em seus olhos durante a noite, e isso foi o suficiente para me cativar.

Ian levantou minha blusa até ela formar um bolo na parte debaixo dos meus seios e eu apertei as unhas em sua pele, talvez com um pouco de força. Sabia que suas costas já estavam em estado crítico e alguns arranhões a mais não fariam diferença.

Ele podia apenas tirar as roupas do meio do caminho e seguir em frente, seria mais rápido e fácil. Porém, não faria isso, como não fizera na noite passada. E eu gostava. Adorava a excitação, o

desespero por mais. Ian me dava isso até o último segundo.

Suas mãos pararam na barra do meu short e mordi seu lábio inferior antes de sentir suas mãos apertarem minha pele por debaixo do tecido. Então, quando suspirei me preparando para o que estava por vir, escutei a campainha tocar.

Ian suspirou entre o beijo e resolvi deixar quem quer que fosse do lado de fora, afundando minhas mãos em seus ombros enquanto sentia as suas ganharem mais força em meus cabelos, puxando-os ao passo que levava meu lábio entre os dentes.

Eu não ia *mesmo* interromper aquilo.

Mas a campainha não desistiu.

— Deixa pra lá — ele disse baixinho em meu pescoço, e antes que fechasse os olhos e cedesse de novo, o barulho soou mais uma vez. E então seguiu um ritmo horrível até me irritar e eu descer da bancada.

Ian suspirou esfregando os olhos e eu ajeitei  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

meus cabelos e minhas roupas antes de seguir até a porta.

— Tristan! — Arregalei os olhos. Ele sorriu com uma bolsa nas mãos e, antes que eu dissesse alguma coisa, foi logo entrando.

— Você parece até surpresa em me ver. Esqueceu que hoje é um número ímpar? — Ele riu, deixando as coisas sobre a minha mesinha. Eu neguei com a cabeça, indicando a porta sem dizer nada. — Ficou louca? Acha mesmo que vou embora sem você me contar como foi a noite com o seu gostosão? Você acha *meeesmo*? — Tristan alongou a palavra em ironia, gargalhando bem alto.

Eu ri, tapando meus olhos com as mãos. Quando ele abriu a boca para perguntar mais uma vez porque eu estava rindo, Ian apareceu na divisória da cozinha/sala com a expressão confusa.

Tristan olhou dele para mim. E então mais uma vez. E de novo. Até sua boca abrir e ele pigarrear, tentando disfarçar enquanto pegava de volta o pote de sorvete na mesinha.

## PERIGOSAS ACHERON

— Hum... Podemos fazer nosso dia ímpar em um dia par. — Ele sorriu sem jeito antes de acenar e sair do meu apartamento o mais rápido possível, me deixando em meio a gargalhadas.

Aquilo era um castigo pela sua falta de sutileza durante todos os dias de sua vida.

— Você sai com um cara todos os dias ímpares?  
— Ian continuou me encarando, meio confuso.

Joguei-me no sofá ainda entre gargalhadas. A cara de Tristan não saíria da minha mente por um bom tempo.

— Na verdade, ele não é um cara desse jeito que você está pensando. Não para mim, pelo menos. — Tentei me recuperar.

Eu podia imaginar o que ele diria quando o visse novamente, cada xingamento e cada pergunta indiscreta.

— Ele me pareceu um cara completo. — Ian deu de ombros e se sentou ao meu lado. Quando finalmente me recuperei e o encarei, ele não estava  
PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

rindo. Ele estava muito sério para o que tinha acabado de acontecer.

— O que foi? — Franzi o cenho, rindo ainda mais ao me dar conta do que estava acontecendo. Ele deu de ombros, erguendo as mãos. — Você está com ciúmes de mim? Ou melhor, do Tristan? — Ri mais, sem conseguir me conter.

Ele negou bufando e me joguei em seu colo enquanto minha crise de riso cessava pouco a pouco.

Naquele dia, tive uma das melhores manhãs da minha vida.

Eu acreditei que aquilo era apenas um ciúme bobo, normal para o começo de qualquer coisa que tivéssemos.

Nas semanas que se seguiram, mesmo tendo algo que não era exatamente um namoro, qualquer cara que me encarasse com *outros olhos* era trucidado pelo olhar de Ian, e eu sempre precisava segurar seu braço e sorrir dizendo que estava tudo bem.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Até que as minhas saídas com Tristan tinham que ser descritas e detalhadas com a maior riqueza possível.

Nossos encontros de números ímpares passaram a ser apenas às quintas-feiras.

Hillary se tornou uma *má influência* e nossos encontros se tornaram raros.

Minhas amigas eram um *problema* que *sempre nos atrapalhavam*. Meus encontros com elas em dias de semana precisavam ser desmarcados porque eu precisava, segundo ele, *focar no nosso começo*.

Eu tentei me convencer de que todo aquele excesso era apenas coisa da minha cabeça e que logo passaria. Ian era ciumento e possessivo, no entanto, me apegava à parte dele que deixava claro quanto gostava de mim.

Também havia os pontos positivos, claro. Sempre saíamos juntos, e quando não podíamos, ele fazia questão de mostrar que estava se lembrando de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu gostava do jeito como me olhava. Como se eu fosse absolutamente especial e digna de tanta atenção. A forma como ele me ouvia falar sobre o meu dia, como se realmente fosse algo interessante, até mesmo quando eu descrevia o cookie que havia comido pela manhã.

Eu gostava de muitas coisas nele. Muitas coisas.

Eu *gostava*.

O aniversário de Izzie chegou no fim de novembro. E depois de um dia inteiro ajudando Louane a preparar todas as coisas para a festa no jardim, a pentelhinha desceu do segundo andar com sua fantasia de fada, espalhando *glitter* por todos os cômodos da casa. Lou ficaria louca no dia seguinte, mas, no momento, estava apenas sorridente pela bebê (que gostava de ser chamada de *bebê-mocinha*) estar completando sete anos.

A festa estava linda e o mérito era todo meu quanto à decoração. Eu havia gastado muitas noites em claro cortando e fazendo aqueles mimos em feltro para enfeitar parte da mesa de doces. Havia

## PERIGOSAS NACIONAIS

*cupcakes*, sucos, docinhos coloridos e, bem no meio, em formato de nuvem, um bolo meigo que havia auxiliado a confeitaria.

Enquanto ajudava Lou a organizar as coisas em seus devidos lugares, uma jarra de suco acabou caindo em cima de mim quando Daniel passou correndo para pegar Izzie, que tentava escorregar pelo corrimão entre risadas.

Ele arregalou os olhos se dando conta da merda que tinha feito e eu dei de ombros, rindo. Minha roupa estava destruída, mas não estragaria a festa da minha afilhada por causa de suco de uva na minha blusa, por mais bonita que ela fosse.

Ele se desculpou, porém, antes que dissesse que poderia pegar uma emprestada com Lou, vi um vulto passar por mim, e ao me dar conta do que havia acontecido, Dan estava caído no chão com o lábio sangrando.

Eu juro que precisei de alguns minutos para entender o que era aquilo tudo. E só consegui ter certeza de que Ian tinha *socado* a cara do meu

## PERIGOSAS ACHERON

melhor amigo quando Izzy correu até o pai e começou a chorar pedindo para ele não morrer.

Meu quase namorado me encarou, os olhos possessos. Respirei fundo antes de forçar minha mão a dar um soco forte no lado direito do seu rosto com toda a força que eu tinha.

Ian recuou parecendo tão surpreso quanto eu. Lou apareceu na sala em seguida, também espantada, e pedi em silêncio para que ela tirasse o marido e a filha dali.

E quando estava a sós com Ian, fechei a mão novamente para socá-lo, porém ele a pegou no meio do caminho de mau jeito, me impedindo de acertá-lo, e a senti doer.

Doer muito.

— O que aconteceu com... — Ele me soltou e se aproximou com os olhos parecendo divididos entre estar com raiva de mim e preocupado comigo.

— Ian, qual o seu problema? — Bufeí, me afastando enquanto segurava minha mão com a

PERIGOSAS ACHERON

outra.

— Ele podia ter te machucado! — gritou, passando a mão pelo rosto e espalhando o sangue do pequeno corte causado pelo meu anel.

— Daniel é meu melhor amigo. Você é louco? Ele nunca faria algo para me machucar. Ele só derrubou suco em mim, e você bateu nele! — rosnei antes de jogar todo o cabelo para trás, irada.

— Você tem muitos amigos, Cecelia. Vai me dizer que esse também é gay? — Ele soou em completo deboche.

— Pelo amor de Deus, Daniel é casado com uma das minhas melhores amigas! — gritei, incrédula. Eu o encarei novamente e respirei fundo desatando a falar antes que ele abrisse a boca. — Ian, eu tenho trinta anos, e não dezoito para ter a porra de um namorado que pensa que pode ditar tudo o que eu faço na minha vida. Se você quiser alguém assim, sugiro que abaixe a idade das mulheres que procura.

Ele me encarou, o mesmo olhar mortal de antes.  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Seu maxilar trincou e ele suspirou apertando as têmporas, deixando claro quão irritado estava ficando. — Eu não vou abrir mão dos meus amigos que estiveram comigo esse tempo todo por causa de um doido que fode bem, mas que quer controlar a minha vida e me afastar das pessoas que amo. — Suspirei revirando os olhos. — Você pode ir embora. E sugiro que passe no hospital, seu nariz parece quebrado. — Balancei minha mão. Ela também parecia quebrada.

Isso me fez sentir mais raiva dele.

Ian deu um passo para trás e então seguiu até a porta.

— Talvez eu não devesse ter interrompido sua abstinência. Você continua igualmente patética. — Seu queixo tremeu, porém sua voz soou firme e segura. O comentário só me fez rir em meio a um revirar de olhos.

— Quer um cartão agradecendo por isso? — Sorri irônica antes de acenar com minha mão boa. Ele continuou andando e passou pela porta,

## PERIGOSAS ACHERON

batendo-a com força.

Eu sabia que sentiria falta das conversas que estava me habituando todas as noites. Ou de ouvir que estava linda a todo tempo. De me sentir desejada como não me sentia há muito.

Respirei fundo e me virei, encontrando três pares de olhos arregalados em minha direção.

— Por que o tio Ian bateu no papai? — Izzie perguntou baixinho, com a testa franzida de raiva.

A cada dia ela se parecia mais com Lou, não apenas na aparência, mas principalmente no jeito impositivo. Continuava agarrada ao pescoço de Daniel e eu corei, sorrindo fraquinho em seguida.

Olhei para Dan e ele deu de ombros sorrindo para mim. Fitei Izzie de novo e mexi a mão próxima à minha orelha, entortei os olhos e coloquei a língua para fora tentando imitar um louco, lhe arrancando risadas. Lou também riu e Daniel a repreendeu dizendo que a piada era só para Izzie. E isso gerou uma pequena guerra que acabou em risadas.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não poderia trocar aquilo por nada. Nenhuma relação, nenhum homem. Todos os desamores tiraram um pedaço de mim, porém, depois de 8 escolhas erradas e 8 experiências fracassadas, eu não poderia deixar que um cara tirasse aquele alicerce que sempre estava ali para mim quando eu não tinha forças suficientes.

Eu sabia que selecionaria melhor ao escolher outro cara, afinal, já fizera isso diversas vezes. No entanto, aquelas pessoas que estavam comigo eram insubstituíveis e não cogitava sequer a possibilidade de trocá-las por um namorado, ou quase isso.

E não tem a ver com quantidade. Amizade tem a ver com confiança, em saber que a qualquer momento você pode contar com as pessoas certas.

Ian e eu não duramos mais do que algumas semanas, mas se aprendi algo com o nosso fracasso, é que um desamor tirar uma parte sua é uma coisa, agora, ele tirar alguém, não. Isso não é discutível.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Amor não é subtração, é soma. E quanto mais colecionar esse sentimento de pessoas amadas, melhor.

# PERIGOSAS ACHERON

Número 10:  
Milles Mazzoni



*“Como ousa marchar em direção ao meu  
coração, oh, que rude da sua parte.”*

**I’m yours – Alessia Cara**

# PERIGOSAS NACIONAIS

Meus desamores nunca apareciam de forma comum e eu sabia disso pelas inúmeras experiências que em nada me provavam o contrário.

Meus amores também nunca foram fáceis, porém, preferia acreditar que havia um motivo para isso.

Eu dera a Matt uma chance de, em seu próximo amor, não perder tempo ou momentos.

Logan nunca mais trataria uma mulher daquela forma.

Andrew nunca mais daria falsas esperanças a alguém.

Ethan nunca mais mentiria.

Dean nunca mais humilharia.

Christian arrumaria tempo para o próximo relacionamento.

Tristan continuaria sendo igualmente perfeito e

# PERIGOSAS ACHERON

feliz à sua maneira (infelizmente, inalcançável para o sexo feminino). Meu melhor amigo gay havia ganhado de mim a força que precisava para ver que não tinha problemas em ser quem era.

Allaric nunca mais trairia.

Ian nunca mais teria aquele ciúme obsessivo da companheira.

Eu queria acreditar que deixara isso para eles e que todas as minhas frustrações serviriam em algum momento. Era como uma recompensa para o amor que os seguiria logo após a minha vez.

No entanto, ao desfecho, o número 10 da lista, eu não deixei nenhum presente. Na verdade, foi ele que me deu muito. Milles deixou bem claro que eu não precisava de homem algum ao meu lado para ser feliz, independente dos olhares tortos da sociedade em cima de uma mulher de trinta e dois anos que ainda não havia começado uma família.

Eu era suficiente para mim mesma. E aprendi com ele que eu me bastava, no fim das contas, como em todas as outras vezes.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de todos os meus desamores, me senti uma versão de *Qual seu número*, de Karyn Bosnak. Diferente de Delilah, eu não queria me casar com o meu 21º namorado. Em minha opinião, já vivera toda a cota de romances possíveis e algo dizia que um décimo amor não faria diferença em todas as contáveis vezes que meu coração havia sido machucado.

Eu não conseguia explicar, mas não havia barreira dessa vez. Não havia medo. Não havia expectativa. Simplesmente não havia *nada*. Ninguém parecia gostável, por mais bonito, simpático e/ou cheiroso que fosse. Eu não estava me privando, apenas não conseguia sentir mais depois de já ter sentido tantas vezes.

Sempre tive medo do que não podia controlar. Medo do amor. Medo do desconhecido. Medo de sentir o próprio medo. Medo de perder. Milles me fez bem, em compensação, também tive medo. Medo de perder a mim mesma, quem havia me tornado, por sua causa.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo fugindo de números pares (principalmente os múltiplos de cinco) eles sempre me perseguiram. Eu tinha muitos motivos para não gostar deles.

Sempre preferi acreditar em coincidências. Milles, o número 10, apareceu na minha vida às dez da manhã, quase como um sinal.

Um bom louco sempre justifica sua loucura.

Depois de tempos vivendo uma vida sedentária, me obriguei a fazer exercícios físicos por recomendações médicas.

A melhor parte do exercício vinha após correr os tantos metros da rotina. Eu me sentava no parque, relaxadamente, e a cada dia da semana tinha um tipo certo de lanche. Naquela segunda-feira, era dia de algodão-doce e sorvete.

Como adorava minhas caminhadas.

Ajeitei-me no gramado com o algodão-doce no colo e o sorvete em mãos, saboreando devagar enquanto via as crianças brincarem no escorregador

PERIGOSAS ACHERON

e descerem gritando. Eu imaginava que era por medo, e não alegria, já que não via graça nenhuma em descer daquele brinquedo medonho em alta velocidade.

Quando cheguei na metade da casquinha, uma menina pequena e morena veio em minha direção, sentando-se ao meu lado enquanto tirava o cabelo suado do rosto. Ela sorriu para mim e se acomodou. Olhou ao redor, como se procurasse por alguém, e então me encarou com um sorriso, me fazendo notar que faltavam alguns dentes em sua boca.

— Tia, você vai comer essa nuvem colorida? — Apontou para o meu colo.

Já estava acostumada a ser chamada de tia, mas era igualmente irritante em todas as vezes.

Olhei para o meu algodão-doce roxo e torci o nariz, negando.

— Você quer? — Tirei o saquinho do meu colo. Ela arregalou os olhos, a boca quase salivando.

— Sim, tia! Se você quiser me dar o sorvete

PERIGOSAS ACHERON



também... — Ela passou a língua pelos lábios e eu franzi o cenho, a olhando. Sua roupinha era bonita, seu cabelo e pele bem tratados e ela não parecia suja, apenas suada.

Que tipo de pai deixaria uma criança passando tamanha vontade de comer doce?

— Onde está a sua mãe ou seu pai? — Eu lhe estendi o saquinho de algodão-doce. Ela o abriu e, depois de sentir o cheirinho, suspirou, colocando um montinho na boca.

— Meu papai foi ali... — comentou rapidamente. — Tia, essa nuvem é muito boa. Posso comer tudo?

Em meio a uma risada pela sua empolgação, estava prestes a assentir até ouvir alguém gritar pelo nome Audrey. A menina ao meu lado arregalou os olhos e colocou mais um punhado de doce na boca antes de jogar o saquinho no meu colo e se levantar.

— Oi, papai! — Ela sorriu forçadamente, olhando ao redor. Tentei não rir com sua reação  
PERIGOSAS ACHERON

instantânea, mas foi impossível.

— Onde você estava? — O homem cruzou os braços a fitando, sério. Audrey torceu os dedos das mãos e encolheu os ombros.

— Estava conversando com a tia. — Apontou para mim.

O homem virou a cabeça na minha direção e eu acenei. Suas sobancelhas se juntaram e ele olhou para o meu colo, relaxando em seguida. Notei como seus lábios ficaram apertados para não rir.

— Você pediu doce a ela, Audrey?

Os olhos da menina se arregalaram em minha direção, esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Eu não, papai. — Sua cabecinha balançou para os dois lados, fazendo as marias-chiquinhas em seus cabelos a acompanharem.

Seu rosto estava sério e seu olhar para o pai era incrédulo, como se essa possibilidade ter passado por sua mente a tivesse magoado.

Engoli uma risada com a situação e, antes que pudesse pedir desculpas por qualquer coisa que tenha feito de errado, senti um pezinho pisar nos meus dedos da mão com força, me fazendo gritar.

— Audrey! — ele ralhou.

— Papai, eu não pedi doce para ela, eu juro!

Audrey me olhou com olhos pedintes e eu pigarreei, me levantando.

— Ela não me pediu. Eu tinha um algodão-doce sobrando e resolvi dar a ela. — Massageei meus dedos doloridos. Os olhos de menina cresceram em minha direção e ela suspirou aliviada.

— Viu, papai? — Ela sorriu para ele, em seguida para mim.

*Falsinha.*

— Você sabe que não pode comer essas coisas, filha. O médico proibiu doces.

Audrey olhou para o chão e encolheu os  
PERIGOSAS ACHERON

ombros.

— Eu comi só um pouquinho... — Sorriu abertamente, deixando à mostra os lábios manchados de roxo.

Isso nos arrancou risadas, minhas e do seu pai.

— Dê tchau para ela e vamos embora — ele disse antes de me encarar e sorrir. Aquele sorriso me pareceu de gratidão por tratar bem sua filha, apesar de lhe dar açúcar sem poder.

Audrey correu em minha direção e abraçou minhas pernas. Olhou para cima e tapou um lado do rosto para falar comigo.

— Obrigada pela nuvem! E me desculpa por ter pisado no seu dedinho — sussurrou, com um sorriso pequeno, e eu pisquei antes de vê-la ir embora, saltitando em direção ao pai.

No dia seguinte, eu estava no mesmo gramado comendo um saquinho de jujubas enquanto rolava a *playlist* no celular em busca de uma música boa. Em algum momento, ao olhar para o lado, me dei

PERIGOSAS ACHERON

conta de que ela, novamente, estava sentada ali comigo.

— Seu nome é Audrey? — tentei puxar assunto, tirando um dos meus fones. Ela assentiu abraçando as perninhas e olhando para o meu saquinho de jujubas.

— Sou. E você?

— Meu nome é Cecelia. — Sorri. Tirei três minhocas azedas do pacote e lhe estendi. Audrey mordeu os lábios antes de pegar os doces da minha mão e sair correndo com eles na boca, me deixando entre risadas.

Na quarta-feira de manhã, escolhi um *bagel* com *cream cheese*. Quando Audrey se aproximou e viu que eu tinha apenas um salgado, fez careta e soltou um suspiro. Dei risada lhe oferecendo um pedaço. Ela negou, porém, continuou ao meu lado, quietinha, até seu pai chegar.

Na quinta-feira, a guloseima da rotina era pipoca, metade salgada e metade doce. Eu estava no fim da parte doce quando Audrey, mais uma

PERIGOSAS ACHERON

vez, se sentou ao meu lado com um sorriso no rosto.

— Seu pai disse que você não pode comer doce, esqueceu? — disse depressa. Ela suspirou e engoliu todo o ânimo e o sorriso com que havia chegado para falar comigo.

— Mas se eu comer pipoca, o papai não vai achar que é doce. — Ela sorriu e seus olhos se arregalaram em seguida. — Já sei! Você pode colocar jujubas dentro do saquinho de pipoca, ele nem vai desconfiar! Pode ser o nosso segredo secreto.

Dei risada, me ajeitando no gramado. Audrey me conhecia há alguns dias e já se sentia tão íntima para traçar planos comigo que eu estava igualmente à vontade.

— O que acha de amanhã eu trazer um doce especial para você? — sugeri. Ela fez uma careta fingendo vomitar.

— Meu papai já me deu um desses doces especiais e eles são horríveis!

— Seu papai não sabe fazer um doce especial como eu. — Sorri. Ela me encarou pouco convencida. — Prometo trazer uma coisa de chocolate deliciosa amanhã. Você vai gostar.

Audrey comeu um pouquinho da minha pipoca de caramelo e suspirou, assentindo.

— Está bem. Se não for bom, prometo que vou fingir ter gostado — comentou com um dar de ombros.

Assenti, me dando por vencida, e logo depois seu pai veio buscá-la, parecendo surpreso por me ver novamente. Acenei com um sorriso e logo ele estava se afastando, abraçando a menina que segurava suas pernas.

Não fui caminhar no dia seguinte.

Eu não entendia como era possível sentir tanto carinho por uma pessoa que havia chegado à minha vida tão de repente e há tão pouco tempo. Conhecia aquela menina há menos de uma semana, no entanto, todos os dias eu me empolgava com a

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

expectativa de encontrá-la novamente no parque. Audrey não devia ter mais do que cinco anos, mas eu gostava de saber que ela estaria ali, gostava do que já era previsível e rotineiro para nós duas.

Passei a manhã toda preparando um mousse de chocolate para Audrey. Antes das dez horas, o doce já estava em uma pequena travessa no banco do carona, a caminho do parque.

Audrey estava no nosso lugar, olhando para os lados com expectativa. Quando me viu, sorriu e se ajeitou, deixando outro pedaço do banco para eu encostar as costas.

— Trouxe meu doce especial? — Ela olhou a vasilha e eu assenti, destampando-a.

Seus olhos cresceram e sua boca se escancarou ao ver o montante de chocolate.

— Tudo para mim?

— Primeiro preciso saber se você vai gostar, não é? — Fiz graça.

## PERIGOSAS ACHERON



— Eu quero muito!

Sorri com seu entusiasmo, enchendo um pequeno recipiente com mousse e salpicando pedaços de chocolate *diet* por cima. Ela encheu uma colher e cheirou bem de perto, fechando os olhos antes de colocar na boca, mastigando devagar. Enquanto a olhava, ansiosa pela sua reação, suas sobrancelhas se juntaram e, em seguida, ela olhou para o potinho, enchendo uma nova colher. E depois outra. Depressa. Uma atrás da outra.

Aquela foi uma ótima resposta.

— É o melhor chocolate especial que já comi na vida!

Quando seu pai chegou para buscá-la, franziu o cenho confuso ao se deparar com o que ela comia, me encarando abismado.

— Papai, é o melhor chocolate especial do mundo! — Audrey se levantou com cuidado e encheu uma colher, colocando em sua boca. Ao provar o mousse, sua reação foi de surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Chocolate especial, é? — Ele me olhou e eu dei de ombros, rindo.

Ele se sentou ao nosso lado naquele dia, pela primeira vez, e comeu parte do mousse com Audrey e eu. A pequena não saiu do nosso lado.

Quebrei a rotina por duas horas, e foi uma escolha muito boa.

Antes de ir embora, Audrey me abraçou com força, com carinho, e sorriu com a boca suja de chocolate.

— Obrigada, tia. Amanhã é meu aniversário. Faz um bolo especial para mim? — Seus olhinhos brilharam e eu ri baixinho diante do pedido.

— Audrey, você não pode pedir comida para as pessoas assim. — Seu pai cobriu o rosto, quase envergonhado, e ela deu de ombros.

— A tia Cece não é uma pessoa, é minha amiga.  
— Sorriu. Assenti, me abaixando até ela.

## PERIGOSAS ACHERON

— O que acha de um bolo especial de chocolate com morango e nozes? — Sorri. Ela passou a língua pelos lábios e eu dei risada quando concordou depressa.

— Quero! Você faz o bolo e o papai faz o suco. Ele não sabe fazer comida gostosa. — Ela disse a última parte baixinho, o olhando e vendo seu rosto debochado. Isso me fez rir ainda mais.

— Combinado. — Eu lhe estendi a mão para selar o acordo. Audrey apertou a minha com força e me abraçou de novo antes de andar até o pai.

— Me espera no carro, baixinha.

Ela concordou e saiu pulando em direção ao canteiro de flores, pouco distante de nós.

Quando vimos que estava sentada no meio fio mexendo com algumas florezinhas, ele se virou para mim, coçando a nuca.

— Queria agradecer por ter feito tanto pela minha filha. — Sua voz soou baixinha enquanto ele me encarava com as mãos dentro dos bolsos da

PERIGOSAS ACHERON

calça.

Dei de ombros a olhando e sorri ao vê-la assoprar um dente de leão.

— Não foi nada. Eu realmente adorei conhecê-la.

— Audrey não costuma se apegar muito às pessoas, fiquei surpreso ao ouvi-la falar tanto sobre você em casa.

Sorri comigo mesma, satisfeita com a notícia.

— Sua filha é um amor e eu gosto de dar doces a ela escondido de você. É o nosso *segredo secreto* — brinquei.

Seu sorriso cresceu e ele se aproximou, estendendo a mão.

— Sou Milles.

— Meu nome é Cecelia.

Milles sorriu mais uma vez para mim, me

## PERIGOSAS NACIONAIS

olhando, e então voltou a fitar a filha. Eu podia ver em seus olhos o carinho que possuía pela menina e isso me deixou tocada.

Ele rabiscou em um pedaço de papel seu endereço acompanhado de um horário e entregou a mim. Isso realmente me chocou.

— Está realmente me convidando para o aniversário da Audrey? — Sorri, encarando o bilhete. Ele deu de ombros, escondendo mais uma vez as mãos nos bolsos.

— Ela me mataria se eu não fizesse isso, de qualquer forma. — Riu baixinho, e eu o acompanhei. — Será um prazer recebê-la, Cecelia.

Assenti agradecida, e pouco depois, sem dizer muito, eles foram embora.

Passei a tarde comprando um presente e ingredientes para o bolo. Durante a noite, fiz minha receita sem pressa alguma, caprichando na decoração com as poucas dicas que Allison, minha amiga confeitadeira, me dera ao longo da vida. Dormi satisfeita com o resultado.

## PERIGOSAS ACHERON

Na manhã seguinte, antes das onze horas, estava a caminho do endereço marcado.

Audrey me esperava na porta, sorridente, com um vestido branco frufu e um arco chifre de unicórnio na cabeça. Ela estava linda.

Quando me viu no carro, correu para dentro de casa e logo saiu novamente, vindo em minha direção depressa. Ela me abraçou com força e eu escondi um embrulho atrás das minhas costas.

— Tia, você trouxe um presente para mim? — Seus olhinhos se arregalaram e seu sorriso cresceu quando assenti.

— Trouxe, sim. E acho que acertei em cheio na escolha. — Sorri comigo mesma. Estendi-lhe a sacola de tecido e, ao abrir e tirar o enorme unicórnio de pelúcia de lá de dentro, Audrey soltou um gritinho, me olhando surpresa antes de correr para casa.

Enquanto tirava o bolo do carro, Milles veio me ajudar e o pegou da minha mão, mesmo quando eu

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

disse que poderia levar.

Diferente do que imaginei encontrar, na casa não havia mais ninguém, exceto os dois. Uma mesa encostada à parede estava enfeitada com alguns docinhos, e na pintura cor de gelo, desenhos de unicórnios feitos à mão, provavelmente de Audrey, arrematavam a decoração.

Coloquei o bolo bem no centro da mesa e a pequena suspirou, batendo palmas, empolgada, enquanto lhe cantávamos parabéns.

Aquele dia foi maravilhoso. Conversamos bastante, não só eu e ela, mas sim, os três. Mille ficou ao nosso lado o tempo inteiro, interagindo conosco.

Ao fim da tarde, eu não era amiga apenas da Audrey, mas também de seu pai, que havia perdido a timidez e não escondia mais as mãos nos bolsos.

— Tia, papai e eu vamos ao cinema amanhã. Por que você não vem também? — Ela sorriu me encarando com olhinhos pedintes.

## PERIGOSAS ACHERON

Estava prestes a negar, a boca aberta, mas antes que as palavras saíssem, Milles me cortou.

— Seria legal se você nos acompanhasse — ele concordou, olhando da filha para mim.

Surpresa, minhas sobrancelhas subiram e senti o peito bater mais forte, me deixando confusa. Milles sorriu, fazendo carinho no cabelo da menina.

— Vamos ver desenho! — Audrey deu pulinhos, empolgada, no entanto, eu só conseguia olhar para ele e ver em seus olhos que realmente queria a minha companhia.

Eu não fui capaz de negar. Eu não quis negar.

Audrey logo dormiu com a cabeça encostada em meu ombro. Só me dei conta disso quando a sala ficou em completo silêncio e seu suspiro me mostrou que sua bateria havia acabado depois de tanta farra.

Milles riu junto comigo quando o som das nossas risadas fez com que ela se mexesse e abraçasse meu braço. Eu sorri, fazendo carinho em

## PERIGOSAS ACHERON



seus cabelos.

Desse momento em diante, conversamos sobre assuntos que em nada diziam respeito à *Princesa Jujuba* ou à *Princesinha Sofia*. Milles realmente parecia mais à vontade.

Minutos depois, parecíamos nos conhecer há tempos e, de repente, eu já sabia muito sobre ele. E sobre sua relação com a mãe de Audrey, que havia terminado após um acidente que a levara dois anos antes. Desde então, Audrey, mesmo pequena, havia se isolado do convívio social até o pai começar a levá-la ao parque e ela, por algum motivo, achar que eu era boa o suficiente para ser sua amiga, em vez das outras crianças. Milles também logo soube, quando lhe contei, que alguns anos antes eu havia perdido um bebê.

Eu não era mais uma garotinha de vinte anos com medo do que dizer ou não a um homem. Eu não me importava, pois tudo o que havia acontecido até ali fazia parte de quem eu era. Não era possível apagar parte de uma história e fingir que ela nunca aconteceu apenas por não ser a

## PERIGOSAS NACIONAIS

minha parte favorita.

Conversamos a tarde inteira, sem que eu me cansasse ou me enjoasse de sua companhia. O resultado em mim foi uma pele mais bonita, um sorriso mais largo e um embolo no estômago que há tempos não sentia.

Poucos dias depois, havia uma mensagem sua em meu celular me chamando para sair de novo. E a partir daí, nós três conhecemos todos os restaurantes dos shoppings de Los Angeles em menos de um mês. Eu notava como, a cada encontro, Milles se sentia mais à vontade para me contar sobre ele, e isso me deixava feliz. Sem expectativas, apenas feliz por vê-lo deixar cair a máscara e ser quem realmente era, sem timidez. A cada dia eu me afeiçoava um pouco mais ao seu jeito.

Eu gostava dos nossos programas em trio e como sempre era incluída. Gostava de me sentir querida por aqueles dois que aprendi a gostar tão rápido.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu quis amar Milles, quis me dar mais uma chance. Quis um empurrão que me fizesse dizer sim sem me sentir tola. Quis me ver com eles todos os dias, pois eu amava Audrey. No entanto, não era fácil me permitir depois de tudo, apesar da facilidade do convívio.

Milles e Audrey eram tudo o que eu queria aos meus trinta e dois anos. Eles eram uma família doce e amável, e eu me encaixava facilmente no meio dos dois.

Eu gostava não apenas dos olhares que recebíamos quando saíamos juntos, como se fôssemos de fato uma família, mas também da sensação gostosa que era tê-los comigo, como Audrey me abraçando pela manhã ou me esperando para colocá-la na cama e ler uma história antes de dormir. Ou ainda quando eu ia a suas reuniões da escola e, ao pegar suas notas exemplares, enchia seu rosto de beijinhos e lhe comprava um sorvete sem açúcar.

Aquilo foi suficiente para mim pelos dois anos em que estivemos juntos construindo o nosso *nós*.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ter Milles me abraçando ao chegar do trabalho, buscar Audrey na escola ou irmos ao shopping cantando no carro era incrível. Milles era incrível. Ele me fazia sentir incrível sempre que me surpreendia com algum presente ou lembrando alguma de nossas datas especiais.

Quando comecei a amá-lo, de verdade, quando comecei a me encantar por seus pequenos detalhes, me políciei para não acreditar tanto. E, pela primeira vez, fiz isso no tempo certo, antes de me magoar novamente.

Ele era maravilhoso, e nunca provou o contrário enquanto estivemos juntos.

Até o nosso término.

Podia ter sido evitado, admito. Porém, de forma alguma admito a culpa absoluta ou parcial na situação. Milles me deu muito, mas em um momento quis cobrar com juro o que havíamos conquistado, querendo mudar quem eu havia me tornado ao longo dos anos, depois de tanto esforço e tantos tropeços.

## PERIGOSAS ACHERON

Audrey e eu estávamos na sala, concentradas em um livro de unicórnios, quando Milles chegou. Eu estava exausta, o dia no jornal havia sido cheio e, após o expediente, ao buscar a pequena na escola, precisei ainda parar na chocolataria porque era o dia das rosquinhas diets e Audrey queria “*muito, muito forte*” ir até lá.

Meus olhos quase se fechavam entre as páginas, mas não foi difícil notar quando ele chegou. Milles sempre era exagerado em suas *entradas triunfais da noite*, e naquele dia não foi diferente. Audrey correu para abraçá-lo. Depois de jogá-la para o alto diversas vezes e fazer graça lhe arrancando gargalhadas, ela finalmente voltou para o meu lado no sofá. Milles beijou minha testa e eu sorri, terminando a história para ela, que logo dormiu.

Naquela noite, eu estava nervosa. Apesar do sono, não conseguia manter o rosto sem um sorriso e minhas pernas não paravam de balançar. Ele logo notou que havia algo estranho e riu baixinho, se aproximando e agachando ao meu lado no sofá.

— Precisamos conversar? — Sorriu, e eu assenti

## PERIGOSAS NACIONAIS

depressa, respirando fundo para conter a empolgação.

— Sim, precisamos conversar! — Suspirei ansiosa. Milles me encarou e eu podia ver seus olhos brilhando de ansiedade também.

Eu havia ensaiado mil e uma formas de dizer aquilo um dia a alguém. Ele estava comigo e merecia ser o primeiro a saber.

— Recebi uma proposta para me tornar vice-presidente do jornal. — Mordi os lábios sem conseguir conter a felicidade.

Eu havia esperado por anos. Desde o início, quando deixei de ser a assistente do chefe e me tornei, na empresa nova, revisora-chefe, eu quis crescer. E finalmente tinha a chance da minha vida, que nunca tivera em nenhum outro lugar.

Esperei pelo sorriso de Milles, suas felicitações, mas antes de dizer qualquer palavra, suas sobrancelhas se juntaram e vi em seus olhos decepção.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Seus lábios subiram em um pequeno sorriso trêmulo antes de sua voz sair baixa.

— Uau... Parabéns, amor.

Apenas isso?

— Você não gostou da notícia? — Franzi o cenho, sem entender. Milles arqueou as sobrancelhas, se dando conta de que não havia sido nem um pouco sincero em suas palavras.

— O quê? Não! Sim, claro que gostei! — Pigarreou, forçando ainda mais o sorriso. Apertei os lábios, o olhando com atenção por um bom tempo até ele suspirar, desistindo. — Me desculpe, Cece.

— Por que não está feliz por mim? — sussurrei, mexendo nos cabelos de Audrey antes que ela acordasse.

— Eu... só não esperava isso. — Deu de ombros, se levantando e se sentando no sofá próximo aos nossos pés.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— E o que você esperava?

Milles passou a língua pelos lábios.

— Deixa pra lá. — Balançou a cabeça negando. Quando insisti no assunto, sua voz soou. — Está pensando em aceitar o cargo?

Dei risada, esperando que aquela pergunta fosse uma brincadeira. No entanto, ele não riu, e vi que estava, sim, falando sério.

— Hum, sim. Eu não posso recusar isso. — Sorri.

Ele suspirou, se levantou e, sem dizer uma palavra sequer, saiu da sala.

Milles me deixou falando sozinha.

Ajeitei a cabeça de Audrey no travesseiro, quando ela ameaçou acordar, beijei seus cabelos, mexendo neles até ter certeza de que havia voltado a dormir.

Segui até o quarto, ainda pasma com sua atitude.

## PERIGOSAS ACHERON



Quando viu que eu estava ali, ele suspirou, me deixando ainda mais confusa.

— O que está acontecendo? — Fechei a porta, espantada com sua hostilidade.

— Achei que conversássemos sobre tudo, Cecelia.

Fiz uma careta, ainda sem entender.

— Poderíamos conversar, talvez, se você não me deixasse falando sozinha como fez há poucos minutos.

Milles esfregou o rosto e sem qualquer preparação foi sucinto no assunto.

— Não gostei da sua notícia.

Só me dei conta de que minha boca estava aberta, em total sinal de choque, quando precisei apertar os lábios para conter minha primeira reação, que foi xingá-lo.

— Não gostou de me ver conquistar algo depois

de tantos anos de esforço? — Engoli o bolo na garganta junto com meus xingamentos. Milles apertou os olhos e suspirou, mais uma vez.

— Eu sempre dei conta de sustentar Audrey e você nesses dois anos que estamos juntos, Cece. Não preciso que você trabalhe mais do que já trabalha hoje em dia. Não quero as pessoas pensando que não posso dar conta da minha família, já que minha namorada ganha mais do que eu.

Eu juro, juro, juro mesmo que mil e uma teorias passaram pela minha cabeça. Imaginei que sua reação fosse pelo cargo em função do tempo gasto na empresa e fora dela, que seria maior. Ou sobre os homens com que precisaria lidar. Porém, em momento algum pude sequer cogitar que teria a ver com o fato de eu ganhar mais do que ele.

Qual era o seu problema? Qual era o problema nisso?

— Está me dizendo que não está feliz por mim simplesmente porque o meu cargo faz com que eu

ganhe mais do que você? É isso? — tentei, apenas para ter certeza de que era realmente aquilo. Miles suspirou, olhando para os lados sem me encarar.

Sim, realmente era aquilo.

— Estamos tão bem dessa maneira, amor.

— Tão bem? — eu o cortei, com a minha risada mais irônica, ainda sem acreditar naquele momento. — Qual o problema de me ver em uma boa posição, Miles? Estou querendo isso há tanto tempo.

As coisas realmente iam bem entre nós. No entanto, depois de muito tempo procurando por um pouco em alguém, eu havia aprendido a ver o momento que encontraria em mim mesma o muito que precisava.

Eu amava Audrey. Amava Miles. Nossa rotina e nosso relacionamento. Eu definitivamente não queria ter de me desfazer da nossa pequena família.

Contudo, por mim mesma, não aceitava que ninguém me desse menos do que eu merecia. O que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

ele estava prestes a fazer comigo não era justo.

— Eu não posso aceitar isso, Cece. Sinto muito.  
— Sua resposta foi firme.

Enquanto o olhava, vi tudo desmoronando. Mais uma vez. Cada momento que ficaria apenas na memória. Cada carinho que não existiria mais. Cada bom dia e abraço quente que apenas teria como lembrança.

— Eu também não posso, amor. Desculpa. —  
Dei de ombros, sem forças, antes que me pusesse a chorar.

Miles assentiu cabisbaixo antes de me deixar sozinha, mais uma vez.

Naquela noite, e chorei baixinho no sofá, agarrada às perninhas de Audrey. Ela era quem me faria mais falta, justamente por ser quem havia me dado as melhores lembranças.

Fácil e irônico. Quanto melhor a vida é, com mais juro ela te cobra no momento certo.

## PERIGOSAS ACHERON

Na manhã seguinte, ao acordar, Audrey me abraçou e encheu meu rosto de beijinhos. Milles, ainda sem trocar uma palavra sequer comigo, disse que a levaria para a escola.

Fiz seu café, caprichando nos *waffles* decorados com morango e calda. E na hora de ir embora, lhei tchau abraçando-a o mais forte que pude e tentando não chorar ao olhar para ela.

Eu sentiria tanto sua falta.

Coloquei um pequeno pedaço de chocolate diet no bolso de sua mochila junto a um *post-it* rosa. Nossa frase do dia era “*O amor sempre é suficiente*”.

Ao ler o papel, depois de um tempo e com um pouco de dificuldade, Audrey riu e me abraçou mais uma vez, com todo o seu carinho. Aspirei seu cheirinho com força para tê-lo como lembrança, me esforçando o máximo possível para que as lágrimas não caíssem naquele momento.

Na manhã seguinte, eu estava de volta ao meu apartamento.

Eu era a vice-presidente do jornal.

Audrey e Milles pegavam um ônibus para recomeçarem suas vidas em outro lugar, longe de mim.

Eu tentei arrumar mil e um motivos para me convencer de que Milles não valia a pena, ao passo que dizia para mim mesma que não sentia nada por ele, mas sabia que estava errada nos dois aspectos.

Milles valia a pena. Ele e nossa família valiam, sim, e eram, sim, suficientes. No entanto, se eu havia aprendido algo sobre relacionamentos após nove tentativas, era que amar deveria ser uma via de mão dupla. Tentar manter um relacionamento a base de respeito e sacrifício unilateralmente não era exatamente amor. Era estupidez.

Eu não fui embora por covardia ou por capricho, mas porque ele afundou o pedacinho de mim que o classificava como amor. Esse pequeno pedaço o colocava acima de todos, menos de mim mesma.

Ele errou feio ao tentar me fazer amá-lo mais do  
PERIGOSAS ACHERON

que a mim mesma.

Ainda hoje, não sei se teríamos durado caso dissesse não ao meu sonho de independência e autossuficiência. Até hoje não sei se ele se orgulhou de mim e suas palavras foram apenas por uma soberba machista. Até hoje não sei qual seria a minha próxima frase do dia com Audrey ou qual história leríamos antes de dormir. O que sei é que meus pensamentos masoquistas fizeram um ótimo trabalho imaginando como teria sido se tivesse dado certo, em condições diferentes.

Como sempre. Sem novidades.

## Epílogo



*“A partir de agora eu vou ser forte, eu vou cantar o meu grito de guerra e eu realmente não me importo se ninguém mais acredita, porque eu ainda tenho muita força em mim.”*

**Fight Song – Rachel Platten**



*Esta não é exatamente a história sobre um amor, mas sim, vários. Dez, para ser mais exata. Nunca gostei do número 10, ele sempre me pareceu exato demais. Perfeito demais, fácil demais. Decifrável demais.*

*Jamais soube dizer exatamente a causa do meu problema com ele, no entanto, sempre tive fobia. Minha tevê nunca ficava no volume número 10. O rádio sempre estava sintonizado em um canal que não tivesse esse número à mostra. As músicas com esse número sempre eram as minhas menos favoritas. Meu despertador geralmente era programado com minutos contendo o final 1, 4, 6 ou 9. Sempre tentei evitá-lo, porém, por algum motivo, ele sempre me alcançava, como acontece com quase todas as coisas que queremos nos afastar. Coisas exatas, previsíveis ou fáceis nunca foram as mais queridas por mim.*

*No fim, é sempre dessa maneira. Por mais que tentemos negar, nos preenchemos das desculpas e motivos que arrumamos para desgostar de algo. O medo da decepção nos manipula a focar em coisas*

## PERIGOSAS NACIONAIS

*potencialmente ruins, uma coincidência, por exemplo, para enfim amarrar uma enorme bola de neve sobre tudo o que uma vez já nos fez sofrer. Precisamos de uma base para nos firmar, seja nos momentos bons, para agradecer, ou nos ruins, para culpar.*

*Foi assim com todos os meus desamores. Em todos os momentos da minha vida. Eu admitindo isso para mim mesma ou não.*

*A única esperança é a venda invisível que colocamos em nossos olhos. Isso nos permite continuar como se não fosse acontecer novamente, como se não fosse doer, mesmo sabendo que, sim, vai acontecer sim. A partir do momento que arriscamos no desconhecido, estamos expostos a sofrer. O inexplorado nunca foi um bom lugar para pouco destemidos. No entanto, até os mais covardes são corajosos dia após dia, desbravando pelo mundo novas incógnitas.*

*A certeza que temos, apesar de no fundo não termos intenção de criar expectativas, é que, no fim, mesmo depois de todos os trancos, tudo segue*

## PERIGOSAS ACHERON

*caminho para que acabe bem. Independente da forma, companhia ou percurso escolhido, sempre acaba. Essa é a confiança que continua nos movendo a arriscar e tentar encontrar nosso idealizado e esperado final feliz.*

*Quando conheci Matt e me apaixonei por ele, não sabia quão longe poderia ir com um simples sentimento.*

*Sempre tive inveja de pessoas que diziam morrer de amor, e tinha curiosidade em saber quão profundo isso era, porém, depois de todos eles, descobri o que é o amor. E ele não é rotulado. Não é explicado, pois há vários significados. Meu amor por Matt foi forte, bonito e intenso. Foi perfeito. Só nos apaixonamos na hora errada, mas o que me deu a certeza de que era, sim, amor, foi o jeito como tentamos ignorar isso e seguir em frente com nossas vidas, como se não estivesse doendo em nenhum de nós dizer adeus a esse sentimento. Matthew me mostrou pela primeira vez como era o amor e como ele podia ser maravilhoso, mesmo com todos os seus problemas.*

*Com Logan sei que foi algo passageiro, mas, na verdade, algo rápido foi apenas o que nos separou, e mais rápido ainda, nos uniu com mais força.*

*Sempre gostei de definir músicas aos meus amores, fossem eles breves ou duradouros. Meu primeiro beijo combinava perfeitamente com Kiss me, do Sixpence None The Richer. O primeiro curativo que ganhei de uma paixão na escola, logo após ralar o joelho no segundo dia de aula, encaixava a Falling slowly, de Glen Hansard. Adentrar meu primeiro baile no ensino fundamental ao lado de Harry, depois de anos de espera, parecia perfeito ao som de Chances, do Five For Fighting. Logan foi quem teve uma música que dizia respeito à amizade, porque ele foi isso, um amigo. O tempo inteiro, até mesmo quando achei que o havia perdido. E tê-lo de volta quando as coisas se acertaram me deu a certeza de que poderia contar com ele dali em diante, para sempre.*

*Sendo sincera, Andrew foi minha maior surpresa. Sempre achei que quando as pessoas queriam, elas davam um jeito, e mesmo depois de*

*tudo, quis que nos acertássemos. Eu disse mil vezes que não, convenci a mim mesma de que estava tudo bem, que não precisava dele e muito menos de suas palavras, mas até certo ponto eu quis. Quis que ele se aproximasse de mim novamente e enfim pudéssemos colocar as coisas a limpo. Quis que ele dissesse para mim que eu era suficiente, sim, apenas não tínhamos dado certo. Eu quis que ele tirasse o enorme vácuo deixado em mim, porque acredito que se isso tivesse acontecido, muitos desamores seriam poupados de suas histórias. E eu me pouparia de escrevê-las e sofrer por cada uma delas.*

*Quanto a Ethan, eu sabia desde o início que não era amor, mas havia algo tão gostoso entre nós que disse a mim mesma haver potencial para evoluir a isso. Sempre fui fã do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, e usava suas frases em diferentes momentos da vida.*

*“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” Eu adorava essa porque me dava chance de ser mais próxima e cuidar com todo carinho daqueles que me eram importantes.*

*Ter respeito. Ser fiel. Deixei de acreditar nesse provérbio quando notei que isso era apenas uma desculpa esfarrapada para sofrer com a dor alheia. Depois de tantas experiências e tantos tropeços, descobri que tomar a responsabilidade de amar sozinho não era exatamente amor. Era tolice.*

*Dean. Não encontraria melhores palavras para defini-lo senão meu passo em falso. Como disse, há muitas formas de amar. Dean me fez amar uma noite que eu sabia não haver probabilidade de repetição, e ainda assim fui em frente. Uma coisa que também combina com amor é curiosidade, o desejo pelo mistério. Ele foi esse desconhecido para mim, um desconhecido que eu, mais do que qualquer outro desamor, soube que acabaria, mas ainda assim decidi arriscar. E arriscar também está ligado ao que significa amar.*

*Já com Christian, descobri que era uma forma de amor quando, mesmo depois de tudo, de dizer a mim mesma que não daria mais certo com ninguém, que não queria dar certo, abri os olhos para o que poderia oferecê-lo e encontrei algo bom em mim mesma, despertado por ele. Isso era amor.*

*E foi amor. E continua sendo amor.*

*Tristan é a figura mais inusitada de toda a minha lista. Como Christian, ele é amor. Porém, mais do que Christian ou qualquer outro desamor que considere um pouco melhor, Tristan é todo amor. Ele exala amor, carinho, paciência e segurança. E se isso não for amor, a sensação gostosa da proximidade, de poder contar a qualquer momento para qualquer coisa, eu tiro toda a minha fé desse sentimento.*

*Allaric foi uma péssima forma de amor, mas isso não muda o fato de que ele também foi um. Que esteve aqui. Que fez morada, se acomodou, e quando eu menos esperava, tirou todas as suas bagagens e histórias que tinha comigo, indo embora em um piscar de olhos. Isso não muda que ele tenha me marcado como nenhum outro nessa história. Não muda que, se não fosse pelo destino, eu teria um bebê e seria um caos explicar toda a história às pessoas. Também não muda que não me importaria de ter a criança em quaisquer condições. E, claro, não muda que ele foi um filho da puta em todas as possibilidades de vista.*

*Comigo, com sua esposa, sua filha e com ele mesmo. Principalmente com ele mesmo.*

*Ian foi alguém que, diferente dos outros, não me abriu os olhos para o que ele podia me oferecer ou o que eu podia encontrar de bom em mim mesma. Ele foi o homem que me mostrou que se precisar escolher entre um amor ou uma amizade, quebro minha mão dando um soco errado em quem me propuser tais alternativas. O único presente que ele me deixou foi fazer com que eu me desse conta da sensação maravilhosa que era ter, mesmo depois de tudo, meus amigos comigo. E que eles nunca deixariam de ser amor em todo o tempo.*

*Milles, apesar de ser o último desamor, me feriu como um dos piores. Ele arrancou parte de mim, como Allaric. Ele me deu escolha, onde eu precisaria perder a mim mesma ou uma família incrível, que amava imensuravelmente. Milles abriu portas para o que eu sempre quis. Ele me deu Audrey, fácil. E também a levou da forma mais simples possível, não abrindo mão de algo supérfluo por nós dois. Ele preferiu seu machismo a nós dois. Eu me preferi a um relacionamento com*



*alguém que não sabia o que era fazer sacrifícios. Nossa história teve muitos talvez, e isso não escreve satisfatoriamente um bom final.*

*Como nunca gostei do número 10, poderia abrir parênteses aqui e dizer que também houve um desamor número 11. E esse desamor, pior do que todos os desgostos que esses outros causaram, confiou. Ela deu chances. Ela esperou. Mas sei que esse amor por mais que tenha tido seus momentos baixos, de falsas expectativas e falsas esperanças, acreditou porque no fundo sabia que essa era a única opção se quisesse aprender a amar a si mesma.*

*Eu aprendi que não é necessário ter alguém ao seu lado para dizer quanto você está linda quando se tem um espelho em casa (ou um melhor amigo gay, o que também ajuda muito). Aprendi com todos eles que, se você está satisfeita consigo mesma, aí, sim, poderá satisfazer o outro. Mas se não tiver a quem satisfazer, é possível ser suficiente sozinha. Aprendi que amar é melhor do que ser amada. A sensação de proporcionar ao outro coisas suas, inteiramente suas, torna tudo mais*

*atraente, e isso é muito melhor do que esperar ansiosa para o que ele pode fazer por você e, no fim, possivelmente acabar frustrada por não ter sido à sua maneira.*

*Porém, acima de tudo, aprendi que quando você não dá nada para si mesma, quando acha que tudo está desmoronando e não existe mais força para se levantar e seguir em frente, você se torna ainda mais capaz de criar robustez, ímpeto, determinação e quaisquer outras sete palavras a mais para seguir em frente.*

*Na maioria dos livros clichês de realeza, as princesas encontram seus finais felizes logo na primeira vez, e essa repetição acaba por se tornar previsível, levando embora toda a empolgação e expectativa no desconhecido. Muitos romances têm seus amores findados antes do ponto final, isso porque quando uma história chega ao fim da narração, o que acontece logo depois fica por conta da imaginação de cada um. As pessoas criam seus próprios finais felizes, seja por ação ou imaginação.*

*Pode ser doloroso no começo (ou durante), mas, confie em mim, coração partido nunca matou ninguém.*

*Mesmo que o destruam uma, duas, seis, ou, quem sabe, dez vezes.*

**2016**

Respirei fundo algumas vezes e rolei a barra na tela do notebook até o início do documento, lendo-o por inteiro mais uma vez noite adentro.

Na manhã seguinte, fiz o mesmo. Durante o restante da semana, também.

Revisei as últimas palavras, o último capítulo, os últimos parágrafos, pontos essenciais e, quando me dei conta de que tudo estava exatamente como eu queria, me permiti sorrir satisfeita comigo mesma.

Peguei meu celular carregando na mesinha ao lado e então enviei a mensagem que Josh estava esperando havia alguns meses.

*“Terminei. Finalizado e revisado por mim. O arquivo está anexado em doc.”*

Sua resposta não demorou a chegar.

*“Eu cuido do resto. Estará pronto até o fim do próximo mês.”*

Josh, meu assistente, demorou a entregar os contratos das parcerias e, quando o fez, me pegou de surpresa. Meu livro estava na gráfica há mais de uma semana e eu sabia que os papéis já deveriam estar assinados para começarmos a divulgação.

— Você ainda está dormindo? — gritou do outro lado da linha, e eu xinguei baixinho, sabendo que ele não ouviria. Às vezes, eu o odiava e passava pela minha mente demiti-lo, mas me lembrava de que sentiria sua falta, então desistia. Por muito pouco. — Te mandei uma mensagem ontem à noite. Consegui marcar uma reunião naquele bistrô que você gosta para exatamente daqui a vinte minutos!

— Está brincando comigo, não é? — Arregalei os olhos, despertando no mesmo momento.

— Esteja lá em, no máximo, meia hora. — Josh desligou e eu bufei, me levantando depressa. Escolhi a roupa do dia, já que depois da reunião deveria estar no jornal, e então arrumei minha bolsa. Fiz uma maquiagem básica, preendi os cabelos de forma a parecer profissional e logo descí correndo pelas escadas, uma vez que o elevador estava em manutenção. Quando cheguei à recepção, corri até a minha caixa de correio vendo o pequeno pedaço de papel do lado de fora. Tentei puxá-lo, mas estava preso.

Como sempre desde que me mudei para aquele apartamento.

— Quando vocês vão consertar essa coisa? Isso não presta há... o quê? Dezesseis anos? — Fiz as contas mentalmente. Aquela sempre fora minha casa, desde a época em que Edward ainda morava comigo. Minha matemática era certa.

Deus, como eu estava velha.

Encarei o novo porteiro dando de ombros e parecendo tão insatisfeito com aquilo quanto eu.

# PERIGOSAS ACHERON

Suspirei sabendo que ele não me ajudaria, então tentei puxar o envelope de papel *Kraft* que insistia em teimar comigo. — Vamos lá, estou com pressa — disse baixinho, como se aquilo fosse me ajudar. Eu teria deixado aquelas folhas para lá se não precisasse tanto delas.

Na minha quarta tentativa, depois de muito jeito, os papéis saíram, os de cima rasgados nas bordas. E enquanto os desamassava, notei algo preso no fundo da minha caixa de correio.

Aproximei-me, liguei a lanterna do celular ali dentro e vi que havia um pequeno envelope branco preso no fundo falso. Certamente alguém não sabia que aquele negócio estava caindo aos pedaços e encomendas pequenas não podiam ser postas ali.

Olhei no relógio e vi que tinha cinco minutos antes do horário máximo de Josh.

No entanto, aquele envelope no fundo estava me matando de curiosidade.

Bufei, e antes que gastasse meu tempo decidindo o que fazer, resolvi pescar o pequeno

## PERIGOSAS ACHERON

envelope branco. Estiquei os dedos pela fresta tentando alcançar, porém, foi em vão. Tentei colocar o braço, mas não cabia.

Por fim, irritada com tudo aquilo e com a dor de cabeça que aquela caixa me trazia todas as vezes, encontrei na mesa da recepção um martelo que provavelmente era de um dos manutensores semestrais do elevador. Esperei o porteiro se distrair com o celular e bati na pequena fenda que havia entre minha caixa e a parede. Não foi preciso muito para aquele material, já podre, ir ao chão.

O rapaz me encarou boquiaberto, mas quando ia tentar me impedir, eu já havia feito o estrago.

— Você vai ter que pagar por isso! — Sua voz tremeu, provavelmente por medo de perder o emprego.

Pena que eu estava em um ótimo dia para não me importar.

Estendi-lhe o dedo do meio antes de pegar o envelope amarelado do fundo e gargalhar, lhe dando as costas e seguindo até o estacionamento.

## PERIGOSAS ACHERON

Assim que entrei no carro, peguei o pequeno papel, que um dia havia sido branco, e o analisei vendo as manchas espalhadas por ele. Estava um pouco pesado, e sem conseguir conter mais a curiosidade, o abri e vi cair um cordão fino de ouro branco. Encarei a peça com cuidado e admirei o pingente de estrela, que se encaixou na palma da minha mão.

Li o curto bilhete de letras gastas que havia dentro.

*“Fiz com que meu assistente descobrisse seu endereço, espero que não se incomode. Sinto muito pelo que aconteceu ontem à noite. Podemos conversar? Me encontre amanhã, no Pacific Park. Vou torcer por um sim. Se não, eu também vou entender.*

*Dean S.”*

No verso do envelope havia uma data, embora eu já pudesse imaginar que se tratava de uma correspondência de 2003. 25 de junho, para ser mais exata.

Treze anos antes.



Engoli em seco, os olhos ainda arregalados de surpresa. Enquanto fitava o pingente que reluzia com a luz que entrava pelos vidros do carro, me peguei pensando em como teria sido se eu tivesse reparado nesse detalhe anos atrás.

Eu teria uma incrível joia na minha caixinha.

Eu talvez não me sentisse tão mal se tivesse lido o chute certo que havia desejado tantas vezes após o que aconteceu.

E, por último, me questionei se eu teria ido encontrá-lo.

Antes que as ideias aumentassem, meu celular vibrou e vi o nome de Josh na tela. Deixei o cordão e o bilhete no banco do carona e acelerei o carro em direção ao compromisso que esperara por tanto tempo.

Dois meses depois, meu livro estava classificado como pré-venda na internet, e com amigas como Hillary e Miranda, influentes na moda e na literatura, a primeira tiragem já havia se esgotado

PERIGOSAS ACHERON

antes mesmo de chegar às livrarias, ou ao próprio lançamento. Isso tudo sem contar meu posto de vice-presidente e colunista em um jornal renomado. Eu estava tendo o crédito que esperava, mas isso ainda era assustador e incrível demais para mim.

Na última quarta-feira do mês, uma semana antes do lançamento, Tristan entrou em meu apartamento carregando uma pequena caixa de *flyers* com um sorriso enorme no rosto. Eu ri pegando um exemplar para ver o resultado final da segunda tiragem dos meus convites.

— Você tem que estar linda nesse fim de semana.

— Meu amor, eu sou linda. — Revirei os olhos teatralmente e abocanhei mais uma colherada de sorvete, rindo dos seus devaneios e expectativas sobre a sessão de autógrafos.

Tristan estivera ali o tempo inteiro. Ao meu lado. Em nenhum outro lugar senão do meu lado. Estava feliz por Edgar finalmente, depois de tanto tempo, parar de me ver como uma ameaça e não

mais reclamar todas as vezes que meu amigo ia me encontrar. Nossa trégua acontecera poucos anos antes, quando o convenci com doce de amora quente e sorvete. Eu o admirava por fazer tão bem ao amigo que eu amava incondicionalmente.

No sábado à noite, a livraria estava como eu imaginava, com uma única exceção.

Havia muito mais gente do que eu previa.

Autografei um livro, dois, dezesseis, vinte e oito, cinquenta e tantos. Todos os que eu ainda considerava meus amigos, tantos anos depois, estavam presentes.

Josh foi o primeiro a chegar e me abraçou com força, me dando mais parabéns do que todos os outros juntos. Ele havia sido uma surpresa nova na minha vida e eu já o adorava imensamente, mesmo em tão pouco tempo.

Miranda estava ali e, vez ou outra, sorria para mim acenando com uma mão enquanto a outra segurava Charlotte, que parecia concentrada tentando ler um livro de figuras, mesmo com

PERIGOSAS ACHERON

apenas cinco aninhos de idade.

Edward estava próximo a mim, e enquanto ele assinava *post-its* com os nomes das pessoas para me facilitar, Miranda se descuidou por um segundo e Charlotte soltou sua mão, correndo até ele. Ri quando minha amiga – e cunhada – bufou, andando até a pequena que gargalhava no colo do meu irmão, agarrada ao seu pescoço. Edward era um pateta no que dizia respeito às duas.

Eu sempre achei que, depois de Miranda, meu irmão nunca mais seria capaz de amar alguém de verdade, um amor sincero e incondicional. Até que ele conheceu a pequena Charlotte. O amor lhe parecia transbordar sempre que tocavam em seu nome. Ele a amava como se fosse sua e isso era nítido. Edward fazia questão de mostrar a quem quer que fosse como sua família era incrível e que ele se importava com as duas acima de tudo e de todos.

Clarisse, Catherine, Lilith e as outras meninas também estavam ao meu lado, transmitindo detalhes do que estava acontecendo ali para todos

os lugares em tempo real. Quando a felicidade passasse, teríamos muita vergonha das caretas e bobeiras que havíamos registrado. Elas mantinham minha alma jovem e eu as amava mesmo depois de tanto tempo, por isso e por muitas outras coisas.

Hillary também estava presente, contagiando todo mundo com seu jeito de ser. Ela parava os caras para dizer o que achava da história e lhes dava dicas sutis, à sua maneira, claro, do que um homem nunca deveria fazer. Hillary estava satisfeita com sua vida agitada de viagens toda semana a estados diferentes para divulgar sua marca consideravelmente conhecida.

E, claro, ainda não havia cansado de dar em cima de Tristan. Como sempre.

Eu tinha orgulho dela.

Lou e Dan também compareceram. Juntos. Eu havia acertado muito apostando no amor entre eles.

Izzie também estava lá e vinha a todo o momento me abraçar e me trazer algum doce. E quando seus pais não estavam vendo, se

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

empoleirava em meu colo ou agia como minha ajudante, fazendo o *árduo* trabalho de tirar o livro das minhas mãos e entregar ao leitor da vez para depois sorrir dizendo que estava adorando me ajudar.

Quatro horas depois de autógrafos e dedicatórias, minhas mãos já estavam doloridas. Quando olhei para o que antes era uma enorme fila e não vi mais ninguém, sorri mordendo os lábios, realizada por tudo ter dado certo.

Virei-me na cadeira para pegar um saquinho de jujubas, e quando voltei a olhar para frente, encontrei outro exemplar cor-de-rosa na minha frente. Tentei conter o suspiro.

— Então, quer dizer que eu sou gostoso pra caralho?

Franzi o cenho, primeiro pelo comentário que não fazia sentido algum.

Depois prestei atenção em sua voz. Soava familiar.

## PERIGOSAS ACHERON

Até que levantei o rosto e fiquei tão pasma quanto saber que, depois de anos, havia um pequeno envelope com um convite na minha caixa de correios.

Dean continuava reconhecível para mim. Seus olhos estavam mais marcados devido à idade e vi alguns fios de cabelos brancos perdidos em sua cabeça, no entanto, ele continuava igualmente lindo. O mesmo olhar de antes. O mesmo sorriso autossuficiente de antes. O mesmo tom de voz capaz de arrepiar sem esforço algum.

Ele continuava *gostoso pra caralho*.

— Capítulo cinco, *Loira*. “*Dean era gostoso pra caralho*”. — Ele citou a frase do meu livro, e eu comprimi os lábios sem saber o que dizer exatamente. Ou como reagir.

Ele apareceu de repente, sem tempo para que eu pudesse me preparar. Estava despejando tudo em cima de mim e revivendo coisas passadas, pequenos detalhes. O apelido. O que tínhamos vivido. O que escrevi na época.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que alguém leu minha história. — Sorri, tentando disfarçar o nervosismo. Abri o livro na primeira página.

— Claro. Precisava saber por que não retornou o meu convite, ao menos que fosse para me xingar. Você era boa nisso. Sabe, falar sem parar. — Apoiou as mãos na mesa, me olhando com um pequeno sorriso que beirava o deboche. Cocei a nuca rindo com seu comentário.

Não incomodava mais. Na verdade, aquele momento era uma situação tão cômica que era impossível não rir.

— Como não li nada no livro sobre o presente ou o bilhete, tenho duas teorias — ele continuou, seu olhar preso em mim. Assenti, apoiando os braços na minha frente para encará-lo com atenção. — A primeira é que você estava irritada demais para falar sobre isso depois de ter exposto em detalhes o que aconteceu entre nós. — Assenti novamente, fingindo analisar a ideia e tentando não rir ao ver seu olhar curioso sobre mim. — Ou o bilhete não chegou até você. Se a segunda for a

## PERIGOSAS ACHERON



correta, acho que você ainda me deve uma resposta.

— Na verdade, chegou, sim, mas só o vi há alguns meses. Problemas com a caixa de correio.  
— Dei de ombros, apertando os olhos e soando sincera em cada palavra. Dean sentiu isso e concordou, depois de franzir o cenho, ponderando por alguns instantes. Eu podia apostar que ele estava se fazendo a mesma pergunta que eu: “*E se?*”.

— Então... eu quase acertei? — Ele observou a livraria, naquele instante bem mais vazia do que horas atrás, antes de me fitar novamente.

— Quase. Por muito pouco.

— E isso não vale um encontro? Sabe, me disseram que sou gostoso pra caralho.

Não segurei a risada.

— Sinto muito, mas isso não te garante um encontro.

— Ouvi dizer que os desamores reais tinham  
PERIGOSAS ACHERON

direito a um encontro.

— Sendo sincera, você foi o único desamor real que estive na minha sessão. Se não contarmos Tristan, então, acho que te enganaram.

— Na verdade, eles tiveram um bom motivo para não aparecerem aqui hoje — comentou sutilmente. Eu o olhei sem entender, e quando procurei por Tristan, ele estava deixando a livraria. — Seu amigo não resiste a uma boa fofoca, ainda mais acompanhada de um fim de semana em Bali com o namorado.

— Você o subornou? — Arregalei os olhos, pasma.

— Os outros também. Pelo menos os que tinham potencial para aparecer por aqui, depois do que li — ele disse tranquilamente, e eu suspirei, irritada.

Precisei fechar os olhos com força para conter parte da raiva. No entanto, não deixaria que aquela surpresa estragasse minha noite, que havia sido perfeita até ali.

— Você não mudou nada. — Ri sem humor e peguei minha bolsa presa nas costas da cadeira.

— Pois eu acho que você não se parece em nada com o que era antes. — Dean segurou meu braço com pouca força, apenas o suficiente para eu olhá-lo, e logo em seguida me soltou. — Só queria te chamar para dar uma volta.

— Uma volta? E você vai me xingar de quê quando eu disser qualquer coisa que te deixe com raiva? — Cruzei os braços me encostando na cadeira e o observando com atenção. Dean coçou a nuca, eu quase podia ver as engrenagens em sua cabeça criando uma boa resposta.

— Eu entrei para a terapia de raiva.

Cobri os olhos instantaneamente tentando não rir daquele comentário idiota. Pena que falhei.

— E já está vendo resultado? — alfinetei, sem conseguir me conter.

— Você pode conferir, se aceitar sair comigo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Dean sorriu novamente. Suspirei encarando um ponto na mesa. Ao fitá-lo, ele ainda sorria.

— Eu não tenho mais aquela idade, Dean. Eu juro que, se você me ofender de qualquer forma, vou te dar um chute no meio das pernas com tanta força que você nunca mais vai precisar usar camisinhas com ninguém. — Ajeitei a bolsa no ombro. Ele pareceu pensar um pouco e então me encarou, abrindo um largo sorriso.

— Nunca gostei de usar camisinhas.

Cobri meu rosto mais uma vez com as mãos, sentindo as bochechas esquentarem enquanto tentava prender uma risada.

Eu não deveria estar rindo. Desde quando seu senso de humor havia melhorado?

— Pacific Park? — Ele me encarou, parecendo realmente ansioso com o que eu diria. Dean sorriu, um sorriso leve, e eu mordi os lábios.

Daquela vez, eu tinha direito a uma resposta. Daquela vez, eu tinha a chance de salvar um  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

desamor de um posto ruim. Tinha a chance de reviver a antiga Cece que guardava muitas perguntas e raivas acumuladas. Eu poderia voltar ao passado e lhe dar o chute e os xingamentos que ficaram entalados por muitos anos.

No entanto, quando aceitei sua mão, mais uma vez, e segui para fora da livraria ao seu lado, não quis isso. Eu só quis sorrir, largamente, com gosto, por mais que meus olhos estivessem marejados. Quis apenas uma boa companhia, alguém que não via há muitos anos para conversar sobre a vida. Sobre o que ela poderia trazer.

Eu só quis aproveitar a sensação de orgulho que senti de mim mesma.

E foi por esse motivo que, na segunda vez, Dean não foi um desamor ruim. Ele não foi sequer um desamor. Ele foi apenas alguém que estava no momento certo e na hora certa para uma pessoa bem resolvida emocionalmente, que não tinha medo de arriscar ou receio de que desse errado, porque havia aprendido a ser suficiente para si mesma, sem medo de viver sem alguém ao seu

## PERIGOSAS ACHERON

lado.

E foi por isso que não doeu.

Não por ele, mas por mim. Toda essa história sempre teve a ver comigo, e a forma como me deixava magoar com as circunstâncias quando tudo o que eu precisava era focar no que ainda podia vir, mesmo que doesse por um tempo.

Não importa quantos anos passem, quantas situações viva, quantas pessoas conheça ou quantos caminhos escolha. Um coração partido, por mais clichê e previsível que seja, sempre encontra outra metade igualmente partida para encaixar com perfeição e ser feliz. Não aquela felicidade como nos contos de fada, pois princesa alguma precisou passar por dez decepções amorosas. Não feliz para sempre, mas só o suficiente, tanto quanto for possível, até quando for possível.

Quando essa felicidade te alcançar, a sensação de plenitude, você vai fazer de tudo para não deixá-la ir embora. Mas não se esqueça, coisas boas sempre precisam seguir caminho para que melhores

# PERIGOSAS NACIONAIS

possam vir. Até atingir a perfeição. Esse ciclo vicioso vai se encerrar um dia e você vai ter certeza de que é o momento certo quando não idealizar, apenas se sentir satisfeita com o que tem.

A sensação é maravilhosa, só não tenha pressa, seja para curtir ou vivê-la.

Os melhores sorrisos, as melhores piadas, os melhores momentos e, principalmente, as melhores pessoas, são aquelas que nos surpreendem.

Um convite inesperado depois de anos. Uma ida ao parque no meio da noite. Um piquenique com direito a passeio de bicicleta. Dividir um saquinho de pipoca. Um buquê surpresa entregue pelo melhor amigo durante o horário de trabalho. Um passeio de balão. Um filme acompanhado debaixo das cobertas em um dia chuvoso.

Não tenha medo de arriscar. Uma, duas, dez vezes.

Ou onze, quem sabe?

Números exatos nunca me foram muito  
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atraentes, de qualquer forma.

PERIGOSAS ACHERON



Edward Champoudry



*“Nós fomos feitos um para o outro. Eu e você.  
E eu não tenho medo, eu sei que faremos dar  
certo...”*

**Next to you – Chris Brown & Justin Bieber**

## PERIGOSAS NACIONAIS

Miranda e eu nos casamos em um 29 de fevereiro. Era uma data única, especial, e, assim como nossa relação, merecia destaque. Eu escolhi o dia também com base nas suas teorias doidas sobre signos. No período de 20 de fevereiro a 20 de março é o tempo de peixes. De tanto ouvi-la, eu sabia que peixes era um bom signo, representaria bem a nossa relação.

De alguma maneira, era como se o nosso amor tivesse nascido de um signo amoroso. Ela não notou o motivo da escolha da data, no entanto, ter algo a mais para firmar o nosso amor não era um problema. Dentre todas, Miranda era e sempre continuaria sendo minha superstição favorita.

Luna veio alguns meses antes do dia 29. Miranda estava *possessa*, como ela mesma diria, com a ideia de entrar em um vestido pouco tempo depois de ter dado à luz, mas foi preciso dizer poucas vezes que estava maravilhosa para que ela acreditasse. E eu não estava mentindo. Miranda não poderia estar mais bonita trajando aquele longo vestido claro e com os cabelos presos. Charlotte e Luna também não poderiam estar mais lindas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto a mais velha desfilava soltando pétalas pelo tapete no jardim, a minha mais nova seguia ao seu lado, no carrinho, com as alianças.

Atrelado ao nosso tempo juntos, Luna e Charlotte também cresceram rápido demais. Um dia, eu era um cara com todas as camisas sujas de cocô, e, pouco tempo depois, eu estava indo buscar duas crianças na escola. Uma tinha vergonha que eu a pegasse no colo enquanto estávamos no jardim da escola, e a outra me esperava do lado de fora do portão, conversando com um garoto estranho de cabelo escorrido na testa.

Quando elas haviam crescido tanto?

Miranda e eu dividíamos as tarefas, e eu não via problema algum nisso. Eu não me importava o mínimo que os dois trabalhassem, assim como também não me opunha a lavar o banheiro (o que era bem ruim, considerando que moravam três mulheres na casa. O ralo era a pior parte...).

Tínhamos uma boa relação, e mesmo depois de tanto tempo juntos, era incrível a nossa conexão,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

como se o tempo tivesse passado, mas o nosso relacionamento não mudou nada. Eu ainda nos via no modo como sempre evitávamos uma discussão, nunca íamos dormir brigados um com o outro. Passávamos algumas noites em claro, evitando dar o braço a torcer, mas nunca quebrávamos uma regra.

Eu gostava de como coisas simples no nosso cotidiano não perdiam a graça, mesmo depois de alguns anos; como ainda era igualmente engraçado chegar do trabalho e vê-la cortando cebolas com óculos de natação para evitar chorar; como eu ainda ria ao ouvi-la me xingar por debochar de sua estratégia; como eu fazia um papel ridículo toda manhã jogando a massa para o alto enquanto preparava panquecas e éramos obrigados a comer panquecas quebradas no café da manhã.

Gostava de como não me cansava acordar nas madrugadas em que ela estava com crise alérgica só para ver se estava respirando, com febre ou qualquer outra coisa, mesmo sabendo que precisaria levantar tão cedo pela manhã para lecionar. Como perdia mais da metade da cama

## PERIGOSAS ACHERON

todas as noites e nunca reclamava, porque não me incomodava tê-la quase em cima de mim.

Gostava de como nossa família era linda. De como cabia tão bem ter Charlotte e Luna em nossa cama de madrugada. Gostava de contar histórias para as duas e encenar ao lado de Miranda, ouvindo as gargalhadas das pequenas sempre que errávamos uma fala ou durante a premiação de melhor atuação depois do teatro. Miranda sempre ganhava o troféu, e era preciso pouco drama para que elas chovessem em cima de mim com beijos e abraços apertados. Eu as amava tanto... Apesar de tudo, apesar de todos os tropeços, eu não podia imaginar como seria minha vida sem qualquer uma delas. As três.

Eu soube que era oficialmente pai de adolescentes quando Charlotte nos pediu para ir a uma festa na casa da amiga no fim de semana. Não era uma festa de aniversário ou qualquer coisa do tipo, era uma festa de verdade, com adolescentes de verdade, música de verdade e circunstâncias adversas. Miranda me encarou de esguelha e eu senti meu peito apertar por pensar nas merdas que aconteciam nessas festas. Ela pareceu ter o mesmo

## PERIGOSAS NACIONAIS

pensamento. Já havíamos sido adolescentes, sabíamos do que se tratava, e isso nos deixava ainda mais assustados.

— Tem certeza? — comecei, sondando o terreno. O sorriso no rosto de Charlie era tão grande que eu sabia que me sentiria culpado quando ela o tirasse por minha causa. — Festas costumam ser um porre... — Cocei a nuca. — Acredite em mim, eu costumava frequentá-las.

Miranda se engasgou com uma risada debochada, certamente lembrando-se de que um dos motivos para termos terminado no início do nosso relacionamento foi justamente eu não ser nem um pouco familiarizado com seu grupo de amigos festeiros da época. Eu belisquei sua bunda com a mão do braço que envolvia sua cintura. Charlie não notou a ironia.

— Querida, o que queremos dizer é que... festas não são tão legais assim, entende? — Miranda sorriu, dando de ombros. — Não acha que está um pouco cedo?

## PERIGOSAS ACHERON

Charlie bufou e revirou os olhos. Às vezes eu imaginava que todos os adolescentes tivessem o mesmo padrão de fábrica: olhos grudados no celular, olhos revirando de tédio e olhos desinteressados. Naquele momento, eu tive certeza de que Charlotte não era mais a minha garotinha, e sim uma adolescente de quinze anos que estava querendo conhecer as belezas da idade.

— Grande coisa... Tia Cece disse que vocês faziam coisas muito piores na minha idade. — Charlie mordeu os lábios, prendendo uma risada.

Fechei os olhos e suspirei, contendo a raiva. Cecelia me pagaria caro quando fosse a vez de Rivier e Belle.

— Mãe, a minha turma inteira vai! Além do mais, é na casa da Janne, você a conhece! Eu nunca fui a nenhuma festa, o que vão pensar de mim daqui a pouco? — disse ela, inconformada.

— Que seus pais têm juízo? — soltei em um sussurro, voltando a coçar a nuca.

Charlie me fuzilou com os olhos e voltou a  
PERIGOSAS ACHERON

encarar a mãe, que era bem mais maleável do que eu.

— Mãe, por favor! Eu volto às quatro, eu juro! Por favooooor! — Seus olhos marejaram.

— *Quatro da manhã?* — Arregalei os olhos, espantado. — *Quatro da manhã?!*

— Pai, para! — Charlie bufou, esfregando o nariz.

Ela se parecia com a mãe em diversos aspectos, principalmente quando o assunto era chorar na frente das pessoas. Simplesmente não fazia.

— Charlotte, você precisa me prometer que vai se comportar nessa festa — Miranda começou. Eu a encarei, indignado, mas ela sequer se deu ao trabalho de me olhar. — E eu quero você em casa às três da manhã.

— Quatro da manhã? — Charlie tentou, o sorriso voltando ao rosto.

Miranda respirou fundo e endireitou a postura,  
PERIGOSAS ACHERON



suspirando em seguida.

— Três e meia. Minha última oferta.

— Certo! — concordou ela, empolgada, pegando o celular e digitando apressadamente. Em seguida, nos olhou com um sorriso largo e avançou em nossa direção, beijando nossas bochechas. — Eu amo vocês, cara. Sério! — Soltou alguns gritinhos enquanto nos dava as costas e subia as escadas em direção ao seu quarto.

— Ela nos chamou de *cara*? — Miranda indagou, confusa. Eu cruzei os braços, olhando em sua direção. — O que foi?

— Você deixou a nossa filha ir a uma festa? De madrugada, é isso? — Arregalei os olhos. A cada palavra dita, quanto mais aquilo se tornava real, mais idiota ficava. — A nossa filhinha!

— Ed, ela tem quinze anos. — Miranda riu. — Tem que sair com os amigos, se divertir. Você sabe que na idade dela também *éramos* assim. — Ela disse a palavra no plural, uma provocação.

Eu sabia que isso era porque eu simplesmente detestava festas, mas era um bom argumento para que minha filha não fosse para um lugar parecido com os que eu frequentava. Se naquela época já era ruim, eu não podia imaginar um quadro pior.

— Ela não é mais um bebezinho, amor. —  
Miranda sorriu, deitando a cabeça em meu ombro e beijando minha bochecha.

Aquilo foi como uma facada no peito. Charlotte havia crescido. Ela não precisava mais de mim para colocá-la no alto quando precisava pegar uma Barbie, ela nem brincava mais de Barbie. Ela não precisava mais de mim para lhe dar Sucrilhos escondido da mãe ou para escovar os dentes. Ela era independente, grande, e eu sabia que em pouco tempo faria de tudo para nos provar isso.

Miranda apertou minha mão na sua, e quando eu estava prestes a me levantar para pegar um pedaço da torta que havia comprado, Luna chegou do colégio e entrou. Empolgado, caminhei em sua direção e a peguei no colo, enchendo seu rosto de beijos, até ela reclamar que eu estava babando nela,

o que era *nojento*.

Eu a soltei, inconformado, triste. Miranda pareceu notar e se aproximou, cruzando os braços ao olhar para a filha.

— Isso é jeito de falar com seu pai, Luna? Ele estava sendo carinhoso. — Então cruzou seu braço no meu.

Afastei-me soltando um suspiro e segui até a cozinha, pegando uma garrafa de água e enchendo o copo algumas vezes para me acalmar. Eu não estava sabendo lidar com tantas coisas ao mesmo tempo.

Escutei Miranda conversando com Luna, e logo depois a minha caçula estava na minha frente, com um sorriso no rosto. Ela tinha os olhos de Miranda, e quando sorria, eu podia me ver neles.

— Desculpa, papai. Eu até gosto quando você me beija, mas não faz isso na frente das pessoas, tá? — pediu ela. — É constrangedor e acaba com a minha imagem — finalizou e abraçou minha cintura. Olhei para Miranda com os olhos ainda

PERIGOSAS ACHERON

arregalados. Ela deu de ombros, segurando uma risada.

Abracei Luna com força, tentando agarrar o restinho que sobrara da minha princesinha e logo a soltei, beijando sua testa. Ela correu até sua mochila e tirou de lá de dentro um pequeno pedaço de papel cor-de-rosa.

— Mamãe, a Kendall me convidou para uma festa do pijama. — Ela entregou o papel à Miranda. — É hoje à noite, eu posso ir?

Olhei espantado para Miranda e neguei pelas costas de Luna. Quando ela se virou para mim, com um sorriso enorme e os olhos brilhando, eu disfarcei.

— Kendall é a sua amiga do cabelo colorido? — Miranda perguntou, avaliando o convite. Luna assentiu. — Claro, filha. Vou te ajudar a arrumar sua bolsa.

O sorriso vibrante que vi no rosto daquela garotinha foi incomparável. Quase me senti mal por ter desejado estragá-lo. Quase!

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ficou maluca? Nossas duas filhas fora de casa na mesma noite? — indaguei, inconformado.

Miranda deu risada e se aproximou, me abraçando pelos ombros e me dando um selinho.

— Amor, nossas filhas cresceram. Elas precisam confiar em nós, e nós precisamos confiar nelas. — Ela sorriu, ficando na ponta dos pés para me abraçar. Soltei um novo suspiro, abraçando-a de volta e sentindo meu coração se acalmar.

Era incrível como Miranda ainda podia me passar confiança em qualquer área. Quando dizia que estava tudo bem, eu não tinha como negar, pois sabia que, apesar de tudo, nós conseguiríamos que ficasse bem. Sempre dávamos um jeito. Juntos.

Charlotte saiu de casa às nove da noite, e eu me despedi com o sorriso mais forçado do mundo. Miranda me obrigou. Charlie me abraçou com carinho e sorriu em seguida, entrando no carro de um garoto. Miranda também me obrigou a ser gentil com ele.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu voltei para dentro de casa xingando, mas ela apenas riu e me acompanhou, me abraçando e beijando meu rosto entre risadas até que eu afastasse aquele pensamento da cabeça.

Luna desceu em seguida. A mãe de sua amiga parou em nossa porta às dez e levou minha outra filha para longe de mim.

Quando tivemos a casa só para nós dois, quando não havia ninguém gritando no andar de cima pelo banheiro, som alto ou qualquer outra coisa, não havia mais graça. Eu quase podia ver as engrenagens na cabeça de Miranda rodando e lhe dizendo que não havia sido uma ideia perfeita, mas não lhe cobreí isso. Éramos um casal, tomávamos decisões juntos e aceitávamos as consequências juntos.

Pedi comida japonesa e tirei um vinho da adega. Estávamos sozinhos, ao menos poderíamos aproveitar o momento que não tínhamos há meses.

— Acha que a Luna vai chorar de noite? —  
Escutei quando ela perguntou em meio a uma  
PERIGOSAS ACHERON

mordida no seu *Temaki*. Dei de ombros, torcendo para que sim e eu pudesse buscá-la, mas neguei.

— Ela já é uma mocinha. Acho que vai se comportar. — Sorri. Era o que Miranda precisava ouvir.

— E Charlotte? — averiguou novamente.

Dei de ombros mais uma vez e comi mais um peixe, tentando afastar o pensamento de minha menina em uma casa repleta de adolescentes cheios de hormônios.

— Ela é esperta. Vai se sair bem.

Miranda sorriu com as palavras e suspirou. Eu vi em cada um dos nós que se desfizeram em seus ombros que ela estava satisfeita, e não formou qualquer outra teoria sobre nossas filhas.

Terminamos o jantar por volta da meia-noite. A intenção era aproveitar o momento, mas não tivemos vontade alguma. Eu só conseguia pensar que Charlotte poderia ligar pedindo para que eu fosse buscá-la, ou a mãe da amiga de Luna, dizendo

## PERIGOSAS ACHERON

que ela estava chorando e com saudades de casa.

Eram duas da manhã e ainda não havíamos recebido nenhum telefonema. Miranda insistiu em colocar um dos seus filmes favoritos para assistirmos, mas nos primeiros vinte minutos ela já estava dormindo em meu colo, um sono pesado.

Ajeitei seus cabelos para longe do rosto e, durante uma hora e meia, enquanto o telefone não tocava para que eu fosse buscar Luna, que chorava com saudade do seu cobertor roxo, eu a analisei com atenção. E me surpreendi com o aperto no peito que senti com a ideia de, no dia seguinte, saber que a amaria ainda mais.

Eu me assustei com a ideia de me encantar mais com os fios brancos que surgiam em seus cabelos e rir ao vê-la tão estressada arrancando um por um.

Eu me espantei com o pensamento de que, no dia seguinte, eu ainda a teria ao meu lado e a nossa rotina seria a mesma. Eu me espantei com tanto amor por saber que, mesmo depois de tanto tempo, olhar para ela e ver as mesmas coisas ainda podia



causar sensações tão novas dentro de mim.

Eu sorri, com orgulho e prazer, ao ver e saber reconhecer o sorriso que ela dava enquanto dormia. Sorri com gosto ao ver que era possível amar um mesmo alguém e essa pessoa ser sua, te ter, de tantas formas diferentes. Miranda me tinha com seu sorriso, com sua voz, sua confiança, e depois de tudo, com seu amor. Nós nos tínhamos, e isso era tudo o que eu precisava.

— Ei... — Beijei sua bochecha colocando parte de seu cabelo atrás da orelha. — Eu vou buscar a Luna. A mãe da Kendall ligou, disse que ela não para de chorar com saudade do cobertor — comentei baixinho e com cuidado, ela ainda estava acordando. Miranda suspirou e bocejou, esfregando os olhos.

— Leva o cobertor e volta, amor. Ela vai ficar com raiva de você se a trouxer para casa.

Abri a boca para argumentar, mas Miranda já havia virado para o outro lado do sofá e cochilava novamente.

Soltei um suspiro, sabendo que ela estava certa, e me levantei. Estava para seguir em direção à porta, mas vê-la em uma posição tão desconfortável me incomodou.

Tirei-a do sofá com cuidado e senti quando ela se aninhou em meus braços. Também reparei no sorriso que abriu quando ainda estava com os olhos fechados.

— Gosto quando você me carrega no colo, faz parecer que ainda temos dezenove anos. — Ela sorriu, me encarando. Notei seus olhos marejados de saudade daquela época, e sabia que os meus estavam iguais.

— Não é como se muita coisa tivesse mudado de lá para cá. — Dei de ombros, colocando-a gentilmente na cama.

Miranda me encarou com um sorriso largo no rosto e, como poucas vezes na vida, percebi quando uma lágrima escorreu no canto de seu olho.

— Eu ainda te amo — disse baixinho, segurando meu rosto em suas mãos. — Para  
PERIGOSAS ACHERON

sempre.

Sorri apoiando meus braços na lateral de seu corpo e me aproximei para lhe dar um selinho. Medir e encaixar tudo o que eu sentia por ela em uma frase acompanhada de “*para sempre*” me parecia simplório demais, apesar deste parecer sempre o último nível.

— Eu ainda te amo, linda. Por todos os meus dias.

Eu ainda amava os seus olhos, mesmo eles parecendo mais cansados. Ainda amava suas curvas, apesar de o tempo fazer com que Miranda começasse a tentar escondê-las por achar que não as tinha mais. Ainda era apaixonado pelo seu sorriso e o jeito como soprava o ar após cada gargalhada.

Depois de anos, eu ainda me pegava rindo e suspirando pelas suas loucuras e o seu jeito de ser. Tê-la ao meu lado, junto ao seu jeito convidativo, era mágico. Eu ainda era um idiota apaixonado pela mesma garota que havia me encantado no passado.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Lembrei-me do conselho que havia dado para Cece, anos antes, enquanto conversávamos sobre os nossos desamores... *“Talvez desencontros sejam necessários para que possamos encontrar algo melhor em nós mesmos.”* No entanto, o tempo longe de Miranda só serviu para me mostrar que, no fim, quando uma pessoa é para ser sua, todos os caminhos te levam a ela em algum momento.

Eu ainda me recordava como a havia conhecido, lá na sexta série. Como havia sido uma enorme coincidência termos ido parar na mesma aula e um ao lado do outro no meu primeiro dia da nova escola. Como Miranda estava triste porque seus pais não estavam na melhor fase do casamento, mas disfarçava esse sentimento optando por sentir raiva e descontar em todos.

Ironicamente, não nos entendemos no primeiro momento. Nem no segundo. E muito menos no terceiro. Porém, depois de uma briga boba e um filme que deveria ter rendido nosso trabalho de geografia, não nos desgradamos mais.

Eu amava nossa história e todas as ironias do

## PERIGOSAS ACHERON

destino para conosco.

Entretanto, definitivamente: de todas as coincidências, Miranda ainda era a minha sorte favorita.

Dean Sherwood



*“Você é minha ruína, você é minha musa,  
minha pior distração, meu ritmo e minha melodia.”*

**All of me – John Legend**

## PERIGOSAS NACIONAIS

Cecelia parecia concentrada em empilhar nos braços todas as caixas sem deixar cair nenhuma. Enquanto deixava sobre o chão algumas das que havia acabado de retirar do caminhão, eu a observava. No início, tentei ser discreto. Porém, não demorou muito até que eu sorrisse como um bobo ao admirá-la. A forma como seus cabelos longos e novamente escuros, depois de tanto tempo em um tom claro, caíam pelas suas costas presos pelo rabo de cavalo; como seus olhos tinham empenho e paixão pelo que fazia, tudo isso junto ao misto de ansiedade para ver logo tudo em seu devido lugar.

Cece se contorcia para fazer aquilo parecer fácil, mesmo sendo claramente difícil. Depois de todas as minhas tentativas de contratar uma empresa para fazer o serviço por nós e ter seu nariz empinado dizendo *não*, aquilo era o mínimo que ela faria para não demonstrar a dificuldade.

Tentei segurar uma risada fingindo que não estava observando, contudo, logo ela soltou um palavrão mais alto e desistiu, tentando de novo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, chega. Sem esforços. —  
Aproximei-me contendo o riso.

Eu sabia que a qualquer sinal de deboche ela me ignoraria e voltaria a fazer as tarefas. Eu realmente não queria que ela se esforçasse, pelos nossos *grãozinhos*, apesar de parecerem todos super saudáveis.

— Eu posso fazer isso! — respondeu, no entanto, ao mesmo tempo se afastou das caixas, me dando espaço. Concordei com um sorriso irônico e beijei sua bochecha suada, tirando do topo das caixas a mais leve e lhe entregando.

— *Podemos* fazer isso — assegurei.

Cecelia revirou os olhos e ergueu os ombros com um sorriso bobo, estufando a barriga pouco saliente. Por muito tempo eu a ouvira se referir a qualquer coisa no singular. Por muito tempo sua vida fora dessa maneira, havia se tornado um costume. Sempre que eu a ouvia dizer as mesmas coisas e a corrigia, via seu sorriso crescer ainda mais brilhante.

## PERIGOSAS ACHERON



Ela assentiu e tomou para si a caixa transparente minúscula que eu havia lhe entregado. Antes que continuássemos o caminho para dentro da nossa nova casa, porém, ela me interrompeu. Seus olhos permaneceram na caixinha por um bom tempo, e quando eu me aproximei para ver o que era, sorri. Dentro do recipiente de plástico havia uma flor.

Só uma flor.

— Sabia que eu poderia ter aqui dentro um buquê de flores desidratadas? — Ela me olhou de esguelha, com um sorriso zombeteiro.

Deixei as caixas no chão para gargalhar e concordei, me sentando no primeiro degrau da escada. Cece se sentou ao meu lado depois de se apoiar em minhas mãos e se ajeitou em meus braços com o pacote no colo, sorrindo.

— E qual seria a graça de te dar um buquê podendo te dar um jardim inteiro?

Ela deu risada, alto e com gosto, enquanto seu rosto pouco a pouco começava a ganhar cor. Quando eu a ouvia deixar escapar esse som, era

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

como se meu coração trombasse dentro do peito, eu simplesmente não conseguia conter o sorriso que surgia em mim. Tudo parecia fazer sentido, e todas as loucuras que eu me tornava capaz por ela não pareciam tão loucas assim. Nem mesmo lhe dar um jardim quando eu poderia só ir a uma floricultura e comprar todas as flores.

Eu tinha uma sorte da porra por ter aquela mulher comigo.

— Você sabia que eu poderia ter saído correndo? — considerou ela, me observando. Cece maneou a cabeça em nós e abriu a tampa, tirando a tulipa dali de dentro.

— Eu li uma crônica sua usando aquela resposta do Budah: *“quando você gosta de uma flor, você a arranca. Quando você ama uma flor, você a rega todos os dias”*.

Cece ficou em silêncio por alguns instantes, absorvendo minhas palavras. Quando a observei, ela estava sorrindo, ainda girando a tulipa entre os dedos.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você não pode usar minhas teorias contra os meus próprios argumentos — retrucou, emburrada.

Sua expressão debochada, porém forçada para parecer séria, me fez sorrir. Eu me estiquei até conseguir estalar um beijo em sua testa, mesmo que a posição fizesse mal para a minha coluna.

— Aquele era, o que, nosso terceiro encontro?

Fiz as contas rapidamente e neguei.

— Quarto.

Ela torceu o nariz e, por fim, assentiu. Apesar de o nosso primeiro não ter terminado da melhor forma, ele ainda fazia parte da nossa história.

— Eu ainda poderia ter saído correndo...

Balancei a cabeça em negação e a abracei pelos ombros, aspirando o delicioso cheiro dos seus cabelos. Momentos como aquele me faziam ter certeza de que ela era a melhor escolha que eu já havia feito. Uma escolha teimosa, mas não deixava de ser a melhor e mais doce.

Cece tirou do bolso um chocolate minúsculo, o que a nutricionista havia receitado para saciar sua incontrolável vontade por doces, e o comeu sozinha. Olhar para o seu corpo e ver o pequeno calombo em sua barriga fez meu coração tropeçar em uma batida, como sempre acontecia. Imaginar o que estava acontecendo dentro dela, para mim, era como pensar no amor crescendo pouco a pouco. Acompanhar aquela mágica de perto era a melhor experiência da minha vida.

Eu a fitei suspirar, relaxar em meus braços, e então espiar o horizonte com um olhar sonhador, apertando os olhos para livrá-los do pequeno filete de luz do sol que invadia a varanda. Aquele lugar, como tudo que nos envolvia, também tinha um significado.

Eu podia nos ver em todos os lugares, observar nossa história sendo contada a todo o momento e em qualquer detalhe que tivesse a ver com impossibilidades. Quando escutava de alguém que algo não tinha mais chance de dar certo, eu podia claramente me lembrar de Sarah, minha secretária, me dizendo que eu deveria seguir em frente, porque

as chances de dar certo com Cecelia eram nulas, visto que ela jamais havia me respondido.

Todos ao meu redor sabiam quanto ela havia me marcado, apesar do que deveria ter sido apenas uma noite. Eu simplesmente não conseguia tirar seus olhos da minha cabeça. Seu sorriso, seu jeito doce, que tentava incorporar a todo custo uma mulher fatal. Eu gostei disso. Pela primeira vez, eu gostei de sentir algo que me fizesse acreditar que não precisava ser apenas uma noite.

Nossa primeira vez não terminou da melhor maneira. Não terminou de uma boa maneira, na verdade. Ela nem deveria ter terminado naquele momento. Mas eu ainda era grato por, apesar de tudo, ter tido a chance de conhecê-la.

— Tenho um presente para você. — Lembrei-me de repente.

Eu queria esperar para entregar a ela quando a noite terminasse e finalmente estivéssemos em nossa casa, talvez depois de nos cansarmos com a arrumação. No meu plano, aquele seria o momento

perfeito. Porém, se havia uma coisa que Cecelia continuava a me ensinar é que, de todos os nossos momentos, escolher apenas um era impossível. Todos tinham a mesma intensidade. A todo o momento sua voz me causava a mesma estranheza e felicidade pela familiaridade, e seus olhos brilhantes sempre me fascinavam. Sempre. Fosse em um momento planejado ou não.

Eu me afastei com cuidado para buscar no fundo do bolso o pequeno embrulho. Cece me fitou cheia de curiosidade, e quando encontrei o presente, beijei sua testa com carinho. Eu sabia que ela sempre fechava os olhos quando eu fazia isso, e esse foi o tempo que precisei para prender o feixe do cordão em seu pescoço.

— Nossos grãozinhos. — Sorri, ansioso pela sua reação.

Cece primeiro se encolheu ao receber meu beijo, mantendo a expressão serena. Quando sentiu que me afastei, sua atenção correu até a nova joia, e seus olhos rapidamente arregalaram antes de marejar.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Pendurados em ouro branco, havia dois pingentes. O maior carregava duas pequenas pérolas brancas envoltas por uma forma oval fina, e o menor era uma plaquinha redonda onde estava gravada a palavra *mamãe*.

Ela piscou uma, duas vezes, tentando afastar as lágrimas, mas elas continuaram ali. Seus dedos alisavam a peça. Quando voltou a me encarar, soltou um suspiro leve e sorriu abertamente, se esticando para me dar um selinho.

— Eu vou usar até eles crescerem e não serem mais grãozinhos. Mas a verdade é que eles sempre serão nossos grãozinhos — comentou ela, rindo baixinho entre as lágrimas. — Acho que este é o presente mais bonito e cheio de significado que eu já ganhei. Obrigada, amor — disse com um suspiro e os lábios fortemente presos entre os dentes para conter o choro.

Eu a abracei com cuidado e limpei sua bochecha úmida, pensando rapidamente no que falar. Eu ainda não sabia lidar com a imagem de vê-la chorando, mesmo que fosse por um bom motivo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Isso é aquele negócio de hormônios de gravidez? — perguntei com cuidado. Cecelia andava tendo algumas oscilações de humor, e algumas vezes eu não sabia o que poderia ser considerado uma frase da “zona de perigo”.

Ela, no entanto, gargalhou em resposta logo antes de erguer os olhos.

Bom sinal.

— Eu não sei! Mas você deveria saber que eu sou naturalmente chorona, a gravidez só está deixando tudo mais intenso — implicou antes de continuar. — Eu amo tanto você — completou com um suspiro. O olhar que vi em seu rosto ainda era o mesmo pelo qual eu havia me apaixonado há mais de dez anos, na primeira vez que nos encontramos.

— Eu também amo você, linda. — Beije seus cabelos, voltando a me sentar ao seu lado e ajeitá-la em meus braços.

Enquanto acariciava suas costas, em silêncio, eu podia sentir o frescor do lago que a brisa leve trazia, além do cheiro das flores e a calma que o

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

céu claro e livre de qualquer tipo de prédio causava. Construir nossa casa longe do caos da cidade ainda parecia a melhor ideia para nós dois. E eu tinha essa certeza ali, aproveitando os momentos ao seu lado sem me importar com os barulhos de carros apressados ou coisas similares. Era como se estivéssemos à parte de todos, no nosso próprio tempo e espaço.

— Este momento está me lembrando de uma cena do meu filme favorito — Cece comentou de repente. — Só faltam os *razzles* — brincou, se aninhando em meu peito.

Eu sabia que seu filme favorito era *De repente 30*, afinal, ela já havia me feito assistir mais de duas vezes em um mesmo dia. Portanto, eu sabia exatamente de qual parte ela estava falando.

— Não faltaria se você pudesse comer doces. Ou se já não tivesse exagerado por hoje... — impliquei.

Cece era como uma formiga. Privá-la de doces estava sendo seu maior castigo, mas a

## PERIGOSAS ACHERON

recomendação não havia sido minha, e sim da obstetra.

— Você é tão sem graça tentando ser engraçado, Dean. — Bufou, emburrada.

Eu a abracei mais forte, e quando senti seu corpo amolecer, mordi sua cabeça de leve. Cece resmungou, inconformada e assustada por ter acreditado que receberia um beijo, e vê-la emburrada me fez rir ainda mais alto.

— Eu estou feliz por estar aqui com você — confessei. Ela se acalmou pouco a pouco, até se virar e me olhar com um sorriso bobo no rosto, apoiado no ombro.

— Eu ainda não acredito que estou em um relacionamento sério! — comentou espontânea, me arrancando uma risada. Logo em seguida, seu rosto suavizou e ela sorriu novamente. — Estou feliz por você não ter desistido de me procurar, mesmo quando eu não fazia ideia de que queria você insistindo — admitiu ela, com um olhar nostálgico.

Eu vi todas as nossas tentativas refletidas ali, no  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio. Quando saímos pela primeira vez depois de tanto tempo, e apesar de seu voto de confiança em mim, foi impossível não notar sua guarda alta, em como ela insistia em frisar as coisas que a vida havia lhe dado, imprimindo ali mais realizações pessoais do que realmente existiam.

Nos nossos encontros seguintes, eu ainda precisava provar que estava tudo bem se sentir feliz por muitas coisas, mas nem tanto por outras. Quando eu finalmente consegui lhe arrancar uma gargalhada sincera, ela me atingiu tão forte que eu pensei que estava terrivelmente fodido por ter me apaixonado por alguém tão incrível como ela.

Eu me recordei da primeira vez que andamos de bicicleta e da sua vergonha ao admitir que há anos não montava em uma. E eu ria, rodando à sua volta ao vê-la tentando manter o equilíbrio.

Lembrei-me de quando a pedi em casamento no mesmo lugar do nosso primeiro encontro, e em como criamos uma nova boa lembrança naquele local.

## PERIGOSAS ACHERON

Pensei no dia que recebi a notícia dos bebês, de que eram gêmeos. Adoriabelle e Rivier. Como eu quase desmaiei tentando expressar a ela toda a minha felicidade, enquanto meu corpo não parava de tremer de alegria e nervoso. De como ela se desesperou dizendo que precisávamos nos casar logo para que pudesse usar seu vestido-sereia antes de eles aparecerem nas fotos. Eles apareceram. E ela era a mulher mais linda do mundo naquele vestido justo e branco, usando a aliança que eu havia escolhido após horas de indecisão.

Apesar das nossas linhas tortas, toda a nossa história parecia certa no fim. Porque, na verdade, não estávamos nem perto de terminar.

— Eu nunca desistiria de você — confessei. — Você foi a minha melhor escolha.

Cece me observou de esguelha e soltou um suspiro, apoiando a cabeça em meu ombro.

De onde eu estava, tive a perfeita visão de sua barriga destacada, das pequenas sardas que ainda apareciam em seu rosto e do sorriso leve que havia

# PERIGOSAS NACIONAIS

ali depois de ouvir minhas palavras.

E eu, que por algum tempo me senti louco por esperar e acreditar tanto naquele momento, descobri que era mesmo um.

E essa era, sem dúvida, a segunda escolha da qual eu mais me orgulhava.

# PERIGOSAS ACHERON

## Sobre a autora

Ana Carolina Gonçalves Dias vive na pequena cidade de Paracambi (Rio de Janeiro) e nasceu no dia 05 de maio de 1997. Formou-se Técnica em Mecânica pelo IFRJ e atualmente cursa Letras na UFRRJ.

Absolutamente perfeccionista, taurina e romântica assumida, é apaixonada por livros, música, bebidas geladas e *Friends*. Ama detalhes, clichês e, mais ainda, criar histórias com finais felizes e imprevisíveis.

Ana, como prefere ser chamada, escreve desde os 12 anos de idade, começando pelas *fanfics* postadas em plataformas online. É autora dos romances Os Dez Amores de Cece, A Galáxia dos Sonhos Perdidos e também participou de diversas antologias.



**Encontre a autora:**

*instagram.com/anaagdias*

*wattpad.com/anaagdias*

*facebook.com/anaagdias*

*anaacarolinagdias@live.com*

## Agradecimentos

De todas as palavras do dicionário, minha primeira favorita é ‘imagine’. A segunda, ‘acredite’. Quero dedicar esse espaço a todos que fizeram com que eu acreditasse ser boa sufi ciente para não desistir desse sonho. Não tenho palavras para dizer quanto sou grata.

Meu primeiro agradecimento é a Deus, por ter permitido até aqui que as coisas tenham dado certo. Sei que sem Ele e o dom que me deu, chegar sequer na metade do caminho seria impossível.

Aos meus pais, claro, Alex Sander e Silvana, pelo apoio e carinho que me deram durante todo o tempo. Obrigada por esperarem resultados e torcerem lado a lado comigo. Eu amo vocês incondicionalmente.

Ao meu avô, Adão, que se estivesse aqui estaria orgulhoso. Dos céus sei que agora está sorrindo por ver sua neta atingir um dos tantos sonhos. Eu te amo, para sempre. Todos os dias.



## PERIGOSAS NACIONAIS

À minha vó-mãe, Eny, minha tia Kelly e toda minha família. Amo vocês e sou imensamente grata por tanto carinho e por estarem comigo a todo o tempo.

Quero agradecer especialmente aos meus ‘abigos’ Lary, Amanda e Pedro, que acenderam em mim a fagulha de confiança que precisava para correr atrás desse sonho de publicação, além de por vezes me deixarem ficar à vontade no cantinho durante a aula, sem incomodar. Também aos amigos, tão importantes em minha vida. Que a nossa amizade dure até o fim.

Não poderia, claro, deixar de agradecer às meninas que me ajudaram a criar a personalidade de alguns desamores. Vocês são demais e eu agradeço por terem sido tão especiais na minha vida (e na da Cece também, claro). Eu amo todas vocês.

À Fernanda, minha amiga escritora, comentarista e capista linda. Obrigada por dividir comigo a mesma empolgação durante a história, além de não me deixar desistir da ideia e ter tanta

## PERIGOSAS ACHERON

paciência comigo. Você é um arraso.

Quero agradecer finalmente a todos, absolutamente todos, que me acompanharam no Wattpad. Meu muitíssimo obrigada aos que leram e marcaram presença de alguma forma. Esse livro é para vocês, afinal, chegar até aqui sem o acolhimento que tive seria impossível. Vocês fazem as noites em claro valer a pena e eu absolutamente amo cada um mais do que imaginei um dia poder gostar de completos desconhecidos. Prometo tentar melhorar sempre mais e me superar a cada história por vocês.

E então, para terminar, agradeço especialmente, tanto quanto puder, o máximo, aos que chegaram até a última linha desse livro. Obrigada, você, por ter dado uma chance à minha história e não ter desistido. Meus personagens e eu não temos palavras para dizer quão gratos somos por isso.

Sintam-se abraçados e beijados por nós.

Onze vezes ♥

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON